

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Física e Matemática
Departamento de Educação Matemática
Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática



Dissertação

**O que dizem os Tradutores Intérpretes de Libras sobre atuar em disciplinas
de Matemática no Ensino Superior.**

Nádia dos Santos Gonçalves Porto

Pelotas, 2019

Nádia dos Santos Gonçalves Porto

O que dizem os Tradutores Intérpretes de Libras sobre atuar em disciplinas de Matemática no Ensino Superior.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Matemática, na linha de História, Currículo e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Diogo Franco Rios

Pelotas, 2019

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

P839q Porto, Nádia dos Santos Gonçalves

O que dizem os tradutores intérpretes de libras sobre atuar em disciplinas de matemática no ensino superior. / Nádia dos Santos Gonçalves Porto ; Diogo Franco Rios, orientador. — Pelotas, 2019.

192 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação Acadêmico em Educação Matemática, Instituto de Física e Matemática, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

1. TILS. 2. História oral. 3. Educação matemática. 4. Surdos. 5. Inclusão. I. Rios, Diogo Franco, orient. II. Título.

CDD : 510.7

Elaborada por Maria Inez Figueiredo Figs Machado CRB: 10/1612

Nádia dos Santos Gonçalves Porto

O que dizem os Tradutores Intérpretes de Libras sobre atuar em disciplinas de
Matemática no Ensino Superior.

Dissertação aprovada como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em
Educação Matemática, Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática,
Instituto de Física e Matemática, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 11/04/2019

Banca examinadora:

Prof. Dr. Diogo Franco Rios (Orientador)
Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEMAT/UFPel)
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Profa. Dra. Ivete Maria Baraldi
Programa de Pós-Graduação de Educação Matemática (PPGEMAT/UNESP)
Universidade Estadual Paulista (UNESP/Rio Claro)

Profa. Dra. Tatiana Lebedeff
Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFPel)
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Prof. Dr. Rafael Montoito
Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEMAT/UFPel)
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSUL/Campus Pelotas)

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a Deus, sem Ele nada seria possível.

Aos amigos e a minha família em especial a minha mãe Cleni Gonçalves, que sempre foi a minha inspiração de bondade, humildade e perseverança e ao meu querido marido Roger Porto, que sempre me apoiou e me deu muita força nessa caminhada, são os meus preciosos diamantes.

Ao professor, grande educador e orientador Diogo Rios, parceiro, amigo a quem, com suas preciosas orientações, serei eternamente grata.

Aos professores da banca: Ivete, Tatiana e Rafael, pelas valiosas sugestões dessa dissertação.

Aos professores e colegas do PPGEMAT, por possibilitar inúmeros momentos de troca e aprendizado.

Aos colegas do grupo Metade Sul, grata pelo “fogo amigo”.

Ao colega João, obrigada pelo apoio tecnológico na qualificação.

Aos TILS entrevistados, Joseane, Bianca, Maitê e Daniel, muito obrigada pela contribuição de vocês nesta pesquisa.

À querida Maitê Maus, que teve a delicadeza em fazer os marca-páginas de “Eu te amo” em Libras para serem entregues junto com a dissertação impressa.

À minha amiga Joseane que me ajudou nas maravilhosas imagens dos capítulos.

Às minhas amigas, Rita Cóssio e Debora Jacks, muito obrigada pelo olhar sensível e dicas fantásticas sobre a Síndrome de Asperger no meu memorial.

À Universidade Federal de Pelotas, ao Núcleo de Acessibilidade e Inclusão, pelo incentivo ao estudo e aos meus colegas TILS pelo apoio.

Obrigada a todos e a todas que fizeram parte desse processo.

Nádia dos Santos Gonçalves Porto



“Ser Intérprete é ser, intrinsecamente, um profissional atormentado por ter que estar presente e fingir-se invisível, algo ainda mais impensável para um intérprete de uma língua que é percebida prioritariamente pelo canal visual, como uma língua de sinais; e por não poder ser o “eu” nem o “tu” plenamente, por estar sempre em uma posição instável e escorregadia de um simbiótico locutor-interlocutor”.

(Maria Cristina Pires Pereira)

Resumo

PORTO, Nádía dos Santos Gonçalves. **O que dizem os Tradutores Intérprete de Libras sobre atuar em disciplinas de Matemática no Ensino Superior.** 192f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática na linha de História, Currículo e Cultura, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

A presente dissertação tem por objetivo, além de produzir fontes a respeito da atuação dos Tradutores Intérpretes de Libras (TILS) em disciplinas de Matemática no Ensino Superior, realizar uma análise sobre o que os entrevistados disseram, dialogando com algumas referências das áreas de Tradução e Interpretação, de Educação Inclusiva e de Educação Matemática. A produção de fontes a respeito desse tipo de atuação dos TILS pretende dar visibilidade às perspectivas desses profissionais e, conseqüentemente, dar oportunidade para que eles próprios possam apresentar suas interpretações sobre o processo de tradução e interpretação dessas aulas. A delimitação regional do trabalho é estabelecida em função do lugar de atuação dos participantes da pesquisa, instituições da região Sul do Rio Grande do Sul, e a temporal em função do estabelecimento da obrigatoriedade da presença dos TILS nos espaços educacionais nos quais ingressaram alunos surdos, a partir de 2005. Justifica-se a elaboração desta dissertação em função da relevância de se considerar, nos debates da Educação Matemática, as perspectivas dos TILS sobre o papel que realizam no âmbito da Educação de Surdos, a partir de suas experiências no processo de tradução e interpretação nas disciplinas de Matemática no Ensino Superior. Tendo como pressupostos teórico-metodológicos a História Oral, a definição dos participantes se estabeleceu seguindo o critério de rede e tentando contemplar a maior variedade possível de perfis formativos deles, sendo selecionado quatro TILS: um licenciado em Letras-Português/Inglês, um bacharel em História, um bacharel em Letras-Libras, e um com formação em Licenciatura em Matemática. Como categorias de análise foram definidas, a partir das transcrições, três: as relações de trabalho do TILS com a sua dupla dentro e fora da sala de aula, as relações com o professor e, ainda, a interação dos TILS com os alunos surdos. Como conclusões da pesquisa destaca-se que os TILS oferecerem perspectivas ainda não contempladas pelos educadores matemáticos, em função do lugar que ocupam no processo pedagógico e, desse modo, suas interpretações sobre a educação de surdos podem provocar um enriquecimento dos debates que já vêm sendo feitos na área, podendo qualificar o ensino de matemática para surdos no Ensino Superior.

Palavras-chave: TILS; História Oral; Educação Matemática; Surdos; Inclusão.

Abstract

PORTO, Nádia dos Santos Gonçalves. **What do the Translators and Interpreters of Libras say about their acting in Mathematics courses in Higher Education.** 192p. Dissertation (Masters in Mathematics Education) – Post Graduate Program in Mathematics Education: History, Curriculum and Culture line of investigation, Faculty of Education, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2019.

This dissertation objective goes beyond than to produce sources about the performance of the Translators and Interpreters of Libras (the TILS) in Mathematics courses in Higher Education. It also intends to conduct an analysis of what the interviewees said and make a connection with some references in the areas of Mathematics, Inclusive Education and Translation/Interpretation. The production of sources about this type of TILS activity aims to give visibility to the perspectives of these professionals and, consequently, to give them the opportunity to present their own versions about the process of translation and interpretation of these courses. The location for this work was established according to the place of acting of the participants of the research, which are institutions of the Southern region of Rio Grande do Sul. Time period was from 2005 onwards, due to the compulsory presence of TILS in educational spaces in which deaf students were enrolled. It is justified the elaboration and the relevance of this dissertation, as it takes into account, that in the Mathematics Education debates, the perspectives of the TILS on the role that they carry out in the scope of the Education of the Deaf, from their experiences in the process of translation and interpretation in the disciplines of Mathematics in Higher Education. Having as theoretical-methodological assumptions the Oral History, the definition of the participants was established following the network criterion and trying to contemplate a greatest possible variety of formative profiles of them, being the first selected TILS a licensed in Languages–Portuguese / English, the second a bachelor in History, the third a bachelor in Languages–Libras (Brazilian Sign Language), and the last TILS with a degree in Mathematics. The analyzed categories were the TILS relations with the professor, their individual interaction with the deaf students, and the working relationships of the TILS with their pairs in and out of the classroom. This research concludes highlighting that the TILS offer perspectives not yet contemplated by the mathematical educators, as for the place that they occupy in the pedagogical process. Therefore, their viewpoints on the education of the deaf can enrich the debates that are being carried out in the area, improving the teaching of mathematics for deaf people in Higher Education.

Keywords: TILS; Oral History; Mathematics Education; Deaf; Inclusion

Lista de abreviaturas e siglas

APAMTILS	Associação Pampeana dos Tradutores e Intérpretes e Guia Intérpretes de Libras
AGILS	Associação Gaúcha de Intérpretes de Língua de Sinais
AHIMSA	Associação Educacional para Surdocegueira e Múltipla Deficiência
ASP	Associação de Surdos de Pelotas
Coda	<i>Children of deaf adults</i> (filhos de adultos surdos)
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
FURG	Fundação Universidade Federal do Rio Grande
IFSul	Instituto Federal Sul-rio-grandense
ILS	Intérprete de Língua de Sinais
Libras	Língua Brasileira de Sinais
NAI	Núcleo de Acessibilidade e Inclusão
PPGECM	Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciência e Matemática
PPGEMAT	Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática
RS	Rio Grande do Sul
SMED	Secretaria Municipal de Educação
SW	<i>Sign Writing</i> (sistema de escrita para escrever línguas de sinais)
TILS	Tradutor Intérprete de Libras
UCPEL	Universidade Católica de Pelotas
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1- Entre, puxe uma cadeira, tenho muita coisa pra te contar.....	8
1.1 – Eu, TILS	14
2- Traz o chimarrão que a prosa é longa.....	22
2.1 – Para ser TILS precisa ter formação sim!	27
2.2 – Afinal, quem é realmente “normal”?	33
3- Diálogos entre a História Oral e a minha pesquisa.....	38
3.1.1 – O trajeto das entrevistas.....	44
4 – E aí, o que dizem os TILS?	48
4.1. – Joseane Maciel Viana	49
4.2 – Bianca Langhinrichs Cunha.....	65
4.3 – Daniel Duarte Silveira.....	84
4.4 – Maitê Maus da Silva	103
5- Das Fontes a um exercício de análise.....	139
5.1 – O que eu queria saber: Bem-me-quer, mal-me-quer.....	143
5.1.1 – “ <i>E a relação com o professor de matemática?</i> ”	143
5.1.2 – “ <i>me fale da rotina com o aluno surdo</i> ”.....	151
5.1.3 – “ <i>me conte sobre o trabalho em sala de aula</i> ”	158
5.1.4 – <i>A luz do cenário se apaga, mas a dos bastidores continua acesa</i>	169
Considerações Finais	177
Referências.....	182
Apêndices	188



*1 - Entre, puxe uma cadeira,
tenho muita coisa pra te contar.*

Há algum tempo, a Educação Matemática, enquanto área de pesquisa no Brasil, vem se ocupando em desenvolver reflexões sobre o ensino e aprendizagem dos alunos surdos. Nesse sentido, um trabalho que merece destaque é o da professora Heloíza Barbosa (2009) que faz um apanhado de diversas perspectivas sobre o tema, abordando principalmente as questões da influência da comunicação em relação à aprendizagem de Matemática. A autora, com base em Zevenbergen, Hyde e Power (2002), relata que as dificuldades dos alunos surdos com Matemática não ocorrem apenas na Educação Básica, mas continuam até na universidade. Tal fato se dá principalmente em referência à falta de habilidade do conhecimento linguístico como solução de problemas matemáticos.

Estas afirmações são algumas das constatações que se têm sobre o ensino de Matemática para alunos surdos, o qual, mesmo usando a Língua de Sinais para mediar as aulas, não torna a disciplina menos complexa de ser aprendida.

Entretanto, trabalhos como o mencionado acima pouco tem se ocupado em discutir o processo de interpretação e tradução nas aulas de Matemática desses alunos, demonstrando pouco interesse a respeito da natureza da intervenção desses profissionais e na repercussão da atuação deles na aprendizagem dos alunos surdos.

É importante destacar que as questões que envolvem as relações dos Tradutores Intérpretes de Libras (TILS)¹ com os outros sujeitos (professores e alunos) são bastante complexas, mais ainda na área da Matemática, uma vez que essa disciplina historicamente apresenta grandes desafios no seu aprendizado, de modo geral. Especificamente no contexto da educação de surdos, Gil (2007) constatou que os alunos sentem sérias dificuldades com a disciplina devido à linguagem utilizada nos enunciados e na elaboração de problemas contextualizados, não sendo, comumente, bem interpretados por eles.

Além disso, vale dizer que muitos termos da Matemática ainda não possuem sinais correspondentes em Libras, o que pode dificultar ainda mais a atuação do profissional que medeia a comunicação entre surdos e ouvintes em aulas de Matemática.

¹ Não estou tratando aqui de Tradutor Intérprete de Libras de modo geral, mas sim, especificamente daquele TILS que trabalha no âmbito educacional, também chamado, por vezes, de Intérprete Educacional (IE) (LACEDA, 2011).

O trabalho de interpretação realizado pelos TILS no Ensino Superior não é diferente daquele dos outros níveis de educação, tanto em função das dificuldades encontradas quanto do papel a ser desenvolvido por esses profissionais. Nas turmas de graduação, como nas de pós-graduação, os TILS realizam um trabalho que envolve competência referencial tradutória, além de precisarem mobilizar alguns conhecimentos da área que os possibilitem compreender os conceitos que serão interpretados.

Esta pesquisa por objetivo, além de produzir fontes a respeito da atuação dos TILS em disciplinas de Matemática no Ensino Superior na região Sul do Rio Grande do Sul², realizar uma análise sobre o que os entrevistados disseram relativo ao tema, dialogando com algumas referências da atuação do Tradutor Intérprete de Libras, da Educação Inclusiva e da Educação Matemática.

A produção de fontes a respeito desse tipo de atuação dos TILS pretende dar visibilidade às memórias desses profissionais e, conseqüentemente, dar oportunidade para que eles próprios possam apresentar suas interpretações sobre o processo de tradução e interpretação dessas aulas. A delimitação regional é estabelecida em função do lugar de onde falam os participantes da pesquisa e a temporal em função do estabelecimento da obrigatoriedade da presença dos TILS nos espaços educacionais nos quais ingressaram alunos surdos, a partir de 2005.

Justifico a elaboração desta dissertação por considerar relevante que a Educação Matemática contemple em suas reflexões a perspectiva dos TILS sobre o papel que realizam no âmbito da Educação de Surdos, a partir de suas experiências

² No âmbito da Educação de Surdos, considerando o sul do estado do Rio Grande do Sul, poderíamos dizer que Pelotas é uma cidade que se destaca em função dos esforços por oferecer uma formação qualificada para essa população, tanto que fundou a primeira escola para surdos, Escola Especial Professor Alfredo Dub, em 1949 (A ESCOLA, 2019). Além de outros esforços, no ano de 2000, um investimento mais consistente foi realizado no primeiro curso de formação de TILS, ofertado pela Associação dos Surdos de Pelotas (ASP), em parceria com a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS). Posteriormente, a partir do Decreto 5.626 de 2005, as instituições de ensino superior e técnico assumiram essa responsabilidade de formação de novos profissionais TILS. Essa nova demanda foi assumida inicialmente pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel), com a formação da primeira turma de TILS em 2007 (MADEIRA, 2018). Depois da regulamentação da profissão do TILS em 2010, a Prefeitura Municipal de Pelotas, por possuir um número expressivo de surdos, realizou um concurso com 10 vagas para TILS, atendendo os surdos nas diferentes escolas e diferentes espaços da sociedade (LAGUNA, 2012). Recentemente, em 2018, foi criada em Pelotas a Associação Pampeana dos Tradutores e Intérpretes e Guia intérpretes de Libras – APAMTILS.

no processo de tradução e interpretação nas disciplinas de Matemática no Ensino Superior.

Antes de apresentar a estrutura dessa dissertação, gostaria de explicar para o leitor alguns termos específicos da área de Tradução e Interpretação que vão ser utilizados ao longo do meu trabalho.

O Intérprete é a pessoa que ouve ou vê um determinado assunto e interpreta/traduz para outra língua o que foi mencionado. A pessoa que é Tradutora também traduz de uma língua para outra, mas nesse processo necessita que, pelo menos uma das línguas, seja escrita. Ela pode traduzir um texto escrito de uma determinada língua para outra, ou pode traduzir de uma língua sinalizada para um texto escrito ou vice-versa. Nesse processo, tem a possibilidade de examinar previamente o texto original a ser traduzido e pode consultar dicionários ou qualquer outra ferramenta que a ajude a se informar sobre as diferenças regionais (QUADROS, 2004).

Para esse trabalho, o conceito que vou utilizar é o de Tradutor Intérprete de Libras (TILS), pois esse é o profissional que atua nessas duas áreas, ou seja, como Intérprete e Tradutor de uma língua de sinais para outra língua (oral ou escrita) ou vice-versa, em qualquer modalidade que se apresentar (oral, visual ou escrita). Considerarei, ainda, o TILS no cenário brasileiro³.

A modalidade de Tradução Interpretação pode ser simultânea quando o processo de traduzir e interpretar de uma determinada língua para outra ocorre ao mesmo tempo em que esse profissional precisa ouvir ou ver o que foi dito em uma determinada língua (oral ou visual), processá-la e passar para outra língua (oral ou visual) no mesmo tempo que foi falado.

A modalidade de Tradução Interpretação pode ser consecutiva quando o processo de traduzir e interpretar uma determinada língua ocorre posteriormente, ou seja, esse profissional precisa ouvir ou ver o que foi dito em uma determinada língua (oral ou visual), processar a informação e somente posteriormente passá-la para a outra língua (oral ou visual).

Gostaria de salientar que também é possível encontrar em algumas referências a sigla "TILSP" (Tradutora e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa). De acordo com o III Congresso Nacional de Pesquisas em

³ Quando me refiro no Brasil, quero dizer que os TILS que atuam com Libras são os TILS que atuam com os surdos brasileiros que utilizam a Língua Brasileira de Sinais para se comunicar.

Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, ocorrido na UFSC⁴ em 2014,⁵ a sigla sugerida foi TILSP devido ao fato de traduzirmos e interpretarmos tanto da Língua Brasileira de Sinais para a Língua Portuguesa ou vice-versa (oral ou escrito) (AIRES, 2014, p. 9).

Uma dúvida que ainda pode surgir ao leitor é sobre o porquê de usar a grafia da sigla Libras apenas com a primeira letra maiúscula, ao invés de LIBRAS, para me referir à Língua Brasileira de Sinais, apesar de o leitor, possivelmente, já ter visto as duas formas de grafia. Usarei como parâmetro a explicação de Piacentini⁶:

Desse modo, ao constituir ou escrever uma sigla, pode-se adotar a seguinte convenção (mais tradicional):

1 – Usar só MAIÚSCULAS se cada letra corresponder a uma palavra, independentemente de ser a sigla pronunciável ou não:

ABI – Associação Brasileira de Imprensa

ABL – Academia Brasileira de Letras

BIRD – Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento [...]

2 – SÓ A 1ª letra maiúscula se cada letra não corresponder necessariamente a uma palavra:

Celesc – Centrais Elétricas de Santa Catarina

Funai – Fundação Nacional do Índio

Sudene – Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

Usiminas – Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais S/A

Muitos jornais procedem de maneira um pouco diferente, orientando a grafia das siglas pelo seu tamanho e pelo fator pronúncia, ou seja:

I - até **três** letras, em maiúsculas: BC, PIS, ONU, CPF

II - com **quatro** letras ou mais:

a) se pronunciável, só a inicial maiúscula: Abbesc, Fiesc, Icesp, Masp, Ubes

b) com todas as maiúsculas quando se lê letra por letra: SBPC, PSDB.

Existe também a sigla mista, como CNPq e UFSCar (Universidade Federal de São Carlos), em que minúsculas são usadas para diferenciá-la de outra sigla que tenha as mesmas iniciais (no último caso, a UFSC) (PIACENTINI, 2011, s/p).

Com relação à estrutura desta dissertação, ela está distribuída em quatro capítulos além desta introdução, os quais decidi nominar de um modo que remete, na maioria das vezes, a uma linguagem mais informal, tentando aproximá-los do conceito de uma roda de conversa.

Neste primeiro capítulo, apresento um resumo da minha jornada como TILS. Ainda que eu me mencione o título como “Eu, TILS” como uma brincadeira, uma provocação relacionada ao filme “Eu, robô”, pois, em inúmeras vezes, o TILS é

⁴ Universidade Federal de Santa Catarina.

⁵ Fonte: <<http://www.congressotils.com.br/anais/2014/2996.pdf>>. Acesso em: 16 Jan. 2018.

⁶ Piacentini, Maria Tereza de Queiroz. Siglas. Disponível em: <<http://www.portalentretextos.com.br/materia/como-escrever-siglas,6664>>. Acesso em: 30 jan. 2019.

interpretado como alguém que não pode mostrar suas emoções, seus sentimentos e em muitos momentos os TILS não são percebidos em sala de aula, parecendo que só cumprem uma função técnica e objetiva, quando estão mediando algum tema, como alguém que tem que traduzir tudo que vier pela frente como se fosse uma máquina, enfim, às vezes, essa é uma marca que as pessoas pensam da nossa atuação como intérprete: que somos uma máquina de traduzir qualquer assunto em qualquer lugar, desconsiderando os nossos limites como indivíduo.

No capítulo dois, em um primeiro item, apresento o levantamento que, naquela ocasião, em abril de 2017, na disciplina do programa de mestrado, fomos orientados a fazer o “Estado do Conhecimento” nos principais portais de pesquisa dos últimos cinco anos. Fomos convidados a construir um levantamento de produções e fazer uma aproximação com o tema da minha pesquisa, mantido aqui, ainda que saiba que depois disso tantas outras pesquisas foram realizadas, pois é um tema que vem cada vez mais suscitando interesse em ser pesquisado e, se fosse feito outro levantamento hoje, seriam encontrados tantos outros trabalhos. No entanto, me restrinjo àquela pesquisa inicial.

Outro item que trago nesse mesmo capítulo consiste em um breve relato histórico para situar o leitor sobre a organização legal do profissional Tradutor Intérprete de Libras e, logo a seguir, trago a aproximação com o debate que lida com a concepção do surdo como sujeito cultural, perspectiva na qual baseio este trabalho. Assim, para tratar sobre as questões referentes ao TILS e ao surdo, destaco os autores como Quadros (2004; 2016), Strobel (2006; 2008), Lacerda (2010; 2011), Silva (2016), Stumpf (2016), entre outros.

Trago esse assunto ao texto uma vez que este é um trabalho também voltado para a Educação Matemática e muitos educadores matemáticos ainda têm pouca familiaridade com a Educação de Surdos, desconhecendo a atuação do Tradutor Intérprete de Libras, então achei que seria importante abordar esse tema no trabalho para deixá-lo mais disponível e acessível, fazendo uma síntese do debate.

No capítulo três, realizei um exercício de pesquisa e produção da Dissertação. Antes de ingressar no mestrado eu não tinha ideia do que era a História Oral, e, ao fazer as disciplinas como aluna especial, antes de ingressar no mestrado, comecei a me aprofundar mais sobre esse tema que, por conseguinte, dei continuidade nessa pesquisa. Nesse capítulo, apresento o referencial teórico usado para as reflexões dessa dissertação e, logo após, anuncio a metodologia que foi

utilizada nesse processo. Em seguida abordo sobre o perfil dos TILS entrevistados e como foi realizado o procedimento das entrevistas. Em relação à História Oral, utilizei como fundamentação teórico-metodológica os estudos de Souza e Silva (2015), Garnica (2003, 2008 e 2011), Alberti (2013), Portelli (2010 e 2016), Thompson (1992), entre outros, uma vez que me identifico com as discussões teóricas realizadas por eles.

No capítulo quatro, eu apresento para os leitores a textualização das transcrições das entrevistas de quatro Tradutores Intérprete de Libras, que é o que ficará disponível nessa dissertação e que já se encontram autorizadas pelos entrevistados, podendo esse consentimento do material textualizado ser utilizado para pesquisa, publicações e divulgações, com fins culturais e acadêmicos. Faço aqui um agradecimento especial aos TILS entrevistados, porque foi muito importante a presença deles, pois fizeram toda a diferença com uma contribuição muito significativa a esse trabalho.

No capítulo cinco, apresento um exercício analítico que, para mim, foi desafiador, pois aprendi a olhar para a entrevista percebendo detalhes e fazendo reflexões sobre elas. Interpretar esses detalhes foi um exercício complexo, com o qual aprendi muito, pois foi o meu primeiro exercício analítico. Considero que avancei, olhando para o que os TILS disseram e tentando pensar no que é que eu posso refletir sobre o que eles disseram.

Por fim, apresento as considerações finais, em que eu faço muito mais reflexões do que ainda poderia ser dito por eles e coisas que eu acho que sou capaz de dizer a partir do que eles disseram, dialogando, assim, com a atuação do Tradutor Intérprete de Libras, Educação Inclusiva e Educação Matemática. A conexão entre essas três áreas pode ainda continuar avançando, pois tem muito a contribuir com as discussões existentes sobre o ensino de Matemática para surdos no Ensino Superior.

1.1 – Eu, TILS

Nesta seção, apresento um memorial da minha trajetória como Tradutora Intérprete de Libras. Claro que isso é parte do que me compõe como profissional, mas não me define absolutamente, pois também sou professora de Matemática e

isso junta a minha atuação como TILS e a minha preocupação como educadora matemática, o que inclusive definiu essa Dissertação como um tema que me interessa pesquisar.

Aqui, ao afirmar “Eu, TILS”, estou construindo um memorial que faça sentido para uma pesquisa que olha para o TILS, como eu me integro a esse lugar, pois eu me identifico mais como TILS do que como professora de matemática, talvez porque eu nunca tenha atuado como professora, fora o período do estágio, e tenho mais histórias como Intérprete de Libras. O Intérprete não é um robô, como já mencionei na introdução, e eu não sou TILS como uma “coisa”. Sou uma pessoa com muitos elementos na minha vida e ser Tradutor Intérprete é uma delas.

Em grande parte dos lugares em que atuo como TILS, ou quando estou em uma roda de conversa com pessoas que não conhecem a área de Tradução e Interpretação e o assunto sobre profissões vem à tona, ocorre a seguinte pergunta:

– *Você é Intérprete de Libras? Tem parente surdo? Amigo surdo?*

E eu respondo:

– *Não! Sou TILS porque é uma profissão como qualquer outra!*

Por que é que, para ser TILS, eu deveria ter parente surdo? Amigo surdo? Quando dou essa resposta (que acredito não ser o que gostariam de ouvir), percebo em suas expressões faciais que não gostaram dela.

– *Como assim? TILS é profissão? Mas achei que para ser TILS a pessoa deveria ter sido influenciada por um sujeito surdo na família, amigo surdo, ou qualquer outro motivo com surdo envolvido, que a tenha sensibilizado a seguir essa área para continuar a fazer o bem, pois esse é um grande “Dom Divino”!*

Esse e outros exemplos são corriqueiros na profissão que eu exerço atualmente. Com essa fala anterior, trago aqui a seguinte reflexão: “Por que quando uma pessoa escolhe trabalhar como Tradutor Intérprete de Libras, como qualquer outra profissão ‘normal’, deveria haver o envolvimento de um surdo?”

Para atuar nessa área tem que estudar, sim! Precisa ter formação. Necessita de muito estudo e pesquisa. Essa é uma profissão que necessita constantemente de atualizações, ou seja, realizar atividades de aperfeiçoamento na área de Tradução e Interpretação em cursos, palestras, oficinas, entre outros. Relato isso, uma vez que a Libras é uma língua viva em constante transformação de sinais, expressões, etc.

Em atuação, o TILS realiza constantemente a exposição do próprio corpo, pois é necessário utilizar movimentos e expressões corporais para traduzir e

interpretar. O TILS fica visivelmente exposto ao público. Conforme menciona Goulart:

[...] o corpo do tradutor/intérprete é investido discursivamente, e tomado como “ferramenta de trabalho”, como suporte para a língua, um corpo que se deseja neutro, desmarcado, vestido com cores sóbrias (em normativas existentes como, por exemplo, os Códigos de Ética que orientam e regulam a profissão). Este é, sobretudo, um corpo em movimento que se expõe (na frente de uma turma de alunos, onde em geral este profissional se posiciona, ou diante de um palco). Mas, mesmo estando exposto (pois é um corpo que se mostra durante a atuação, um corpo que comunica, e se expressa por meio de estratégias visuais), não deveria “se exhibir”. (GOULART, 2017, p. 135).

Essa é uma profissão, assim como outras, de grande responsabilidade, na qual é necessário fazer a mediação da comunicação entre surdo e ouvinte. Se fizer a mediação de uma língua para outra, de uma cultura para outra cultura e ocorrerem equívocos nesse processo, podem ocorrer sérios problemas como, por exemplo: Se a área de atuação for da saúde, o surdo pode vir a óbito se o intérprete traduzir um medicamento errado; se atuação for à delegacia ou em um tribunal, pode ocasionar a prisão, mesmo o suspeito surdo sendo inocente, ou a liberação, ainda que ele seja culpado, em função da atuação de um TILS; entre outros exemplos.

Minha formação acadêmica e atuação profissional têm estreita relação com a minha Dissertação de Mestrado. Sou graduada no curso de Licenciatura Plena em Matemática pela UCPel⁷, turma de 2007. Fiz o Curso de Capacitação de Tradutores Intérpretes de Libras, também pela UCPel, bem como prestei o exame e fui aprovada no Programa Nacional para a Certificação de Proficiência no Uso e Ensino da Língua Brasileira de Sinais – Libras, e para a Certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa (Prolibras), nível médio, em 2009, e nível superior, em 2010, ambos para atuar como TILS, e, em 2015, realizei a proficiência para o Ensino da Libras. Sou Bacharel em Letras/Libras pela UFSC, turma de 2012, polo da UFRGS⁸. Concluí minha Especialização em Educação de Surdos pela UFPel no ano de 2013. Possuo formação em Guia Intérprete pela AHIMSA⁹ em São Paulo. Sou Técnica Administrativa em Educação da UFPel,

⁷ Universidade Católica de Pelotas.

⁸ Fundação Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁹ Associação Educacional para Múltipla Deficiência.

atuando no cargo de TILS desde o ano de 2017. Atualmente, exerço a função de Chefe da Seção dos TILS/NAI¹⁰.

Em 2007, quando iniciei minha atuação profissional como Tradutora Intérprete de Libras, já comecei a trabalhar em uma escola de Ensino Médio em turmas inclusivas e, na mesma época, já trabalhava na UCPel, interpretando em diversos cursos com termos específicos de cada área como, por exemplo, os Cursos de Moda, Administração, Jornalismo, Psicologia, Matemática, entre outros. Cada curso apresentava, ao longo do semestre, conteúdos e termos específicos de suas áreas.

Infelizmente, há situações em que nunca ouvimos falar em determinados termos específicos que necessitamos traduzir e interpretar. Em concordância, Reichert (2012, p. 74) afirma que “o ILS precisa atualizar seus conhecimentos tanto em Libras como em Português, além de pesquisar sobre o assunto com o qual tenha contato em sua atuação, caso trabalhe em uma área específica”.

Este pensamento é corroborado por Lacerda, a qual declara que é preciso haver uma reflexão dos profissionais que estão envolvidos, principalmente se esses profissionais estão inseridos no ambiente escolar:

Torna-se cada vez mais importante uma profunda discussão sobre a capacitação de intérpretes para atuação em sala de aula, já que este ambiente de trabalho se constitui num espaço diferenciado que requer formação e suporte técnico, nem sempre percebidos e desenvolvidos apenas com a prática. Tal capacitação envolve conhecimento sobre o processo de ensino/aprendizagem, sobre a formação de conceito e a construção de conhecimento que demandam formação detalhada e específica (LACERDA, 2010, p. 127).

Desde que comecei a atuar como TILS, em várias circunstâncias senti-me como “a atração da sala” quando o professor queria se fazer de “engraçadinho” para a turma e usava o TILS de sua sala como ferramenta para isso, ou seja, fazia piadas e utilizava termos com certo *tabu*, relatando para a turma que queria ver como o TILS iria “se virar” para traduzir aquilo para o aluno. Esse tipo de sentimento não foi experimentado apenas por mim, como indica Goulart, a respeito da curiosidade que, às vezes, um TILS desperta:

[...] a curiosidade despertada durante sua atuação, o que faz com que as pessoas dirijam seu olhar para a forma como esse profissional traduz determinados termos, principalmente quando há certo tabu sobre as discussões. O tradutor/intérprete de língua de sinais é visto aqui como o

¹⁰ Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da Universidade Federal de Pelotas.

exótico, o diferente, ou a expressão da diferença-surda, presente num certo espaço (GOULART, 2017, p. 135).

Uma das questões de minha trajetória, que me faz refletir, é sobre essa situação de algumas pessoas não compreenderem o meu papel e, por alguns momentos, me desrespeitarem. Isso, às vezes, me incomoda tanto que eu trouxe uma citação, pois em alguns momentos esse incômodo é intenso. A atuação do intérprete de Libras desperta curiosidade, uma vez que as pessoas dirigem o olhar ao TILS quando ele necessita traduzir determinados termos, principalmente quando há certo *tabu*. O Tradutor Intérprete de Libras é visto como um exótico, um diferente, e isso é algo que me toca. Espero que inclusive a área se amplie e mais surdos sejam atendidos e ocupem os espaços de direito e essa figura do TILS perca esse rótulo.

Após alguns anos atuando como Tradutor Intérprete de Libras, mais especificamente em novembro de 2013, assumi o concurso para TILS na UFPel. Nessa universidade, além de atuar na graduação, também iria trabalhar com alunos e professores surdos na Pós-Graduação. Começaria então a enfrentar um mundo novo na Pós-Graduação. Para atuar no Ensino Superior¹¹ ainda não é obrigatório ter formação acadêmica. Não há impedimentos que TILS sem formação em nível superior atuem na Graduação e Pós-Graduação, possuindo apenas Ensino Médio.

Tal atuação que, há alguns anos, já vem desenvolvendo me fez refletir sobre uma série de questões, problemáticas ou não, a respeito do papel desse profissional e do modo como, muitas vezes, é compreendido pelos outros participantes do processo educativo.

Talvez essas reflexões tenham sido atravessadas pelas minhas duas formações profissionais, pois sou capaz de enxergar o que é um profissional professor e o que é um profissional Tradutor Intérprete de Libras, conseguindo ver que os dois compõem uma atuação de sala de aula; logo, de alguma maneira sou capaz de pensar que esses profissionais estão muito relacionados. Parte dessas reflexões, bem como o diálogo com outros colegas Tradutores Intérpretes de Libras e professores, me impulsionaram a cogitar uma pesquisa de Pós-graduação que olhasse nessa direção.

O incentivo de alguns colegas e o apoio de um grande amigo, Daniel Duarte Silveira, e o fato de ele estar fazendo Mestrado no Programa de Pós-Graduação em

¹¹ Irei abordar sobre esse tema no item 2.1.

Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Pelotas (PPGECM), me estimulou a pensar nesse tema e comecei a fazer disciplinas como aluna especial também no PPGECM e no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Pelotas (PPGEMAT), programas que, de certo modo, ligavam esses temas que dialogam com a minha trajetória.

A primeira disciplina realizada foi a de “*Matemática e suas Metodologias*” sob a responsabilidade dos professores Dr^a Márcia Souza da Fonseca e Dr. Diogo Franco Rios, no PPGECM, no ano de 2016/1, a qual vim posteriormente conseguir equiparação com a disciplina “*Tendência em Educação Matemática*” do PPGEMAT, sendo aceita para cômputo de créditos.

No ano de 2016/2, realizei uma segunda disciplina como aluna especial intitulada “*Currículo e Educação Matemática no Brasil*” (ministrada pela professora Dr^a Márcia Souza da Fonseca) e, essa sendo na minha linha de pesquisa, somou mais quatro créditos no PPGEMAT. Nesse mesmo ano, também comecei a fazer parte do grupo de estudos “Metade Sul”, orientado pelo professor Dr. Diogo Franco Rios em que fazíamos debates e reflexões relacionados à área de História da educação matemática.

Para mim foi importante realizar essas disciplinas pois, naquela ocasião, ainda não tinha clareza para escolher um determinado projeto. A oportunidade de ter realizado essas cadeiras acabou me levando numa direção de olhar para diferentes caminhos, de reinventar ideias, fazer escolhas, e foi aí que conheci e fui cativada pela História Oral, a partir da qual dei seguimento nessa pesquisa.

Trago para esta dissertação, em meu memorial, uma de minhas singularidades como autora, o fato de ter a síndrome de Asperger:

Atualmente, **Asperger** é utilizado para descrever uma perspectiva moderada do espectro autista; os sujeitos asperger são considerados inteligentes, muitas vezes confundidos com pessoas excêntricas, estranhas, o que pode levar a um diagnóstico incorreto (RODRIGUEZ, 2006, p.53 – grifo do autor).

Não compreendem metáforas, não aceitam mentiras, não “focam”, não entendem porque as pessoas cumprem e descumprem os acordos e regras com facilidade; podem reagir e conviver socialmente; são inteligentes, com excelente memória, obstinados, dedicados e não percebem a desistência como algo possível; mas podem ser abandonados, ridicularizados, “perdidos” em suas habilidades, deixados sós em seu mundo (RODRIGUEZ, 2006, p. 187).

Mesmo que esta dissertação não aborde o autismo, quero aqui divulgar, na minha pesquisa, esse tema, para que futuros leitores saibam que existe uma infinidade de espectros dentro do Autismo, não podendo rotular e colocar todos como uma só característica. Também desejo que seja reconhecido que não há barreiras quando a pessoa tem uma síndrome ou uma deficiência, mas que existem estratégias para ultrapassar esses obstáculos e que, no final, vai se chegar ao mesmo propósito comparado a outras pessoas.

Tive o meu diagnóstico aos 33 anos de idade, quando o meu filho nasceu e minha mãe comentava o quanto o seu neto estava muito parecido comigo quando criança, pois apresentava os mesmos comportamentos como, por exemplo, não atender quando solicitado, corria e não caminhava, tinha dificuldades para dormir, entre outras características. Quando eu levei o meu filho ao médico, antes de ele completar dois anos de idade, a neuropediatra solicitou uma série de pareceres: da escola, da fonoaudióloga, da psicopedagoga e um exame de eletroencefalografia.

Ao retornar à neuropediatra com o exame e pareceres, a médica constatou que o meu filho era autista leve. Após o dia 15 de março de 2017, comecei a jornada para encontrar profissionais especializados na área do autismo e passei a procurar formações e eventos voltados ao Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Em abril de 2017, no Congresso Luso-Brasileiro TEA e Educação Inclusiva – CONLUBRA, percebi nas falas dos palestrantes que as características que eles falavam no evento eram muitas parecidas com as minhas. O que mais chamou a minha atenção foi quando um dos palestrantes comentou que muitos adultos se descobrem autistas pelos filhos e pelos netos, fazendo uma “regressão”.

Quando acabou o evento, eu pedi para a neuropediatra que atendia o meu filho fazer uma regressão comigo, pois eu me encaixava em todas as falas dos palestrantes. No dia 10 de novembro de 2017, após fazer a regressão, recebi o meu laudo como Asperger. Esse laudo explicou muitos questionamentos e anseios que eu tinha na minha trajetória de vida como, por exemplo, seguir o mesmo caminho para ir aos lugares, ser sempre muito organizada, pontual, com dificuldade para entender metáforas e jogos de linguagem, precisando de uma rotina, o que revelou para mim por que eu apresentava alguns comportamentos que outras pessoas não apresentavam.

Como qualquer coisa na vida, tudo tem a vantagem e a desvantagem. Para mim, ter essa síndrome é vantajoso por ser uma pessoa muito focada e determinada

nos meus objetivos, organizada, antecipada, ou seja, características valiosas para realizar minhas tarefas.

No meu caso – pois cada pessoa é singular –, a desvantagem seria de realizar sozinha o deslocamento para locais que ainda não conheço pessoalmente. E, às vezes, para realizar uma determinada entrevista preciso antecipadamente conhecer o local, onde posso estacionar etc. Também sou muito direta na escrita, precisando ser “polida” em descrever a mensagem que eu quero passar e tenho muita ansiedade que, por muitas vezes, não me permite me “desligar”, me tirando o sono, principalmente antes de algum evento, pois fico planejando, arrumando, pensando como vai ser, e, depois do evento, fico analisando o que foi positivo e negativo, o que poderia melhorar para o próximo.

A forma como processo as informações ocorre de maneira diferenciada, pois preciso elevar meu nível de atenção, já que não compreendo o que fica subtendido nos textos. Contudo, sou direta e extremamente organizada e, durante a elaboração deste trabalho, foi preciso força de vontade e perseverança, pois o meu maior desafio foi superar as minhas próprias expectativas.

Enfim, eu só queria trazer ao leitor desta dissertação um breve resumo do por que eu quis realizar essa pesquisa, assim como a minha singularidade como autora, para que ela possa alertar, ajudar, apoiar e incentivar muitas pessoas através dela.

Agora que já me conhecem um pouco, vamos falar um pouco mais dos Tradutores Intérpretes de Libras.



*2- Traz o chímarrão que a
prosa é longa.*

Em 24 de abril de 2017, efetivamente comecei o meu Mestrado em Educação Matemática na UFPel e um dos primeiros passos da minha orientação foi fazer o “Estado do Conhecimento” nos principais portais de pesquisa nos últimos cinco anos, ou seja, pesquisar no Portal de Periódico da CAPES, Banco de Tese e Dissertações, diretórios de grupos de pesquisa da CNPQ e em alguns eventos da Matemática para saber se havia trabalhos relacionados ao meu assunto de pesquisa.

As minhas palavras-chaves utilizadas na pesquisa foram: Tradutor Intérprete de Libras; Matemática e Libras; Matemática e Intérprete; Matemática e Tradutor. Utilizando essas palavras-chaves, nos últimos cinco anos, encontrei um total de 78 trabalhos ao todo que falavam sobre o surdo, a sala de aula, libras nas aulas. Porém, quando comecei afunilar para os trabalhos que mencionavam o profissional TILS, o montante diminuiu para 18 trabalhos, sendo 03 artigos, 12 dissertações e 03 teses. Quando resolvi enxugar mais um pouco, lendo essas pesquisas, o total passou a ficar em torno de 05 trabalhos, os quais alguns serão comentados no quadro 1.

Quadro 1 – Os 18 trabalhos encontrados na minha pesquisa:

TÍTULO	AUTOR	A/D/T
1) Atuação do tradutor intérprete de libras na aprendizagem matemática de surdos no Ensino Fundamental	Ana Carolina Machado Ferrari	D
2) Multiculturalidade e colaboração crítica entre surdos e ouvintes na visão de um pesquisador tradutor-intérprete de libras/português	Everton Pessôa de Oliveira	D
3) O tradutor/intérprete de libras em contextos de inclusão escolar: perspectivas em uma rede municipal do Rio Grande do Sul	Elisama Rode Boeira Suzana	D
4) Formação de intérpretes de Libras e Língua Portuguesa: encontros de sujeitos, discursos e saberes	Marcus Vinícius Batista Nascimento	T
5) Interpretação da língua brasileira de sinais a partir do gênero jornalístico televisivo: elementos verbo-visuais na produção de sentidos	Marcus Vinícius Batista Nascimento	D
6) Sentidos-e-significados de uma professora alfabetizadora, uma intérprete de libras e uma pesquisadora sobre ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa na modalidade escrita	Rosângela Vargas Cassola	T
7) Tradutores-intérpretes de libras na saúde: o que eles nos contam sobre questões éticas em suas práticas	Patrícia Cristina Andrade Pereira	T

8) Atuação do intérprete de libras na mediação da aprendizagem de aluno surdo no Ensino Superior: reflexões sobre o processo de interpretação educacional	Carla Regina Sparano Tesser	D
9) A surdez no ambiente escolar: um estudo das representações sociais de professores de matemática, intérpretes e alunos.	Paulo Vítor Pereira	D
10) Intérpretes codas: Construção de Identidade.	José Carlos Ferreira Souza	D
11) Codas tradutores e intérpretes de língua de sinais brasileira: percurso para o profissionalismo	Maite Maus da Silva	D
12) O protagonismo da gestão educacional na efetivação da inclusão de estudantes surdos nos institutos federais de educação, ciência e Tecnologia	Josiane Roberta Krebs	D
13) Formação e atuação do tradutor intérprete de libras em sala de aula	Alda Valeria Santos de Melo	D
14) Políticas de acessibilidade para surdos: perfil e condições de trabalho dos tradutores intérpretes de língua brasileira de sinais (libras) das escolas da rede estadual de ensino de Curitiba e região metropolitana	Danilo da Silva	D
15) A construção de sentidos no processo de tradução/interpretação libras/português	Karine Albuquerque	D
16) A Inclusão do Aluno Surdo nas Aulas de Matemática: Histórias Narradas por Intérpretes de Libras	Thamires Belo de Jesus e Edmar Reis Thiengo	A
17) Entre Duas Línguas: O Ensino e a Aprendizagem de Matemática de Alunos Surdos Inclusos	Fábio Alexandre Borges e Clélia Maria Ignatius Nogueira	A
18) Cenários para investigação na escola inclusiva: compreendendo o diálogo entre surdos e ouvintes nas aulas de matemática	Amanda Queiroz Moura	A

Fonte: Autoria própria, 2018.

Quando resolvi ver quais deles falavam sobre o TILS em sala de aula com disciplinas de Matemática, diminuiu para 05 trabalhos, restando 02 dissertações e 03 artigos. Desses cinco trabalhos, as duas dissertações foram encontradas no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, dois dos artigos foram encontrados no Seminário Internacional de Pesquisa em Educação Matemática de 2015 (SIPEM) e, o outro artigo, no Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática (EBRAPEM), em 2016, como mostra no quadro 2.

Quadro 2 – Os cinco trabalhos encontrados que falam sobre o TILS em sala de aula com disciplinas de Matemática:

TÍTULO	AUTOR	A/D/T
1) A Atuação do Tradutor Intérprete de Libras na Aprendizagem Matemática de Surdos no Ensino Fundamental	Ana Carolina Machado Ferrari	D
2) A surdez no ambiente escolar: um estudo das representações sociais de professores de Matemática, intérpretes e alunos.	Paulo Vítor Pereira	D
3) A Inclusão do Aluno Surdo nas Aulas de Matemática: Histórias Narradas por Intérpretes de Libras	Thamires Belo de Jesus e Edmar Reis Thiengo	A
4) Entre Duas Línguas: O Ensino e a Aprendizagem de Matemática de Alunos Surdos Inclusos	Fábio Alexandre Borges e Clélia Maria Ignatius Nogueira	A
5) Cenários para investigação na escola inclusiva: compreendendo o diálogo entre surdos e ouvintes nas aulas de Matemática	Amanda Queiroz Moura	A

Fonte: Autoria própria, 2018.

Desses cinco trabalhos, apenas um deles mostra também a perspectiva do TILS, relatando sobre conversar com o TILS, sobre o planejamento de sala de aula. Outra importante observação que realizo é que, dentre todos os trabalhos mencionados, nenhum deles aborda sobre o TILS no Ensino Superior com disciplinas de Matemática.

Um dos trabalhos que destaco dentro de minha pesquisa do estado do conhecimento é o artigo *História dos Cenários para investigação na escola inclusiva: compreendendo o diálogo entre surdos e ouvintes nas aulas de matemática*, escrito por Amanda Queiroz e apresentado no XX Encontro Brasileiro de Pós-Graduação em Educação Matemática – EBRAPEM, no grupo de discussão Educação Matemática e Inclusão (G13). O evento foi realizado na Universidade Federal do Paraná (UFPR) na cidade de Curitiba (PR) nos dias 12 a 14 de novembro de 2016.

O trabalho de Amanda Queiroz apresenta uma pesquisa de doutorado que está relacionada com o processo de ensino e de aprendizagem de Matemática no contexto da escola inclusiva. Essa pesquisa tem como intenção compreender como se desenvolve o processo de diálogo em aulas de Matemática com os alunos surdos. A investigação ocorreu com professores, Intérprete de Libras e, posteriormente, com os alunos surdos, em uma escola pública regular de ensino. Ela

relata que, mesmo que nos últimos anos o assunto educação inclusiva tenha se tornado um dos temas mais polêmicos e preocupantes para os educadores do Brasil, as questões educativas, culturais e linguísticas ainda são motivo de inquietações no processo de inclusão. Por conseguinte, sobre esse processo, faz-se a necessidade de um mediador entre as línguas envolvidas nesse discurso: o Intérprete de Libras é quem faz a mediação entre o aluno surdo, usuário de Língua Brasileira de Sinais, e o professor ouvinte usuário da Língua Portuguesa, possibilitando que os alunos surdos tenham acesso às informações e conteúdos escolares.

Outro trabalho que destaco é o artigo *A inclusão do Aluno Surdo nas Aulas de Matemática: Histórias Narradas por Intérprete de Libras*, escrito pelos autores Edegar Reis Thiengo e Thamires Belo de Jesus. Esse trabalho foi apresentado no VI Seminário Internacional de Pesquisa em Educação Matemática (VI SIPEM). O evento foi realizado em Pirenópolis (Goiás), nos dias 15 a 19 de novembro de 2015.

O artigo de Edegar Reis Thiengo e Thamires Belo de Jesus afirma que a inclusão de alunos surdos nas escolas regulares decorre de diversos fatores de grande importância para o ensino e aprendizagem, como formação inicial e continuada dos professores, materiais didáticos adaptados, presença da Libras e atuação do profissional Intérprete de Libras, etc. O artigo dos autores apresenta obstáculos e ações inerentes à inclusão dos alunos surdos em sala de aulas regulares do município de Vitória/ ES, sob a ótica da atuação do Intérprete de Libras. Esse estudo buscou investigar o processo de ensino e aprendizagem da Matemática, especificamente do conteúdo de geometria plana para alunos surdos.

Um dos registros de dificuldade é interpretar na área da Matemática quando o professor ministra um tema que não possua sinais em Libras, dificultando ainda mais a mediação do conteúdo abordado, ou seja, precisa haver uma reflexão dos profissionais envolvidos neste processo, ainda mais quando se encontram em ambiente escolar. Para a investigação do artigo de Edegar Reis Thiengo e Thamires Belo de Jesus, foram utilizados os autores Lacerda e Góes (2000) e Lacerda (2003, 2009) e sua metodologia foi fundamentada nos estudos de Laville e Dionne (2008).

Os contratempos na atuação dos Intérpretes de Libras tornam-se mais perceptíveis nas disciplinas da área das ciências exatas, nas quais a Linguagem Matemática, especificamente, devido à sua complexidade e difícil compreensão, faz com que muitos alunos surdos não entendam até mesmo os mais simples

conteúdos. Estas dificuldades são agravadas pela tradução e interpretação para Libras que, em muitos casos, ainda não tem convencionado sinais para tais conteúdos, havendo ainda a combinação de sinais para os mesmos por parte da escola (professores, Intérprete de Libras e alunos surdos).

Em suma esses trabalhos ainda não abordaram como é para o Tradutor Intérprete de Libras atuar em disciplinas de Matemática no Ensino Superior, e, portanto temos aqui uma lacuna, que tento ajudar a preencher a partir desta pesquisa.

2.1 – Para ser TILS precisa ter formação, sim!

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é uma língua que utiliza como meio de comunicação o canal visuoespacial, articulando os sinais através das mãos, das expressões faciais e corporais, ou seja, faz uso dos movimentos gestuais do corpo, braços, mãos e face, para dar sentido à mensagem transmitida. Com o passar dos anos, o uso desta língua passou a ter *status* linguístico ao ponto de, no dia 24 de abril de 2002, ser reconhecida como meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda¹² brasileira, conforme descrito na lei 10.436, no artigo a seguir:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

Depois de alguns anos, esta lei veio a ser regulamentada pelo decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, surgindo novas possibilidades para as pessoas surdas exercerem sua cidadania.

A partir desse decreto, as instituições de ensino tiveram que reorganizar seus currículos para acrescentar a disciplina de Libras como obrigatória nos cursos de fonoaudiologia e de licenciatura, bem como nos cursos de magistério, sendo ofertada como optativa nos demais cursos oferecidos pelas instituições, conforme

¹² A comunidade surda, não é só composta de sujeitos surdos, há também sujeitos ouvintes, membros de famílias, intérpretes, professores, amigos e outros que participam e compartilham os mesmos interesses em comuns, em uma determinada localização (STROBEL, 2006, p. 31).

determinado no Capítulo II sobre a Inclusão da Libras como disciplina curricular neste decreto:

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§ 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

§ 2º A Libras constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste Decreto (BRASIL, 2005).

Essa legislação é resultado da luta do movimento surdo iniciada nos anos de 1990. Após todas essas conquistas, iniciou-se uma nova etapa na vida de muitos surdos, pois as oportunidades começaram a surgir nos estudos, cursos, empregos e em muitos outros espaços sociais. O maior impacto foi nas escolas, pois os surdos perceberam que poderiam ir além, ultrapassando qualquer barreira. Nessa caminhada, começa também o ingresso de surdos na Graduação e Pós-Graduação. Com tudo isso, a demanda pelo profissional TILS também veio a crescer, tornando-se obrigatória a presença de Tradutores Intérpretes de Libras nos espaços educacionais nos quais ingressam alunos surdos, conforme mostra o capítulo VI, o qual dá a garantia do direito à educação das pessoas surdas ou com deficiência auditiva:

Art. 22. As instituições federais de ensino responsáveis pela educação básica devem garantir a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva, por meio da organização de:

I - escolas e classes de educação bilíngue, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngues, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental;

II - escolas bilíngues ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade linguística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa [...]

Art. 23. As instituições federais de ensino, de educação básica e superior, devem proporcionar aos alunos surdos os serviços de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa em sala de aula e em outros espaços

educacionais, bem como equipamentos e tecnologias que viabilizem o acesso à comunicação, à informação e à educação¹³ (BRASIL, 2005).

Essa legislação fez com que fosse testemunhada a crescente visibilidade destes profissionais. Graças a isso, atualmente, é comum a presença de TILS também em diversos meios de comunicações, tais como televisão, horários políticos, campanhas governamentais, canais religiosos, entre outros – onde aparece, no canto da tela, a janela do Intérprete de Libras.

No ano de 2009, o Ministério do Trabalho definiu na Classificação Brasileira de Ocupações – CBO, criando o registro de TILS sob o número 2614-25, com as seguintes atribuições ao cargo:

traduzem, na forma escrita, textos de qualquer natureza, de um idioma para outro, considerando as variáveis culturais, bem como os aspectos terminológicos e estilísticos, tendo em vista um público-alvo específico. Interpretam oralmente e/ou na língua de sinais, de forma simultânea ou consecutiva, de um idioma para outro, discursos, debates, textos, formas de comunicação eletrônica, respeitando o respectivo contexto e as características culturais das partes. Tratam das características e do desenvolvimento de uma cultura, representados por sua linguagem; fazem a crítica dos textos. Prestam assessoria a clientes¹⁴.

Conseqüentemente, com este movimento, houve um aumento nas vagas para a atuação dos profissionais TILS no mercado de trabalho e, como resultado, viu-se a necessidade da regulamentação desta profissão. Dessa forma, em 1º de setembro de 2010, a Presidência da República regulamentou o exercício do profissional Tradutor e Intérprete de Libras sob a Lei nº 12.319:

Art. 4º A formação profissional do tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa, em nível médio, deve ser realizada por meio de:
I - cursos de educação profissional reconhecidos pelo Sistema que os credenciou;
II - cursos de extensão universitária; e
III - cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por Secretarias de Educação.
Parágrafo único. A formação de tradutor e intérprete de Libras pode ser realizada por organizações da sociedade civil representativas da

¹³Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 22 nov. 2017.

¹⁴Disponível em: <<http://interpretaremlibras.blogspot.com.br/2009/05/cbo-dos-interpretres-de-libras.html>>. Acesso em: 16 set. 2017.

comunidade surda, desde que o certificado seja convalidado por uma das instituições referidas no inciso III¹⁵ (BRASIL, 2010).

Cabe evidenciar que a formação de Tradutor Intérprete de Libras em nível médio foi estabelecida no decreto 5.626/05, conforme mostra o Capítulo V:

Art. 18. Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, a formação de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa, em nível médio, deve ser realizada por meio de:

I - cursos de educação profissional;

II - cursos de extensão universitária; e

III - cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por secretarias de educação.

Parágrafo único. A formação de tradutor e intérprete de Libras pode ser realizada por organizações da sociedade civil representativas da comunidade surda, desde que o certificado seja convalidado por uma das instituições referidas no inciso III¹⁶ (BRASIL, 2005).

Em 2012, se formaram as primeiras turmas de Letras-Libras, Bacharelado, em instituições públicas federais. A graduação na área de tradução e interpretação começou a ser reconhecida, mas mesmo assim era uma graduação, formando Tradutores Intérprete de Libras para atuarem na educação em geral. Mesmo os TILS realizando uma formação educacional, às vezes, atuam em ambientes não educacionais, como, por exemplo, na saúde, segurança, área jurídica, no meio artístico entre outros locais. Contudo, mesmo no campo da educação não é tudo igual, uma vez que a grande maioria dos concursos exige somente Ensino Médio e curso específico da área de TILS. Tal realidade é legitimada com a pesquisa de Goulart, a qual relata que:

Nos concursos destinados a preencher vagas de tradutor/intérprete de Libras, em instituições federais, os cargos previstos são para pessoal de nível médio. Os editais requerem, como formação, o Ensino Médio e a comprovação de proficiência na língua de sinais – PROLIBRAS. (GOULART, 2017, p. 33).

A autora Goulart (2017), em sua dissertação, no capítulo 1.1, em que trata do tema “*Avaliação, certificação e ingresso na carreira*”, seleciona três editais de cada ano (2013 à 2016) para analisar qual era a formação exigida para atuar como

¹⁵ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12319.htm>. Acesso em: 19 Jan. 2018.

¹⁶ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 19 Jan. 2018.

Tradutor Intérprete de Libras no Ensino Superior. A seguir, o quadro 3, apresenta uma síntese dos resultados pesquisados pela autora em sua dissertação:

Tabela 3:Editais de concursos públicos analisados entre os anos de 2013 e 2016

2013			
Edital/Ano	Universidade	Enquadramento funcional	Formação exigida
237/2013	Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA	Tradutor e Intérprete de linguagem dos sinais.	Certificado de conclusão de curso de nível Médio Profissionalizante ou Médio Completo (antigo segundo grau) e proficiência em Libras, expedidos por Instituição de ensino reconhecida no país.
001/2013	Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA	Tradutor e Intérprete de linguagem dos sinais.	Ensino Médio Profissionalizante na área ou Ensino Médio Completo e proficiência em Libras.
133/2013	Universidade Federal de Uberlândia - UFU	Tradutor e Intérprete de linguagem dos sinais.	Ensino Médio concluído e Certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação de Libras/ Língua Portuguesa/ Libras.
2014			
Edital/Ano	Universidade	Enquadramento funcional	Formação exigida
003/2014	Fundação Universidade Federal do ACRE - FUFAC	Tradutor e Intérprete de linguagem dos sinais.	Ensino Médio + proficiência e Libras - PROLIBRAS

007/2014	Universidade Federal de Santa Maria - UFSM	Tradutor e Intérprete de linguagem dos sinais	Ensino Médio + proficiência e Libras - PROLIBRAS
083/2014	Universidade Federal de Lavras - MG	Tradutor e Intérprete de linguagem dos sinais	Ensino Médio Profissionalizante na área ou Ensino Médio Completo + PROLIBRAS
2015			
Edital/Ano	Universidade	Enquadramento funcional	Formação exigida
10/2015	Universidade Federal do Rio Grande do SUL - URG	Tradutor e Intérprete da linguagem dos sinais	Ensino Médio + proficiência e Libras - PROLIBRAS
323/2015	Universidade Federal do Paraná - UFPR	Tradutor e Intérprete da linguagem dos sinais	Ensino Médio + proficiência e Libras - PROLIBRAS
001/2015	Universidade Federal de São João Del Rei - UFSJ	Tradutor e Intérprete da linguagem dos sinais	Ensino Médio + proficiência e Libras - PROLIBRAS
2016			
Edital/Ano	Universidade	Enquadramento funcional	Formação exigida
004/2016	Universidade Federal do Rio Grande - FURG	Tradutor e Intérprete da linguagem dos sinais	Ensino Médio + proficiência e Libras - PROLIBRAS
22/2016	Universidade Federal do Amazonas - UFAM	Tradutor e Intérprete da linguagem dos sinais	Ensino Médio completo com certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação de Libras/Lingua Portuguesa/Libras, em nível médio.
015/2016	Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC	Tradutor e Intérprete da linguagem dos sinais E Tradutor Intérprete de LIBRAS	Ensino Médio + proficiência e Libras - PROLIBRAS E Curso superior em Letras

Fonte: www.pciconcursos.com.br/concursos/vagas/interprete-de-libras.

Fonte: Goulart (2017, p. 33).

Todavia, este princípio foi retificado na Lei 13.146, de 6 de julho de 2015 – Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, no qual consta, no capítulo IV, do “Direito a Educação”, Art. 28, § 2º, II que:

II - os tradutores e intérpretes da Libras, quando direcionados à tarefa de interpretar nas salas de aula dos cursos de graduação e pós-graduação, devem possuir **nível superior**, com habilitação, prioritariamente, em Tradução e Interpretação em Libras¹⁷ (grifo meu) (BRASIL, 2015).

Cabe ressaltar que essa lei encontra-se em vigor e o § 2º, II entra em vigência somente 48 meses após a entrada em vigor da lei. Trago esses excertos da lei para evidenciar que mesmo os TILS atuando em nível superior na graduação e pós-graduação, até o momento não é obrigatório o Tradutor Intérprete de Libras também ter graduação.

2.2 – Afinal, quem é realmente “normal”?

Gostaria de esclarecer que pode haver duas perspectivas do sujeito surdo, sendo uma a compreensão de surdez ao longo da história, que vai definindo enquanto sujeito objeto da medicina, da doença, da necessidade de correção e de cura. Quadros, afirma que:

O ponto de vista da surdez como ausência de audição define as pessoas surdas como deficientes. Dessa forma, as línguas de sinais não são consideradas línguas, mas sim instrumentos para “ajudar” essas pessoas a se tornarem melhores (“normais”) ou serem “curadas” da surdez. O sonho da cura da surdez impacta materialmente na comunidade surda, uma vez que é uma tentativa de atribuir aos surdos a incapacidade de serem ouvintes (QUADROS, 2016, p. 25).

Há um discurso e um olhar histórico sobre o sujeito surdo que desencadeia a primeira perspectiva que é a clínico-terapêutica, onde a noção de deficiência é o ponto central. Essa questão é ainda mais complexa, pois inclui também a perspectiva médica que vê o surdo a partir da perda sensorial (SKLIAR,1998; MIRANDA, 2001).

A segunda é a perspectiva socioantropológica de surdez. Essa é a concepção na qual vou basear o meu trabalho, a partir da ideia de que os surdos formam grupos sociais que têm interesses, propósitos, lutas e direitos em comum e, quando necessário, utilizam o trabalho dos profissionais TILS para a sua comunicação.

¹⁷ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em: 10 dez. 2017.

Nessa perspectiva, o sujeito surdo não é marcado pela ausência da audição, mas pela diferença linguística, cultural, onde interage com o mundo por experiências visuais. A Libras é um dos fatos fundamentais da cultura surda. Nesse sentido, Strobel¹⁸, afirma que:

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois, é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal (STROBEL, 2008, p. 44).

Ao analisar a história da cultura surda, vê-se que ela foi marcada por muitos estereótipos, seja através da cultura dominante ou dos entendimentos sociais que descrevem o povo surdo¹⁹ como seres deficientes, anormais, defeituosos, doentes, o que faz com que alguns ainda lidem com eles como se tivessem uma doença contagiosa.

Sendo assim, qual o conceito que se traz sobre cultura surda? Ou melhor, há de fato uma cultura surda? O povo surdo produz cultura? Conforme Santos (1994, p.35), “pode-se falar de cultura a respeito de qualquer povo, nação, grupo ou sociedade humana. Considera-se como cultura todas as maneiras de existência humana”.

E, se todas as maneiras de “existência humana” são consideradas, então os surdos, que são humanos, também se enquadram nessa afirmação, ou seja, sim, o surdo tem cultura. Infelizmente, certa parte da sociedade não entende que não há somente uma única cultura e sim uma multiplicidade de culturas. Segundo Hall (1997), “nas teorias do campo dos Estudos Culturais, a cultura que temos determina uma forma de ver, de interpretar, de ser, de explicar e de compreender o mundo” (*apud* STROBEL, 2008).

Desse modo, quando o termo “surdo” é mencionado, qual é a imagem que vem à mente de algumas pessoas? Uma parcela acha que os surdos são “coitadinhos”, “defeituosos”, “faltando algo”. Eu já escutei aberrações como:

¹⁸ No referido livro a autora tem uma longa história junto aos movimentos surdos brasileiros e discute, em oito capítulos do livro, acerca das teorias e conceitos de cultura e do quanto é fundamental a construção de um outro olhar sobre os surdos, ou melhor, a partir do olhar de uma surda que transita entre os mundos surdos e não surdos.

¹⁹ Povo surdo: Conjunto de sujeitos surdos que não habitam o mesmo local, mas estão ligados por uma origem, tais como a cultura surda, usam a língua de sinais, têm costumes e interesses semelhantes, histórias e tradições comuns e qualquer outro laço compartilhado (STROBEL, 2006, p. 6).

– *Ele é surdo? Mas tem as orelhas!*

Uma fração deduz que os surdos vivem isolados, não conseguem ser independentes, e que, para se integrarem, precisam adquirir a cultura ouvinte, isto é, para ter uma vida dita “normal” é preciso ouvir e falar.

Estas representações imaginárias estão completamente equivocadas, pois os povos surdos não vivem isolados e incomunicáveis, mas sim sua maneira de agir, de viver e de falar são diferentes daqueles sujeitos ouvintes. Às vezes, para uma comunidade ouvinte, o nascimento de uma criança surda é uma catástrofe porque todos estão acostumados com um padrão “normalizador” para integrar a vida social, uma vez que grande parte da sociedade, também acaba por não conhecer o “mundo dos surdos”.

Ao contrário dos ouvintes, na maioria das vezes o povo surdo acolhe o nascimento de cada criança surda como uma dádiva preciosa, o que é evidenciado nas várias gerações de famílias. Tratando sobre as questões familiares de ouvintes com filhos surdos e das famílias de surdos com filhos surdos, Strobel, relata que:

O nascimento de uma criança surda é um acontecimento alegre na existência para a maioria das famílias surdas, pois é uma ocorrência naturalmente benquista pelo povo surdo que não vêem nesta criança um “problema social” como ocorre com a maioria das famílias ouvintes. [...] Quando o médico apresenta o diagnóstico da surdez, os pais ficam chocados, deprimem-se e culpam-se por terem gerado um filho dito “não normal” e ficam frustrados porque veem nele um sonho desfeito. Então, essas famílias alimentam esperança de “cura” dessa “deficiência”, ficam ansiosos e questionam: será que o meu filho surdo um dia ouvirá? (STROBEL, 2008, p. 49).

Segundo o discurso ouvintista²⁰, o sujeito surdo, para estar bem integrado à sociedade, deveria se adaptar à cultura ouvinte, porque somente assim poderia viver “normalmente”. Simplesmente porque os surdos não ouvem, não significa dizer que toda a pessoa surda no mundo compartilha da mesma cultura.

Os surdos que vivem no Brasil são membros da cultura surda brasileira, da mesma forma que os surdos japoneses são membros da cultura surda do Japão, os surdos americanos são membros da cultura surda norte-americana e assim por diante. Tais grupos representam usuários de línguas de sinais diferentes, com experiências de vidas diferentes, costumes diferentes, enfim, a cultura surda é como

²⁰ Ouvintista: segundo Skliar, “é um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte”(1998, p. 15).

algo que penetra na pele do povo surdo que participa das comunidades surdas, que compartilham entre si um conjunto de valores, histórias, costumes, crenças e de comportamento. Campos e Stumpf afirmam:

A cultura surda tem na sua língua de sinais a mais forte conotação de identidade. Os surdos se reconhecem e são reconhecidos pelas suas línguas de sinais. Diferentes entre si, correspondendo aos diversos países em quais pertencem, elas constituem um fator poderoso de identificação entre muitas culturas surdas por sua modalidade espaço-visual (CAMPOS; STUMPF, 2012, p. 177).

Mesmo os surdos brasileiros, membros da cultura brasileira, são diferentes. Portanto, isso não significa dizer que a Língua Brasileira de Sinais – que é um dos principais marcadores identitários da cultura surda – seja utilizada da mesma forma por todos os surdos brasileiros, pois ela está sujeita às variações regionais, adequando-se aos aspectos históricos, sociais e culturais dessas grandes diversidades de comunidades surdas. Logo, cada grupo é organizado de maneira diferente, de acordo com os mesmos interesses entre eles, tais como a raça, religião, profissão entre outras características distintivas. Desse modo, os autores surdos Perlin e Miranda (2003) complementam:

Experiência visual significa a utilização da visão, em (substituição total à audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia de leitura (PERLIN; MIRANDA, 2003 *apud* STROBEL, 2008).

Essas percepções visuais se constroem através de expressões faciais e corporais, do comportamento de seres vivos e de objetos em diferentes situações. Através de uma língua comum, que é a língua de sinais, é que vai se propiciar o acesso à linguagem, à identidade e à cultura surda, transmitida de forma natural dentro da comunidade surda. A língua de sinais é um aspecto fundamental da cultura surda. Nesse sentido, Strobel, afirma que:

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois, é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal (STROBEL, 2008, p. 44).

No entanto, essa língua também inclui os gestos denominados “sinais emergentes” ou “sinais caseiros”, oriundos dos sujeitos surdos de zona rural ou sujeitos surdos isolados de comunidade surdas²¹.

A visão clínica sobre o surdo ainda é muito forte, pois alguns médicos não utilizam a cultura surda, representada pelo seu mundo visual, e acabam se aproveitando da falta de conhecimento somada às fragilidades dessas famílias para manifestar seus interesses e, com isso, muitos pais veem estes profissionais da área da saúde como “deuses”, e encaminham seus filhos à escola inclusiva desde bebês, bem como a fonoaudiólogos, entre outros, antes mesmo de a criança adquirir sua língua e construir sua identidade.

Há dificuldade por grande parte da sociedade em conseguir entender a existência da cultura surda, pois a maioria acredita que tanto a cultura como a língua de sinais é universal²². Contudo, essa cultura surda e a língua de sinais, ao longo da história dos surdos, sofreram várias perseguições, mas, hoje, nas representações sociais, ambas estão passando por novas transformações para todo o povo surdo.

Não se pode deixar de mencionar que a inclusão dos surdos não ocorre somente no meio educacional, e sim que é preciso ocorrer efetivamente e com qualidade em todos os ambientes das sociedades como em restaurantes, lojas, área da saúde, judicial, enfim, em todos os ambientes de interação humana.

Por fim, não se pode separar a língua da sua cultura, pois uma não existe sem a outra: a língua não é mais importante que a cultura e a cultura não é mais importante que a língua, ou seja, elas se complementam e por isso não se pode separar a língua da cultura no ato de interpretar e traduzir. Desse modo, então, enfatizo com a escrita desse capítulo que, para falar uma língua, é necessário conhecer seu vocabulário, sua estrutura e apropriar-se de sua cultura.

²¹ Sinais caseiros correspondem aos gestos de construção simbólica inventados no âmbito familiar como estratégia de comunicação, uma vez que eles não têm conhecimento de sons, palavras ou de sinais.

²² Para maiores informações sobre esses temas ler o Livro: GESSER, A. Libras? Que Língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da Língua de Sinais e da realidade surda.



*3 - Diálogos entre a História
Oral e a minha pesquisa*

Nas salas de aula, aqui pensando nas aulas de Matemática, entendemos que o fato do TILS ser responsável pela sinalização, de certo modo, lhe atribui também certa responsabilidade no processo educativo, mesmo que, em geral, não participe das discussões do sistema de ensino e aprendizagem dos alunos surdos, assumindo uma postura “imparcial”, como explicada longamente no próprio código de ética. Segue um trecho dessa orientação para todos os TILS: “Não poderá emitir opiniões ou comentários no que ele próprio está interpretando, a não ser que perguntem sua opinião [...] Não é ele que está falando. Ele é apenas a ponte de ligação entre os dois lados” (QUADROS, 2004, p. 43).

O relato ratifica a descrição realizada no código de ética pela autora Quadros (2004, p.32), o qual é utilizado como modelo de conduta profissional. Conforme esse código, em seu capítulo um, Artigo 2º a seguinte orientação diz: “O Intérprete deve manter uma atitude imparcial durante o transcurso da interpretação, evitando interferências e opiniões próprias, a menos que seja requerido pelo grupo a fazê-lo”.

Dessa forma, o próprio código de ética orienta que os profissionais não deem a sua opinião sobre o processo de ensino e aprendizagem dos alunos surdos, caso não sejam solicitados. Este fato reduz a possibilidade de serem consideradas as reflexões desses profissionais, uma vez que, discutir sobre os processos de ensino e aprendizagem não faz parte de suas atribuições.

Cabe ressaltar que não estou afirmando que o TILS deva assumir a responsabilidade pedagógica, pertinente ao professor, mas que a Educação Matemática, enquanto área de reflexão sobre o ensino de Matemática, poderia se beneficiar caso possibilitasse que suas experiências fossem incluídas nas discussões, uma vez que este profissional inevitavelmente participa na Educação Matemática para surdos, em contextos inclusivos. Nessa lógica, Lacerda, sustenta que:

Não se trata de ocupar o lugar do professor ou de ter a tarefa de ensinar, mas a sua atuação em sala de aula, envolvendo tarefas educativas certamente o levará a práticas diferenciadas, já que o objeto nesse espaço não é apenas o de traduzir, mas também o de favorecer a aprendizagem por parte do aluno surdo (LACERDA, 2011, p. 33).

Infelizmente, uma determinada parte da população acredita que, tendo um Intérprete de Libras em sala de aula, contempla-se a inclusão, mas, na verdade, isso é um mito. Para ocorrer de fato uma aula acessível é necessário, no mínimo, ter o

professor como parceiro nesse processo de ensino e aprendizagem. Neste sentido, Lacerda, destaca que:

Uma escola que se quer inclusiva precisa abrir espaço para a participação do intérprete das discussões de planejamento e organização das estratégias educacionais, uma vez que a surdez remete a um modo visual de apreensão do mundo, que quando respeitado/favorecido pode possibilitar maiores oportunidades de desenvolvimento à pessoa surda (LACERDA, 2010, p. 125).

A partir desta afirmação de Lacerda, cabe destacar que a atuação do Intérprete de Libras como parceiro do professor pode, em relação à educação do aluno surdo, contribuir significativamente com todo esse processo escolar. Muitos dos professores que acabam em algum momento de sua trajetória profissional tendo que ministrar aula para alunos surdos são educadores que caíram de “para-quedas” em turmas com alunos surdos, pois boa parte dos docentes não tem a oportunidade de vivenciar discussões a respeito da escolarização de estudantes surdos. Conforme Lacerda:

A presença do Intérprete em sala de aula e o uso da língua de sinais não garantem que as condições específicas da surdez sejam contempladas e respeitadas nas atividades pedagógicas. Se a escola não atentar para a metodologia utilizada e currículo proposto, as práticas acadêmicas podem ser bastante inacessíveis ao aluno surdo, apesar da presença do intérprete (LACERDA, 2010, p. 128).

Nesta complexa relação entre qualidade do ensino, currículo, metodologia e cotidiano escolar estão os profissionais Tradutores Intérpretes de Libras, com a sua função de traduzir e interpretar os conteúdos escolares para a Libras, a fim de que os alunos surdos tenham acesso ao conhecimento escolar e de mundo.

Aí é que entra a História Oral como ferramenta para fazer esse diálogo entre Educação Matemática e os Tradutores Intérprete de Libras, ao nos propormos a ouvir os TILS e trazer suas narrativas para que possam ser oferecidas para a Educação Matemática como possibilidade de reflexão sobre a Educação de Surdos. Entendo narrativas assim como Rios:

[...] as narrativas são consideradas como elaborações produzidas pelos entrevistados a respeito daquilo que viveram e que estão impregnadas pelo modo como ainda se relacionam com seu passado e pelos significados que lhe atribuem no tempo presente. Além disso, é preciso dizer que tais elaborações são produzidas durante ocasiões (as entrevistas) em que certa tensão está estabelecida, seja por condicionantes sociais que ainda regulam o entrevistado, seja pela presença de um ouvinte (pesquisador) que não lhe é familiar (RIOS, 2016, p. 1225).

Cabe indicar aqui algumas poucas discussões sobre os aspectos teórico-metodológicos da História Oral que dialogam com essa pesquisa, a qual se aproxima da posição de Garnica, a respeito do que vem a ser a História Oral:

Um método de pesquisa qualitativa que não difere, em geral, dos demais métodos qualitativos: compartilha com eles alguns dos princípios mais essenciais e elementares, mas deles difere por ter, dentre suas expectativas iniciais, não somente amarrar compreensões a partir de descrições, mas constituir documentos “históricos”, registros do outro, “textos provocados”. [...] São, portanto, sempre potenciais fontes históricas, cabendo a alguém aproveitá-las assim ou não (GARNICA, 2008, p. 130).

Tal perspectiva se ocupa a dar visibilidade a discursos de sujeitos que passam despercebidos nos discursos públicos mais tradicionais. Segundo Souza e Silva:

É fato que o documento por si só nada diz, e desse modo, é possível olhar para diversos tipos com diferentes olhares, e deslocar a atenção do centro para as margens. No entanto, os registros de outrora são comumente deixados por aqueles que tinham alguma posição de destaque na sociedade. E os demais participantes da história? Nesse sentido, a história oral pode trazer contribuições. Entendida como uma prática significativa para a ampliação de fontes distintas daquelas tidas como oficiais, como “verdadeiras” possibilita o trabalho com múltiplas perspectivas (SOUZA; SILVA, 2015, p. 36).

Como defendido por Souza e Silva, a História Oral se propõe a trabalhar com uma multiplicidade de narrativas, não focando somente na percepção de um grupo sobre o ocorrido, mas oportunizando que outras versões sejam narradas. Nesse trecho também se explicita que eu posso falar com essas pessoas, ou seja, os Tradutores Intérprete de Libras, e que elas têm contribuições a dar nesta pesquisa.

A multiplicidade de narrativas que a História Oral proporciona e se ocupa, possibilita uma produção, historiográfica ou não, a partir das vozes dos diversos grupos ou narradores. Por isso, ao fazer a dissertação, realizei entrevistas com os profissionais TILS, importantes atores sociais na Educação Matemática para surdos, que contaram como se sentiam e se sentem ao fazerem parte desse processo, quando interpretam as aulas de Matemática no Ensino Superior. Um aspecto importante para a dissertação foi decidir sobre quais sujeitos iriam participar das entrevistas, pois, conforme Alberti:

Fazer história oral não é simplesmente sair com um gravador em punho, algumas perguntas na cabeça e entrevistar aqueles que cruzam nosso caminho à disposição de falar um pouco sobre suas vidas. Essa noção

simplificada pode resultar em um punhado de gravações, de pouca ou nenhuma utilidade, que permanecem guardadas sem que se saiba muito bem o que fazer com elas (ALBERTI, 2013, p. 37).

Por isso, foi considerado que, mesmo que escolhesse universidades diferentes em diversas regiões do Rio Grande do Sul, o conjunto de TILS que ali atuasse seria, relativamente, próximo e, por isso, poderia ter experiências muito semelhantes. Assim, foi gasto certo tempo para planejar qual seria o grupo de Intérprete de Libras abordado para participar das entrevistas, de modo a encontrar uma variedade de experiências desses profissionais e, com isso, oferecer um conjunto mais amplo possível de narrativas para complementar as discussões existentes sobre o ensino de Matemática para surdos.

Sobre a escolha do grupo de entrevistados, quando comecei a pensar em quais profissionais iria entrevistar, a primeira delimitação considerada foi escolher TILS formados na área da Matemática e que atuassem no Ensino Superior com disciplinas de Matemática em algum curso na cidade de Pelotas. Esse é um grupo muito restrito de profissionais; mais especificamente, existem apenas dois TILS formados na área de Matemática em Pelotas que atuam ou já atuaram no nível superior com disciplinas de Matemática. Um deles sou eu.

Após refletir e considerar que esse seria um grupo muito restrito de TILS, pois eu própria não iria me entrevistar e, portanto, restaria somente um TILS nessa categoria, tomei a decisão de ampliar a delimitação de TILS com formação em Matemática para TILS com formação superior em qualquer área e TILS sem formação em nível superior.

Um perfil definido foi um TILS com formação específica na área da Matemática. A necessidade de entrevistar um TILS da área de Matemática foi para trazer elementos que puderam ajudar a refletir se a formação na Matemática pode ser destacada por auxiliar no momento de interpretar as aulas considerando que, por conhecer os conceitos e terminologias específicos da área da Matemática, o TILS poderia contar com estratégias peculiares usadas na interpretação, nos casos em que não houvesse uma palavra correspondente em Libras.

O outro perfil que entrevistei foi daquele TILS que cursou Letras Libras Bacharelado²³. Este perfil foi escolhido devido a ser grande e cheio de mitos a

²³ TILS com formação em Letras Libras, porque tanto o decreto 5626/05 quanto a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, defendem que para atuarem na graduação e pós-graduação se dê prioridade aos profissionais com formação em cursos superiores de Tradução e

pressão sobre por esse profissional. No caso do participante já contatado nesta categoria, trata-se de alguém com uma particularidade muito interessante: ser Coda²⁴ (*Children of Deaf Adults*) – o termo pode ser traduzido para o português como filhos de pais surdos²⁵.

Um dos mitos é a referida pressão sobre os TILS que possuem a certificação de Letras-Libras/ Bacharelado, que pode ser explicada por se tratar de uma formação específica da área de tradução e interpretação, sendo interpretada por alguns como uma habilitação capaz de resolver todos os problemas de sinalização, de profissionais que não errariam os sinais e não precisariam de um TILS de apoio no momento da sua atuação.

O outro mito é ocasionado pelo senso comum daqueles que não conhecem a área de tradução e interpretação onde é corriqueiro ouvir que um Coda “nasce TILS” e, por consequência disso, não haveria a necessidade de uma certificação formal na área de tradução e interpretação.

Outro perfil que foi entrevistado foi o de alguém que não possuísse certificação em nível superior, pensando em contemplar TILS que, apesar de não possuírem o referido nível acadêmico, atuassem ou tivessem atuado no Ensino Superior, uma vez que, como já disse, os TILS que atuam em cursos de graduação e pós-graduação não são obrigados a ter certificação em nível superior antes de dezembro de 2020, de acordo com a Lei 13.146/15. Tal legislação irá alterar a legitimação da formação de TILS em nível médio, estabelecida no decreto 5.626/05 e que também foi reconhecida na lei de criação do cargo de Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais, lei nº 12.319/10. Infelizmente, após várias tentativas, por motivos particulares do TILS, não foi possível realizar a entrevista.

E, para contemplar outras perspectivas de TILS que atuam ou atuaram nas disciplinas de Matemática no Ensino Superior, procurei TILS com outras formações.

Interpretação, com habilitação em Libras - Língua Portuguesa. De acordo com Lei nº 13. 146/15, no capítulo IV, Inciso II “os tradutores e intérpretes da Libras, quando direcionados à tarefa de interpretar nas salas de aula dos cursos de graduação e pós-graduação, devem possuir nível superior, com habilitação, prioritariamente, em Tradução e Interpretação em Libras. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em: 14 fev. 2018.

²⁴ Um Coda, geralmente, cresceu em meio a duas culturas, duas línguas e experiências visuais, diferentemente de outras crianças que não são filhas de surdos. As pesquisas acadêmicas em torno de filhos de pais surdos ainda são recentes no Brasil. Grande parte desses estudos encontra-se na América do Norte e Europa (SOUZA, 2014, p. 35).

²⁵ No Brasil, ainda não foi criada uma sigla ou palavra específica para filhos de pais surdos, sendo assim, ainda é mantida a sigla utilizada nos EUA (SILVA, 2016, p. 25).

Na minha pesquisa, entrei em contato com quatro TILS de universidade públicas, sendo que três desses tinham formação em diferentes áreas e uma não tinha formação, mas nenhum dos quatro havia atuado com disciplinas de Matemática.

Então, continuando a procura, e para contemplá-la pelo menos em parte, encontrei outros dois perfis de TILS que atuam ou atuaram nas disciplinas de Matemática no Ensino Superior, sendo um que possui graduação em Letras Português/Inglês e outro com graduação em História.

Portanto, foram produzidas fontes a partir de quatro TILS com perfis de formação diferentes: um TILS com graduação em Letras-Português/Inglês, um TILS com graduação em História, um TILS com graduação em Matemática e um TILS com graduação em Letras-Libras Bacharelado.

3.1.1 – O trajeto das entrevistas

O contato com os entrevistados foi feito de modo informal, pessoalmente ou pelas redes sociais para TILS que conhecia e que atuavam no Ensino Superior, verificando se já haviam atuado em disciplinas de Matemática. Um das estratégias para encontrar o próximo Intérprete de Libras foi usar o critério de rede, isto é, assim que conversava com o Tradutor Intérprete de Libras, no final da fala eu pedia uma indicação de outro Intérprete que ele conhecia e que poderia ter atuado com Matemática. Conforme Garnica, método de rede é:

Ainda que metodologia não se reduza, sob nossa perspectiva, a um conjunto de ações, existem procedimentos relativamente estáveis que temos seguido nas pesquisas com História Oral, quais sejam: (a) a questão diretriz da pesquisa indica um grupo inicial de depoentes cuja memória é julgada importante para compreender o tema levantado pela questão diretriz. Ao serem convidados para participar da pesquisa, esses depoentes usualmente indicam outros depoentes – é o que se chama “critério de rede” para a formação do núcleo de colaboradores do trabalho (GARNICA, 2003, p. 12).

Quando entrava em contato com o TILS, primeiramente me apresentava e explicava o tema da minha pesquisa, e perguntava se ele havia atuado ou estava atuando em disciplinas de Matemática no nível superior. Caso a resposta fosse positiva, eu realizava o convite, perguntando se aceitaria conceder uma entrevista a minha dissertação. Caso a resposta fosse negativa, eu perguntava se conhecia outro TILS que atuasse no nível superior com disciplinas de Matemática.

Após identificar o grupo de Intérprete de Libras que iria abordar nessa dissertação, o seguinte passo foi a elaboração do termo de consentimento livre esclarecido, no qual o Intérprete, se fosse necessário, teria a liberdade de usar um pseudônimo (Apêndice 1).

O entrevistador precisa ter algumas qualidades primordiais com o seu trabalho: ele deve dispor de interesse e respeitar os outros como pessoas; ter flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e, acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar (THOMPSON, 1992).

No decorrer da entrevista, os entrevistados tiveram a liberdade de narrar sobre a questão que estava sendo abordada, mas o entrevistador também fez parte da criação dessas fontes, pois, durante a entrevista, podem surgir novas informações que acabam estimulando o entrevistado com outras perguntas que não estavam previstas no meu roteiro. Sobre esse processo, Portelli, relata que:

Ao contrário da maioria dos documentos históricos, as fontes orais não são *encontradas*, mas *cocriadas* pelo historiador. Elas não existiriam sob a forma que existem sem a presença, o estímulo e o papel ativo do historiador na entrevista feita em campo. Fontes orais são geradas em uma troca dialética, a *entrevista*: literalmente uma troca de olhares. Nessa troca, perguntas e respostas não necessariamente em uma única direção. A agenda do historiador deve corresponder à agenda do narrador; mas o que o historiador quer saber pode não necessariamente coincidir com o que o narrador quer contar (PORTELLI, 2016, p. 10).

O local da entrevista foi combinado com cada entrevistado, pois, como relata Thompson (1992, p. 265), a entrevista “deve ser [em] um lugar em que o informante se sinta à vontade”. Além de afinar o local da entrevista, também o gravador tem um papel fundamental numa situação de entrevista. Conforme Alberti:

É claro que não se pode pensar em história oral sem o equipamento de gravação, de áudio ou vídeo: é o gravador que permite falar em produção de documento, no retorno à fonte, na montagem de acervos de depoimentos, na autenticidade de trechos transcritos e na análise de entrevistas (ALBERTI, 2013, p. 203).

No começo da entrevista, realizei a gravação das informações como, por exemplo, o local que estava sendo realizada a entrevista, a hora, um agradecimento pelo entrevistado ter aceitado o convite e outras informações que acredito que foram importantes.

No decorrer da entrevista, tinha impresso, o roteiro de perguntas que foi abordado (Apêndice 2) e utilizei a mesma folha para fazer anotações, como novas ideias ou dúvidas que não ficaram esclarecidas para que, em seguida, ao término da fala do TILS, eu pudesse pedir o esclarecimento que pudesse ter faltado no decorrer de alguma resposta. Quando achei necessário, durante o processo, em um momento oportuno, pedi para o entrevistado falar um pouco mais sobre determinado tema.

Portelli (2016) também menciona que, após finalizar a entrevista, é necessário o entrevistador demonstrar atenção com o entrevistado, pois a arte da escuta envolve respeito e não se demonstra respeito desligando o gravador, caso isso ocorra, mostrará que você não está mais interessado no que o entrevistado tem a dizer.

Depois que realizei a entrevista, fiz a transcrição dos áudios, os transformando em texto e retornando aos entrevistados a gravação acompanhada do texto para que esses pudessem realizar a revisão do que considerassem necessário.

Quando finalizei a transcrição, remarquei um encontro com o entrevistado para que ele acompanhasse a leitura da transcrição enquanto, ao mesmo tempo, ouvia o seu áudio. Depois de ouvir todo o áudio e feito os acertos necessários pelo entrevistado, pedi que assinasse cada folha da entrevista em texto. Após realizar os acertos solicitados pelo entrevistado, imprimi duas cópias das transcrições. Uma cópia para entregar ao entrevistado e outra para a minha pesquisa.

Novamente marquei um novo encontro para mostrar as alterações solicitadas e entregar a cópia da entrevista. Após o entrevistado rever o material, solicitei que novamente assinasse cada folha para que tomasse ciência de sua leitura e aprovação do mesmo, permitindo que essa versão aprovada ficasse disponibilizada nessa dissertação na íntegra. Portelli (2010) descreve que, após realizar a pesquisa, o entrevistador necessita ficar atento à devolução do material aos entrevistados, pois é um compromisso ético de quem pesquisou, valorizando aqueles que dedicaram tempo e compartilharam suas histórias.

Sobre os cuidados com a fonte oral, Alberti (2013, p. 64) destaca que, em “se tratando de uma gravação, em áudio ou em vídeo, a entrevista de história oral requer cuidados especiais tanto para sua produção como para sua preservação”.

Esse foi um dos motivos de garantir a cópia das entrevistas em diferentes lugares, como no próprio computador que utilizo, no *drive* do *Gmail*, entre outros locais.

A minha qualificação foi no dia 24 de abril de 2018, ocasião em que a banca sugeriu que eu fizesse a textualização das transcrições, pois com a realização desse processo iria diminuir as incorreções gramaticais, uma vez que “não há regras para textualizar e essa operação depende, fundamentalmente, da sensibilidade e do estilo de redação do pesquisador” (GARNICA; FERNANDES; SILVA, 2011, p. 231).

Gostaria de salientar que, antes de a textualização tornar-se pública e de fazer recortes nela, entreguei-a ao entrevistado para a sua apreciação, possibilitando possíveis alterações e recortes que considerasse necessário. Segundo Souza e Silva (2015, p.48): “Há um cuidado ético com as narrativas envolvidas que consistem na produção da textualização em conjunto com o entrevistado. Ao pesquisador cabe transcrever o texto literalmente, conforme se pode ouvir na gravação”.

Então, após a minha qualificação, eu realizei mais duas entrevistas (havia realizado duas entrevistas e suas transcrições para a qualificação), totalizando a realização de quatro entrevistas, transcrevendo as duas entrevistas novas e realizando a textualização das quatro entrevistas.

Logo após esse procedimento, novamente entrei em contato com os meus entrevistados para mostrar como ficou a textualização. Levei impresso o texto transcrito para que o entrevistado pudesse acompanhar as alterações realizadas na textualização. Após a aprovação dos entrevistados, dei início ao meu exercício analítico, que explicarei no capítulo 5. Esse consentimento do material transcrito, textualizado e revisado é realizado para que possa se utilizar a pesquisa em publicações e divulgações, com fins culturais e acadêmicos. Esses documentos encontram-se sob minha responsabilidade e serão preservados por, no mínimo, cinco anos, como prevê a legislação vigente.

No próximo capítulo apresento as textualizações resultantes das quatro entrevistas que realizei para o desenvolvimento desta pesquisa, identificando os entrevistados pelos nomes, como foi a preferência deles.



4 - E aí, o que dizem os TILS?

Nesse capítulo, apresento a textualização das transcrições das entrevistas de quatro Tradutores Intérprete de Libras que atuam ou atuaram em disciplinas de Matemática no Ensino Superior, seguindo a ordem da realização das entrevistas.

4.1. – Joseane Maciel Viana

A primeira entrevista foi realizada com a TILS Joseane Maciel Viana, no dia 03 de agosto de 2017, no prédio do Anglo da UFPel, e teve duração e 50' 54". Essa participante possui a formação de Técnico em Agropecuária e Graduação no Curso de Letras Português e Inglês e respectivas literaturas. Realizou uma Especialização em Educação - Ênfase em Educação de Surdos. Possui Capacitação em Tradução e Interpretação de Libras e certificados de Proficiência no Uso, Tradução, Interpretação e Ensino da Libras pelo MEC. Atualmente está realizando um Mestrado na área de Letras. É Tradutora Intérprete de Libras na UFPel e professora de surdos no Instituto Estadual de Educação Assis Brasil.

Nádia: Me fala um pouquinho da tua formação acadêmica e de Tradutor Intérprete de Libras.

Joseane: Eu estudei sempre em escola pública e, no Ensino Médio, eu fiz o Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça – CAVG, o que me levava diretamente para área das agrárias. Mas, no meio do caminho, claro que a pessoa viu que não era aquilo que era pra vida e queria mudar de curso. Nesse momento, pra mudar de curso, eu tinha que esperar o próximo vestibular, e como já estava matriculada na Agronomia eu resolvi fazer disciplinas especiais da Graduação em Português Inglês.

Quando eu fui me matricular como aluna especial, tinha somente duas disciplinas disponíveis que eram a Língua Latina e Língua Brasileira de Sinais, que eu não fazia a mínima ideia do que seria. Como eu podia fazer as duas, acabei me inscrevendo nas duas, e foi muito interessante porque, depois, essas duas disciplinas fizeram parte da minha vida acadêmica. A Libras porque eu me tornei Intérprete de Libras, e o Latim porque eu fui dois anos monitora de Língua Latina na universidade.

Como eu sempre fui muito “cara de pau”, eu queria mostrar que eu sabia. Aí, mostrando o que eu sabia, os surdos viram que eu sabia, e os surdos, vendo que eu

sabia, me pediam pra traduzir; me pedindo pra traduzir, me mandaram fazer o curso de Intérprete, aí sou eu!

Eu fiz cursos de Libras, curso de Capacitação de Tradutor Intérprete, mas nunca tive uma formação acadêmica em nível superior na área de Tradução e Interpretação.

Na Graduação em Português Inglês, eu aprendi a ser professora de Português e Inglês, mas nada relacionado com a Língua Brasileira de Sinais, apesar de ter feito estágio com surdos, através da Libras, mas usando a Libras para ensinar outras coisas e não trabalhando com essa Língua. Depois eu fui me especializando na Educação de Surdos. Eu fiz todas as formações para ser educadora de surdos. Agora, eu estou fazendo Mestrado em Letras sobre o trabalho com a Linguagem, e Estudos da Linguagem, com o foco no ensino de Português pra surdos.

Então, eu trabalho como Intérprete de Libras, tento ser a melhor que eu posso ser nessa área, mas o meu foco é muito mais na área de Ensino e Educação de Surdos, não educação num geral como seria a área da educação, mas uma educação linguística. Uma parte de política linguística é a área que mais me interessa.

Nádia: Há quanto tempo tu atua como Intérprete?

Joseane: Desde 2009. Em 2008, eu fiz o curso e, em 2009, eu comecei a trabalhar na prefeitura como contrato emergencial. Em 2010, eu parei porque era meu último ano da faculdade. Depois, em 2011, eu voltei a atuar como Intérprete e fui trabalhar na Câmara de Vereadores, a Câmara Municipal aqui de Pelotas, onde eu fiquei dois anos. Sempre trabalhei em mais de uma instituição. Em 2011, eu comecei na empresa que atua na inclusão de pessoas com deficiência na sociedade através do mercado de trabalho, a INCLUIR, sendo terceirizada para Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Trabalhei na Universidade Católica de Pelotas (UCPel) de 2012 a 2014. Saí da UCPel em 2014 porque comecei a trabalhar como professora de surdos no Instituto Estadual de Educação Assis Brasil. Em 2013, eu saí da Câmara e fui para a UFPel. No Assis Brasil, dou aula somente à noite, pra turma de Ensino Médio de surdos, primeiro, segundo e terceiro ano, turmas exclusivas de surdos. No primeiro ano, a gente está com doze alunos surdos. No segundo ano, tem três que vão à aula e no terceiro ano tem duas alunas. Eu tenho que trabalhar várias disciplinas, porque minha formação é Português Inglês e respectivas Literaturas. Então, eu trabalho

Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literatura de Língua Portuguesa nessas turmas. Nos últimos anos, eu fiz o Prolibras.

Nádia: Me fale sobre a tua experiência como Tradutor Intérprete de Libras nas disciplinas de Matemática.

Joseane: Como eu falei, a minha formação não é nada na área da Matemática, minha formação é na área da Letras. Eu já trabalhei no Colégio Municipal Pelotense traduzindo Matemática, Física e Química: tudo o que tinha muito cálculo. Na UCPel, num curso de Graduação em Matemática, e depois, aqui, na UFPel, com disciplinas de cálculo.

Pra mim, sempre foi bem difícil, até porque eu não conheço profundamente Matemática. Eu tenho facilidade de aprender, então eu presto atenção e consigo entender a lógica. Se me colocar para fazer as contas, eu posso não saber na hora calcular, posso me embaralhar um pouquinho, então nos meus estudos particulares eu sempre procurei entender o porquê tem aquela fórmula de Matemática? Por que aconteceu “isso?” ou “aquilo?”. Então quando eu vou traduzir Matemática, eu tento ir mais pela lógica: “Por que pegou daqui?” “Por que pegou dali?” Mas, como eu sempre fui contratada no Colégio Municipal Pelotense, por que na UCPel, eu não me sentia à vontade de virar para o professor e dizer:

- Professor! Quem sabe faz de “tal” maneira?

Na UFPel, eu tive essa oportunidade. Quando eu interpretava disciplinas de cálculo, eu tentava combinar com o professor estratégias de tradução, o que antes, nas outras instituições, eu não conseguia fazer.

Em uma das instituições em que eu atuei, nós éramos muito podadas:

- Tu ficas sentada e faz isso! É isso que tu tem que fazer!

Quando tinha aquelas contas enormes “X + mais não sei o que, vezes não sei o que, elevado a não sei quanto” a gente interpretava, mas eu tenho certeza que o surdo não olhava pra gente, só olhava para o quadro, pois era mais claro pra ele.

Nádia: Me conta como eram as tuas rotinas nas disciplinas de Matemática.

Joseane: No Colégio Municipal Pelotense, era Ensino Médio. O professor colocava:

- E agora vocês fazem esse exercício.

E aí a gente sinalizava:

- Faz isso “aqui”. Lembra essa fórmula? É “tal” fórmula.

Os alunos faziam os cálculos, porque o professor colocava o resultado no quadro e mostrava o porquê era daquela maneira e nós íamos traduzindo. No

Colégio Pelotense, eu me lembro que a gente ficava de pé. Na turma do primeiro ano – era uma turma bem grande de surdos –, então dava para caminhar junto com o professor pela sala.

Na UCPel, em alguns momentos, eu tinha que parar e tentar entender. Porque era um curso de Graduação em Licenciatura em Matemática, então não eram aquelas contas de Ensino Médio. Tinha muita coisa que eu nunca tinha visto na vida, e aí, como a gente tinha dois colegas que eram professores de Matemática, a gente acabava indo pra eles.

Um dos colegas gostava muito de explicar no quadro, então, às vezes, a gente brigava, porque eu perguntava uma coisa simples e ele queria fazer toda a conta no quadro. Explicava o porquê aquilo acontecia. E eu não preciso aprender a conta, preciso aprender como traduzir essa conta. Mas a gente tentava entender muito o conceito daquele cálculo, porque era muito complicado, principalmente pra mim, porque eu não sou da área.

Então eu tentava entender o porquê aquilo acontecia daquela forma, como o professor chegava naquela lógica, que tinha que fazer “tal” conta, para “tal” problema. Pensando na rotina, no que acontecia todos os dias, a gente chegava na sala de aula, sentava na frente da surda e tudo o que professor falasse a gente ia traduzindo. Teve um professor da Graduação em Matemática que eu traduzi muito. Ele falava:

– Ah, então “X” não sei o quê, menos não sei o quê.

Ele ia falando o que estava escrevendo no quadro, então, para os ouvintes, isso era ótimo, mas para a surda, ela não sabia para onde olhava, porque tudo o que o professor falava, eu estava traduzindo, então ou ela olhava pra mim, que era um embaralho, ou olhava para o quadro. Acredito que o “melhor intérprete do mundo” não iria sinalizar uma expressão gramatical, uma equação de quase cinco variáveis, “a, b, c, d”. Quando entrava em limites e derivadas já havia sinais que estavam sendo criados. Eu aprendi muito, naquela época, o porquê do sinal, por que o sinal trazia o conceito junto. Então, quando eu aprendia o sinal, eu ligava o conceito, e isso ajudava a sinalizar. Mas, se a surda não soubesse o conceito, já ferrava tudo.

Nádia: Me fale mais sobre a rotina antes das aulas.

Joseane: Dependia muito da aula, vou ser bem sincera. Tinha aulas que eram imprevisíveis, não sabíamos exatamente o que o professor ia fazer. Tinha aulas também teóricas, então a gente tinha como estudar alguma coisa. Mas é como eu te

disse, esse meu colega que estudava Matemática, ele explicava muita coisa pra nós, ele, em alguns momentos, era colega da pessoa surda e em outros momentos era Intérprete de Libras.

Em uma das instituições, os professores não passavam materiais pra gente poder estudar, a gente meio que buscava alguma coisa. Eu sinceramente busco muito pouco porque acabo me embaralhando mais do que me ajudando, e como eu não sou da área, por exemplo, se eu for por um lado, tentando entender o porquê de o professor estar explicando aquilo, que era o uso de cálculo, limites, derivadas, coisas assim, se eu fosse por um lado e, na hora, o professor fosse fazer sua prática, aquilo tudo o que eu estudei não me ajudaria tanto, sabe?

O que a gente tentava, eu pelo menos, eu Joseane tentei sempre compreender, era a sequência da aula, o contexto que ele vinha seguindo. Porque não me adiantava muito estudar fora, então eu fazia: *“Nessa aula ele explicou tal coisa, tal coisa e tal coisa. Então, isso daqui, eu tenho que guardar pra próxima aula”*. O meu antes da aula é tentar lembrar o que ele falou da aula passada: *“tal coisa, tal coisa e tal coisa”*.

Aí, quando ele passava as tarefas pra casa, e trabalhos para a próxima aula em cima da tarefa pra casa: Deu! Acabou toda a minha preparação! [Risos]. Por que eu estava tentando gravar da aula passada, pra eu saber qual era a lógica que ele ia seguir nessa aula, na aula seguinte. Mas, se tinha alguma coisa entre essas duas aulas, como aqui na UFPel se utiliza o “Ambiente Virtual²⁶”, que utiliza para atividades fora da sala de aula, e depois o professor vai trabalhar nas dúvidas dos alunos que estavam no Ambiente Virtual e aí não tem como estudar as dúvidas dos alunos, pois não se sabe o que poderá surgir

Infelizmente o professor ainda não está acostumado a trabalhar junto com Intérprete de Libras, pois na sala de aula o Intérprete é seu parceiro e se o Intérprete de Libras não traduzir bem a aula do professor, então o conteúdo não vai ser compreendida pelo aluno surdo. Ainda falta essa compreensão pelo professor.

Nádia: Me fale mais um pouco da rotina depois das aulas

²⁶ Os Ambientes Virtuais de Aprendizagem, mais conhecidos por AVA, têm origem na língua inglesa, *Learning Management System* ou LMS. São *softwares* que auxiliam na montagem de cursos acessíveis pela Internet. Eles são elaborados para ajudar os professores a disponibilizar e gerenciar conteúdos para seus alunos, além de permitir o acompanhamento constante do progresso dos estudantes. Geralmente, são utilizados como plataforma principal para EAD ou como ferramenta complementar às aulas presenciais. Fonte: <https://moodle.ufpel.edu.br/sysead/>. Acesso em: 08 set. 2017.

Joseane: Infelizmente, têm alguns surdos que procuram a gente pra tirar dúvida, porque acham que a gente entendeu. Então o professor diz:

- O "X" tem que mudar de lado

A gente vê que o surdo não fez isso, a gente dá uma "pitada":

- Oh! O professor falou!

Porque o surdo estava olhando para o caderno quando o professor falou.

- O professor falou que o "X" tem que trocar de lado.

Aí, às vezes, o surdo pensa que porque a gente disse isso, a gente sabe do conteúdo. Então, já tiveram surdos que me procuraram dizendo:

- Como é que eu faço isso aqui? Tu estavas lá! Tu sabes!

Eu digo:

- Não! Só traduzi na hora! Depois daquela aula eu traduzi outras aulas, outros contextos, outras coisas, que já substituíram o que eu usei de memória naquele momento.

Se fosse uma aula teórica, eu tentava gravar aquilo que ele tinha dito. Quando ele estava seguindo exercício, eu pesquisava que exercício foi antes, porque o professor poderia usar como exemplo na próxima aula. Mas não era um estudo muito focado.

A gente traduz várias disciplinas. Eu traduzia a disciplina de Matemática, de Cálculo, Ciências Sociais, Pedagogia, traduzia outras disciplinas que não envolviam aquele contexto específico, conhecimento que estava sendo desenvolvido naquela sala.

Nádia: Me conta sobre o processo de interpretação das disciplinas de Matemática.

Joseane: No colégio Pelotense, a gente atuava na maioria das vezes em dupla. Mas, naquela época, não se tinha a consciência para que servia a dupla. Então a gente tinha ainda muito o que conquistar. Mas, muitas vezes, acabava que os professores pediam para o Intérprete que estava de apoio fazer outra coisa. A dupla era vista como aquela pessoa que está descansando e não fazendo nada.

Já na UCPel, a nossa "luta" foi mais forte pela dupla, principalmente em disciplinas pesadas como a da Matemática. Eu lembro de a dupla ser uma pessoa, pelo menos ser da área ou próxima da área, o que ajudava muito, o que "me" ajudava muito. Às vezes nem sabia de onde o professor tirava o conceito que era do semestre passado, e eu ficava:

- O que é isso?

E a dupla me dava esse apoio. Eu não tenho conhecimento de Matemática, profundo, eu sabia o que estava sendo trabalhado na disciplina, e não o que vinha antes, o que era base pra eles, o que era pré-requisito para os alunos. Então esse trabalho em dupla pra mim era muito importante.

Na UFPel, a minha dupla não era da Matemática, era da área da Informática e outra vez tinha uma pessoa que era da área do Letras-Libras²⁷, ou seja, não tinha conhecimento profundo em Matemática. Era todo mundo perdido no mesmo barco. O que me ajudou, na UFPel, foi que o professor aceitou “dividir quadro comigo”. Combinamos assim:

- Desse lado tu escreve tal coisa, tal coisa, tal coisa, assim pra me ajudar.

Aí, a dupla ficava também mais atenta, porque como eu fico de costas para o professor quando estou traduzindo, eu pedia para o professor:

- Por favor, o senhor está usando várias fórmulas que eu desconheço. Eu preciso fazer a datilologia²⁸ do nome dessa fórmula, não tem sinal correspondente em Libras para essa fórmula.

O surdo não era muito ligado em criar sinais, então eu tinha que trabalhar muito pelo o que estava sendo dito pelo professor. Eu dizia para ele:

- Por favor, o senhor coloca aqui, bem atrás de mim (se o surdo tiver olhando para o quadro vai ver à direita) coloca as fórmulas que tu vai usar, faz um quadrinho, não usa esse canto, só deixa as fórmulas.

Pegar uma fórmula básica, que é a fórmula de Bhaskara. Até eu fazer a soletração manual: “F-Ó-R-M-U-L-A D-E B-H-A-S-K-A-R-A”, ele já está calculando em cima da fórmula de Bhaskara. Então podia apontar no canto do quadro onde tinha o espaço reservado para as fórmulas e sinalizar:

- Pega essa aqui!

Mas aí, às vezes, tinha cinco fórmulas, e até eu ver que fórmula ele fez, já perdia. Aí a minha dupla dizia se era a primeira, a segunda ou a terceira fórmula que o professor estava usando. Quando eu era o apoio, eu tentava anotar bastante: “É aquela fórmula que tem “três raízes!” Ou é aquela fórmula que ele coloca um “a” e “b” em cima de uma fração”. Então eu tento colocar algumas coisas assim, para

²⁷ Graduação em Letras Libras Bacharelado da UFSC.

²⁸ A datilologia é utilizada, normalmente, para soletrar nomes de pessoas, de lugares, de rótulos, ou para vocábulos não existentes na língua de sinais. É um meio de verificação, questionamento ou veiculação da ortografia de uma palavra em português (HONORA; FRIZANCO, 2010, p. 16).

poder me lembrar no final da aula e no início da outra aula, mais ou menos o que estava sendo trabalhado da aula anterior.

A gente já teve realidades em que os professores não queriam fazer intervalo e, às vezes, usando como argumento a questão da dupla, “*vocês estão em dupla, porque vocês querem intervalo?*”, e isso nos chateava muito. A gente luta bastante, porque o nosso cérebro funciona a todo o momento na aula, como eu estava dizendo, a minha dupla estava dizendo qual é a fórmula que ele estava usando ou fazendo uma anotação, então a gente fica muito cansado.

Em uma das instituições, eu lembro que as aulas eram à noite, então como eu trabalhava em outro lugar, eu já estava cansada nesse turno. E se não fizesse intervalo era horrível! Na outra instituição era à tarde, mas mesmo assim a gente cansa muito, porque depois de uma hora e meia, quase duas horas diárias, traduzindo aquele monte de número, aquele monte de fórmula e turmas grandes que falam todo mundo ao mesmo tempo, cada um tem uma dúvida diferente, a gente tentando traduzir todas as falas dos colegas, porque a dúvida dos ouvintes poderia ser a mesma dúvida do surdo.

Então, são duas coisas que são imprescindíveis quando você vai traduzir uma aula de Matemática. “*Ah! Mas só é meia hora!*” Às vezes é monitoria! “*Só um pouquinho*”. Tem que ter uma dupla! Mesmo a pessoa formada em Matemática não lembrava daquele conteúdo. Não é obrigatório lembrar, por exemplo, eu sou formada em Português Inglês e daqui a pouco eu posso precisar traduzir um surdo que está estudando Português Inglês e não sou obrigada a lembrar do conteúdo. Por exemplo, o “*eu lírico*” da Literatura que eu posso na hora não lembrar.

Então afirmo que são duas coisas imprescindíveis: **Intervalo e trabalho em dupla**. A partir de meia hora, não podemos abrir mão do trabalho em dupla e se for mais de uma hora tem que ter o intervalo para que a gente possa respirar um pouco e poder abstrair tudo aquilo ali que a gente traduziu, pois, muitas vezes, a gente vai no “automático”.

Nádia: Tem horário para estudo dos materiais?

Joseane: Agora tem. Antes era se sobrasse. Eu não me lembro de a gente estudar muito em um dos locais que eu trabalhei porque na nossa sala não tinha computador que funcionasse decentemente. Então era muito das nossas anotações nos intervalo de cafezinho.

Agora, aqui, na UFPel, a gente tem horário de estudo. Temos um e-mail que o professor manda os materiais e a partir daí a gente dá uma olhada no que vai ser trabalhado na sala de aula. O nosso estudo, ele é bem diferente do estudo de aluno, porque a gente estuda com um olhar de interpretação:

- *Como é que eu vou traduzir isso?*

E não:

- *Eu preciso aprender pra vida!*

Então, “*Como é que eu vou traduzir isso aqui agora?*”, porque eu vou usar na memória agora, e, depois de amanhã, eu vou usar a memória para outras coisas, então eu preciso saber como eu vou traduzir isso nesse momento e nesse contexto e com os recursos que eu tenho em sala de aula.

Por exemplo, aqui na UFPel, a gente teve a possibilidade de parar e conversar com os professores e alunos. Em uma das disciplinas que envolvia Matemática, o professor era cubano, então ele explicava Matemática num “*portunhol*”, e em alguns conteúdos eu tinha que ficar muito mais atenta para entender o que ele estava falando, pois, às vezes, esse professor usava palavras que não eram do Português, e aí complicava mais ainda.

Nádia: Como é a tua relação com os professores que ministram aula de Matemática?

Joseane: Em uma das instituições em que eu trabalhei, o professor sabia Libras, então “ela trabalhava em dupla”. Na outra instituição, era algo muito distante, o professor sabia que o Intérprete estava ali, sabia que o surdo estava ali, sabia da importância, mas estava se “lixando” para o Intérprete. A gente tinha que ficar sentado no nosso canto e não podia ficar de pé, porque a opinião dos alunos ouvintes era muito mais importante que a Acessibilidade da Universidade. Os alunos ouvintes diziam que o Intérprete estando de pé os atrapalhava de aprender! Só que eles não pensavam que todos estavam em Inclusão. O professor recebia essa opinião como a mais importante e acabava deixando os Intérpretes mais de lado, pelo menos na minha experiência.

Já aqui, na UFPel, foi bem legal, porque eu me lembro que tinha uma disciplina na Informática que envolvia cálculos, então tinha “*porque era negativo, era positivo*”, usava uma base da Matemática para trabalhar no sistema de Informática e eu me lembro que a gente pedia para o professor:

- *Sempre quando o senhor for fazer os slides, coloca tal coisa em azul e tal coisa em vermelho que a gente já combinou com o surdo que sempre quando for dessa cor (não me lembro o que a gente tinha combinado), mas sempre quando for tal cor, a gente vai usar tal raciocínio lógico Matemático. Se for usar outra cor, é tal raciocínio.*

E aí ele:

- *Ah tá! Tudo bem.*

Aí, um dia ele chegou em aula e disse:

- *Ai gurias! Me desculpa, eu fiz os slides e fiz as cores trocadas, mas agora eu anotei e na próxima aula eu vou fazer diferente!*

Então foi muito legal, porque essa relação já foi mais de compreensão. Nosso trabalho é em conjunto. O professor cubano tomou como prática colocar as fórmulas num canto do quadro e ir pegando as fórmulas desse canto e sempre no meio da aula ele perguntava se todo mundo estava entendendo, virava pra nós e perguntava se o surdo estava entendendo também. O surdo dizia que estava eu não sei se estava, mas ele dizia que estava. Então, assim, já era diferente das aulas que eu traduzia nas outras instituições.

Em outra instituição, teve uma vez que outra professora disse que era nova na faculdade, e ela achava que a surda era uma coitadinha. Então teve uma prova que a professora fez a prova para a surda. Em alguns momentos, a gente via que era uma estratégia da surda, pois a surda dizia:

- *Não quero usar os Intérpretes agora, não quero usar os Intérpretes!*

E a professora dizia:

- *Tá, tudo bem. O que foi?*

A professora não entendia a surda e a surda fazia uma expressão de que não estava conseguindo fazer a prova. Mas se ela não estava entendendo nada, por que ela não queria usar os Intérpretes? Nós estávamos ali no lado! Eu e a minha colega da época. Era uma estratégia dela! Era mentira, porque uma pessoa que não está conseguindo se comunicar e tem um Intérprete à disposição vai utilizar o Intérprete de Libras pra conseguir aprender e, naquele momento, eu me lembro de que não foi isso, ela simplesmente não queria e tanto foi que a professora desenhava o gráfico para a surda na prova.

Então, isso são coisas que vão acontecendo no decorrer, pois a gente vê essas situações e não dá para forçar a pessoa a usar o Intérprete de Libras. Claro

que a surda fez boa parte da prova sozinha, e eu me lembro desse caso específico, pois nós estávamos ali, ela dizia que não estava entendendo, que não queria usar o Intérprete, que ela queria usar a professora direto, queria se comunicar com a professora, mas ela não conseguia se comunicar com a professora! Então, por que ela não queria usar o Intérprete, né? Então, na minha versão, ela aproveitou aquele momento para a professora fazer a questão pra ela. Mas isso é na minha versão.

Eu acho interessante que uma vez aconteceu comigo num fórum de Pelotas que uma mãe de surdo disse:

- Eu traduzo para o meu filho porque elas não sabem interpretar, elas não vão saber interpretar meu filho.

E a juíza se colocou:

- Não! Elas são contratadas para isso e elas vão fazer isso, eu confio no trabalho delas! A senhora não foi contratada para interpretar. A senhora está aqui como testemunha, como parte do processo.

Então ela colocou cada um no seu lugar. Aí eu comparo essas duas situações entre o fórum e a sala de aula, e acredito que a professora deveria ter dito:

- Não! Só um pouquinho, as Intérpretes estão aqui para a nossa comunicação. Eu, professora, não consigo me comunicar contigo! Eu, professora, quero usar as Intérpretes!

Claro que a inclusão ainda está caminhando a passos lentos, mas tem professores que acham que o único que tem direito é o aluno surdo, mas a pessoa que não sabe Libras também tem direito de usar o Intérprete de Libras.

Na Universidade Federal, a gente consegue se impor mais por causa do concurso e, por isso, temos um respaldo maior para colocar nossas opiniões:

“Olha, o nosso trabalho funciona “assim” e vocês têm que aceitar!”

Claro que, por exemplo, tem professores que não mandam o material e a gente não tem como se preparar com antecedência para as aulas. A gente não vai forçar, não vai colocar uma “faca” no pescoço do professor, mas a gente consegue conversar e obter um respeito porque somos técnicos da universidade. É uma relação diferente do que eu tinha antes quando eu era somente contratada nas outras instituições.

Nádia: Como era a sua relação com o aluno surdo nas disciplinas de Matemática?

Joseane: Não dá para generalizar, mas, muitas vezes, eu vejo o surdo dizendo assim:

- *Vem aqui e explica pra mim.*

Eu digo:

- *Eu não vou explicar, vou interpretar e o professor é que vai explicar.*

Mas aí a gente tem que ficar retomando isso várias vezes até o aluno surdo entender. Não são todos. Tem aluno surdo que chega aqui e entende claramente quem é o Intérprete, e quem está explicando é o professor, e se professor não explica bem o Intérprete não vai conseguir interpretar bem. Então, tem alguns surdos com personalidade bem difíceis, como essa aluna surda da prova que eu falei, pois ela tinha uma personalidade que era: *“Eu não consigo fazer isso, a culpa nunca é minha! A culpa é do sistema, a culpa é do Intérprete, a culpa é do professor, a culpa é do colega que não quis me ajudar, a culpa é da minha mãe que me colocou no mundo!”* A culpa é de alguém, mas a culpa não é minha! Têm surdos assim.

Tem outros surdos, que não sei se é o mesmo caso, mas abrem mão da interpretação de Libras, mesmo num contexto muito pesado de Matemática. E já aconteceu comigo e eu nunca fiquei sabendo se foi porque a minha interpretação era ruim, pois nunca veio me dizer e sempre foi uma pessoa muito legal. Mas fiquei sabendo que esse surdo falou com outras pessoas e também pediu para não ter Intérprete de Libras nas suas aulas. Tem outros surdos que querem sempre Intérprete.

Depende da pessoa com quem eu estou lidando. Não são todos os alunos surdos que querem se aproveitar da interpretação, não são todos que querem se aproveitar da condição de surdo incluído. Tem alguns que sim! Mas a maioria não. Alguns do que eu trabalhei são bons alunos de cidadania, entendem o papel das pessoas, entendem o porquê estão ali e devem ser respeitados. Outros querem se aproveitar em certos momentos e outros momentos respeitam, mas, na maioria das vezes, querem se aproveitar, então, depende da pessoa surda que eu estou trabalhando.

Nádia: Detalha pra mim como é a interpretação dos sinais de Matemática?

Joseane: Uma coisa complicada é o nível, por exemplo: Se eu vou traduzir no Ensino Médio, têm vários sinais ou classificadores²⁹ que a gente utiliza que dá para

²⁹ Em Língua Brasileira de Sinais, os classificadores são configurações de mãos que, relacionadas à coisa, pessoa ou animal, funcionam como marcadores de concordância. São muito importantes, pois ajudam a construir sua estrutura sintática, com recursos corporais que possibilitam relações

entender. Já no Ensino Superior, tu tens que ter sinais para aquele termo específico e aí tu vai procurar na internet, e às vezes não tem.

Têm muitos sinais que foram criados na UCPel, por essa aluna surda, com um aluno ouvinte, Intérprete de Libras e colega dela. Então, na verdade, ele juntou duas coisas, ele sabia Libras e ele sabia Matemática, então com essa surda ele criou alguns sinais que nos auxiliava muito porque para palavras como “limites, derivadas, seno, cosseno, tangente, matrizes, matriz transposta” não havia um sinal correspondente em Libras e até utilizar um conceito, tentar explicar, terminava a aula.

Quando a gente entrou aqui na Engenharia da Computação a gente tentou utilizar esses sinais já combinados anteriormente, e, como o surdo da engenharia não era de criar sinais, então ele aceitava todos os sinais sugeridos. Só que eu não sabia se ele tinha entendido o conceito, pois era um caminho diferente do que a gente teve na outra instituição, pois lá a gente teve a criação do sinal, a surda estava junto e entendeu o conceito do porquê que era aquele sinal. Aí eu chego aqui na UFPel e tento usar o mesmo sinal:

- Esse sinal é combinado em outra universidade. Aceita usar esse sinal?

Mas se ele entendia aquele conceito eu não sei, pois precisa entender o conceito e saber raciocinar dentro daquela área e ele muitas vezes não sabia fazer os exercícios, ele fazia a pergunta:

- O que é derivada? O que é limite?

Não sabia calcular, então ele entendeu o que é derivada só porque tem ali aquela “vírgula” em cima? Aquela apóstrofe em cima? Ou é porque tem alguma outra coisa junto? E quando tem essa apóstrofe tem que fazer a fórmula derivada? Então eu não sei se ele entendeu o conceito, pois é diferente quando tu chega com o sinal da Matemática pronto e quando tu faz a criação do sinal com o aluno surdo.

Eu sinto que falta muito é Matemática básica nos surdos e então tu quer fazer referência a esse sinal por causa de tal coisa? Eles não sabem Matemática básica! A gente sabe que a educação de um modo geral está horrível, mas o ouvinte aprende matrizes lá no terceiro ano do Ensino Médio e eu não sei se o surdo aprende matrizes no terceiro ano do Ensino Médio e aí tu chega no primeiro,

gramaticais altamente abstratas. Para as línguas de sinais, a descrição, a reprodução da forma, o movimento e sua relação espacial são fundamentais, pois tornam mais claros e compreensíveis os significados do que se quer anunciar (HONORA; FRIZANCO, 2010, p. 29).

segundo semestre de Matemática ou de qualquer outro curso que use matrizes e aí ele vai saber fazer? E aí tu usa o sinal, ah tá bonito! Entendi porque é o sinal porque tem linhas e colunas, mas que cálculo que eu faço? Como eu uso matrizes? Como eu chego aos resultados que tem que chegar? Ele não teve Matemática básica no terceiro ano do Ensino Médio. O professor da faculdade, muitas vezes, não vai relembrar aquilo ali, não vai fazer uma revisão, vai tocar direto porque é interesse dele. No Assis Brasil, o professor diz:

- Olha, minha função aqui não é revisar conteúdo, então eu deixo eles usarem calculadora porque eu não quero saber se eles sabem fazer uma multiplicação, divisão, eles têm que saber colocar na calculadora a multiplicação e divisão dentro da fórmula que eu estou trabalhando pra seguir.

Eu tenho um colega que dá aula no primeiro ano e diz que eles não sabem fazer multiplicação, eles não sabem fazer MMC. Aí “perdem” um tempo tentando revisar isso pra que eles entendam o conceito daquilo ali, eu entendo que é uma coisa básica, porque quando eu for usar o sinal de Matemática lá na Faculdade, ele tem que saber por que é aquele sinal, fazer uma referência lá do Ensino Médio com toda a base que ele vem trazendo, e aí a gente tem uma discussão dentro da escola sobre o ensino de Matemática pra surdos: por que deixar eles usarem calculadora se eles não entendem o porquê da potencialização? Pois tu podes colocar direto na calculadora, sei lá eu, “três na quinta”, vai te dar o resultado. Agora, dentro de um contexto e dizer: “ah, esse é o mesmo principio da potencialização”, ferrô! Porque ele não teve a explicação do principio das regras da potencialização o porquê acontece daquele jeito, ele só aprendeu a colocar na calculadora e aí quando eu vou usar a potencialização ou alguma fórmula que tem referência complica. Enquanto os ouvintes estão num tiro de cinquenta metros, ele está num tiro de duzentos metros na corrida, entendeu? É muita coisa que faltou pra ele.

Aí eu volto da situação de usar sinais. Claro, na UCPel, como foi criado os sinais, ela sabia fazer os cálculos, ela sabia como aquilo foi criado, e aí eu chego aqui na UFPel com o sinal pronto, pergunto se a gente pode usar, porque a gente nunca impõe alguma coisa: “eu pelo menos usei lá tal sinal, quer?”. Isso em todas as disciplinas, com sinais de autores de tudo. “Quero, quero usar!”. E às vezes eles querem usar porque não estão a fim de ficar fazendo a datilologia de toda a palavra, vou ficar explicando sempre usando um classificador, querem usar aquele sinal porque é mais fácil, mas eles não sabem usar aquilo dentro do contexto. Então eu

não sei até que ponto usar os sinais da Matemática ajuda se o aluno não tiver a base da Matemática do Ensino Médio.

Pra mim, sempre foi uma coisa a se pensar, um ponto de dúvida, um ponto de questionamento, o que adianta eu usar o sinal de matriz, matriz transposta, de fórmula de Bhaskara, do delta (aquele que tem dentro da fórmula de Bhaskara) se ele não sabe o que significa? O professor falou, usa o sinal do outro lugar pra isso, mas o surdo não sabe o que isso significa, não sabe que cálculo ele tem que fazer. Claro que isso é um problema da educação, não é um problema só do uso do sinal. Mas o uso do sinal facilita na hora da tradução? Sim, facilita muito, mas para a aprendizagem do aluno surdo, eu não sei, depende muito do aluno que chega.

Nádia: Como é que ficou o registro desses sinais?

Joseane: Não tem. A gente vai passando uns para os outros. Agora, eu sei que teve uma colega aqui de Pelotas que fez um glossário de Matemática, mas às vezes são sinais que utilizam lá dentro da escola, e podem não ser utilizados fora da escola. Claro que ela fez uma pesquisa, com todo o respeito, mas são escolhas de tradução também, daqui a pouco tem uma limitação: “*Ah! Eu uso tal sinal desse jeito porque é mais fácil pra mim*”, mas é o único registro que eu sei, fora isso, o nosso caderninho de sala de aula, porque a gente registra muita coisa nesses caderninhos, de várias formas, ou eu escrevo: “*sinal de seno: faz com a mão tal coisa*”.

Tem uma colega que já sabe escrever³⁰ sinais, tudo bonitinho, mas também só ela entende, porque eu não sei ler aquilo ali, ou, se não, a gente faz um vídeo e compartilha tal sinal. Eu participo de grupos de sinais, o “Sinalário” e o “Manuário” é grupo nacional, então é muito interessante que às vezes a gente coloca um sinal ali, qualquer sinal, “*sinal de casa*”, e um sinal que, por exemplo, lá no Amazonas, eles mandam: “*sinal usado no Amazonas*”, eles botam. “*Sinal usado em São Paulo*”, eles botam. Aí tu consegues ver. Esse grupo não é usado pra pesquisa, é muito chato quando alguém percebe: “*Ah! Está usando esse grupo pra pesquisa!*” É pra interação mesmo, pra salvar Intérprete. Eu até penso, que às vezes, eu estou traduzindo uma disciplina por exemplo de “Ética” não sei alguma coisa, coloco ali:

- *Ah! E aí? Qual é o sinal de tal coisa?*

³⁰ O sistema de escrita para escrever a língua de sinais, isto é, o sistema de *Sign Writing* (SW) que, cada vez mais, está sendo disseminado pelo país, deixando para trás o mito de que a língua de sinais é ágrafa. O SW é um sistema de escrita visual direta de sinais, desenvolvido pela norte-americana Valerie Sutton (1998) (ESTELITA, 2007).

Então vamos lá! Porque o assunto é tão “*punk*” que se a gente for ficar escrevendo o nome, como, por exemplo, eu ainda não sei o sinal de “*Shakespeare*”, e então escrever no alfabeto manual “S-H-A-K-E-S-P-E-A-R-E” é uma tortura [risos]. Então qualquer sinal que vier de “*Shakespeare*”, eu pergunto para a pessoa:

-Posso usar agora?

-Pode!

Então eu continuo usando. Mas, eu não vejo muito registro que a gente possa buscar. Agora estão surgindo vários glossários. Uma das dificuldades é a região, o regionalismo, porque eu, como professora de Português, tenho vários sinais que eu não concordo, então daqui a pouco tem professor de Matemática que é Interprete ou tem professor de Matemática que é surdo, que vai ver o sinal que é feito lá em São Paulo, no Nordeste, e não vai concordar, não vai utilizar aqui. Então não adianta trazer esse glossário, esse dicionário que fizeram lá, como uma forma de registro.

Então acaba que é muita troca entre nós, ou os nossos caderninhos de dupla de sala de aula que são muitos importantes. Tem uma colega, dupla de sala de aula, que tem o caderninho todo em SW [*Sign Writing*]³¹, ela tem vários registros ali, muitos das Ciências Sociais, e que é muito legal, porque muitos sinais da Ciência Sociais são utilizados em outras disciplinas, por exemplo: Eu trabalho na Administração, ainda não começaram as disciplinas de cálculo na Administração; eu interpreto duas disciplinas, uma de pesquisa e uma de ética, eles usam muitas coisas que a gente usa nas Ciências Sociais, a gente já interpretou lá, então temos esses registros:

-Outro surdo já utilizou, quer?

-Quero!

Têm esses registros informais, não tem glossários em vídeo, por exemplo: “*O Rio Grande do Sul e os sinais da Matemática*”. Não tem! Tem algo próximo dessa colega que fez o mestrado, mas ainda não li o material dela. Todo material de glossário cai sempre na mesma problemática que é o regionalismo, e as escolhas de tradução, porque, às vezes, é mais fácil, dentro de um contexto, usar o mesmo sinal

³¹ Um dos sistemas de escrita de língua de sinais que está mais em evidência ultimamente é o chamado *Sign Writing* (SW). Ele foi inventado por Valerie Sutton em 1974, uma norte-americana [...]. O *Sign Writing* se trata de um sistema gráfico e esquemático de escrita de sinais que, com um mínimo de convenções gráficas, permite o registro de sinais com bastante naturalidade. É um sistema genérico, isto é, não é específico de nenhuma língua de sinais, motivo pelo qual pode ser usado para escrever a língua de sinais de qualquer país (STUMPF, 2016, p. 83- 84).

do que usar um sinal mais completo, porque não adianta eu usar o sinal, eu uso o sinal mais simplesinho e vai me ajudar mais, e quando eu for me aprofundando, aí eu vou trocar o sinal. Não! Não vou trocar porque os alunos já se acostumaram com aquilo ali, e aí é no Fundamental, Ensino Médio e aí vão indo, então chegam à UFPel com sinais bem básicos. Não! Aqui não é esse mesmo contexto.

Mas, de registro assim, da nossa área, lembro desse agora, na região, em outras regiões tem mais, tem glossários da Administração, tem glossários da Informática. “Juros” eu uso o mesmo sinal de “juros” de mil anos, quando eu aprendi lá no curso básico de Intérprete, mesmo usando esse, os surdos entendem, mas deve ter outros já, deve ter vários tipos de “juros” e quando tu estudas Matemática e Administração vai estudar vários tipos de “juros”, então deve ter outros sinais mais específicos, que ainda não chegaram a nós, a mim pelo menos.

4.2 – Bianca Langhinrichs Cunha

A segunda entrevista, foi realizada com a TILS Bianca Langhinrichs Cunha, no dia 23 de setembro de 2017, no prédio da Odontologia da UFPel, e teve duração de 1h 00’ 58”. A entrevistada fez um curso técnico de TILS, tem Graduação em História, é Especialista em Libras com ênfase em educação bilíngue pra Surdos e está realizando o Mestrado também na área de História. Atualmente é técnica administrativa educacional da FURG.

Nádia: Me fala sobre a sua formação.

Bianca: Sou formada em História-Bacharelado, faço mestrado também na área de História, trabalho com pesquisas. Eu comecei a fazer História antes de me profissionalizar como Intérprete, então a profissão de História surgiu antes. Surgiu um curso paralelo de Libras dentro da universidade, onde os acadêmicos, e a comunidade em geral, foram convidados a participar. Eu já tinha tido contato com a Libras e fui fazer o curso. Eu estudei todo o Ensino Fundamental numa escola inclusiva e alguns surdos estudavam na minha sala. Eu fui ao curso, mas a minha grade do curso de História era muito lotada, então eu fui só para desistir mesmo [risos]. “Vou assistir só à primeira aula e vou embora, não tenho condições de ficar”,

e aí, quando eu cheguei, tinha uma surda que ia dar aula e a presença de Intérpretes, e ali já fiquei:

- Nossa! Acho que isso aqui vai ser legal!

Me chamou muito a atenção e resolvi ficar. Fiz o curso básico de Libras e, ao longo da minha formação de História, ficava pensando no que eu iria trabalhar, o que eu iria fazer. Aí um dia me surgiu:

- Será que eu posso ser Intérprete?

E comecei a pesquisar na internet, ver o que precisava para ser Intérprete. Entrei em contato com a mesma Intérprete que estava traduzindo o curso no primeiro dia, falei com ela, porque eu vi a possibilidade de surgir cursos de formação aqui em Pelotas e aí ela me falou que coincidentemente ia sair um curso técnico de formação na cidade de Rio Grande. Fiz um curso técnico na cidade de Rio Grande, que tinha duração de 800 horas. Era um curso concentrado, sexta de noite e sábado pela manhã e tarde. Não tinha necessidade de saber Libras para ingressar no curso. Então a gente teve todos os níveis de Libras: Libras básico, intermediário, avançado, disciplinas de processo tradutórias, alguma práticas no estágio, português, enfim. Aí então me profissionalizei com esse curso técnico.

Comecei a atuar como Intérprete antes de acabar o curso, porque a universidade estava precisando de Tradutor, só que era um contrato, não tinha carteira assinada, as pessoas não recebiam direito, demorava um ou dois meses, então, pessoas iniciantes costumam pegar esse tipo de vaga. Não tinha pessoas dispostas a assumir essa vaga, e eu ainda não tinha terminado o curso. Uma das servidoras da instituição, que também era a minha professora no curso, entrou em contato comigo para saber do meu interesse. Eu falei que não sabia, mas ela me convenceu:

- Então tá, eu tenho interesse!

Acho era uma quinta-feira, ela disse:

- Segunda você começa!

Eu disse:

- Não! [risos].

- Segunda, já! Não! Como assim?

Aí foi! Eu comecei a atuar direto no Ensino Superior por essas questões de necessidade mesmo e por causa das oportunidades que foram surgindo. Tive a sorte de começar com profissionais incríveis, que me acolheram muito bem, que

entenderam o meu processo. Porque a gente está aprendendo, mas, logo que tu começa, não se tem prática nenhuma! Então tive a sorte de contar com profissionais que me apoiaram muito, assim, de eu já chegar ao Ensino Superior, sem ter nenhuma prática. E foi um susto grande, mas acho que para a minha constituição enquanto Intérprete foi muito importante, já começar nesse susto. Porque se pensar muito a gente não vai. Quando eu comecei atuar, ainda não tinha feito estágio. Tinha concluído todas as disciplinas de Libras e estava fazendo as disciplinas de Tradução, porque a gente tinha tradução para Libras e a tradução oral. E eu estava fazendo essas disciplinas, mas aí, como eu falei, peguei profissionais que entenderam isso e sabiam que o apoio ia ser muito mais do que isso, iam me dar uma grande aula, foi o que aconteceu. Eu também tenho uma pós em Libras.

Nádia: Me fala sobre a sua experiência de interpretar disciplinas de Matemática.

Bianca: Eu comecei traduzindo no curso de Pedagogia, meu contato foi diretamente por esse curso, mas, no meio do caminho, aconteceu que alguns Intérpretes saíram e eu fui atuar no curso de Ciências Contábeis. Eu não me lembro exatamente que disciplinas eu traduzi nesse momento, mas eu me lembro de ter esse contexto de números e cálculos. Em 2014, eu ingressei como servidora da instituição e, aí, eu comecei a traduzir. Eu já traduzi cálculo no curso de Oceanologia, era uma disciplina anual, mais de uma vez com o mesmo aluno, e nas Ciências Contábeis, eu traduzi Estatística 1. Traduzi para dois alunos diferentes e também para um deles mais de uma vez, então mais de uma vez a mesma disciplina, e, na Administração, também Estatística 1; também com dois alunos diferentes.

Nádia: A sua experiência em interpretar Matemática é somente na graduação?

Bianca: Sempre na graduação. Eu não tenho experiência no nível Fundamental e Médio. Vou falar um pouco da minha experiência. Eu acho bem complicado. Primeiro que minha área de formação é Humanas, então embora a nossa categoria não seja nível "E", e sim Ensino Médio, a gente sabe o quanto contribui às nossas formações. Eu tenho muita dificuldade nesses processos de traduções, porque a Matemática é muito visual, e o surdo é muito visual, e aí a gente, o Intérprete, fica no meio, com o contato visual com o aluno, o quadro e o professor. Então a gente teve algumas discussões para fazer a tradução em pé, confesso que na época fui um pouco contra porque eu não sabia como fazer isso, a gente não tinha tanta experiência de como ia ser esse processo.

De repente, você está sentado em algumas disciplinas e, em outras, simplesmente você está em pé, a gente não sabia como ia ser isso, e aí acabou que para padronizar todo mundo ficava sentado. E realmente é bem complicado, porque são fórmulas que as coisas se dispõem uma embaixo da outra, o professor lê e, daqui a pouco, ele já está na linha de baixo, e tu não se atinou, porque tu nem sempre tem acesso ao material, e, de repente, está o surdo me olhando, olhando para o quadro. Com alguns a gente foi adotando algumas metodologias, alguns surdos preferiam ficar olhando para o quadro e se tinham alguma dúvida nos olhavam e a gente sinalizava, então a gente foi criando metodologias de acordo com os surdos.

Teve um aluno na Administração que pediu pra gente não traduzir, era um caso especial porque ele fazia leitura labial. Então não traduzia e, quando era outro tipo de explicação, aí a gente fazia a tradução, mas isso era só especificamente na disciplina de Estatística. Tinha outro surdo que pedia para a gente ficar traduzindo, para qualquer momento que ele precisasse, ele nos olhava. A gente foi se adaptando conforme o contexto de cada um, conforme a gente foi conhecendo o aluno ele ia pedindo, a gente ia desenvolvendo estratégias de tradução.

Eu lembro que tinha um professor que não foi uma combinação nossa, mas partiu dele, e ele já ficou pegando alguns sinais. Ele nos perguntava, então, quando o aluno ia tirar dúvida, ele sinalizava, ele nos olhava, aí daí ele fazia, “*é mais, é menos.*” Alguns sinais ele fazia, e, inclusive, quando ele tinha um horário de apoio para os alunos, a gente não ia, ia só o surdo e ele preferia também direto com o aluno, ele nos perguntava sinais e desenvolveu uma autonomia, mas partiu dele, não foi nada construído com a gente.

Nádia: Me fala sobre a sua rotina.

Bianca: Nessas disciplinas de exatas eu não me lembro de a gente ter acesso aos materiais. Na preparação prévia, a gente desenvolve um procedimento de tradução, mas muitas coisas acabam acontecendo na hora porque quando eu traduzo disciplinas humanas, eles me mandam textos, aí eu leio textos, eu me aproprio de alguns conceitos. No caso da Matemática, por exemplo, eles fazem listas de exercícios, são coisas que se constroem, não sei como é o desenho daquele cálculo, cada um se dá de uma forma, eu não tenho propriedade, não sei como funciona. O estudo prévio não funcionava da maneira que gostaria, a não ser que fossem alguns textos.

Tinha um professor de cálculo que usava muitos textos, explicando a disciplina, então era mais fácil. Só com os números eu acho mais complicado esse estudo prévio, esse preparo, porque eu não sei como se constitui. O cálculo pra mim é de várias maneiras, então acho mais difícil ter uma preparação pra isso. Claro, eu tento saber o sinal, têm algumas fórmulas que a gente foi combinando sinais, mas o contexto em si não, eu pelo menos não tinha um tipo de preparo, tipo, “*ah! O que é que é agora?*”. Ia vendo os sinais e construindo com o aluno mesmo.

Nádia: Me fale mais sobre a sua rotina.

Bianca: No geral, o que a gente tem é assim: A gente tem um tempo da nossa carga horária na instituição, indiferente de qual matéria a gente vai traduzir. A nossa carga horária é dividida nas salas de aula e nas demandas de tradução, um momento para estudo e um momento para elaboração de projetos. Esses horários podem ir mudando conforme a necessidade, se a gente tem mais necessidade de estudo e não tem um projeto em andamento ou pode esperar, a gente vai fazendo essas trocas, e tem um momento que a gente chama de permanência, a gente fica à disposição para alguma demanda esporádica que apareça, a gente tem esse tempo de estudo, mas nem sempre ele acontece, a gente precisa que o professor envie o material. Às vezes, a gente conta também com o aluno que manda, mas agora também com as questões *online*, com as plataformas *online*, os alunos têm senha, tem *login* para acessar, e a gente não tem! Aconteceu de, por exemplo, eu tenho a minha matrícula e eu utilizar para acessar, mas enquanto servidora não tenho acesso. Mas aí são estratégias que a gente vai desenvolvendo. Já aconteceu da gente pedir para o aluno mandar o material. Mas ele falou assim:

- Desculpa, mas não é minha responsabilidade. Não posso ficar com essa responsabilidade de sempre mandar o material, a responsabilidade é do professor!

Tinha uma professora de Estatística que trabalhava sempre com o livro, então a gente tentava de alguma forma ter acesso ao livro, tirar xerox no nosso próprio instituto, para mais ou menos saber como acompanhar. Mas tem professores que vão levando a disciplina e não tem material, normalmente têm listas, disponibilizam listas, e a essas nunca tive acesso, nunca peguei porque, pra mim, acredito que nunca ia ajudar no processo de tradução, então nunca peguei esses materiais.

A gente tem o e-mail da equipe, acessado pela nossa coordenadora que não é Intérprete. A gente faz parte de uma coordenação que é de apoio pedagógico, não é apenas uma coordenação de tramitação, mas a gente tem o e-mail da equipe que

a gente dá para ter acesso aos materiais. A gente já deu também o nosso e-mail institucional. A gente tem um cartão com o nosso nome, então a gente se apresenta, fala como é que vai ser o processo ao longo do semestre, uma apresentação muito rápida, e entrega o cartão com o nosso e-mail para que o professor nos envie ou, às vezes, a gente dá o e-mail da equipe.

Depende de como está acontecendo a tradução, se a tradução está sempre com uma dupla, a gente acaba dando o nosso e-mail, porque tem o tempo de repasse. A professora envia para a coordenação e a coordenação nos repassa. Mas, se é mais uma dupla que atende, facilita mandar para a equipe, porque manda para todo o mundo, todo mundo tem acesso junto, mas nem sempre funciona, é difícil os professores mandarem o material, a gente não tem tanto acesso assim, ou porque esquece, ou porque não quer. Já escutamos:

- Esses slides são meus, vou publicar depois!

Alguns não entendem os processos da tradução. Outros entendem muito bem, mandam com antecedência ou, no caso do professor que eu falei de Estatística, que ele mesmo já queria se comunicar com o aluno, queria ter esse tipo de autonomia, mas a gente acaba encontrando todo o tipo de professor, até por falta de conhecimento dentro da universidade.

Nádia: Vocês têm uma chefia na seção de vocês?

Bianca: Não! Nós estamos dentro da coordenação de acompanhamento pedagógico. A gente já teve, mas ela nunca foi oficial. Ela aconteceu de forma voluntária. Então, quando a gente estava tentando a chefia, nós tínhamos uma colega que estava disposta a assumir essa chefia, foi de comum acordo do grupo, e a gente pensou na possibilidade de ter uma chefia voluntária, para que, assim, ao longo do tempo, pudesse efetivar. Mas não deu certo, porque era uma pessoa voluntária, não tinha o respeito dessas decisões.

Davam algumas responsabilidades, mas, quando as decisões eram tomadas, parece que não tinha autonomia de decisão sabe? E isso começou a dar problema, era um chefe só para assumir os problemas e, na hora de ter sua autonomia, não tinha. Aí a gente não teve mais. E desde então a gente tem escutado que vai sair. Eu estou afastada agora, estou afastada desde maio, mas, antes de eu sair, já estavam dizendo que estava pra chegar, mas não sei se de fato vai acontecer, a gente já escuta há algum tempo.

Nós somos dentro dessa coordenação, e aí, dentro dessa coordenação, tem alguns pedagogos, psicólogos, assistentes sociais e os Tradutores Intérpretes, tudo junto. A gente tem, no geral, uma autonomia para decidir, se chega alguma demanda a gente não tem condições de atender por qualquer motivo que seja assim, não tem pessoal, não vai ter a dupla, enfim, a gente tem a autonomia de dizer que não vai fazer. Mas um chefe, um coordenador, a gente não tem, é uma demanda nossa, mas ainda não existe.

Nádia: Se não tem horário, é a equipe de TILS que decide se vai ou não atender?

Bianca: Isso. É a gente que toma essas decisões. A demanda chega nesse e-mail da equipe, que é acessado pela nossa coordenadora, ela nos repassa, a gente se reúne e decide. *“Chega uma demanda: quem vai atender e tal pessoa. Ou: Não vai ser possível atender, porque esse horário não é viável, não temos pessoas disponíveis”.*

Porque, às vezes, temos as demandas fixas, ou a solicitação é fora da universidade. São demandas mais inacessíveis. Claro que a gente sempre tem uma justificativa, a gente não diz: *“Não vamos atender e ponto!”*, mas se a gente tem uma justificativa para não atender e o trabalho em dupla é uma das justificativas, eles aceitam, a gente retorna, diz que não vai poder atender e pronto, a gente que toma essa decisão, das demandas que vão ser atendidas, organização de horário. A gente se autogerencia. Tem uma coordenação e a gente se autogerencia. O que é bom, porque do nosso trabalho nós que entendemos, mas a coordenação faz falta mesmo, no sentido de reconhecimento enquanto categoria.

Nádia: A chefia que era voluntária tinha horas de dedicação para ser chefia?

Bianca: Eu não tenho certeza, porque nessa época a gente estava com uma carga horária de sala de aula muito alta, então eu não lembro se a gente separou, mas se a gente separou foi coisa de um turno. E é isso que acaba dando problema, tu recebe um e-mail e acaba trabalhando muito além, porque tu recebe um e-mail e tem solicitações que chegam em cima da hora ou manda por exemplo, e-mail com troca de sala, com coisas mais básicas, exige uma comunicação mais rápida, e aí, se tua chefia está em sala de aula, ela não vai ter acesso a esse e-mail, e aí vai se perder, ou a dupla não atende uma demanda porque não sabe, ou porque a demanda não existe e a dupla ficou à disposição, então, nesse sentido, também não dá muito certo, sabe? Acho que tinha que ter se dedicado exclusivamente pra isso, e não dividir.

Nádia: Vocês têm sala dos Intérpretes?

Bianca: Temos. Nós temos uma sala nossa. Como eu falei, eu ingressei em 2014, que era outra realidade e a gente não tinha sala, não tinha cadeira, não tinha mesa, a gente não tinha nada. Era uma realidade complicada do prédio, porque o prédio onde nós estávamos lotados já estava superlotado, já tinha muita gente, e chegaram cinco Intérpretes! Nós tínhamos duas e chegaram mais cinco, então chegou mais que o dobro. A gente tinha uma mesa que era divida entre os cinco TILS.

Nesse meio tempo, acabou chegando outros profissionais. A situação estava ruim para todo mundo, mas nós perdemos a nossa mesa. Está ruim para todo mundo, mas não vamos perder essa mesa. Então foi uma briga mesmo. Falo “briga” porque foi uma luta, mas a gente acabou tendo que se indispor porque muita gente não entendia que era a necessidade do nosso trabalho. A gente brigava muito porque nós não somos Intérpretes somente dentro da sala de aula. Nossa luta é mostrar a nossa realidade, que a gente precisa estudar, precisa se preparar.

Eu acho que, em 2016, ou fim de 2015, realmente não lembro as datas, fomos para um prédio novo, só que a sala que estava prevista pra gente era muito pequena, porque o prédio demorou muito tempo para sair do papel e nós tínhamos duas profissionais, e aí nós dividíamos duas mesas. [risos]

Às vezes, ficavam dois de um lado da mesa e três do outro com os notebooks que a gente conquistou também no movimento de greve, de conversa. A sala estava superlotada e a gente estava muito feliz, nós temos uma sala, nós temos material de estudo. Mas com o tempo também foi ficando inviável, chegou mais uma servidora, e aí a gente começou a reivindicar. *“Ah! Parece que nunca tá bom!”* [risos]. Mas a gente começou a reivindicar um espaço maior porque a gente não conseguia estudar, porque era muita gente junto. O prédio tinha uma sala de reunião, e aí a gente conseguiu transformar essa sala de reunião num espaço nosso.

Então, hoje, se estiverem todos ao mesmo tempo na sala, não tem uma mesa exclusiva minha, mas como a gente trabalha em turnos diferentes, esse espaço vai sendo revezado. Eu acho que a gente tem cinco ou seis mesas, tem as cadeiras, tem os computadores. A gente tem esse espaço dentro da instituição, foi uma conquista! Se pensar, desde quando eu ingressei, claro que anterior a isso, já teve muita luta, mas de 2014, quando ingressei, para hoje, 2017, parece que até acabou sendo rápido, mas no momento que tu está lá, não percebe tanto essa rapidez. Mas a gente tem esse espaço, hoje, dentro da instituição, espaço nosso!

Nádia: Tem quantos Intérpretes?

Bianca: Acho que nós somos oito (tem uma afastada para o doutorado e eu para o mestrado) no campus de Rio Grande. Porque, nos outros campus, nós temos mais quatro. Em Santo Antônio da Patrulha tem uma dupla, em São Lourenço tem um e Santa Vitória tem outro.

Nádia: Então nesses lugares trabalham sozinhos?

Bianca: Santo Antônio é em dupla. São Lourenço é sozinho. Eu não sei como está lá o contexto de tradução, mas era só uma professora, que, até onde eu sei, não pedia sempre TILS, mas de qualquer forma esse TILS trabalha sozinho. Em Santa Vitória a situação era mais complicada porque tinha uma aluna e o servidor passava o tempo inteiro dentro de sala de aula, o turno inteiro. A gente tentou junto desenvolver alguma estratégia, pra que o servidor não se sobrecarregasse e o aluno não perdesse, não tivesse tantas perdas! Mas agora eu não sei como está a situação lá.

No nosso campus, a gente só trabalha em dupla, a gente tem a liberdade de negar algum trabalho se ele não puder ser realizado em dupla. De forma individual, a gente dá um atendimento de até meia hora. O aluno, o professor, o surdo em geral, precisa ir a alguma secretaria, alguma coisa dentro da instituição, aí a gente avisa: “*Se é meia hora a gente vai!*” E aí funciona, tem funcionado bem. A gente não abre mão da dupla! Tem funcionado! Eles têm entendido a situação.

Nádia: Me conta mais sobre a sua rotina depois das aulas.

Bianca: Sobre algumas disciplinas a gente acaba conversando depois. Eu procuro fazer uma avaliação do que eu achei. Se algum dia eu não fui bem, procuro fazer uma pesquisa, procurar um suporte. Tem algumas disciplinas que acontecem no turno da noite, isso é mais complicado, porque a disciplina acaba às 22h30min, horário que a gente solta. Vamos pensando em muitas coisas, mas não conseguimos desenvolver. Mas algo oficial, um grupo de discussão, de debates, coisas nesse sentido, a gente não tem. Cada Intérprete vai desenvolvendo uma rotina para a sua tradução. Algo oficializado a gente não tem: um padrão de estudo, de discussão, ou de pensar pós-aula, a gente não tem. A gente não faz um estudo pós-aula. Como eu falei, se tu sentir necessidade tu procura os teus colegas que estão à disposição, mas a gente não tem esse hábito.

Nádia: Dentro da carga horária, tem horário para estudo dos materiais?

Bianca: Tem! Exemplo: estou traduzindo cálculo, e se eu não recebi o material, eu consigo ir pesquisar vídeos relacionados:

- *O que a gente está traduzindo agora?*

E aí pegar o assunto e tentar ir atrás de sinais:

- *Ah! É matrizes.*

Enfim, pegar o assunto e tentar ir atrás de sinais. A gente tinha surdos com disciplinas de Cálculo e Estatística e eles estavam vendo matrizes, e aí, quando a gente se deu conta, tinha Intérpretes diferentes traduzindo a mesma disciplina. Aconteceu de eu ir traduzir na Administração, e quando cheguei na Oceanologia, para traduzir, o conteúdo era matrizes, e eu fiz um sinal de que eu estava acostumada com o outro aluno da Administração:

- *Mas não é esse sinal!*

Falei para o TILS apoio:

- *Ah! Mas eu também conheço esse, que eu usava com tal surdo, com tal disciplina, sabe?*

Um conceito com vários sinais correspondentes em Libras e isso pode ter ocorrido ou porque foi criado na hora, ou porque o surdo já trouxe de alguma instituição que veio de Intérpretes com outras formações. Então já aconteceu de a gente ter mais de um sinal para o mesmo conceito, e, de repente, se dar conta. Mas como a demanda diminuiu muito, ficou muito mais fácil conversar e manter sempre a mesma dupla. Para mais ou menos, manter o que está acontecendo.

Eu me lembro de vários sinais para a mesma palavra matriz, de ter uns três ou quatro sinais que estavam sendo usados. Porque se o servidor está com a carga horária muito lotada, por mais que tu tenhas um horário de estudo, nem sempre tu consegues encontrar todo mundo. A gente tem previsto (em acordo) uma porcentagem da nossa carga horária para o estudo dos materiais, porque temos algo chamado de normativa, onde falamos um pouco sobre o fazer técnico do Intérprete, mas ele nunca foi adiante, ele chegou até a reitora e a reitoria teve acesso a esse material. Na última vez que eu falei com a reitora, ela disse que anda estudando a possibilidade... não sei, necessariamente, que nome se daria a esse documento, se realmente seria o termo "normativa". Mas seria um documento falando do bem-estar da equipe, relatando as nossas responsabilidades, falando da necessidade de a gente ter esse horário de estudo dos materiais. A gente colocou a divisão do trabalho por carga horária, então, dos dez turnos de tradução, a gente

divide: Seis em sala de aula, dois de permanência, um de estudo e um de produção. E aí a gente vai vendo conforme a demanda. Quando organizamos o semestre, colocamos numa tabela a demanda fixa, o horário de permanência, o horário de estudo e o horário de elaboração de materiais. Esse horário para estudo fica fixo na nossa tabela de horário e quando necessário podemos mudar o dia.

Nádia: Vocês trabalham 30 ou 40 horas?

Bianca: 40 horas. Tem a previsão de 30 horas, mas a nossa realidade atualmente é de 40 horas. São dez turnos! A gente acaba contabilizando e organizando por turno. São dez turnos de trabalho e já aconteceu de eu estar oito [horas] em sala de aula, e, com isso, não ter esse horário de estudo. No semestre anterior, eu estava somente com dois turnos, então tinha bastante tempo para estudar, ou pensar em elaboração de projetos. Mas, na realidade, é que agora estamos com pouca demanda fixa, porque a gente teve bastante ingresso de aluno surdo, mas não permanência. Então a nossa carga horária estava bem leve.

Nádia: Fala um pouco sobre a interpretação nas disciplinas de Matemática.

Bianca: Eu, quando traduzo Matemática, acabo utilizando muito o apoio de como as contas são construídas no quadro, e, às vezes, vem em forma de slides, mas normalmente as questões são resolvidas no quadro. Elas vão se construindo como um desenho. Quando a gente está traduzindo, é normal eu utilizar bastante o apoio ou recorrer bastante ao quadro. Tu fazes aquela tradução virando o tempo todo para o quadro para ter algum recurso visual e com isso conseguir traduzir. Eu não sei se eu consigo, mas eu tento, de alguma forma, montar a fórmula na minha frente, tentar estruturar para organizar que o surdo consiga entender, fazer da mesma forma que está. Eu tento projetar e utilizar bastante o apoio, porque o apoio fica virado de frente para o quadro, e, às vezes, o professor está falando e aponta:

- *Porque esse aqui.*

Quem é “esse”? Então tu recorres a tua dupla que acaba te dizendo mais ou menos o que é. Também trabalhas com gráficos:

- *Porque a curva fica dessa forma.*

E aí? Qual é a “forma”? E aí tu recorres ao quadro ou também ao apoio. Mas, pra traduzir Matemática, eu preciso muito do recurso visual, porque, se só falar ou só escutar o professor, acaba sendo muito difícil organizar mentalmente como vou traduzir, até porque quando ele lê uma fórmula, ele lê de forma corrida e eu não sei se já está na expressão debaixo, se já finalizou, se a produção está no gráfico.

- *Ah! Aonde é que se encontra a linha? Aqui!*

Porque é muito visual, então “ele” não vai ficar falando, vai apontar muito. Então eu uso muito o recurso visual e muito o apoio. Muito! [risos]. Pra mim, é um dos grandes desafios, embora eu não veja a dificuldade da tradução em si de procurar sinônimos ou de ter esse contexto cultural. Eu não percebo tanto, mas como é uma questão muito visual, acho que tu fica com aquela responsabilidade de reproduzir igual ao que está acontecendo, só assim vai fazer sentido né? Então eu acho muito difícil, principalmente por não ser a minha área.

Nádia: Tu acha que tem diferença de ficar em pé do lado do quadro ou ficar sentado?

Bianca: Eu nunca traduzi em pé, nunca. Nenhuma disciplina. Confesso que quando teve essa discussão, eu tive bastante resistência! *“Como vai ser?”* E também por não ter conhecimento. *“Como vai ser ficar em pé junto com o professor que se movimenta o tempo inteiro na sala de aula? Eu nem tenho esse tipo de experiência!”* Essa discussão chegou para nós, inclusive através de um Intérprete que era formado na área de Matemática.

Esse colega ingressou junto comigo, mas ele já vinha de uma metodologia de traduzir em pé indiferente da matéria e nós vínhamos da metodologia de traduzir sentado. Eu abri esse assunto para discussão: *“Me explica! Como isso vai acontecer?”*. Confesso que eu não fui convencida de que a gente iria conseguir fazer daquela forma. Eu não sei como eu iria me comportar. Eu reconheço que se eu conseguir apontar e ficando mais próximo do professor, visualmente seria melhor para o aluno. Mas eu não sei como acontece isso num espaço que o professor não está acostumado com a presença de Intérprete, onde nós, enquanto Intérpretes, não estamos acostumados a traduzir em pé. Então eu não sei como é que essa dinâmica se daria. Mas eu reconheço que, em muitos momentos, usar o recurso de apontar, de mostrar, de trabalhar com esse lado visual, facilita muito. Mas eu não sei de que maneira isso se daria, como construir essa estratégia.

Eu reconheço que ficaria talvez mais fácil se tu pudesses apontar ou o aluno olhar direto para o quadro. Mas eu nunca traduzi nenhuma disciplina em pé. Talvez por isso a resistência de como vai ser! Não vou ficar traduzindo em pé, parada, mas eu também não posso ficar me movimentando o tempo todo! Enfim, eu não sei exatamente como seria; a gente nunca traduziu assim. Nenhum dos profissionais que trabalham comigo na instituição fizeram a tradução em pé!

Nádia: Esse colega que era formado em Matemática, chegou a trabalhar com disciplinas de Matemática?

Bianca: Sim! Trabalhou. Até foi ele que levantou a discussão de fazer as traduções em pé, mas acabou não acontecendo. A gente tentou pensar estratégias, pra ver com ele, de como é que seria, e como é que se daria, por ele ser da área e ter essa experiência. A equipe não recebeu bem a maneira de como ele apresentou de como se daria essa tradução, porque seria uma maneira de ficar sempre ao lado do professor e percebemos que não ia ficar bom pra traduzir, até porque o professor se movimentava o tempo todo. A gente entendeu que ficaria confuso. A metodologia que ele apresentou naquele momento, pra nós, não era só ficar em pé, então não foi tão bem acolhida. Mas ele era um profissional formado em Matemática que estava trabalhando com tradução na Universidade.

Nádia: Tu chegaste a atuar com ele em sala de aula?

Bianca: Sim! Atuamos! Era outra coisa. [risos]

Era um bom profissional, tinha muito conhecimento com os classificadores. Conseguia montar muito bem visualmente aquela estrutura. Era um bom profissional Intérprete em outras disciplinas também. Se eu traduzir uma área que eu conheço, me sinto mais segura, então eu me sinto mais segura até para arriscar, para trazer novos contextos, novos sinais dentro da tradução, até para sair um pouco da zona de conforto. Falando novamente de matriz, têm vários tipos e, às vezes, falavam deles e, quando liam os números, esse intérprete já sabia qual era a ordem e ele já fazia sem precisar recorrer ao quadro. Quando era eu, não, né? Eu recorria ao quadro e, às vezes, nem o apoio era suficiente porque era tanto número que o apoio passava, que eu não sabia onde estava posicionado aquele número. Então esse Intérprete, formado em Matemática, já tinha mais facilidade. Claro, sem tirar o mérito dele enquanto tradutor, mas por ele ser da área, eu reconheço que ele tinha mais facilidade de fazer essa tradução.

Nádia: Tu percebias alguma diferença quando esse colega interpretava as disciplinas de Matemática?

Bianca: Ah, com certeza! [risos]. Por exemplo, quando ele usava os classificadores. Por ele já ter traduzido Matemática, ele vinha com experiência dessa área, fora toda a experiência dele! Mas sim, eu percebia muita diferença, principalmente em relação aos classificadores e em “montar a fórmula na frente”, sabe? Percebia muita

diferença! Sem tirar o mérito como profissional. Mas eu acredito que facilita por ser da área, ter familiaridade com aqueles números. Eu percebia muita diferença.

Nádia: Tu achas que faria diferença se cada Intérprete traduzisse na sua área de formação?

Bianca: Com certeza! E falo não só da formação, mas nós somos nível “médio” e alguém de nível médio, que entra para interpretar na universidade, vai ter muito mais dificuldade, porque existem termos que são comuns para diversas áreas. Então têm coisas que o professor usa em sala de aula que são termos de Ensino Superior que tu já está habituado se tiver uma graduação. A gente já traduziu doutorado. Eu nunca estive numa sala do doutorado, mas eu confesso que, por eu estar no mestrado, algumas coisas acabavam me soando melhor para interpretar.

Eu já estive no mestrado como aluna. Eu acho que são conhecimentos que você vai carregando para o processo de tradução, como alguns termos que os professores usam. Acho que a formação contribui muito nesse processo. Como eu falei, alguém das exatas tem a tendência a traduzir melhor essas disciplinas. Se eu fosse traduzir uma disciplina de História, que é a minha formação, teria sim dificuldade, mas eu já conheço o conceito, já conheço os autores e quando não tem sinal, tem que fazer a soletração manual da palavra. Então acho que tu tens mais propriedade.

Então, quando se fala de alguém com Ensino Médio que vai atuar na universidade, é muito complicado para esse profissional e para o surdo que vai ter acesso à tradução, mas é o que é previsto em lei. Então, como eu falei, o Intérprete formado em Matemática, traduzindo na sua área de formação, seria com certeza muito melhor que eu traduzindo Matemática sendo formada em História. Não é uma questão de melhor ou pior, mas de realizar esse processo de uma maneira muito mais fácil. Quem sabe um dia se consiga traduzir por área de formação. Eu acredito nisso! Eu acredito que é o ideal, mas eu entendo a dificuldade de ter inúmeros profissionais disponíveis para isso. A gente tem surdos que ingressam na universidade e desistem. Tivemos surdos na Graduação em Oceanologia, Pedagogia, Artes Visuais, Ciências Contábeis, Administração, doutorado, aluno especial de mestrado. E poucos desses surdos foram até o final do curso, a maioria desistiu antes. Então imagina ter um profissional, um de cada área! Entendo a dificuldade, mas eu também defendo que a formação faz diferença para interpretar!

Percebo que muita coisa da minha formação contribui nos processos de interpretação.

Nádia: Como era a tua relação com os professores dessas, de Matemática?

Bianca: Cada professor se porta de uma maneira, têm alguns professores que: *“Não! Eu sou o professor!”*

Mas, no geral, essas disciplinas foram bem tranquilas. Lembro que, na disciplina de Cálculo, tinha um professor que falava muito rápido e eu não entendia:

- *Ah, professor! Por favor, fala um pouco mais devagar!*

Até os próprios alunos pediam para esse professor falar com mais calma, mas ele esquecia porque era o seu jeito de falar. Então eu entendo o quanto é difícil mudar velhos hábitos. Às vezes o professor montava o cálculo e, quando chegava ao final da conta, ele via que tinha se perdido e apagava tudo e aí tu tinha que ir montando tudo novamente.

Teve uma situação, na disciplina de Estatística, em que os alunos tinham que formar grupos, ele [o surdo] já tinha algumas reprovações, então o surdo não tinha colegas fixos onde as pessoas se conhecessem e conhecessem ele, e era uma atividade prática e o professor falou pra mim:

- *Tu podes fazer com ele né?*

- *Aí, desculpa, não posso!*

O professor deu sequência e, no fim da aula, fiquei para conversar com ele e fui explicar:

- *Não! Eu entendi! Sem problemas! Se tu fizesse seria como se tivesse dando cola pra ele, né?*

Não precisei entrar muito nessa discussão, no momento em que eu me neguei, ela já entendeu que não foi por nenhum tipo de “capricho”, que eu fazia parte daquele processo. Então, a relação dos Intérpretes com os professores da Matemática... eu não me lembro de ter ocorrido alguma resistência, pelo contrário, teve um professor que aprendeu Libras. Os professores entendiam que nós estávamos em sala de aula para fazer a interpretação ou, quando o aluno tinha uma dúvida, que a dúvida era realmente do aluno e não nossa.

Nádia: Havia conversa com os professores antes das aulas?

Bianca: Não, mas tinham professores, os que eu lembro, eles seguiam uma sequência:

- *Na próxima aula vai ser “tal” assunto.*

Então a gente se organizava para ir atrás de sinais daquele conteúdo, era uma das maiores dificuldades que eu identificava, além de todo o processo de traduzir termos que eu não conhecia. Era mais a dificuldade de não saber os sinais. Os professores foram sempre muito disponíveis! Às vezes, por ter traduzido várias vezes a mesma disciplina, a gente se acomodava, pois sabíamos qual o conteúdo estava por vir.

Eu trabalhei com Estatística 1, na Administração e na Oceanologia, Cálculo 1, que era bem mais pesado. Como traduzi desde o início, pois eram alunos de primeiro ano, acredito que vamos construindo junto com os alunos. Como eu falei, nossa maior dificuldade eram os números, montar os cálculos, organização, sinais específicos da disciplina, porque o professor, às vezes, explicava o conceito, mas não tinha um sinal para aquele conceito específico. Então era mais nessa questão da Libras mesmo, do que com a Matemática em si.

Nádia: Quando não tinha um sinal da Matemática correspondente em Libras, como vocês faziam?

Bianca: A gente costumava ter essas combinações. Como eu dei o exemplo da “matriz” que eu me lembrei, tinha uns três ou quatro sinais diferentes. Já aconteceu de, no início, fazer a soletração, mas quando se fala principalmente de Matemática, a gente não tem um tempo para soletrar, porque se tu vai falar de “integral”, ele falou, e quando já disse o número e soletrou, já perdeu tempo. Então, no geral, a gente combinava, ou partia do surdo ou partia do Intérprete, porque a gente dizia:

- *Olha, precisa criar um sinal!*

E aí o surdo não cria!

- *Posso combinar esse?*

Mas, no desespero do processo de tradução, a gente costumava sim, criar sinais. Teve alguns sinais provisórios e foram ficando. Outros encontramos vídeos:

- *Oh! Vi tal sinal em tal lugar, pode ser?*

- *Pode!*

A gente começava a usar. Mas a soletração mesmo, manter a soletração, era muito difícil, justamente pela rapidez em que se dá o conteúdo. Então, no geral, a gente combinava, era provisório, mas se tornava fixo [risos]. Se o aluno reprovou, não íamos criar novamente um sinal:

- *Ah! Lembra desse sinal que a gente usava?*

E acabava se tornando um sinal fixo dentro da instituição.

Nádia: Se trocasse o aluno, já combinavam outro sinal ou usavam o mesmo do aluno anterior?

Bianca: Não necessariamente. Como eu falei, o sinal de “matriz” que eu usava com o aluno, eu fui apresentar para o outro surdo. O que aconteceu, dessa vez, foi que o sinal de “matriz” foi o que mais me marcou. Eu traduzia à tarde para um surdo no Cálculo e à noite para outro surdo, na Estatística, e os dois com matriz. Então eu já tinha um sinal que já tinha sido combinado um semestre anterior:

- *Eu posso fazer esse sinal para matriz?*

- *Ah, mas não é esse que eu combinei!*

Porque outro Intérprete tinha traduzido e combinado um outro sinal na aula anterior:

- *Ah, mas ele me falou esse!*

- *Ah, a gente vai ter que combinar!*

Não tem como cada surdo usar um sinal para a mesma palavra. Então a gente costumava usar o mesmo sinal para todos. Mas, claro, conversando. Os surdos não costumavam ter resistência:

- *Estou usando com “tal” aluno “esse sinal” pode ser?*

- *Ah, pode!*

E aí, a gente acabava usando.

Nádia: Como era feito o registro desses sinais combinados?

Bianca: A gente tentou até fazer vídeos algumas vezes. A gente nunca foi adiante pela necessidade de fazer um projeto. Esse aluno que eu falei, de Cálculo, do curso de Oceanologia, era muito necessário ter esses registros, só que a gente nunca fez! Às vezes, estamos tão imersos nas demandas de sala de aula, que, na época que esse aluno estava, a gente tinha muitas demandas para atender e, com isso, outros projetos acabam não acontecendo. Mas eu reconheço a necessidade. Porque, se tivesse registrado esse sinal, como foi o caso de matriz, que havia vários sinais para a mesma palavra, todos os Intérpretes iriam ter acesso, porque nem sempre lembramos de falar para o colega:

- *Oh, hoje teve um sinal novo, “foi esse”!*

Porque, como eu falei, às vezes, eu saía às 22h30min, e não encontro o colega e acaba se perdendo essa conversa! Então eu reconheço a necessidade de registrar, para todos os Intérpretes terem acesso e para evitar o desgaste de um surdo fazer a criação de um sinal que já existe. Então a gente não fez, mas eu

reconheço a necessidade de terem esses registros, deles serem feitos, ou de um sinal provisório ser discutido e alterado ou discutido e mantido.

Nádia: Como era a sua relação com o aluno surdo?

Bianca: Então, a gente teve alunos diferentes. Eu já traduzi para aluno que ele nasceu ouvinte e depois ficou surdo, traduzia para uma aluna oralizada, enfim, cada aluno tem diferentes combinações para interpretar. Teve outro surdo, que ele vinha de um contexto de escola bilíngue, então ele tinha toda uma formação diferente, o contexto de inclusão para ele era diferente, ele ainda estava se adaptando em ter um Intérprete a não ter um professor que dominava Libras. Então, com cada aluno, vamos desenvolvendo estratégias.

Então eu sento para fazer a interpretação e, conforme o professor vai falando, eu vou fazendo a interpretação. Mas, com o tempo, tu vais vendo ou o aluno vai sentindo mais à vontade para falar, ou sentindo que não está atingindo tanto o seu objetivo, e aí a gente faz combinações para o que vai ficar melhor. Então tinha essa aluna que eu falei que era oralizada e preferia que não fizesse a tradução, e aí ela olhava o tempo inteiro para o quadro, quando ela voltava, olhava pra mim. Eu: tá! Agora é hora de traduzir! Então são combinações que tu vai fazendo assim de como tu vai atingir cada aluno.

Na universidade, eles têm um bolsista que faz a cópia, o aluno, pode prestar atenção totalmente no Intérprete, no professor, porque tem um bolsista de outro curso que copia tudo o que está sendo colocado no quadro. Tinha um aluno que preferia copiar. Era uma estratégia que ele desenvolveu, ele achou que ele copiando ia conseguir visualizar melhor:

- Eu prefiro dessa forma!

E aí a gente vai respeitando o que cada um dos alunos prefere. Então esse aluno fazia cópia em vez da bolsista fazer; a outra não queria tradução, prestava atenção direto no Intérprete, mas aí são estratégias que tu vai desenvolvendo, eu pelo menos não tenho padrão, por ser tão visual, a gente fica desenvolvendo mesmo, com o aluno, o que ele sente mais à vontade pra fazer.

Nádia: Tu falou que tem uma pessoa que copia se ele quiser. Cada aluno pode ter um?

Bianca: É! Inicialmente, quando eu comecei a trabalhar na instituição, eram dois bolsistas. Esses bolsistas fazem parte do programa de acompanhamento pedagógico, então são estudantes que apresentam algum tipo de limitação. A

palavra não seria limitação: alguma barreira física ou provisória; a pessoa quebrou a perna... enfim, existem dois tipos de bolsista, um que acompanhava no campus ao xerox, na biblioteca, e, no caso dos surdos, esse bolsista foi adaptado para bolsista de apoio. Então os surdos chegavam e combinavam o horário. Esse era um aluno do mesmo curso, de um semestre diferente, tem que estar um semestre mais a frente. Ensinava e revisava algumas matérias com o surdo. Esse bolsista não existe. Não é que não exista mais, ele não era tão utilizado. Até porque alguns surdos trabalhavam e não tinham horário. Com as questões de cortes, esse bolsista antes era automático, o surdo ingressou e já tinha aquele bolsista. Depois ele virou: “De acordo com a solicitação”.

O outro bolsista era o bolsista da cópia, ele existe ainda! Então o bolsista é de qualquer curso, não tem uma obrigatoriedade de curso, sempre acompanha o surdo e ele faz as cópias do que está sendo feito no quadro. Eu enxergo vantagens e desvantagens. Eu já vi surdos que utilizaram muito bem, sem entrar no mérito de certo ou errado, enfim, e outros que:

- Ah! Hoje, não estou prestando tanto atenção, vai copiando e depois eu olho.

Mas eu reconheço a necessidade, quando eu estou em alguma palestra, que até a gente estava falando em olhar, a palestra em Libras, eu tenho muita dificuldade de anotar e prestar atenção, então eu entendo essa necessidade do surdo de ter alguém para copiar. Porque tem vezes que é uma coisa, é uma frase, outras vezes são conteúdos inteiros, passados em slides no quadro. Então eu entendo essa necessidade, e esse bolsista de cópia, ele existe, ele está sempre presente com o surdo na sala de aula.

Esse, normalmente, já é oferecido. Ele pode dispensar. Eu me lembro de uma aluna que dispensou, ela preferia copiar porque ela tinha a letra dela, o jeito dela, mas dispensou. Normalmente, já vem e se o surdo acha que não precisa, não tem necessidade, ele dispensa. Mas, normalmente, ele não precisa solicitar, já faz parte, com o ingresso dele. Como os Intérpretes já fazem parte, o bolsista também. Esse bolsista já faz parte do pacote, do ingresso na universidade.

Nádia: Se o bolsista faltar, o surdo fica sem o copiadador daquele dia?

Bianca: É! Eu já vi, de o bolsista estar doente e não ir, do surdo pegar o caderno de colega e copiar, que é o que eu acho mais plausível nesse momento, mas já vi surdo, no outro dia, de pegar o caderno do colega e entregar para o bolsista levar para casa para fazer cópia. Então a gente vê todo o tipo de coisa. Têm ouvintes

também que acabam não entendendo e passando alguns limites, então com o surdo eu já vi isso também. Mas, no geral, se o bolsista faltou, o surdo pega o caderno de um colega, tira xerox, ele pensa numa estratégia, naquele momento, de como vai ser feito.

4.3 – Daniel Duarte Silveira

A terceira entrevista foi realizada com o TILS Daniel Duarte Silveira, no dia 29 de maio de 2018, na casa do entrevistado, e teve duração de 54' 02". O entrevistado tem Capacitação em Tradução e Interpretação de Libras. Graduado em Licenciatura Plena em Matemática, Especialista em Libras, Mestre no Ensino Ciência e Matemática e atualmente é Doutorando em Educação. É Tradutor Intérprete de Libras na UFPel e professor de surdos no Instituto Estadual de Educação Assis Brasil.

Nádia: Me fala um pouquinho da tua formação acadêmica e de Tradutor Intérprete de Libras.

Daniel: A minha formação como Intérprete, ela começou indiretamente, na verdade, pelo curso de Libras. Eu comecei a fazer curso de Libras quando eu tinha 15 anos. Eu fiz o curso básico e intermediário. Não era basicamente com a intenção de ser Intérprete, era querendo aprender Libras e me comunicar com as pessoas surdas, porque não tinha ninguém surdo na minha família, não tinha nada assim, mas achava muito interessante.

Aí, por problemas lá na associação, acabei parando dois anos de fazer curso de Libras. Voltei em 2007 e comecei a fazer o curso de Libras. Aí eu fiz o básico, intermediário e o avançado na Secretaria de Educação, que era oferecido aqui em Pelotas para os professores a rede. Então, era um curso gratuito e eu pedi para participar e as pessoas deixaram. Aí eu comecei a fazer todos esses cursos de novo.

Aí, nesse meio tempo, surgiu um curso de Tradutor Intérprete de Libras na Católica (UCPel), que é um curso de capacitação, não é um curso de graduação.

Então eu fiz esse curso em 2007; começou em julho de 2007, mais ou menos, e o curso terminou em fevereiro de 2008. A minha formação enquanto Intérprete é essa.

Nádia: Fale mais sobre o curso que fez na Universidade Católica.

Daniel: É um curso de extensão, de 400 horas, da Universidade Católica de Pelotas e é um curso de nível médio. Na época, eu estava acabando o Ensino Médio, quando eu comecei a fazer o curso. Eu estava no terceiro ano do Ensino Médio. Eu estudava no Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul), fazia Ensino Médio e fazia curso de Libras na Secretária Municipal de Educação, na SMED e, por causa da SMED, eu fiquei sabendo desse curso.

Eu não tinha idade para fazer o curso, eu tinha 17 anos, na época, e tinha que ter 18 e ter Ensino Médio. Mas como na seleção tiveram várias pessoas que acabaram reprovando por não saberem Língua de Sinais, eu acabei sendo aceito por ter passado na prova, mas nunca fiz graduação em Letras-Libras, nem nada assim. Minha formação como Intérprete, propriamente dita, é o curso de capacitação.

Nádia: Ah, é o curso de capacitação. Me conta um pouquinho da tua formação acadêmica também? Tu falou agora da tua formação de Tradutor Intérprete de Libras: fez a formação na Universidade Católica, fez alguns cursos de Libras. E em nível superior? Qual é a tua formação? Fala um pouquinho, por favor.

Daniel: Eu fiz o Ensino Médio no IFSul. Na época, faziam seleção para entrar. Fiz um semestre de técnico. Eu fiz um semestre que, ao final, deveria fazer um “vestibular” específico para o curso técnico de eletromecânica. Aí eu desisti e fiquei só estudando para o vestibular.

Aí, eu fiz o vestibular para Matemática, Licenciatura em Matemática, na Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e foi quando eu estava na metade do terceiro ano, quando começaram as aulas, que eu também comecei a trabalhar como Intérprete. Foi em 2008.

A minha formação começou na UFPel, em Matemática. Depois eu trabalhava como Intérprete e fazia faculdade. Quando eu comecei a trabalhar na Universidade Católica de Pelotas, lá tinha uma bolsa, ou seja, um desconto para quem era funcionário, e eu acabei transferindo a minha graduação da UFPel para a UCPel e acabei me formando em Matemática pela UCPel.

Depois que eu acabei a graduação, no final do ano de 2014, eu fiz a seleção do Mestrado. Em 2015 eu entrei no Mestrado. O Mestrado é na área de Ensino Ciência e Matemática na UFPel.

Naquele ano comecei também a fazer um curso de especialização a distância em Libras. Esse curso foi bem básico, assim, falando sobre Libras I, II e III, o que é ser Intérprete, etc. É um curso mais sobre o estudo da Língua de Sinais.

O curso do Mestrado foi um curso presencial na UFPel, pela Faculdade de Educação, na linha de formação de professores. Então a minha formação vai bastante nessa linha de pesquisar sobre o Ensino de Matemática para Surdos e de como que se dá esse processo.

Eu fiz uma especialização a distância, em uma instituição do Paraná, o nome da Faculdade é EFICAZ. Eu não tinha conhecimento sobre essa faculdade. Por não ter muitas especializações presenciais em Libras, foram alguns colegas que já trabalhavam com a área de Libras que indicaram. E eu fiz a especialização com o intuito de aprender e estudar algumas coisas a mais sobre Libras.

Nádia: Então me fala um pouquinho da tua experiência, na tua relação em interpretar em disciplinas de Matemática.

Daniel: Pensando assim, tipo agora, eu lembro que tive a oportunidade de ter momentos que traduzia disciplinas de Matemática em diferentes níveis. Eu me lembro de ter traduzido no Ensino Fundamental, numa escola lá em Turuçu. Turuçu é uma cidade que fica aqui perto, mais ou menos uma hora. Era uma surda que estava incluída na 8ª série. Eu era Intérprete dela nas aulas de Matemática. Isso no Ensino Fundamental; uma surda que sabia Libras e era uma turma de inclusão.

Tive a experiência de traduzir no Ensino Médio, aula de Matemática em turmas de surdos. Eram turmas só de surdos, turmas exclusivas de alunos surdos e era outra dinâmica. Era Ensino Médio.

E também tive a oportunidade de traduzir aula de Matemática em duas instituições de Ensino Superior. Traduzi na Universidade Católica, para uma aluna surda que fazia Matemática e que era a minha colega de curso. Então, algumas disciplinas que eu já estava liberado de fazer por ter cursado na UFPel, eu acabava traduzindo para a minha colega na Universidade Católica.

Também tive a oportunidade de traduzir aulas de Matemática na UFPel para um aluno surdo que fazia Engenharia. Eram disciplinas de Cálculo e disciplinas de Física que também tinham essa questão do cálculo e que usavam Matemática.

Mais recentemente, eu traduzi duas disciplinas, uma na área de Estatística e outra na área de Economia. Todas voltadas para a Matemática.

Foram três contextos completamente diferentes: um do Ensino Fundamental, de uma surda na inclusão; um do Ensino Médio, em turmas de surdos, onde surdos conversavam entre eles e interagiam bastante, e, depois, no Ensino Superior, em turmas de Inclusão. No Ensino Superior tinha uma turma em que a surda era a minha colega e tinha outra turma de ouvintes com alunos surdos incluídos.

Nádia: Essa experiência na Universidade Católica, era no curso de Matemática?

Daniel: Quando ingressei por transferência, da Universidade Federal para a Universidade Católica, eu fui modulado numa turma que tinha uma aluna surda, e, com isso, fiquei liberado de algumas disciplinas. Por ter uma proximidade com a Matemática, eu acabei ficando várias vezes como Intérprete dessas aulas. Eu me lembro de ter traduzido disciplinas de Cálculo e disciplinas na área do ensino de Matemática, essas coisas mais assim.

Nádia: E na Universidade Federal de Pelotas?

Daniel: Eram disciplinas que tinham Matemática. Por exemplo, traduzi disciplinas de Cálculo, de Física, de Estatística e de Economia. Os surdos estavam todos na inclusão.

Nádia: Me fala um pouquinho como foi sua rotina para traduzir nas aulas das disciplinas de Matemática? Como era essa rotina? Antes da aula? Depois da aula? Havia uma rotina?

Daniel: Na área de tradução, as pessoas têm uma formação, mas não traduzem somente numa determinada área, a gente trabalha em várias áreas. Sou formado em Matemática e trabalho nas disciplinas do Curso de Letras, Sociologia, Pedagogia, entre outros.

Eu sempre tive mais facilidade de traduzir na Matemática, então, muitas vezes, quando os professores mandavam o material, ficava bem mais fácil. Em alguns momentos, quando eu não lembrava alguns conteúdos, olhava o material, eu já começava a me lembrar e ficava mais fácil para me organizar na tradução.

Pra mim sempre foi “muito tranquilo”, porque a maior parte das coisas eu já tinha estudado, então eu sempre traduzi disciplinas que eu já conhecia mais ou menos o andamento delas, por ter sido aluno antes. Eu conseguia me organizar para traduzir e pensar qual seria a forma mais clara de passar aquela mensagem para o aluno, ou seja, do que o professor estava falando para o aluno.

Nádia: Tu comentaste, agora, que tinha facilidade por ter a formação quando traduzia as disciplinas de Matemática. Tu acha que tem facilidade por ter a formação de Matemática? Achas que tem diferença?

Daniel: Quando eu vou traduzir disciplinas da Letras, disciplinas da Filosofia, que são áreas que, por mais que eu, enquanto Intérprete, receba o material e faça as leituras, muitas vezes eu não consigo entender o que aqueles termos estão dizendo. Às vezes, superficialmente, eu vejo que eu entendi alguma coisa, mas depois não é exatamente aquilo, porque não é da minha área. Na Matemática eu sinto muito mais tranquilidade, porque eu já conheço os termos, eu sei o que vai ser falado. Quando faz alguma referência, eu já sei como é que vai ser, por exemplo: de uma função. Por mais que seja uma função mais complexa, sabendo algumas coisas eu já imagino como é que vai estar no gráfico, como eu vou organizar as coisas para traduzir. Então eu me sinto mais à vontade de ir nessas aulas, do que ir nas aulas de linguística, por exemplo. Por mais que eu leia o material, por vezes, posso até achar que entendi, mas é uma coisa meio superficial, porque não conheço exatamente o que estão falando ali.

Nádia: Então, por ser da área, você acha que tem diferença?

Daniel: Eu me sinto bem mais à vontade. Eu acho que o meu desempenho traduzindo fica mais claro, por ter conhecimento do assunto.

Nádia: E com os teus colegas, percebes essa diferença?

Daniel: Em vários lugares, dependendo da situação, eu trabalhei em dupla e trabalhei sozinho, tem todo um contexto.

No colégio, em Turuçu, eu trabalhava sozinho, não tinha outro colega. No colégio Pelotense, eu trabalhava às vezes em dupla e às vezes sozinho, dependia do momento, se tivesse algum Intérprete disponível vinha apoiar.

Nas universidades, eu trabalhei sempre em dupla, na maior parte das vezes. Se acontecesse algum problema de alguém ficar doente, alguma coisa assim, eu ficava sozinho. Mas quase 100% em dupla. Em dupla revezando a cada 20 minutos.

Mas a situação é exatamente essa, eu vejo os meus colegas, por exemplo, que têm formação em Pedagogia, formação em Letras, que é o mesmo sentimento que eles têm quando eu vou traduzir uma disciplina de Letras e eles vão traduzir na Matemática. As pessoas da Letras se sentem muito mais à vontade nas disciplinas do seu curso de formação por já conhecer o referencial teórico. Eu me sinto meio que engatinhando quando estou em outra área.

A gente trabalha com apoio, pois, muitas vezes, o colega não consegue entender aquele termo que o professor está mencionando, aí tem que dar apoio para o colega, porque o colega não entendeu. Então, ter o conhecimento para poder ajudar o colega ajuda bastante.

Nádia: E nesse tempo de atuação no Ensino Superior, as duplas que tu teve, teve alguma que tinha a formação na área da Matemática ou suas duplas foram com formações em outras áreas?

Daniel: Olha, eu posso dizer que quase 99% das vezes eram formações em outras áreas, eram mais Intérpretes com formação em Pedagogia ou Letras. Pessoas que até, muitas vezes, nem gostavam de Matemática. O profissional Intérprete de Libras que, às vezes, mesmo não gostando, tem que traduzir naquela área por falta de profissionais.

Mas a relação é bem essa, não conheciam ou fizeram um curso que teve pouca Matemática, tipo o Magistério. As pessoas tinham conhecimento limitado da área, sentiam bastante dificuldade, pelo menos eu percebia isso, pois na hora de dar apoio eu estava vendo a pessoa, quando eu não estava traduzindo, eu estava vendo a sinalização da pessoa e comparando com o que o professor está falando. Quando o professor está falando e o Intérprete que está de apoio está ali, exatamente, não para ficar descansando, mas para ficar prestando atenção se o colega está perdendo algum sinal, se está recebendo a informação, direitinho. Então eu percebi bastante dificuldade, assim como eu também tenho bastante dificuldade quando eu vou traduzir em outra área. A maioria dos Intérpretes que traduziram comigo não eram da área da Matemática.

Nádia: Teve algum que foi da área da Matemática?

Daniel: Sim. [Risos]

Nádia: E você sentiu diferença quando a sua dupla foi da Matemática?

Daniel: Eu percebi que a pessoa tinha conhecimento. Por exemplo, eu tive uma única oportunidade. Tive uma colega que era formada em Matemática, mas foram poucas aulas que eu traduzi com essa colega, então, na verdade, eu via que a pessoa tinha conhecimento.

Na hora de traduzir, mesmo tendo um conhecimento muito próximo de uma área de formação, a gente traduz de formas diferentes, então eu aprendi algumas coisas. Às vezes não tinha pensando como traduzir, por exemplo, uma função de um jeito, aí eu via a colega fazendo, e ia aprendendo algumas coisas.

Nádia: Então é diferente ter uma dupla da mesma área?

Daniel: Sim! Totalmente! Eu me sentia, na verdade, mais seguro, mesmo sendo formado em Matemática. Se eu não entendesse alguma coisa, tinha um colega ali que estava sabendo da área também e podia me apoiar. Por exemplo, o que eu estava sinalizando, em termos técnicos, outro colega que não é da área não tem a noção se eu estou sinalizando corretamente, não para dizer que está certo ou está errado, sem juízo de valor. Exemplo: estou fazendo uma função, mostrando o gráfico do seno. Se eu estou explicando, fazendo isso em sinais, um colega que não é da área, não tem muita noção se estou correto ou não, tipo, podia ter feito uma coisa melhor para ficar mais claro. Já um colega da área consegue ver, porque ele conhece o conteúdo e conhece sobre tradução.

Nádia: E na tua opinião, tu achas que se os Intérpretes traduzissem na área que têm a formação, a tradução para o aluno surdo seria diferente?

Daniel: Eu trabalho como Intérprete e eu sei que a minha formação enquanto Intérprete é uma formação cheia de lacunas, porque eu percebo que faltam muitas coisas. Apesar de estar no contexto universitário, eu me sinto muitas vezes com o conhecimento limitado, de um tanto de coisas que eu deveria saber para estar fazendo essa atuação.

Eu percebo que, por exemplo, a tradução é sempre uma mediação do que a pessoa está falando. O professor, no caso da sala de aula, na maior parte das vezes, é o professor que fala durante todo o período da aula. Então, o que o professor está falando é o que o aluno vai receber.

A gente está ali como uma pessoa que está mediando como um filtro essa comunicação. Não adianta o professor ter doutorado em cálculo se o Intérprete que está ali vai ser o filtro e não vai conseguir compreender aquelas coisas, porque essas informações não vão chegar para o aluno.

Eu percebo, no meu trabalho, quando eu consigo, que ter um conhecimento mais aprofundando sobre aquele assunto a minha tradução fica mais clara, porque eu consigo organizar melhor as informações. Eu já sei mais ou menos o que as pessoas estão tentando dizer, vão falar, então eu consigo me adaptar para que a tradução fique mais clara. Eu sinto bastante dificuldade quando eu não sei do assunto.

Acredito que a tradução na área de formação facilitaria muito o processo de tradução. Porque o aluno recebe o que o professor disse, mas que passou por um

filtro de uma pessoa, então esse filtro é bem importante que seja uma área específica de atuação, que é uma coisa que não acontece pela falta de profissionais, ainda, no Brasil.

Nádia: Fale-me um pouco mais sobre a tua rotina. Tu tens acesso ao material?

Daniel: O material é também engraçado, por exemplo, enquanto Intérprete, a gente sempre pede para os professores mandarem o material, mas na área da Matemática, mesmo as vezes que o professor não mande alguns materiais, eu já tenho! [Risos]

Mesmo que ele não mande, eu já sei algumas coisas, alguns livros eu já tenho em casa, então já dou uma olhada, algumas coisas eu já vou vendo por conta, pra ver como eu posso melhorar o meu trabalho.

Depois da aula, geralmente, se eu não entendi alguma coisa, converso com o colega, tento conversar com o professor, se não deu para traduzir algo da aula. Às vezes dá tempo, às vezes não dá tempo de fazer essa conversa com o professor, porque em muitos casos a gente sai de uma aula e vai para outra. Mas é um processo, geralmente mais antecipado, tentar se preparar antes, depois da aula não tem tempo para conversar.

Nádia: Quando, na Matemática, não tem um sinal correspondente em Libras, como é que é feito?

Daniel: Quando não tem um sinal específico, por exemplo, a Matemática é minha área de interesse (eu trabalho como Intérprete e também trabalho como professor de Matemática de surdos), alguns sinais eu já pesquiso, então converso com o aluno surdo:

- *Olha, conheço tal sinal que pode ser mais ou menos assim. Sabe alguma coisa para esse termo? Tu já tens algum sinal que tu uses?*

Se ele não usa algum sinal específico, a gente faz um sinal provisório e explicamos mais ou menos do que está falando para o aluno entender. Uma das coisas que eu acredito que não adianta é: *“Eu vou inventar um sinal na hora, eu vou criar um sinal na hora.”* Tem que conversar com o aluno, explicar o que está se tratando aquele sinal, para poder usar no momento da tradução. A gente diz:

- *Olha, está falando sobre ‘tal coisa’.*

A gente faz a datilologia, pergunta se ele conhece o sinal, se ele sabe do que está se tratando, a gente fala:

- *Olha, na outra disciplina, por exemplo, de estatística, a gente usava 'tal sinal'. Pode usar aqui também, ou a gente pode seguir fazendo em Português.*

Sempre foi tudo com diálogo. Em todas as áreas que eu presenciei, e mesmo se alguém tentasse impor alguma coisa, a gente conversava. Mas essa produção dos sinais não é uma coisa muito cotidiana. A Libras, nessa área, é nova, então nem todas as palavras em Português têm um sinal correspondente em Libras, a gente vai estudando, adaptando, pensando em estratégias de tradução.

Nádia: Como fica o registro desses sinais combinados? Porque daqui a pouco pode vir outro colega para te substituir e pode não ter conhecimento dos sinais combinados.

Daniel: Na verdade, não é que tenha um registro. Alguma coisa que a gente sabe a gente fala para os colegas, para os colegas que vão ir à próxima aula, ou os colegas perguntam, perguntam uns para os outros, mas não tem nada de dizer que tem um registro.

Eu lembro, na Universidade Católica, de criar um grupo e tentar registrar algumas coisas, mas não foi muito pra frente, porque, na verdade, demandam algumas coisas como, por exemplo, uma estrutura que a gente não tem.

A gente vai fazendo o que dá para fazer naquele contexto de sala de aula: os sinais que vão sendo combinados, os próprios alunos surdos vão passando quando eles vão para outras disciplinas com outros Intérpretes. A gente passa para os colegas e, às vezes, as pessoas que sabem que a gente é da área, que sabem que a gente é de determinado lugar, quando passa por essa situação acabam entrando em contato com a gente, para perguntar, para fazer registro, essas coisas assim.

Já aconteceu, por exemplo, de uma pessoa que fez pesquisa de Mestrado e veio conversar, porque ela ia fazer sobre sinais, e queria saber que sinais a gente usava, que variações, como é que tinha sido combinado.

Mas é mais por isso. Como a cidade é uma cidade "pequena", Pelotas é uma cidade grande, mas não tão grande, então as pessoas sabem quem trabalha com Matemática, para surdo, então as pessoas vêm perguntar pra gente.

Nádia: Além do material que o professor envia, tem uma conversa com o professor da disciplina?

Daniel: Não antes de começar cada aula, a cada dia. Mas, no começo do semestre, a gente sempre conversa com o professor. A gente explica, sobre o papel do

Intérprete como, por exemplo, que o Intérprete não é o professor do aluno surdo, que ele é a pessoa que vai mediar a comunicação.

Uma das coisas que eu sempre tento dizer para o aluno e também explicar para o professor é que por mais que eu seja formado em Matemática, eu não sou um monitor do aluno surdo. O monitor é outra pessoa, o professor é o professor da turma, eu só estou ali para traduzir. Então se o aluno não entender, não sou eu que vou explicar.

Isso a gente deixa claro, que eu estou ali na sala de aula, que não é para dar cola, não é para fazer nada disso, não é para cuidar a turma para o professor. É exatamente para traduzir. Eu sou Intérprete educacional, vou traduzir no contexto educacional, vou estudar junto, fazendo a mediação da comunicação. Eu me limito ao meu papel de atuação que é ser o tradutor. Isso fica bastante claro.

Já aconteceu de, às vezes, o aluno entender um pouco errado, por exemplo, na hora de um trabalho, e perguntar:

- Será que isto está certo?

Porque sabe que eu sou da Matemática. E eu digo:

- Eu não sei! Pergunta ao professor!.

Aí o aluno entende o meu papel. Faltam pessoas que saibam ensinar Matemática em Libras, faltam materiais no Youtube, em Libras. Então o aluno vê uma referência de alguém que sabe Libras e Matemática e quer tirar algumas dúvidas. Eu aviso que na sala de aula não é o lugar.

Não é o lugar por quê? Porque ali eu estou como Intérprete. Se, fora dali, outro dia, outro espaço, se ele quiser tirar umas dúvidas de Matemática, tudo bem! Mas o professor da turma é o professor que está dando aula para a turma. Eu sou só o Intérprete.

Sempre que eu vou traduzir uma disciplina mais de exatas, eu sempre falo:

- Olha, eu sou Intérprete, trabalho na instituição. Minha formação e área de estudo é Matemática para surdos.

Mas eu explico:

- Conheço algumas coisas, eu já sei de Matemática, então gostaria de, mesmo assim, receber o material, porque eu não sei como é que vai ser o planejamento da sua aula e eu gostaria de me organizar.

Nem eu, nem meus colegas, a gente não tem a liberdade nem nas aulas de Matemática, nem nas outras disciplinas de dizer:

- Olha, tal conteúdo a gente não sabe e não vamos traduzir.

Na verdade, a gente sempre acaba traduzindo com o que a gente sabe. Não tem muito como dizer que conteúdo vai ser na aula, que conteúdo vai ter. A gente fica muito limitado. Quem traz o conteúdo, quem organiza a dinâmica da aula é o professor. O professor explica com a metodologia dele, a gente só traduz, mesmo que às vezes eu possa pensar que poderia fazer diferente se eu tivesse dando uma aula de Matemática para surdos, mas naquele momento eu estou ali só para traduzir.

Nádia: Tem alguma conversa com o professor de como adaptar algum conteúdo ou de alguma estratégia para se utilizar na sala de aula?

Daniel: Não. Na verdade a gente sempre fala de questões gerais: Que o aluno surdo é um que têm uma metodologia visual, então uma metodologia visual é uma metodologia que vai facilitar a aprendizagem, que palavras que sejam muito complicadas em Língua Portuguesa, por exemplo, nomes de pessoas ou nomes e substantivos próprios em outra língua, que o professor escreva no quadro. A gente conversa com os professores, no geral, mas específicas de metodologia de Matemática, não.

Nádia: Como funciona o horário de estudo desses materiais?

Daniel: Nessa instituição que eu trabalho, atualmente, que é numa universidade, a gente tem uma carga horária reconhecida para estudo. Em outra instituição que eu trabalhei anteriormente, a gente conseguia, às vezes, algumas horinhas, mas nada muito registrado nessa outra universidade.

Mas nos outros lugares nunca tinha. Era a carga horária completa em sala de aula, independente do assunto, independente da área de conhecimento, era todo o dia sem tempo para estudar.

Atualmente, eu vejo, na universidade que eu trabalho, que é uma parte pequena da carga horária da gente para estudo dos materiais, é um estudo de todos os materiais de todas as disciplinas. Então é uma iniciativa, é uma luta que se conquistou de reconhecimento da importância do Intérprete: estudar para se preparar para a sua atividade.

Não se tem uma estrutura muito grande porque, às vezes, não tem local, às vezes, não tem computador, às vezes não tem uma série de coisas e a gente acaba levando de casa. Se não dá para levar, a gente fica meio resumindo no que tem, no que dá para fazer. A universidade reconhece isso.

Sempre lembrando que o meu contexto de atuação, na maior parte das vezes, foi em instituição pública, e todo o contexto de como é trabalhar numa instituição pública, toda precarização de material, de espaço, que é um contexto nacional.

Nádia: Como é a tua relação com o aluno surdo?

Daniel: A relação com o aluno surdo é bem tranquila. Nunca tive nenhum problema em dizer que o aluno ficou insistindo, que queria que eu desse alguma resposta. Nunca teve isso.

Sempre que surgiu alguma situação que eu achei que pudesse ser meio constrangedora para nós dois, por exemplo, de ele me pedir alguma informação da prova ou do trabalho, eu dizia:

- Vamos perguntar ao professor. Vamos fazer essa pergunta ao professor. Vou falar para o professor o que você está falando, posso?

Ele dizia “sim” ou ele dizia: “Não. Então deixa”.

Mas sempre foi muito tranquilo. Só que eu noto que, por exemplo, por trabalhar como Intérprete e também trabalhar como professor de Matemática, muitas vezes, eu via algumas coisas que os alunos contavam, de muitas vezes eles fazerem um desabafo dizendo:

- Eu procuro o livro, mas o livro não está na minha língua, não tem a explicação de Matemática em Libras para eu entender. Eu entro no Youtube e as pessoas estão falando, estão mexendo a boca, explicando cálculo.

Eles estão vendo uma explicação oral em Língua Portuguesa e não conseguem entender. Então essa falta de material faz com que, por muitas vezes, as pessoas se aproximem de mim, para pedir tipo assim:

- Olha, tem alguma coisa que você sabe para me ajudar? Porque eu não acho em nenhum lugar, nenhuma coisa que eu possa estudar Matemática.

Essa falta de material adaptado em Matemática, para os alunos surdos, seja no Ensino Fundamental, seja no Ensino Médio, seja no Ensino Superior, enquanto professor de Matemática é uma realidade que eu vejo. É obvio que quando eu estou lá como Intérprete, eu não deixo de ser professor de Matemática. Mesmo que eu não esteja atuando, o meu olhar pedagógico enquanto professor está lá também. E quando eu estou dando aula de Matemática eu não esqueço que sou Intérprete, penso muitas vezes em como as coisas poderiam ser mais clara para eles. Essa falta de estrutura de material bilíngue para os surdos acaba ocasionando dificuldade

a eles. Às vezes, no meu caso, ser o Intérprete e ser alguém que é formado em Matemática acaba sendo uma pessoa com quem eles querem desabafar:

- Olha, está difícil e eu não sei o que fazer, não estou achando material.

E, ao mesmo tempo, às vezes, os professores também vêm falar isso, que também não têm material. Por mais que o professor não conheça a língua de sinais, o professor sabe o conteúdo, ele tem todo um cuidado, muitas vezes para o aluno ouvinte ele prepara o material, faz um vídeo então o professor percebe que não tem esse material para o surdo. Mas eu percebo que, no geral, as relações são muito tranquilas. Muitas vezes, as pessoas vêm fazer um desabafo ou pedir ajuda.

Uma vez aconteceu de um aluno surdo – eu não era Intérprete dele nessa instituição, mas o conhecia porque eu tinha trabalhado nessa mesma instituição em que ele estava estudando – o seu avô começou a me ligar pedindo para dar aula de cálculo, pois sabia que eu era Intérprete de Libras e também professor de Matemática, e ele queria que eu desse aula para o menino, porque o menino tinha aula de cálculo. A maioria dos Intérpretes tem uma carga horária de trabalho, uma jornada de trabalho bastante densa durante a semana, então não tinha muito horário para isso.

Às vezes eles querem aula particular, porque não tem outro lugar que as pessoas vão saber explicar isso. Sobre essa questão, que eu percebo do serviço público, e, no geral, que, às vezes, é difícil conseguir Intérprete para todo o período de aula e mais difícil ainda conseguir para ir para a aula de apoio. Quero dizer que existem muitas lacunas, apesar de todos os avanços da inclusão, ainda tem muita coisa para ser feita.

Nádia: Nas disciplinas de Matemática, você trabalha sentado ou em pé?

Daniel: Em todas as outras disciplinas eu me sinto muito à vontade em traduzir sentado na cadeira. Acho mais confortável, inclusive para poder me organizar. Já trabalhei com colegas que preferiram ir e mostrar lá no quadro, pois às vezes não conseguia fazer a sinalização de um eixo no plano cartesiano, com as mãos, para tentar localizar o gráfico. No dia que o colega ia ao quadro, eu seguia o mesmo comportamento que o colega, no momento de trocar a dupla, eu também ia para o quadro e perguntava para o aluno se estava mais fácil de entender. Mas eu, enquanto Daniel, prefiro traduzir de uma forma que fique confortável para mim. Por exemplo, sentado, eu acho mais confortável porque depois vou passar o dia inteiro

traduzindo, e ficar de pé fica mais cansativo. Mas, claro, a gente sempre conversa para ver o que é melhor para o aluno, o que for mais claro para o aluno entender.

Às vezes, as pessoas reclamam de não querer que o Intérprete fique perto do quadro porque vai chamar muita atenção, vai fazer com que os alunos ouvintes percam a atenção do professor e fiquem olhando para o Intérprete, já ouvi isso também. Mas comigo isso nunca aconteceu.

Todas às vezes que eu fui traduzir no lado do quadro foi muito tranquilo, e os colegas também foram muito compreensíveis com a situação. Mas já ouvi histórias dos colegas contando exatamente sobre isso, que não iam mais ao quadro porque o professor disse que os Intérpretes estavam chamando a atenção. Nem é chamar a atenção: Estava desviando a atenção dos alunos!

Não é que o professor disse que estava chamando a atenção dos alunos, nada disso, mas que aquela pessoa, do lado, sinalizando, mexendo as mãos, estava fazendo os alunos se desconcentrarem do que o professor estava falando. Mas comigo isso nunca aconteceu. Não sei se aconteceu na instituição que eu estou trabalhando, mas eu já ouvi isso.

Eu imagino que quando eu vejo um colega indo no quadro, é porque o colega, muitas vezes, não conseguia localizar, por exemplo, fazer em Libras com as mãos, por exemplo, com a mão, tentar organizar um eixo cartesiano, ou com uma mão tentar organizar como é que aquela função está se comportando em determinado período. Por ter esse conhecimento, um pouco básico da Matemática, eu conseguia me situar melhor na hora de traduzir. Mas é um recurso que a gente pode fazer sim, de ir ao quadro, e quando eu fui, também me ajudou, quer dizer, isso não é um problema, é uma coisa que vai agregar, que vai tornar mais clara a tradução. Mas aí cada um decide, a pessoa pode não querer, não se sentir bem e se sentir melhor traduzindo sentado.

Nádia: Então, você acha que te facilitou por ter conhecimento na área?

Daniel: É. Eu entendo que no quadro é para ficar mais próximo do professor, e muitas vezes para tentar aproximar daquela imagem. A pessoa vai ao quadro não porque está escrito coisas em Português, porque está escrito um texto, a pessoa vai ao quadro porque tem um gráfico, a pessoa vai ao quadro porque está falando determinado assunto e aquela parte visual do assunto é que vai ser importante. Isso me ajuda também. Mas se puder traduzir sentado, em função de traduzir manhã, tarde e noite, eu prefiro ficar sentado porque eu acho menos cansativo.

Nádia: Como é a sua relação com os professores que ministram as aulas de Matemática?

Daniel: Eu conto para o professor que sou formado em Matemática. Obviamente sabem que eu estou ali para traduzir, sempre tento deixar bem clara essa função, que a minha função é como Intérprete. Não é para me preocupar com a aula da pessoa, eu não vou traduzir pedagogicamente na aula de ninguém, não é o meu papel e nem vou fazer isso de forma alguma. Mas as pessoas também ficam, às vezes, se sentindo meio vigiadas. [Risos]

Eu tento sempre deixar claro que eu não estou aqui para cuidar a aula de ninguém, nada do tipo, mas as pessoas se sentem assim: *“Ah! Será que estou falando tudo certo? Porque tem um professor de Matemática dentro da minha aula”*.

Então, às vezes, eu tento deixar sempre muito claro:

- *Eu sou professor de Matemática também, mas eu sei da dificuldade que é.*

Me colocar no papel de professor sei a dificuldade que é ser professor, que às vezes pode se esquecer de alguma coisa, Não estou ali para cuidar. Se o professor falar alguma coisa, que eu sei que está errado eu vou traduzir tal qual o professor falou, e eu não vou intervir de forma alguma na explicação dele, porque, na verdade, a aula é dele. No final da aula, se ele me perguntar alguma coisa, depois que acabou a aula eu posso até dizer:

- *Olha, tal coisa poderia ser de outro jeito!*

Mas não estou ali para isso. Eu sinto que as pessoas acham que eu estou cuidando. Eu sinto isso, que as pessoas podem se sentirem desconfortáveis, por saber que tem alguém com a mesma formação que elas dentro da sala de aula. E já aconteceu uma vez, numa disciplina de Cálculo, que eu achei engraçado, porque era meio que um rodízio de Intérpretes que traduziam a disciplina, e aí, no dia que eu fui, era o segundo dia da disciplina, e era com outra dupla. E aí, no primeiro dia, tinha ido uma colega que era formada em Matemática e a colega se apresentou e falou:

- *Olha, eu sou a fulana e sou formada em Matemática.*

No outro dia que eu fui, eu fiz a mesma apresentação, eu disse:

- *Olha, eu sou o Daniel e sou formado em Matemática e aqui eu sou Intérprete.*

E o comentário da professora foi:

- *Nossa! Todos os Intérpretes daqui são formados em Matemática? Que legal isso!*

Isso na verdade foi uma coincidência. A gente tentou organizar o horário enquanto Seção de Intérpretes, para que os Intérpretes de Matemática fossem traduzir as aulas de Matemática. Mas não é uma coisa que acontecia sempre. Assim como eu posso traduzir uma aula de Letras, um profissional de Letras pode traduzir a aula da Matemática. Mas eu achei muito engraçado, porque a professora fez um comentário tipo: *“Nossa! Todas as pessoas agora são Intérpretes de Matemática! São professores de Matemática que vão traduzir as minhas aulas!”*. Achei interessante isso. Como se fosse uma coisa bastante comum, e eu percebo que não é. Eu só conheço duas pessoas que são formadas em Matemática e que são Intérpretes. E só sei de uma pessoa que traduz, mesmo sendo Intérprete, a outra pessoa é só professora.

Nádia: Em Pelotas? Ou geral?

Daniel: Em Pelotas eu conheço isso. Em Pelotas, eu só conheço duas Intérpretes que são formadas em Matemática. Conheço várias pessoas de Matemática que têm interesse pela área de Libras. Então eu conheço vários professores de Matemática que dão aula para surdos. Mas pessoas que são formadas em Matemática e também são Intérpretes de Libras eu só conheço duas, e uma só atua como professora, e a outra atua só como Intérprete.

O grupo é pequeno. Então eu percebo que surdos que têm em outros lugares, que estão em outras instituições, eles não têm essa mesma oportunidade de ter profissionais que tenham conhecimento maior dessa área da Matemática. Já é uma área que, tradicionalmente, o aluno já tem bastantes dificuldades. Não é uma área considerada fácil, comparando com as outras.

Uma coisa que eu achei interessante é que eu tive um professor na faculdade, que era um senhor de mais de 80 anos, e que não conhecia nada de Língua de Sinais. Foi uma situação que eu achei bastante interessante, tipo o dessa professora que eu falei:

- *Nossa! Dois Intérpretes que são formados em Matemática? Que legal!*

Eu achei muito interessante porque era um professor com mais de 80 anos que tinha uma aluna surda e o professor não sabia Língua de Sinais, e eu era Intérprete e achava extremamente interessante que o professor, mesmo sendo uma

pessoa de mais idade, tinha vontade de falar com a surda. Então, às vezes, o professor não se limitava, por exemplo: “*Vou usar o Intérprete*”.

Às vezes, ele mesmo marcava com a aluna e ele mesmo tentava se comunicar com a aluna surda, fazendo alguma estratégia na comunicação deles e eles conseguiam se comunicar. Às vezes, eles conseguiam estudar sozinhos e era um professor de 80 anos. E o que eu mais percebi disso, pra mim, como Intérprete, pra mim, como professor, é que às vezes por mais que eu ache que existe uma limitação, a boa vontade da pessoa, quer dizer, não ter medo, não ficar com receio que vai dar errado, tentar, isso ajuda bastante nesse processo de comunicação com os surdos nas disciplinas de Matemática e no papel do Intérprete também, nesse desenvolvimento da conversa, toda essa relação que tem. Isso é uma história que eu achei interessante.

Nádia: É interessante mesmo. Quer relatar mais alguma coisa? Da tua profissão? Das salas de aula? Das disciplinas de Matemática? Dos colegas? Quer falar mais alguma coisa que achas importante?

Daniel: Eu acho que de Matemática é isso. Sempre que a gente trabalha numa disciplina que os alunos não têm material na língua deles, a gente sempre fica mediando para professores que, muitas vezes, nunca ouviram falar de alunos surdos. Às vezes, a gente ouve o desabafo do aluno e ouve o desabafo do professor e a gente fica numa posição que está ali só para traduzir, então o quanto falta uma estrutura maior nos lugares, nas escolas, nas universidades, políticas que trabalhem mais essa questão específica.

Porque assim como eu sei um pouco de Matemática e eu acho que facilita a minha tradução, outros colegas nas disciplinas de Letras sofrem isso também. Sofrem não porque não é um sofrimento, mas eles passam por essa situação. Eu não considero que seja sofrimento, mas eu acho que as pessoas enquanto Intérpretes acabam nesse contexto em que o Intérprete é aquela pessoa que conhece as duas línguas, que conhece as duas culturas e que ficam sempre ouvindo o desabafo do professor, ficam ouvindo o desabafo do aluno surdo.

Por exemplo, quando vai se pensar a aula, a gente não é chamado para falar essas coisas, sabe? Então, às vezes, eu sinto isso, poderia falar tanta coisa para o professor, mas eu também não tenho essa legitimidade para falar, não sou chamado para falar.

Eu estou na aula e não vou interferir pedagogicamente, mas eu também penso para a minha aula, sabe? Às vezes sobre aquele conteúdo, às vezes eu posso pensar: *“Oh, vou dar de um jeitinho diferente”*.

Às vezes não me sinto à vontade de falar aquilo para o professor, pois ele é o professor e também não me perguntou nada assim, sabe? Por saber que meu papel lá na aula é muito isso, é traduzir, é ser imparcial, é traduzir exatamente, ser fiel ao que o professor está falando, estas coisas todas é o que eu tento prezar por todo um código de ética, sabe? Mas eu penso: *“O que é ser ético?”*.

Eu fico me questionando muito enquanto profissional, o papel de Intérprete e o papel de professor se mistura, e eu tento me frear, às vezes, para não me meter num papel, num espaço que não é meu. Porque são muito frágeis as relações, não tornar que o professor sinta-se desrespeitado, querendo tomar o papel dele, essas coisas todas.

Nádia: É o que você estava comentando antes, sobre a rotina?

Daniel: É, no dia a dia não tem. A gente não consegue falar, porque o professor vem de outra aula, a gente vem de outra aula, ou se é a primeira aula do dia que é às oito horas da manhã, a gente também não consegue chegar muito mais cedo para dizer: *“Olha, vamos conversar mais cedo”*. Porque as pessoas vivem, né? Às vezes as pessoas não trabalham num só lugar, elas trabalham em três lugares e aí tu consegues chegar para traduzir. A gente sempre tenta fazer uma conversa no começo do semestre e explicar.

Numa instituição que eu trabalhei, havia uma coordenadora que tinha um grupo de estudos e ela ficava muito responsável por ir conversar com os professores. Ela não era Intérprete, ela era professora. Então ela tinha todo um acesso diferente em ir falar com os colegas dela.

Na instituição pública onde eu trabalho atualmente, tem uma seção de Intérpretes e essa seção de Intérpretes tem a liberdade de falar de coisas relacionadas à nossa profissão. Só que, às vezes, a instituição não tem quem fale sobre isso, porque as pessoas que estão na instituição. Muitas vezes, são quem tem um estudo linguístico da língua e que estão ocupadas e preocupadas em fazer um ensino da língua. E aí falta quem vem falar da parte pedagógica. Não são os Intérpretes, pois eles falam sobre tradução, não é quem ensina a língua de sinais porque são pessoas que estudam para ensinar a língua de sinais e não para falar sobre Educação de Surdos.

Essa é uma lacuna que existiu na maioria dos lugares que transitei enquanto profissional. O único lugar que teve isso foi na instituição que era uma coordenadora, que era professora do lugar, uma instituição privada então tinha um acesso diferenciado.

Mas essas coisas eu percebo que já tem uma melhoria muito maior. Eu comecei a trabalhar há dez anos atrás, em 2008, como Intérprete, e hoje, em 2018, eu vejo quanto as coisas já foram evoluindo. A gente conseguiu, por exemplo, trabalhar com dupla que é uma coisa que a gente não tinha no começo. A gente traduzia todas as aulas, sozinho, a gente não tinha horário para estudo e agora a gente está começando a falar sobre isso, a reconhecer essas coisas, quer dizer, eu espero que no futuro as coisas melhorem ainda mais.

Nádia: Tu acharias necessário então, além da carga horária para estudo, ter uma carga horária para essas conversas também? Tanto do horário de vocês quanto do professor para ter esse diálogo?

Daniel: É. Seria necessário. O professor tem um aluno surdo, então que ele tenha uma parte da carga horária dele para ir conversar com os Intérpretes e que os Intérpretes tenham uma parte da carga horária para além do estudo também para falar com o professor toda a semana, dizendo:

- *O que tu vai ensinar?*
- *Eu vou ensinar função de segundo grau, estou fazendo uma revisão.*
- *Então como que tu vai ensinar isso?*

Então, um diálogo que a gente pudesse falar com o professor e que tivesse tempo para isso e o professor também tenha tempo para isso, para conversar sobre isso:

- *Olha, falando sobre isso, que material poderia produzir para deixar para o aluno na língua dele? Produzir um vídeo? Produzir essas coisas.*

Até para estudar com o professor, porque, por exemplo, se a pessoa não é formada em Matemática, a pessoa precisar ter alguém que é da área para fazer explicações conceituais, que no papel não trazem, por mais que eu leia um texto, o texto não é a mesma coisa do que um professor sentando comigo e estudando e explicando o que quer dizer aquele conceito. Então, nesse espaço, acredito que ainda existe essa lacuna, mas eu espero que no futuro isso acabe sendo superado, que a gente consiga isso também.

4.4 – Maitê Maus da Silva

A quarta e última entrevista foi realizada com a TILS Maitê Maus da Silva, no dia 13 de junho de 2018, no prédio do Instituto de Ciência Humanas da UFPel, e teve duração de 1h 37' 27". Tem 2 cursos de Intérprete de Libras ofertado pela Federação Nacional de Educação de Surdos de Pelotas (FENEIS), em parceria com a Associação dos Surdos de Pelotas (ASP), em 2002 e 2004, é Bacharel em Letras Libras e Mestre em Estudo da Tradução, ambos pela UFSC. Atualmente é Tradutor Intérprete de Libras na UFPel.

Nádia: Maitê, me conta sobre a sua formação acadêmica e de Intérprete.

Maitê: Eu me formei Intérprete, profissionalmente, no ano de 2004, num curso que foi ofertado pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) em parceria com a Associação dos Surdos de Pelotas (ASP). Esse curso teve duração de 120 horas, então foi um curso ofertado em janeiro, nas férias, de uma forma bem intensiva para que a gente pudesse começar a atuar e ter essa certificação que estava começando a ser solicitada.

Antes disso, eu já trabalhava como Intérprete na Prefeitura Municipal de Pelotas, sem certificação de Tradutora Intérprete de Libras, pelo fato de eu ser coda, filha de pais surdos. Mas ser coda não me capacita para atuar como Intérprete. Conhecer a língua de Sinais não me faz apta a ser Tradutora e Intérprete, então eu sempre quis fazer o curso. Eu entrei na prefeitura no final de 2001 e fiz o curso em 2002.

Depois eu fiz um outro curso, em 2004, também ofertado pela FENEIS e pela ASP. E esse teve uma carga horária de 150 horas, também foi de maneira intensiva tendo aula de manhã e de tarde, durante a semana. Alguns dos professores eram de Porto alegre e outros de Pelotas que ministraram o curso. Esses foram os dois cursos de capacitação que eu realizei na área de Tradução e Intepretação. Cursos curtos, mas foi o que estava sendo oferecido na época.

Em seguida, em 2008, abriu a turma de Letras Libras, Bacharelado. Eu e outras colegas de Pelotas fizemos o vestibular e fomos aprovadas e nos formamos em 2012. E aí a gente parte do princípio que a graduação na área de tradução interpretação começa a ser reconhecida. Em 2012, teve as primeiras turmas a serem

formadas em nível federal. Já havia algumas turmas formadas antes, em instituições privadas e pouco se fala disso. Mas em nível federal, ofertadas pelo governo, as primeiras turmas a se formarem em Bacharelado Letras Libras foi em 2012.

Eu fiz o bacharelado, terminei em 2012 e em 2014 eu entrei no Mestrado em Tradução, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O Mestrado me possibilitou ver um outro viés da área de tradução, um pouco mais a fundo, não só da área da língua de sinais, mas que eu pudesse me apropriar um pouquinho mais da história dos Tradutores, dos Intérpretes, entender um pouquinho mais sobre as possíveis diferenciações, enfim, e aí eu concluí o Mestrado em 2016/2.

E atuo, como Intérprete, desde o finalzinho do ano de 2001. Comecei no Ensino Médio. Trabalhei uns anos no Ensino Médio, depois comecei a trabalhar na graduação e em seguida que eu comecei a trabalhar na graduação já comecei a trabalhar na Pós-graduação. No presente momento, estou atuando como Tradutora Intérprete, concursada na Universidade Federal de Pelotas desde o ano de 2010, ocupando o cargo de nível D. Mesmo tendo toda essa formação, eu ocupo o cargo de nível D.

Nádia: Nessa toda tua jornada, tu já deves ter traduzido disciplinas de Matemática em nível superior. Me fala um pouquinho dessa atuação, em nível superior, com disciplinas de Matemática.

Maitê: Eu trabalhei com Matemática, que eu lembre, em um curso de licenciatura em Matemática. Outras disciplinas eu até trabalhei, mas eram no curso de Administração, e não foram disciplinas específicas da Matemática, mas, Economia, Estatística, ou seja, que envolvia cálculos.

Trabalhei num curto tempo, foi na verdade para substituir alguns colegas, pois eu não trabalhava nesse turno que a menina estudava Licenciatura em Matemática. Particularmente eu achava bem complicado. Por que a base que eu tinha de Matemática era uma base escolar e a surda já estava bem à frente, acredito, que mais do que na metade da graduação.

Já tinha sinais que os colegas tinham convencionado com essa aluna que eu não tinha propriedade e que poderiam ajudar na qualidade de interpretação. Muitos termos técnicos que eu não sabia eu ficava me remetendo a minha experiência do Ensino Médio, porque no Ensino Médio, como era outro ritmo e era uma turma só de alunos surdos, a gente conseguia parar e combinar alguns sinais.

Na turma de graduação, éramos uma equipe de Intérpretes, a gente trabalhava em dupla. Era uma instituição particular e eu acho que é interessante frisar que essa instituição mesmo que sendo particular ela respeitava o trabalho em dupla. Digo respeitava porque não sei se ainda respeita. Tínhamos essas aflições sobre as combinações de sinais da Matemática que talvez hoje a gente denominasse como “sinal resposta³²”. A gente ficava aflita em daqui a pouco estar tendo que sinalizar algum questionamento em língua de sinais, e o sinal utilizado do questionamento ocasionasse a resposta que a aluna precisava.

O quanto algumas coisas da Matemática são muito icônicas e eu que não sabia os sinais usava muito mais os classificadores e da “iconicidade³³” para tentar me virar naquele momento do que dos sinais que já tinham sido convencionados por essa aluna. Eu ficava naquela dúvida, claro, sempre tinha uma dupla, mas nem sempre essa dupla estava tão afinada com essa aluna.

Eu sempre trabalhei muito mais na área das humanas do que nas exatas e estar com essa aluna era um desafio pra mim. Mas eu acho que ela também estava aprendendo, então acredito que o processo de aprendizagem dela não era pra muito além do nosso. O fato de não ter sinais específicos da Matemática somado aos sinais combinados, a gente corria o risco de estar dando a resposta na hora de uma provocação, de uma colocação do professor e isso era agonizante, enfim, a gente ficava preocupado em estar passando dos limites no momento da interpretação.

Eu lembro bem disso e não foram muitos os momentos em que eu estive com ela, mas foram momentos de desafio, de *“ai, o que a gente pode fazer aqui? Como que a gente pode solucionar?”*, então as reuniões que nós tínhamos no grupo eram reuniões que ajudavam a gente a solucionar alguns desses problemas em que a gente conseguia conversar:

- *Ah, como é que tá sendo com “tal” surdo?*

- *Ah, tá sendo “assim”!*

³² O sinal realizado acaba por reproduzir/indicar a resposta de qual operação matemática o aluno surdo precisará fazer para calcular a operação. Exemplo: o sinal em libras da palavra “multiplicação” se fizer um “X” com os dedos, já estará indicando qual é o processo que necessita fazer no cálculo (multiplicar os números), diferente do sinal em libras da palavra “somar” que não é com os dedos fazendo “mais” e sim é outra configuração de mão para realizar o sinal em libras.

³³ Sinais Icônicos - Uma foto é icônica porque reproduz a imagem do referente, isto é, a pessoa ou coisa fotografada. Assim também são alguns sinais da LIBRAS, gestos que fazem alusão à imagem do seu significado. [...] Isso não significa que os sinais icônicos são iguais em todas as línguas. Cada sociedade capta facetas diferentes do mesmo (STROBEL; FERNANDES, 1998, p. 7).

- Ah, não, eu resolvi fazer “assim”.

- Ela pediu para sinalizar “dessa forma”.

Então, em alguns momentos, a gente conseguia acertar. E eu me lembro, não sei se com essa aluna chegou a acontecer muito do tipo de encontros pré-aula, acredito que sim, com outros alunos aconteciam encontros pré-aula para combinar esses tipos de sinais específicos das disciplinas, e com isso era possíveis fazer essas combinações. Não sei se com essa aluna foi assim ou se foi na sala de aula. Fico te devendo.

Nádia: Na universidade particular, era a Graduação de Licenciatura em Matemática?

Maitê: Sim. Era a Graduação em Matemática. Já faz um tempinho que se formou, não sei se ela tá atuando na área, mas o interesse dela era fazer o curso de Matemática e, inclusive, acredito até que ela tenha feito o estágio com alunos surdos. Uma das preocupações que eu lembre era “*aonde é que ela vai atuar?*” Mas eu não a acompanhei do começo ao final do curso.

Uma das práticas que essa universidade tinha era a de tentar manter os mesmos Intérpretes sempre com o mesmo aluno surdo, porque já havia o vínculo, já tinha um andamento, tinham os sinais combinados, já tinham coisas convencionadas nesse círculo, professor-aluno e equipe de Intérpretes, então não sei como é que foi a conclusão de curso, porque eu saí da universidade antes da aluna se formar.

Muitos detalhes assim eu não consigo te passar, mas lembro de que foi um desafio, um desafio muito grande em estar numa área que não era a minha, porque como eu falei a minha base de formação é toda na área de Interpretação, a gente acaba deixando de lado com resistência o ensino da Bhaskara, os conteúdos que a gente trabalhou na turma do Ensino Médio, porque a Matemática a gente sabe que tem muito disso, a gente resiste, a gente não quer saber dos números, a gente não entende para o que isso vai servir na vida e aí a gente se depara depois, na carreira profissional, tendo que interpretar disciplinas, que são disciplinas muito sobrecarregadas.

Eu lembro que, na Administração, algumas disciplinas que eu interpretei que não eram disciplinas de Matemática, mas eram disciplinas de Estatística e também tinha todo um comprometimento, pois era além de interpretar somente números, porque aqueles números resultavam em alguma coisa, de porcentagem para empresa e aquilo podia ser a possibilidade de desemprego, enfim, de demissão, porque um número errado, uma vírgula no lugar errado, causava todo um temor,

mas foi isso, no período que eu fiquei, que foi curto, foi de desafio, de desafio principalmente por não ter sinais específicos da área e acredito que por mais que se criem alguns sinais, alguns sinais vão ser sinais respostas.

Hoje parece que está se usando “sinal termo”, que é criar sinais específicos para uma área, então talvez essas convenções que a gente fazia antes, a gente chamava de convenções, possam hoje em dia ser esses sinais termos, que são grupos que trabalham com essa especificidade, com essa área de trabalho, e a criação desses sinais para a área da Matemática. Então talvez essa coisa da lexicografia que os linguistas estão estudando agora possa ser uma solução, para sinais específicos, glossários específicos, enfim. Então alguns eventos estão surgindo na área e a gente está tentando aprender um pouquinho mais.

Nádia: Tu comentou que trabalhava em dupla na outra instituição, você teve alguma dupla com formação na Matemática?

Maitê: Na verdade, eu não ficava fixo com essa aluna, mas, nas vezes que eu fui para a sala de aula, a minha dupla tinha formação em Matemática. Na verdade, um dos colegas tinha a formação e o outro estava em processo de formação e isso me causava segurança. Eu lembro, não sei o número exato, de ter ido pra sala de aula com uma dupla que não tinha essa formação, e aí era, digamos, pânico total, porque nenhum dos dois era da área.

A distribuição era sempre tentar colocar quem tinha essa formação pra poder dar um embasamento, um referencial teórico. Se a gente tem um referencial teórico, a gente tem mais propriedade, enfim, parafrasear, fazer uma escolha de interpretação mais adequada. Agora, se a gente não tem o referencial teórico, a gente corre o risco, sim, de causar um transtorno da fala do professor ou do aluno.

Então o fato de ter alguém com formação me causava segurança. Mas nem sempre era essa pessoa, então como eu fui pra demanda esporádica, ou seja, não era a demanda de sala de aula fixa que eu estava acostumada a atender, o apoio me dava o sinal que tinha sido combinado, ou fazia alguma coisa que de repente me fizesse lembrar de *“ah, não, isso aqui vai estar indicando alguma coisa”*, fazendo a datilologia, o apoio me dava um sustento maior, porque na época, eu trabalhava no curso da Moda [Risos].

No curso da Moda, eu acho que era bem isso, eu estava num período que eu trabalhava no curso de Moda e o pessoal trabalhava com a aluna da Matemática. Se

eu não me engano foi um período que eu estava num curso que não era nem da área de humanas, um curso da arte, que envolvia todo outro conteúdo, outra área.

Mas eu acho que a segurança que a pessoa com formação, me davam era necessário. Se a gente pudesse ter formação na área em que a gente fosse atuar, seria muito melhor. Eu já ouvi pessoas dizendo assim:

- Ah, nem sempre trabalhar na área que tem a formação, porque de repente a gente não acredita ou não concorda com o que o professor está dizendo!

Mas de qualquer forma a gente tem propriedade sobre o que o professor está dizendo, e aí vai da nossa ética não interferir nas escolhas do professor. Mas acredito tem mais segurança, por exemplo, na área da Física ou da Matemática, o TILS está interpretando e aí aparecem termos como: “*côncavo e convexo*”. Aí tu ficas “*hã?*”. Tu vai fazer a datilologia. Agora se tu sabes o que é um côncavo e um convexo tu vai usar um classificador, então a compreensão do aluno é muito melhor. Mesmo que o aluno não saiba o significado, ele já sabe que é alguma coisa parecida com aquilo que tu mostrou, “*tem uma curva*”, “*a refração é de tal lugar*”, então acredito que a qualidade de compreensão desse aluno seja melhor.

Nádia: Tu falou da questão da insegurança. Tu achas que se tivesse a formação na área em que atua, seria diferente?

Maitê: É, eu acho que faz toda a diferença. Acredito que esse é o ideal. Eu torço para ver esse ideal, a gente alcançar esse ideal na nossa profissão, mas se a gente não tem essa formação, e se ao menos recebesse com antecedência o material, para poder estudar e com isso ter um referencial teórico, já nos ajudaria. Eu acho que não significa que porque eu sou da área eu vou interpretar melhor do que a pessoa que não é da área.

O que é importante: conhecer, ter acesso ao que vai ser trabalhado, vou dar um exemplo da minha área da Letras, vamos supor que o professor diga que vai trabalhar com fonemas, pois bem, eu sei o que são fonemas, mas se eu não sei quais são os exemplos que ele vai trazer para a aula, na hora da aula pode ser que as minhas escolhas de tradução pra trabalhar com aquilo, com aquele conteúdo, não sejam as mais adequadas. Então se eu tiver o material antes, e tiver conhecimento, melhor ainda. Então vamos supor, se a pessoa tem formação em Matemática e ela tiver acesso ao material que o professor vai trabalhar, antes, o plano de aula, mais qualidade fica o trabalho.

Não quer dizer que quem não tenha formação não vá fazer um trabalho de qualidade, vai, mas com menos propriedade e segurança. Eu acredito que conhecer o conteúdo te traz segurança e propriedade para trabalhar com aquilo. Lógico que seria o ideal, que a gente tivesse o material antes e tivesse a formação na área, mas bom, se não dá pra ter formação na área, o material salva. Agora, só ter formação na área, sem ter o material, também não sei se é suficiente, porque, por exemplo, eu tenho formação na área de Letras, mas nem sempre o trabalho que vai ser abordado em sala de aula foi abordado na formação que eu tive. Porque, graças a Deus, as coisas evoluem.

Agora, por exemplo, eu citei a função da lexicografia. Eu nunca ouvi falar em lexicografia na minha formação. Por quê? Porque era uma formação mais específica. Então, eu acho que a gente não precisa pensar em dar conta de tudo só pelo fato de ter formação. Então é importante ter conhecimento do material, antes, ter acesso ao material, poder conversar com o professor na universidade. Essa universidade privada que a gente trabalhava, a gente conseguia conversar com o professor antes. Claro, com toda uma organização:

- Ah, professor, isso aqui é “tal” coisa? Não é?

E, também, naquela época, a formação que nós tínhamos era o Ensino Médio e os cursos de Intérprete. Então acho que a gente vai buscando segurança conforme a gente vai atuando nas áreas, se apropriando de alguns termos, se apropriando de alguns sinais, mas, hoje, por exemplo, a realidade que a gente vive é: Intérprete com uma formação superior na área de Tradução e Interpretação, na área de Letras-Libras, que tem formação na área de Letras e que estão atuando na Educação, na Engenharia, na Administração, que não são os cursos pelo que eles circularam.

Então acredito que ter a formação na área e conhecer o material antes seria um bom passo para que a gente tivesse escolha de tradução com mais qualidade. Não seria a solução, mas eu acho que ajudaria bastante. Ajudaria bastante mesmo. E já têm pessoas falando disso: a Silvana Aguiar, falando da formação na área jurídica, se eu não me engano, Melanie Metzger, fala sobre a formação específica na área da saúde. Por exemplo, eu, que tenho formação em Letras, ir lá interpretar um cara falando sobre neurociência? Não tenho formação, se eu não tiver material, bom, [tem] risco de omissão, risco de erro, risco de escolhas que não são adequadas, então acho que para qualquer área, inclusive para a Matemática, que é

da área das exatas, as interpretações elas têm que ser, digamos assim, elas são mais duras, né? Elas não são tão amplas e de interpretação pessoal, não sou da área, estou arriscando dizer que eu acho que é.

Mas eu acho que ter formação na área e ter acesso ao que vai ser trabalhado qualifica o trabalho de interpretação, do profissional, naquele contexto de sala de aula. Tem pessoas que têm habilidades, que não têm formação na área mas que têm habilidades pra transcorrer uma interpretação de qualidade sem ter formação e sem ter o acesso ao material. Eu acho que dá qualificação, dá segurança, dá “certeza” eu acho que não é a palavra correta, mas dá um certo embasamento para que tu faça as tuas escolhas de interpretação de uma melhor maneira.

Nádia: E a tua formação na área de Letras-Libras, que é uma formação na área de Tradução e Interpretação: o que tu podes falar um pouquinho dela, assim, no teu dia a dia? Como tradutora.

Maitê: Olha, eu penso que o fato de eu ter formação na área de Letras Libras me traz argumentos de segurança para poder dizer quem eu sou, qual é o meu papel, de poder compreender melhor o surdo, de poder compreender a nossa profissão e como ela vem sendo construída. Acho que a formação que a gente teve foi muito isso, assim, conhecer a língua de sinais e conhecer a estrutura dessa língua faz com que a gente pense e repense nas escolhas que a gente tá fazendo, para não arriscar de fazer um “Português sinalizado”. Eu acho que esse curso contribui muito nesse sentido, de a gente entender que a língua de sinais, ela tem uma estrutura diferenciada que se aproxima em alguns momentos do Português, mas que se distancia do Português em muitos momentos. Então a gente também tem que pensar nisso quando feitas nossas escolhas de interpretação.

Lembro de algumas disciplinas que a gente fez, que foram as disciplinas de laboratórios, nos davam um tema geral e a gente tinha que discorrer nesse tema antes de ter acesso ao que de fato ia ser interpretado, então é isso o que acontece com a gente. Quando, por exemplo, começa um semestre e eu recebo a disciplina: “*ah, tu vai trabalhar com a disciplina de Método de Pesquisa*”, “*Tu vai trabalhar com a disciplina de Cálculo*”, eu tenho uma amplitude de informação; quanta coisa pode ser trabalhada em Método de Pesquisa e quanta coisa pode ser trabalhada na disciplina de Cálculo, mas eu já tenho uma ideia.

E eu lembro que essas disciplinas, por exemplo, era assim, nos jogavam um tema e a gente tinha que pensar quais eram as possíveis palavras e sinais que

poderiam surgir pra ti naquele tema. E aí a gente ia explorando isso, a gente ia explorando os sinais, a gente ia explorando o que significava tal coisa, então é meio que isso que o curso pode nos trazer, de a gente ter amparo pra poder trabalhar enfim, com essa questão profissional. Acho que, como todos os cursos, pode ter deixado a desejar, sim; a gente podia ter explorado muito mais a parte gramatical do Português, mas eu acredito que o curso foi pensado para pessoas que já têm o Português como primeira língua, então focaram na língua de sinais, para que essas pessoas se apropriassem da língua.

Então acho que esse curso nos deu isso, assim, nos deu conhecimento de estrutura gramatical da língua, para que a gente possa, sim, defender e dizer que a língua de sinais é uma língua como qualquer outra, que ela tem, parâmetros e que ela tem “n” critérios pra ser um legado uma língua e usando isso também, da gente poder compreender o papel do Intérprete, em muitas situações, o fato de estar com outros Intérpretes de outras regiões fez com que a gente aprendesse bastante. O curso era um curso que tinha todo o material tanto em língua de sinais quanto em Português, então em muitos momentos a gente podia olhar o texto em Português e depois olhar o texto em língua de sinais e pensar *“puxa, olha só, que diferença!”*. Então, a gente já tinha acesso a materiais que tinham sido traduzidos, então, *“poxa, isso aqui foi traduzido. É isso que eu tenho que fazer”*.

É um trabalho de qualidade, se preocupar com o público, a gente também discutiu bastante isso, públicos. Porque nem sempre a gente vai trabalhar com a graduação, a gente pode trabalhar com Ensino Fundamental, com graduação, pós-graduação, de pensar no público que a gente vai trabalhar, eu acho que tudo isso contribui muito. Eu tive um curso de 120 horas, depois eu tive um curso de 150 horas. Sim, eu convivi com surdos a minha vida inteira, eu convivo com surdos, mas não profissionalmente, então eu consegui ver o lado profissional das coisas, e isso me ajudou muito, a tentar separar, criar limites entre a Maitê coda, filha de pais surdos, e a Maitê profissional. Então esse curso ele me deu argumentos, bases teóricas, mas de experiência também para que eu pudesse dizer: *“não, hoje eu sou uma profissional Tradutora-Intérprete de Libras”*. Porque os cursos de capacitação eles foram excelentes, cursos maravilhosos, mas eram cursos de capacitação.

Hoje, com o curso de capacitação, talvez, eu não me sentiria tão segura. Eu acho que o Letras-Libras me traz uma segurança: eu tenho uma graduação, não no sentido de status, mas de graduação, de que eu dediquei quatro anos pra ser

Tradutora-Intérprete de Libras. Então acho que é um curso, pensando no tempo e nos objetivos que ele teve, que conseguiu dar conta de muita coisa. Faltou coisa? Faltou. Falta em todos! Mas faltou porque a gente tem mais ganância, quer mais um pouco, enfim. Mas eu acho que foi um curso que me deu bastante argumento assim, para viver enquanto Intérprete, para poder dizer quem eu sou, de que categoria eu faço parte, de quais são os teóricos que eu uso, então eu acho que ajudou bastante, sim. Ajudou bastante, assim, no sentido de categoria profissional, principalmente.

Nádia: Por tu ter a formação do Letras-Libras e são poucos os TILS que têm essa graduação em Pelotas, e também por tu ser coda filha de pais surdos, falando principalmente dos colegas novos que ainda não te conhece, tu percebe algum comportamento diferente quando trabalham com você?

Maitê: Na verdade, antes de fazer Letras-Libras, eu já tinha um estigma, assim, digamos um rótulo muito forte por ser coda filha de pais surdos. As pessoas achavam que eu tinha nascido pronta pra interpretar. E eu posso dizer que talvez eu tenha aprendido a interpretar, sim, mas para os meus pais. Interpretar para os meus pais não é a mesma coisa que interpretar pra um aluno no espaço público, ou que tá pagando uma mensalidade num espaço privado, ou um aluno em que envolve uma questão didática, enfim, interpretar para os meus pais é diferente que interpretar profissionalmente!

Então eu passei por muito preconceito, eu posso usar essa palavra, porque eu ouvi, por exemplo, coisas do tipo, quando eu ainda não tinha Letras-Libras, eu acho que eu estava fazendo Letras-Libras, não lembro bem. A gente estava num evento, num determinado evento e essa fala que eu ouvi me estimulou inclusive a fazer a minha pesquisa de mestrado. Eu estava num evento e aí chegou um surdo, que era representante da FENEIS e aí a gente tinha uma escala de trabalho, a gente trabalhava em equipe, isso foi em 2003, 2004. Se eu não me engano. A gente estava num determinado evento e aí:

- Tu vai interpretar "essa" pessoa!

- Já tu vai interpretar "essa"!

Daí chegou "esse" surdo, que não estava sendo esperado, e aí o pessoal da equipe veio e disse assim:

- Tu vai interpretar o "fulano"

- *Eu não conheço, eu nunca vi o presidente da Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos. Cara, tem outras pessoas que têm mais propriedade para fazer a fala dele, né? A interpretação dele!*

E aí eu ouvi a seguinte frase:

- *Ah, o que, coda cagona, tu não vai te animar a fazer a interpretação dele?*

E aí, naquele momento, eu pensei assim: *“poxa, ser coda significa que eu tenho que fazer o melhor trabalho e que eu consigo fazer tudo que todo mundo não consegue, é isso?”* Não é! E, enfim, eu fiz! Não lembro se fiz toda a fala dele, se alguém substituiu, mas enfim, eu fiz a interpretação dele, mas aquilo não desceu. Não desceu, não foi legal.

Já ocorreu, num espaço de trabalho, de colegas de trabalho não gostarem de mim, mas nem me conheciam, nunca terem me visto na vida, mas chegarem na escola onde eu trabalhava e dizerem assim:

- *Ah, eu não quero trabalhar com aquela guria, porque é uma baita duma metida, ela acha que ela sabe tudo, só porque ela tem os pais surdos.*

E olha, particularmente, com toda a modéstia do mundo, acho que eu não sou uma pessoa convencida, sabe? Acho que eu tento fazer o máximo que eu posso por todo mundo. Eu tento acolher, eu não sou uma pessoa de ficar acompanhando, e dizer:

- *Ah, tu tem que fazer “tal” coisa!*

Não! Eu vou lá, do meu jeito, tento, né? Acariciar, dizer:

- *Ah, não é bem “assim”, vamos fazer “assado”.*

É a minha maneira, sim, mas muitas pessoas me viram, *“ah, ela acha que sabe tudo porque ela tem os pais surdos”*. E eu acho que eu não tenho essa postura. Acho! Posso estar errada, posso ter essa postura e não saber, não ter descoberto ainda. Mas se tenho, gostaria que alguém me dissesse *“não, tu tem e vamos mudar isso aí”*, porque não é a minha intenção. A minha intenção é fazer o melhor trabalho, porque se não houvesse os surdos não teriam os Intérpretes, se não tivessem os Intérpretes não havia os surdos, então a gente tem que andar de mão dada.

Pode ser que a gente possa um dia e consiga fazer um trabalho sem Intérprete, sem os surdos, mas a partir do momento que eles disserem que não precisam mais da língua de sinais, a gente passa a não ter funcionalidade. E eles evoluíram e a gente evoluiu atrás deles, não fomos nós que evoluímos e eles vieram

evoluindo junto da gente, sabe? Eles buscam um doutorado e a gente se sente desafiado em interpretar num doutorado. Se eles não buscassem um doutorado, a gente estaria estagnada, ainda lá no Ensino Médio, ainda lá no mestrado, então a gente tem que andar com eles, a gente tem que andar junto. Então eu passei por isso e aí eu escuto piadinha e tal, às vezes a gente está entre mais amigas, que são coda, que são filhas de pais surdos, e aí os Intérpretes das outras equipes dizem:

- Lá vem os codas!

Mas eu acho que isso foi construído na comunidade, talvez por a gente conviver mais com os surdos, por talvez os surdos acharem que a gente é melhor, por talvez os surdos confiarem mais na gente e aí o que eu sempre digo é “*a confiança não é porque a gente é coda filha de pais surdos, é porque a gente convive na comunidade*”. Aí, tá, tudo bem, a gente convive por ser coda filha de pais surdos, mas tem filho de pais surdos que não convive. Porque tem Intérpretes que convivem muito mais na comunidade do que filhos de pais surdos, entendeu?

Então a confiança não é por eu ser coda filha de pai surdos, é por eu estar na comunidade, por eu entender a luta desses surdos, por eu entender porque que eles precisam desse acesso, dessa língua de sinais, para, enfim, decolar, como muitos aí estão decolando na vida. Então, o fato de ser coda filha de pais surdos sempre foi uma marca que eu tive, e, claro, a partir do momento em que eu fiz a graduação, eu passo a ser coda filha de pais surdos com graduação, a partir do momento que eu faço mestrado eu passo a ser sim coda filha de pais surdos com graduação e mestrado em Tradução. Mas eu não busquei isso com esse objetivo, eu busquei com o objetivo de me profissionalizar cada vez mais e mostrar que eu não sou uma coda cagona, e que, sim, eu sou uma profissional que busquei formação. Que eu quis essa formação!

Eu escolhi essa formação, pode ser que sim, a história dos meus pais tenha me colocado por esse caminho, mas eu podia ter optado, entrar por esse caminho e sair, e não, eu gostei do que eu estava fazendo, achei que eu podia fazer melhor e cada vez tento me aperfeiçoar mais. Então, o fato de estar presente na comunidade surda e de buscar essa formação faz com que algumas pessoas tenham uma certa resistência, mas também faz com que algumas pessoas digam assim:

- Ah, tu que convive mais, o que tu acha de tal coisa?

Então tem um lado, entre aspas, negativo, de resistência das pessoas, mas também tem o lado de algumas pessoas dizerem:

- *Tu que tem ido a tal lugar, o que tu acha de tal coisa?*

Então também tem o reconhecimento. Por isso que eu acho que a parte “metida” teve se abafado mais, acho que as pessoas que me conhecem têm visto que não é essa a intenção, mas enfim, num mundo cheio de vaidades, não vai ser eu que vou me escapar disso. [Risos].

Nádia: Então, tu comentou que tem o preconceito por alguns colegas. E pelo lado dos surdos? Achas que tem um outro olhar por tu ter a graduação em Letras-Libras e ser coda?

Maitê: É, na verdade o que acontece é isso, é a parte da confiança. Mas eu entendo e acredito que essa confiança é porque eu convivo com a comunidade surda. Acredito que há alguns anos atrás, o fato de ser só coda filha de pais surdos fizesse com que eles confiassem na gente, sim, pelo simples fato de saberem que a gente era coda filha de pais surdos, mas acho que hoje isso não acontece mais. Acho que os surdos eles já estão muitos mais despertos, assim, já tão com um olhar diferenciado. E tipo assim, é coda filha de pais surdos, mas aqui ela só lê a língua de sinais, eu preciso pra além disso. Claro, vai depender do espaço. Por exemplo, eu já vi surdos dizerem assim:

- *Eu quero que tu vá comigo em tal lugar porque eu confio em ti*

Aí eu digo:

- *Mas tal lugar eu não tenho propriedade.*

Sei lá, “no advogado”, eu não tenho propriedade para trabalhar com a parte do direito, coisas técnicas e tal:

- *Ah, não, mas eu não abro mão disso e a gente vai tentando entender junto, porque eu tenho medo que outros Intérpretes contem o que vai acontecer nesse momento.*

Então eu acho que a questão da confiança é porque eu sei o quanto é importante esse sigilo, mas outros Intérpretes também sabem. O problema todo é que foi construído isso assim, que a gente poderia trair o surdo, e aí o Intérprete, ele é ouvinte, e a gente brinca às vezes que ele deixa de ser ouvinte quando ele passa a participar da comunidade e quando às vezes a gente diz assim:

- *Te lembras dos convites de associação? “ai, pode ir surdo, ouvinte, Intérprete”.*

Quando eles dizem esse “Intérprete” é um sujeito que já faz parte da comunidade, que não é mais aquele ouvinte distante. Entende? E eu me coloco no

lugar dos surdos, porque por várias vezes eles foram traídos, mas não com a intenção de serem traídos, e sim com a intenção de ajudá-los. Só que nem sempre eles querem ser ajudados, eles querem ser protagonistas, então eu acho que é muito delicado isso.

Então alguns me dizem isso, alguns não me dizem isso, então vai depender muito de pessoa pra pessoa. Tem pessoas que eu chego, sinalizando, converso e aí depois eu digo que sou coda filha de pais surdos e isso causa um estranhamento:

- Ah, mas tu é ouvinte?

Então eu acho que isso depende muito de pessoa pra pessoa. Eu acho que o mais importante, e que a gente precisa ter na nossa profissão, é passar confiança pra essa comunidade. Não importa aonde ela esteja, assim, na graduação, no nível superior, no Ensino Médio, na Educação Infantil. Eles precisam da nossa confiança. E muitas vezes essa confiança foi quebrada por questão de assistencialismo. Então:

- Ah, eu ouvi tal coisa em tal momento, ah, vou lá tentar resolver porque ele não vai conseguir resolver.

Quebraram a confiança de muitos surdos. Então acho que eles se tornam mais rígidos, um pouco mais exigentes. E eu acho que a gente no lugar deles faria o mesmo, a gente quer poder confiar nas pessoas. Então tem isso da confiança, mas, hoje em dia, alguns surdos, os surdos que já, enfim, experienciaram muitas situações, já acreditam que não é só saber língua de sinais:

- Eu preciso de um Intérprete que, de fato, sabe o que ele tá fazendo, tenha conhecimento, tenha propriedade, informação na área!

Aí a gente volta lá na Matemática:

- Ai, eu quero a Maitê que tem Letras para interpretar na Letras ou eu quero o fulano que tem formação em Matemática e também tem formação na área de Tradução e Interpretação!

- Bom, eu quero o fulano que tem Matemática, porque ele tem mais um referencial teórico!

Então, eles já estão entendendo isso. Então acho que é questão de processo, de formação, nossa profissão é uma profissão muito nova, então é entre embates que a gente vai constituindo isso. E querendo ou não a gente que é Intérprete fica na fronteira, a gente não é nem surdo, e nem só ouvinte. A gente é uma pessoa que, sim, conhece as duas línguas e participa desses dois mundos. Horas mais pra um

lado, horas mais pro outro. Acho que essa questão da confiança é a que mais pega mesmo.

Nádia: Fala um pouquinho, como é que é tua rotina antes das aulas?

Maitê: Bom, eu não sei porque eu tive o privilégio, de todas instituições que eu trabalhei, de trabalhar em dupla. Então isso já, pra mim, é uma segurança. Eu sei que vai ter um colega pra me dar um auxílio, me dar um amparo no momento das minhas escolhas. Hoje, na instituição que eu trabalho, eu tenho tempo para estudar. Então, eu sempre tento, fazer o máximo possível para me preparar. Infelizmente, o tempo de estudo que a gente tem não condiz com o tempo de atuação, mas eu sempre tento me preparar: tento ler o texto, tento tirar uma dúvida com o professor, tento conversar com o aluno pra ver se ele entendeu, aceito as dicas que me dão, mas dicas são dicas, eu posso ter direito a aceitar, a fazer uso delas ou não fazer uso delas.

Acho que esse amadurecimento é que a gente tem que ter. Antigamente a gente tinha isso: “*é assim*”, “*não é assim*”. Hoje eu entendo que as minhas escolhas são as minhas escolhas, elas podem dar certo ou elas podem não dar certo. Então eu me preparo, eu sento, eu leio um texto, eu vejo se nesse texto talvez possa surgir a dúvida sobre um conceito, eu tento buscar esse conceito. No transcorrer da aula, aí falando de sala de aula, de evento ou conferência: se tem alguma coisa que eu não consegui parafrasear, ou a minha interpretação eu vi que não deu certo, eu peço um momentinho para o professor:

- *Professor, tal coisa é isso?*

- *Ah, é, é isso!*

Aí então tá, a gente segue a aula. Claro que tudo isso com bom-senso porque eu não vou passar o tempo inteiro parando o professor. E hoje em dia, na instituição que eu trabalho, que não é novidade pra ninguém, que é a Universidade Federal de Pelotas (UFPel), a gente tem esse tempo de estudo. Então estudar me faz ter um pouco mais de certeza das escolhas que talvez eu vá fazer em sala de aula. A sala de aula é uma caixinha de surpresas, eu posso ler o texto, me preparar para aquele texto e o professor chegar com uma outra proposta na sala de aula. Mas eu vou ter argumentos pra dizer, caso algo aconteça, que as minhas escolhas naquele dia talvez não tenham sido as mais apropriadas ou menos. Mas o fato de poder sentar e ler o texto, buscar sinais de autores, por exemplo, vou estar trabalhando com “Deleuze”, eu sei que tem o sinal, eu vou buscar, eu vou tentar construir e ter um

sinal específico, eu vou buscar no glossário, então o fato de ter um momento de estudo me prepara, me deixa com potencial de referencial muito melhor do que chegar de surpresa na sala.

Algumas disciplinas são repetidas, mas a pessoa não é a mesma, o aluno não é o mesmo, o professor pode ser o mesmo, a disciplina pode ser a mesma, mas o contexto que a gente vive, social, não é o mesmo, então o texto vai ser discutido a partir de um outro viés, então é sempre bom, a gente poder sentar e ler o máximo possível dos textos e tentar conversar, pré-apresentação. Tentar sempre marcar um momento com o aluno pra conversar, ver quais sinais ele vai usar, ver o que ele está querendo dizer com aquele slide, qual é a intenção dele, então o preparo me deixa mais confortável, digamos assim, mas não significa que eu vou fazer as melhores escolhas, porque é uma interpretação, não é uma tradução. Eu não vou poder voltar atrás. Ontem, por exemplo, o professor falou uma palavra em sala de aula, eu ouvi uma coisa e era outra. E aí, no final da aula, o aluno disse assim pra mim:

- Maitê, eu acho que não era essa palavra, eu acho que era tal palavra.

Eu disse:

- Olha, eu não tenho certeza. Vou confirmar com o professor.

Fui lá e confirmei com o professor:

- Professor, era tal palavra ou tal? Ah, era "tal".

Então o aluno tinha razão, ele sabia do texto. Eu estava numa sala de aula, que não era minha sala de aula, eu estava substituindo um colega. Então talvez se eu tivesse me preparado para aquele material, eu não tivesse realizado aquela erro, aquele erro, mas eu não me preparei. Eu não li o material, então eu não tinha propriedade, eu não tinha competência referencial para está ali, mas foi no primeiro período de aula, são três horas de aula, então, enquanto a gente vai se engajando também, nas disciplinas e se apropriando do que tá acontecendo em sala de aula.

Então eu me preparo. Sempre que eu posso eu me preparo e isso tem me trazido uma certa segurança, não sei se a palavra certa se seria potencial para fazer melhor as escolhas, mas nem sempre eu vou fazer, eu posso ler o texto, me preparar muito bem e ir para a aula e não ficar legal, não estar bem, ter acontecido alguma coisa que, sei lá, que pode ter sido um atropelamento de um cachorro na rua, porque no momento em que eu vivenciei esse atropelamento, está sendo um momento mais de vivência do que o texto que eu estudei, mas enfim, porque somos seres feitos de carne e osso!

E hoje eu entendo bem isso, eu lembro que a minha formação inicial era isso, assim, nós somos robôs, a gente não pode ter sentimento, a gente não sente nada, a gente tá aqui só pra passar o conteúdo de uma língua para outra e ponto final! Sem sorriso, sem tristeza, deixa da porta pra fora o que aconteceu na tua vida. E não é assim! A gente traz um conhecimento pra sala de aula, a gente traz o conhecimento que a gente tem e com esse conhecimento a gente faz as nossas escolhas. E essas nossas escolhas estão totalmente permeadas pela interpretação. Então, o fato de estudar me traz muito mais competência referencial para estar ali, com as melhores escolhas, talvez não as escolhas certas, porque não tem certo e errado, eu acho, mas as escolhas mais adequadas para aquele momento.

Nádia: Na disciplina de Matemática, que tu chegou a trabalhar, tu recebia o material do professor? Ele indicava livros?

Maitê: Não, eu não sei se a equipe que trabalhava fixa com ele recebia, mas eu não porque a gente lá não tinha definido um tempo de estudo, a gente até conseguia fazer um tempo de estudo com alguns professores, mas era junto com os professores. Algumas monitorias também, a gente acompanhava; essas monitorias elas não eram materiais, mas a gente conseguia tirar dúvida com os professores também. Eu lembro de acompanhar algumas monitorias, no curso de Matemática, e de brincar assim:

- Nossa, aprendi coisa que eu não aprendi no Ensino Médio!

Porque o professor estava explicando pra ela e a gente estava interpretando, mas a gente também estava aprendendo e para que a gente pudesse interpretar com mais qualidade, a gente, às vezes, também questionava o professor:

- Ah, mas é assim? Ou é assado?

Então essas monitorias nos auxiliavam. Agora, material eu não posso afirmar que recebia porque eu ia esporadicamente, não era fixa com essa aluna e se alguma vez eu fiquei fixa por algum período eu não recordo de receber material. Recordo de a gente ter as reuniões pra conversar sobre o que estava acontecendo nas disciplinas, mas material, assim, receber material por e-mail, eu não recordo. De receber no período que eu fiquei no curso de Matemática. Talvez a equipe recebesse, mas como eu ia pra quebrar galho de vez em quando e até a mim não chegava esses materiais, a não ser esse retorno do colega:

- Oh, em tal sinal a gente faz tal coisa. Tal palavra a gente usa tal coisa.

Antes da sala, porque, enfim, tinha uma preparação:

- *Ah, essa semana tu vai pra tal lugar.*

- *Olha, nesse contexto a gente usa tal sinal, porque é assim, assim, assim e tal.*

Não chegava a ser um estudo, mas era uma maneira de eu me inteirar com o que estava acontecendo.

Na UFPel a gente recebe o material por e-mail. A instituição tem um e-mail específico para o material e a gente é orientado, no início de cada semestre, a conversar com os professores, então a gente chega na disciplina, alguns professores já sabem que vão ter um aluno surdo, outros não. Agora a realidade tem sido que a maioria dos professores já sabe, porque os coordenadores de curso estão orientados a conversar com os professores. E aí a gente, na primeira conversa com esses professores:

- *Olha, professor, o ideal é que a gente tenha material pra que a gente possa se apropriar do conteúdo, o aluno continua sendo seu aluno, a gente continua sendo Intérprete da disciplina, mas para que a gente possa triangular isso de uma maneira legal e com qualidade, a gente precisa do material. Então a gente pede que vocês enviem o material, com antecedência, porque não é todos os dias que a gente tem tempo pra sentar e estudar.*

E os professores têm enviado, cada vez mais a gente tem recebido materiais de professores e a gente até brinca que agora a gente tem tanto material que a gente nem consegue estudar o tanto de material que eles enviam. Mas eles enviam. Eles já conseguem compreender a necessidade desse material chegar até nós, e isso, pra mim, é uma vitória, o fato de professores que não são da área, porque, por incrível que pareça, alguns professores que já estão atuando com os alunos surdos há mais tempo, têm mais dificuldade pra se preparar do que professores que tão começando agora.

Então a gente pode brincar que os professores estão educados a mandar material pra equipe de interpretação. Isso é muito interessante. Ontem, de manhã eu fui substituir um colega, que está afastado por fins pessoais, e eu cheguei na sala de aula e o professor disse:

- *Nossa, vocês são novas ou vão acompanhar a disciplina a partir de agora?*

E eu falei:

- *Não, não, professor, hoje, eventualmente a dupla não pôde estar, por questões médicas e pessoais, elas não puderam estar, então a gente está aqui.*

E ele:

- Ah, mas vocês conseguiram acessar o material?

Então poxa, que legal, o professor estar preocupado com o aluno. Aí eu disse:

- Não, não, a gente não conseguiu acessar o material, mas os colegas nos passaram o que estava sendo abordado em sala de aula. Eu já interpretei essa disciplina uma vez então talvez eu não esteja tão descontextualizada sobre as discussões, conheço um dos textos que vai ser interpretado, então a gente não está tão perdida. O senhor fique tranquilo, qualquer coisa a gente vai parar a aula e a gente vai fazer intervenção.

- Então tá, sintam-se à vontade.

Então ele veio perguntar para a gente se a gente estava preparada para trabalhar com aquele aluno surdo. Poxa, que legal, né? Os alunos surdos eram invisíveis em sala de aula, mesmo entrando com ele mais dois profissionais, as pessoas faziam que não enxergavam o surdo. Então que legal isso, o aluno chegou, porque era uma apresentação de trabalho dos alunos, o aluno que chegou pra nós e disse assim:

- Pessoal, tem um vídeo, mas ele está legendado, não se preocupem e tem uma musiquinha bem chata de fundo, só diz isso para o "X", que é uma musiquinha bem chata.

Eu falei:

- Não, tranquilo.

Então assim, os alunos estão se preocupando com a inclusão desse colega surdo, não é só, agora, os Intérpretes que se preocupam e que tentam fazer com que o aluno esteja de fato incluído, tem uma preocupação pelo professor, tem uma preocupação pelo lado dos colegas, então tudo isso é fruto de um trabalho em equipe que já vem sendo feito na instituição. Então é muito legal isso, a gente poder saber que, poxa, as pessoas estão preocupadas com o acesso que a gente tem, com a propriedade que a gente tem, então, tudo isso tem sido muito bom. Muito bom mesmo. Ontem até saí da sala e falei para o colega que estava comigo:

- Puxa, que legal! Agora não é só aqueles intrusos em sala de aula, "os Intérpretes" porque aqui na instituição a gente trabalha, não somos os intrusos, somos pessoas que fazem parte do processo de ensino e aprendizagem.

Na outra universidade, quando eu interpretei na Matemática, já se tinha essa visão, ainda com certa resistência, porque faz bastante tempo, em torno de quatro

anos que eu saí de lá, então dá pra muita coisa acontecer em quatro anos, mas de qualquer forma se tinha uma conversa, uma flexibilidade, a pessoa que nos coordenava tinha uma maneira muito sensível de chegar até as pessoas, então isso também ajudou muito para que a equipe, fosse reconhecida enquanto profissionais e não enquanto pessoas que estariam ali ajudando. Acho que a gente veio tomando um espaço e um reconhecimento que é muito, muito bom. Então, aqui, na atual instituição é através do material. Ontem até esse professor cogitou a hipótese, e eu fiquei de levar pra equipe de a gente ter acesso ao Cobalto. Que quando abrissem as turmas, e tivesse aluno surdo, o e-mail do material já tivesse ali. Ele sugeriu isso, muito legal. Eu falei:

- Ah, professor, a gente até já está tentando pensar em estratégias mais automáticas.

Porque chegar, passar o e-mail, às vezes o professor pede o e-mail, a gente não tem certeza de qual é o e-mail, aquela coisa toda. E aí ele sugeriu isso. Ele sugeriu que quando o aluno surdo estivesse matriculado, já coloca no e-mail do aluno e o e-mail dos materiais, porque nem tudo que for para o e-mail do aluno vai para o e-mail dos materiais, e aí tudo que chegar no e-mail de materiais, a equipe de Intérpretes tem acesso. Então foi uma ideia legal e o quanto os professores também já estão pensando em soluções pra equipe de interpretação, então a coisa tá ficando única, horizontal, está todo mundo preocupado de fato em realizar uma inclusão real, se pode assim dizer.

Nádia: Como é a tua rotina depois da aula?

Maitê: Na Matemática eu lembro que era assim:

- Nossa, o que será que saiu? Será que ele entendeu alguma coisa?

Mas hoje a gente já tenta refletir um pouquinho mais. Eu sinto falta, sim, de sentar e conversar com o colega depois. Às vezes a disciplina é tão sobrecarregada que a gente sai e se abraça e diz:

- Ah, obrigada, acho que deu! Acho que a gente conseguiu cumprir a missão, né?

Mas enfim, eu acho que a gente precisaria, sim, de um depois, acho que o depois seria bem interessante. Mas enfim, a gente está aí, no século XXI, na correria, a gente sai daqui e vai para outro lugar, ou enfim, nem quer saber o que aconteceu, porque é frustrante, em muitos momentos é frustrante, sim. Inclusive eu me lembro de fazer essas piadinhas lá na Matemática:

- *Será que ela entendeu? Que engraçado, eu estava sinalizando e não estava entendendo nada e ela estava dizendo que sim com a cabeça!*

Então essas coisas poderiam ser conversadas depois. Hoje em dia a gente sabe que ainda não tem esse momento. O que a gente tenta fazer em alguns momentos? É colocar alguma coisa no drive. Sei lá, surgiu um sinal na aula? O aluno combinou um sinal, ou combinamos um sinal nessa aula, e aí o que a gente tenta fazer: colocar lá no nosso drive o sinal que a gente combinou com o aluno. Porque daí se alguém for substituir um ao outro, ele pode ver o drive na hora de estudo, ou enfim, uma curiosidade fora da hora de estudo, que também acontece:

- *Ah, vou ver se tem esse sinal lá no drive.*

Ai olha e tem o sinal:

- *Então, ah, foi esse o sinal que ele usou na última aula.*

E a gente tenta amadurecer isso no depois. O depois ainda não acontece. Mas seria importante que tivesse esse depois, o retorno do aluno, o retorno do professor, porque a gente também pode, mesmo que o professor não saiba a língua de sinais, ele sabe o quanto esse aluno está aprendendo, e, querendo ou não, o rendimento do aluno também é fruto da relação de interpretação, mas acho que ainda esse “depois” ainda está em dívida, a gente está em dívida com o depois. A gente consegue pensar no antes e a gente ainda não consegue pensar muito no depois. Uma coisa que eu gosto e eu gostaria que as pessoas fizessem comigo, mas raríssimas vezes isso acontece, é de sair de uma sala e dizer assim:

- *Cara, que escolha de interpretação legal que tu fez!*

Sabe? Porque às vezes acontecem coisas que se um dia tu tivesses no lugar da pessoa tu não teria feito. E aí tu olhas aquilo e tu diz:

- *Que legal! Que massa!*

E aí tu tens que dizer para o teu colega. Muitas vezes eu saio da sala e digo:

- *Foi muito legal aquilo que tu fez! Ficou show, ficou claro, ficou nítido! Acho que tu super alcançou o que o professor estava fazendo, tentando dizer.*

Mas nem sempre a gente tem esse tempo e, infelizmente, pelo fato de a gente estar trabalhando há muito tempo juntos, talvez se torne meio que automático:

- *Acabou, acabou, vamos embora.*

E comigo, infelizmente, em função dessa coisa de ser coda filha de pais surdos e tal, as pessoas não vêm me dizer:

- *Ah, foi legal, não foi legal!*

Eu aceito esse tipo de coisa, sabe? Eu trabalhei, em alguns momentos, com outras pessoas que não eram de trabalho rotineiro e essas pessoas tinham esse hábito de fazer isso comigo. Então a gente terminava e a gente fazia pós-interpretação. A gente sentava e dizia:

- *Cara, aquela hora eu achei que tu não ia conseguir sair daquela cilada e tu teve uma sacada muito legal, teve uma hora que tu fez um negócio que nada a ver, sabe? Mas depois tu conseguiu, consertar, não sei se consertar é a palavra certa, mas conseguiu fazer com que o entendimento fosse possível.*

E isso é muito legal, porque é um *feedback* do teu trabalho, e aí tu consegue pensar sobre o teu trabalho, não vira uma coisa automática, mas infelizmente hoje em dia a gente não tem feito isso com tanta frequência. Eu até tento de vez em quando: “*Ah, foi super legal*”, “*Ai, eu não teria feito essa escolha*”. E eu sempre digo para os meus colegas:

- *Cara, eu não teria feito a escolha que tu fez, será que era por aí, por esse viés?*

Porque cada um tem a sua escolha. Agora chegar e dizer assim: “*Não ficou bom*”, “*Ficou horrível*”, não vai resolver meu problema, a gente tem que tentar dar caminhos, e é uma coisa que a gente acho que tem que pensar mais, assim, pra poder qualificar e cada vez melhorar mais o trabalho de sala de aula.

Nádia: E tu contou que hoje tu consegue fazer registro, desses sinais, porque, por exemplo, quanto tu trabalhava nessa disciplina de Matemática, se cria um sinal ou combina alguma coisa e depois, troca o aluno, troca o colega, faz o quê? Tem esse registro? Guarda em algum lugar? Quando vê troca o aluno ou vai para outro curso que também tem a mesma palavra, tu vai levar aquele sinal que tu criou ou tu vai criar de novo, como é que fica a situação?

Maitê: Sim, é bem polêmico isso, hoje a gente consegue gravar e colocar no drive, mas isso aqui na universidade. Em outros contextos, por exemplo, isso não está público. O que a gente pode tentar fazer? Eu tento fazer, ver se de fato aquele sinal coincide com a palavra que está sendo dita naquele outro contexto. Porque às vezes a palavra tem um sentido em um lugar e tem outro sentido no outro. É da gente não arriscar de estar levando uma coisa pra um lugar que não é bem aquilo. Mas o fato de poder registrar hoje, por vídeo, nos ajuda muito, porque tu consulta no celular, aí abre o drive e está no celular.

Antigamente a gente tinha, antigamente não, ainda temos isso, de fazer registro de sinais no caderno, quem sabe usar o *Sign Writing* (SW), porque nem todos os Intérpretes tiveram isso na formação, e acho que quem tem Letras Libras, têm essa diferenciação, porque tivemos várias disciplinas de SW. Na verdade, a gente não consegue fazer isso em todos os momentos.

Quando eu trabalhava na Matemática, às vezes alguém me dava um sinal, eu fazia aquele sinal, uma ou duas vezes e ia pra sala, correndo o risco de ser o sinal errado. Errado não, mas não de forma que a aluna fosse entender. Então o fato de ter a tecnologia hoje que nos auxilia é legal, mas corre-se o risco também de a gente se apropriar de sinais, por exemplo, vai lá e bota no *Google* “sinal de côncavo”. E aí tem o sinal de côncavo pra Física que pode ser um e pra Matemática que pode ser outro. E aí eu vou pegar um negócio da internet e usar num contexto que eu não sei se está certo. Então a gente também tem que tomar muito cuidado com essa coisa de criar sinais, de pegar sinais de outros lugares.

A gente tem que se certificar, porque nem sempre uma coisa vai ser a mesma coisa em outro contexto, então eu tento sempre conversar com os colegas que já trabalharam anteriormente na disciplina. Tem muitos sinais, que são sinais que tu consegue compreender no visual, então às vezes tu olha e diz:

- *Não tenho dúvida de que esse sinal é para isso!*

Mas se ficar em suspenso, faço um sinal, faço a datilologia da palavra, se o aluno não compreender, vamos tentar conseguir alguma coisa aqui, vamos buscar alguma coisa fora daqui pra conseguir entender isso. Há pouco tempo atrás, numa disciplina que eu estava trabalhando, fui substituir um colega e quando cheguei, os TILS estavam usando um sinal para palavra “mercado de trabalho” que era o sinal de “mercado” do “mercado livre”. Sinal de “mercado livre” é um sinal, e esse sinal de “mercado livre” estava sendo usado para “mercado de serviços, venda, consumo, compra e venda”. Aí eu pensei: “*tem alguma coisa errada aqui*”, mas fiquei na minha. Aí no intervalo eu perguntei para o meu colega:

- *Por que vocês estão usando esse sinal de mercado?*

- *Ah, porque o aluno trouxe.*

- *Tá, mas ele entendeu o conceito de mercado e estipulou esse sinal, como é que chegaram até isso?*

- *Ah, não sei.*

Aí eu pensei: *“não, mas eu acho que a gente também tem que construir com o aluno”*. Vamos perguntar pra ele. Aí a gente perguntou, e ele:

- *Não, esse é o sinal de “mercado”*.

- *Tá, mas como tu chegou a ver esse sinal?*

- *Ah, coloquei na internet*.

- *Tá, eu conheço esse sinal por “mercado livre”. É mercado de compra e venda? É, mas o professor está falando de algo muito mais amplo que isso. Se tu quer usar esse sinal, tudo bem, a gente até pode convencionar de usar esse sinal, mas uma coisa é uma coisa, muito mais ampla, e esse sinal “mercado livre” é um tipo de mercado*

Ele disse pra mim:

- *Eu achei que era sinal de mercado*.

Porque, a palavra mercado ela tem vários sentidos. Aí, falei:

- *Vamos conversar com o professor?*

Fomos lá conversar com o professor, aí o professor explicou, mas assim, eu arrisquei, né? Arrisquei e fui lá confirmar. Não posso simplesmente chegar e:

- *Não, esse sinal não é assim, não é assado*.

Porque o aluno vai chegar pra mim e dizer:

- *Não, mas eu já entendo que “mercado” é esse o sinal. E eu vou usar até o final da disciplina!*

A gente tenta trazer certo conforto pra esse aluno, mas a gente também tem que entender a diferença que o Intérprete educacional faz do Intérprete de conferência. Porque a gente tem esse tempo de construção. O Intérprete de conferência ele tem um pré-preparo, mas na hora não tem como construir. Não tem como parar e interferir, enfim, então eu acho que essas coisas que a gente vem tentando estabelecer, para o Intérprete educacional, o Intérprete jurídico, o Intérprete da área da saúde, enquanto a nossa profissão tem começado a ficar, digamos, específica para cada área. E aí cada área vai ter a sua especificidade, seu processo, e a área da Educação nos permite isso, nos permite o antes, o processo e o depois. O depois é se certificar desse sinal, se é por aí, se tem mais dois ou três sinais, qual o aluno se sente mais confortável.

Às vezes eu chego na sala de aula e uso um sinal que o aluno não conhecia, mas ele pega aquilo rápido, porque fez sentido no contexto. Se não faz sentido no contexto, vai ter mais dificuldade. Então a gente está lidando com pessoas e com

aprendizagem, e acho que é essa coisa de construir, de tu não pegar de qualquer lugar, porque gente não pode usar qualquer palavra em qualquer contexto. Espero que todo mundo entenda que não dá pra implementar qualquer sinal em qualquer contexto.

Nádia: Tu comentou agora que está sendo separado as formações, mas a formação que o TILS recebe é educacional! Não tem uma formação específica na área jurídica, específica na médica, né?

Maitê: Na verdade, não existe ainda! A gente aprende no curso é fazer uso da língua, tecnicamente. É isso que alguns cursos têm tentado fazer. Eu fui agora há pouco, umas duas, três semanas, num encontro de profissionais de Tradução-Interpretação. Então são oito cursos de Tradução-Interpretação oferecidos no país, em nível superior. Em sete universidades, porque uma oferece a distância e presencial. E foram analisados os currículos desses cursos, e já começa a se ver disciplinas do Intérprete educacional, disciplinas do Intérprete jurídico, disciplinas do Intérprete artístico, porque trabalhar na sala de aula não é a mesma coisa que trabalhar num palco. Então está começando, e a gente vê que o se quer é, por exemplo, criar especializações na área de interpretação jurídica, formações de interpretação teatral, e médica, enfim, porque, por exemplo: se, tu vai me convidar:

- Ah, eu tenho uma proposta pra ti, eu quero interpretar uma peça de teatro.

Não, porque eu tenho dificuldade com música, etc. Hoje, eu entendo que não. Eu me dou esse direito de negar. É dinheiro, vai ser pago, mas eu me dou o direito de negar porque eu sei que eu não tenho competência e referencial pra isso, entendeu? Agora chega pra mim e diz assim:

- Ai, vai ter uma palestra sobre linguística e vamos falar sobre tal e tal coisa.

Ah, eu vou, eu vou porque tenho competência referencial pra isso. Pode ser pouco, talvez, para alcançar aquilo, mas eu vou estudar e eu já tenho uma base. Diferente da parte artística, da parte jurídica, eu não me vejo num tribunal, interpretando, mas eu posso buscar essa especialização. Então, hoje, já se pensa nisso, numa formação mais ampla, e depois em especialização, enfim, que dê foco à formação jurídica, à formação educacional. E tem diferença, não é qualquer espaço, qualquer profissional que vai pra qualquer lado, tanto é que a gente vê cada vez mais as profissões se subdividindo, um médico não é médico que dá conta de tudo, e por que a gente que é Intérprete tem que dar conta de tudo? Então acho que é o

começo, a gente sabe que, enfim, é pouco tempo que a gente tem de pesquisa na área, é pouco profissional na área, então as coisas estão andando.

Ontem por exemplo, teve uma simulação de um julgamento na Universidade Federal de Santa Catarina e estagiários do Direito simularam-se advogados, estagiários de Interpretação simularam-se Intérpretes, então foi feito um momento real, entre aspas, para que as pessoas vivenciassem aquilo ali, experienciaram aquilo ali pra ver se de repente estão ou não preparadas. Só que a vida a gente sabe que não é assim, a vida não nos prepara, a gente vai e entra pro embate e a maioria dos Intérpretes vivenciou isso, a gente sequer sabia o que era interpretar e já estava batendo mãozinha dentro de sala de aula. Hoje, a gente tem outra visão, as pessoas entram nos cursos de formação para Intérprete não sabendo os sinais. Elas aprendem língua de sinais dentro do curso de Intérprete. Então elas não aprendem a língua de sinais do mesmo jeito que é dado num curso de formação para professores ou num curso de formação para conhecer a língua, só para comunicação.

Acho que tudo isso vem sendo pensado, é muita coisa para pouco tempo. Pensa, a gente se formou em 2012, faz seis anos, e já estão pensando em formações específicas. Em seis anos! E nesses seis anos pouquíssimas turmas se formaram. Então o quanto a área está andando rápido. Que bom! Mas nem sempre a gente consegue acompanhar tudo. É porque os surdos estão ocupando os outros espaços. Eu volto a dizer, se eles não tivessem ocupando esses outros espaços, querendo que o direito deles fosse dado e cumprido nesses outros espaços, a gente não teria chegado a esses outros espaços! Então o quanto a gente tem que andar de mão dada e o quanto as coisas estão evoluindo, muita coisa aconteceu em pouco tempo, mas é bom. É bom porque é um estímulo a uns e ficam as pessoas que tem potencial, que levem a sério. [Risos]

Nádia: Como era a tua relação com os professores que ministravam as disciplinas de Matemática?

Maitê: Eu posso dizer que sempre tive uma boa relação com os professores. Acho que o fato de saber chegar na pessoa já é o primeiro passo. Então, na instituição privada que a gente trabalhou, a gente tinha uma abertura muito grande, porque a nossa coordenadora era uma pessoa muito reconhecida na universidade, então ela fazia com que as pessoas nos vissem de uma maneira muito positiva. Mas nem todos os professores entendiam nossa função, de fato. Acho que não é que eles não

entendiam, na verdade, naquela época, talvez, nem a gente entendesse de fato quais eram os nossos limites, mas eu não tinha problema com relação aos professores, a gente sempre tentava conversar. Em alguns momentos eu lembro que o professor tentava transferir a responsabilidade para o Intérprete:

- Ah, tenta resolver isso, porque tu tens formação na área. Tenta fazer tal coisa.

Comigo não chegou a acontecer, porque, enfim, eu não tinha formação na área e se tivesse dito pra mim algo do tipo, eu diria:

- Bom, mas aqui eu sou Intérprete de Libras é no outro turno que eu trabalho como professora!

Tudo bem que isso possa vir a contribuir, mas aqui o meu papel não é esse! Eu acredito que as relações elas foram sempre tranquilas. Não lembro, de ter acontecido algum embate, alguma coisa, de algum professor, por exemplo, dizer algo que causasse problemas. Eu lembro de um determinado momento, eu não lembro se foi com essa aluna da Matemática, mas eu lembro de uma situação onde o professor não queria que os Intérpretes ficassem na aula, eu acho até que foi com ela, não tenho certeza, porque o TILS tinha formação ou tinha propriedade sobre o conteúdo e na hora da prova não queriam que ficasse com ela porque achavam que os Intérpretes iam “passar” conteúdo ou, enfim, passar “cola” pra essa aluna. Eu não tenho certeza se foi com ela, mas eu acho que sim, E pelo que eu lembro isso foi resolvido, com conversas com o professor. Então eu acho que a questão da credibilidade do Intérprete ela foi se construindo com o tempo. Eu me lembro disso acontecer, de o professor dizer:

Coisas do tipo assim, de indicar que talvez pudesse acontecer uma ajuda extra na prova. Mas isso se contornou, se resolveu de alguma maneira, eu não lembro exatamente como, mas eu lembro que se resolveu. Então acho que é isso, a gente tem que ter propriedade e segurança pra se defender e dizer as coisas. Então por isso é importante a gente ter essa formação, para poder dizer:

- Não, não é bem assim, então vamos ter que conversar em outro momento! Eu não coloco em xeque as coisas que o senhor está dizendo, da tua formação, por exemplo, então acho que o senhor também não deveria colocar em xeque a minha prática de interpretação!

A gente tem que se colocar ao lado do professor, nem abaixo nem acima do professor. Eu acho que isso tem se conquistado com o tempo. Então, à época, eu

lembro que algumas coisinhas aconteciam, mas que eram resolvidas. Não sei se chegou a acontecer a avaliação sem o Intérprete dentro da sala de aula, no corredor, ou alguma coisa do tipo, mas eu lembro de algum murmúrio sobre isso, sim.

A gente tem que conquistar a confiança dos professores. Porque a gente é profissional, a gente não diz se eles estão fazendo algo certo ou errado, e eu acho que também não condiz a eles dizer se a gente está fazendo certo ou errado, porque a gente tem formação na área! Se a gente tem formação na área de Tradução Interpretação e na Matemática, naquele momento a gente está atuando como Tradutor Intérprete, então isso não tem que influenciar com relação ao ensino, e sim com relação às escolhas de interpretação e isso eles têm que ver bem claro. E para fazer isso tem que conversar com o professor, não adianta chegar, sentar e achar que está tudo resolvido. Mas que eu lembre foi isso. Foi isso que aconteceu. Do professor ficar inseguro, não comigo, mas com alguns colegas, com relação a provas, avaliações, enfim. Momentos em que a aluna teria que ser avaliada.

Nádia: Como era a sua relação com o aluno surdo?

Maitê: Pelo que eu vejo, a maioria dos alunos quer alguém que tenha formação no curso que eles estão trabalhando, que eles estão estudando. Porque sim, lógico, a pessoa vai estar tendo mais referencial sobre aquilo, mas não necessariamente ela tenha habilidade pra juntar uma coisa com a outra.

Eu lembro que a gente fazia muito isso, de tentar manter o mesmo Intérprete na disciplina ou no curso, porque já tinha os sinais combinados. Na situação da universidade, se não me falha a memória, a gente tentou deixar que as pessoas que tivessem formação atuassem com essa aluna por segurança de todos. Eu lembro de alguns relatos dos colegas dizerem que ela estava, não digo se aproveitar da situação, mas que ela estava de uma maneira ou de outra, tentar fazer uso disso. E se a gente como aluno tenta ser mais esperto que o professor por que a gente não vai tentar ser mais esperto que o Intérprete! Então eu lembro de alguns colegas dizerem algo do tipo:

- Ah, às vezes ela tenta fazer uso disso!

Mas eu também me questiono se de repente não foi dada uma abertura pra isso, porque eu sempre mexo assim, usando um exemplo de mulher e homem, para o cara chegar na mulher, ela tem que ter dado uma abertura, senão ele não chega. A não ser que ele seja muito abusado. E eu digo o mesmo do aluno surdo, se essa

aluna tentou alguma coisa ou ela era muito abusada, não sei se é a palavra certa, mas era muito audaciosa, e era *“vou meter o pé e vou tentar”*, ou esse Intérprete, porque também não tinha certeza dos seus limites, extrapolou em algum momento e aí depois viu que não dava mais.

Então eu acho que é isso assim, quando a gente tem propriedade, por mais que a gente não queira fazer interferência, vou usar um exemplo da Pedagogia: Ah, um professor fala de Paulo Freire e faz um link do Paulo Freire que não é freiriano. E eu estou interpretando, eu tenho Pedagogia, tenho formação, por exemplo, na Pedagogia, eu vou torcer a cara porque eu sei que o que ele está dizendo não é adequado, e o aluno vai perceber.

Então será que isso também não aconteceu nos momentos das interpretações lá da Matemática, de o Intérprete estar ali aflito, vendo que não está conseguindo resolver o problema e que só está faltando, sei lá, um zero, não sei porque não sou da área, estou usando um exemplo assim, e dele manifestar com o corpo que tem alguma coisa errada e ela perceber e daí tentar fazer uso daquilo. Então essas coisas também podem não ser só positivas. O fato de a gente ser da área pode não ser só positivo, ele pode trazer coisas ruins, por exemplo, eu tenho formação em Letras Libras e eu já interpretei disciplinas de Fonética e Fonologia, o professor explicava que o som do *“pã”* e do *“bã”* tinha diferença.

Eu sabia, na minha ignorância, porque eu não sou professora de Letras, que aquilo ali não tinha sentido para o aluno surdo, mas que tinha sentido dizer que uma configuração de mão diferente da outra, poderia dar um sinal diferenciado que é o que o professor estava tentando dizer, mas até que ponto eu posso interferir naquilo ali? E a minha postura na sala de aula, como é que foi? Quando o professor disse isso? Porque não é para dizer! Nós somos seres humanos. Então acho que tudo tem seu pró e seu contra. Ter formação na área me dá referencial teórico, me dá segurança para que eu possa ter competência referencial e dessa competência referencial ter uma competência tradutória, mas será que uma coisa pode não se sobrepor a outra? Então, nós somos seres humanos. Isso que eu fico me questionando. Lembro que na época rolavam algumas rusgas assim:

- Ah, ela só quer o fulano, porque o fulano tem formação, mas o fulano diz o que ela acaba querendo e faz com que ele ultrapasse os limites.

Agora como isso se deu a gente não sabe. E talvez nem o próprio Intérprete tenha percebido que ele manifestou alguma coisa, porque o corpo da gente fala.

Então tem um lado positivo e tem um lado negativo. Com certeza a gente não vai ter a fórmula qual é o melhor. Agora ter competência referencial, sim, é importante. Até que ponto isso interfere ou não, no processo todo, eu não arriscaria dizer, assim, porque nós somos seres humanos. Eu posso concordar com uma coisa ou posso discordar dessa coisa, posso hoje concordar e amanhã não concordar mais.

Às vezes até porque a gente tem que tentar não fazer isso por questão de confiança, e aí volta a questão da confiança, porque o aluno já confiava naquele Intérprete, aquele Intérprete já conhecia aquele aluno, já sabia os sinais que aquele aluno usava, tinha formação, mas às vezes extrapolava os limites, tanto do Intérprete quanto do aluno e do professor. Porque eu lembro, nessa situação, por exemplo, desse professor já ter sido professor de alguns dos Intérpretes, e aí ele usar o intérprete como exemplo, enfim, eu não vivenciei isso, mas eu lembro das reuniões, disso ser relatado, dele usar como exemplo, dele dizer para o intérprete:

- Mas tu sabe como é que faz!

Então, limites, né? A liberdade de um acaba quando começa o limite do outro, enfim, cuidados que a gente tem que ter. E aí para isso a gente tem que ter argumentos, formação, e pulso, para tentar delimitar essas coisas. Que não são simples.

Nádia: Tinha alguma estratégia para interpretar as aulas de Matemática?

Maitê: Eu lembro que teve um determinado momento que a gente ficava em pé com o professor, depois, em alguns momentos, a gente ficava sentado. Das vezes que eu fui, a escolha da dupla era ficar em pé, na maioria das vezes, quando o professor estava iniciando alguma coisa no quadro. Eu não tenho certeza se foi o aluno que desenvolveu o material, ou se foi o professor, mas que tinha alguma coisa de apontamento também no caderno do aluno. Não sei se foi algo que a aluna desenvolveu com o Intérprete, se foi o professor, ou se aquilo ali aconteceu naturalmente. Mas eu lembro de, muitas vezes, a gente conversar nas reuniões e dizer:

- Não tem como ficar sentado!

Mas isso também vai do espaço, da liberdade que o professor te dá, da liberdade que o aluno te dá, porque também, às vezes, o aluno não quer aparecer e não quer deixar nítido para a turma que:

- Eu preciso que o Intérprete esteja apontando as coisas pra mim!

Mas eu lembro que a gente tentava construir da melhor maneira com o aluno.

Eu lembro que as poucas vezes que eu fui, as escolhas do Intérprete da dupla era ficar do lado do quadro, pra mim isso era estranho. Porque na Moda, onde eu ficava, a gente ficava sentado na frente da aluna, porque eram aulas bem práticas e quando não eram práticas eram teóricas. Eram raras as vezes que a gente ia para o quadro. E agora falando, eu lembrei que as raras vezes que a gente ia para o quadro era quando tinha medidas e Matemática. Quando a gente ia para o lado do quadro pra dizer pra ela:

- Daqui até aqui, tal coisa.

Porque se a gente não fizesse isso a gente teria que ter alguma coisa de apoio, porque por mais que a gente tente ilustrar no espaço, não fica tão claro. Então eu lembro de ter alguns momentos de a gente ir para o quadro, sim. Não sei se isso é uma prática diária, só com aquele professor, porque ele tinha, enfim, mais abertura com a equipe, mas as poucas vezes que eu fui, eu lembro da gente ficar ao lado do quadro. Nem sempre, porque às vezes é discussão, interpretação de texto, mas de a gente acabar tendo que ir para o quadro, porque às vezes é um exercício e não adianta ficar fazendo “mimimi”, porque fica uma coisa em cima da outra, tem mais isso, a língua de sinais ela é sobreposta. Ela não é linear. E a numeração, se tu fores pensar, ela tem que ser linear. Então é muito mais claro tu apontar para o quadro e o professor escrever em vez de falar, então acho que a gente tentava fazer isso. Mas como eu não fiquei o semestre, o curso inteiro, foram experiências pingadas, que eu tive.

Nádia: Então, para finalizar, queres falar mais alguma coisa?

Maitê: A gente brinca, assim, a maioria dos codas brinca, que não foi a gente que escolheu a profissão, mas foi a profissão que escolheu a gente. Na verdade, o que aconteceu comigo foi que a profissão me escolheu, digo assim, porque eu não entendia o que era ser Intérprete. Eu morava numa cidade do interior e um colega meu, coda, foi pra essa cidade, estava fazendo um curso porque estava mudando os sinais, falei:

- Isso é o que faltava mesmo! Agora resolverem inventar sinais!

- Não é isso, tem o espaço definido pra língua de sinais etc.

- Ai, tá, “espaço”.

Achei graça daquilo. E aí eu vim morar em Pelotas. Quando eu vim morar em Pelotas, eu vivo muito com meus pais, eu morava com meus pais. Eu ando com eles pra cima e pra baixo. Eu tinha chegado em Pelotas, eu conhecia pouca gente ainda,

e a comunidade de Pelotas, a comunidade surda, é uma comunidade muito ativa. Eles estavam numa plenária na câmara de vereadores lutando pelos direitos deles e eu fui assistir, era inverno, e eu fui assistir com o pai e a mãe. Estava ali sentada, assistindo, até então eu já tinha distribuído alguns currículos no comércio.

Eu trabalhava no comércio em Santa Vitória do Palmar. Estava lá assistindo à plenária e tinha um Intérprete. Sozinho lá, e estava interpretando, perto da gente, na plenária, na antiga câmara de vereadores. E aí o presidente da associação resolveu se pronunciar e aí para se pronunciar ele teve que ir para o palanque, lá para o espaço de pronunciamento que era distante do público e o Intérprete, é lógico, foi com ele, porque ele fazia a interpretação para ele. Os surdos ficaram olhando enquanto o presidente falava, o Intérprete estava lá fazendo o Português. Ficavam olhando com muita dificuldade enquanto o surdo falava. Aí, os componentes da mesa, os vereadores começaram a falar e o que aconteceu. Esse Intérprete ficou lá na frente, porque o surdo estava lá na frente sinalizando e os surdos começaram a dizer que estavam ficando cansados porque não estavam conseguindo enxergar o que o Intérprete estava fazendo, só que o Intérprete não podia sair de lá porque ele estava interpretando para o presidente e os surdos estavam na plenária, era bem distante. Tinha uma professora que estava super envolvida na época, com a Educação de surdos, e ela me olhou e disse assim:

- *Tu sabe Libras, né?*

- *Sei!*

- *Então ajuda eles, eles não estão conseguindo ver.*

Em apoio aos meus pais que estavam ali eu não podia dizer que não, entendeu? Eles foram para lutar por uma causa para eles. Só que tinha um monte de surdo que eu nunca tinha visto na minha vida. E eu disse:

- *Não, como assim?*

E ela:

- *Sim, fica ali no cantinho. É dizer pra eles o que eles estão dizendo.*

E eu fui, tirei o casaco, estava com um blusão bege. Fui e interpretei. E o que fiz eu não sei, mas eu fiz. No fim, ela disse assim pra mim:

- *A gente precisa de um Intérprete na prefeitura. Amanhã leva teus documentos na prefeitura, tu vai trabalhar com a gente!*

E eu falei:

- *Não!*

E ela:

- *Sim!*

E eu:

- *Não, eu não tenho curso!*

E aí eu lembrei do curso que aquele meu amigo tinha me falado. E ela falou:

- *A gente precisa! Eu falo com o pessoal da FENEIS e tu vai receber um certificado de Intérprete natural.*

Eu disse não! Tem alguma coisa errada aí:

- *Não, eu não sei fazer isso!*

E ela:

- *Não, pelo amor de Deus, a gente precisa muito de Intérprete.*

Isso foi no ano de 2001. Em 2000, começou o projeto da escola Pelotense, para inclusão. Então tinha, já, duas turmas. Duas turmas.

- *A gente precisa!*

- *Não vou e ponto!*

E aí ficou aquela confusão, ela dizendo que eu ia e eu dizendo que eu não ia e aí no final ela disse assim:

- *Mas pensa bem. Então faz assim, vai lá e vê como é.*

- *Bom, vou ver como é!*

- *Então tá, vai lá ver como é!*

Aí cheguei em casa, conversei com o pai e a mãe, aí eles:

- *Vê como que é, de repente...*

Falei:

- *Mas eu não posso receber um certificado de algo que eu não sou!*

Aí, o pai:

- *Calma, vamos ver como é que vai ser, deixa ela ver essa parte de certificação e vê no que vai dar.*

Aí eu pedi pra ela para assistir algumas aulas, ver como acontecia esse negócio, para depois eu ver se criava coragem. Ela conversou com a direção da escola, a diretora da escola autorizou. Eu assisti a mais ou menos uma semana de aula, para ver como funcionava e ver se eu me sentia à vontade. E arrisquei. Arrisquei porque era em dupla. Porque eu não ia ficar sozinha na sala de aula. Isso me trouxe uma segurança, em trabalhar com os profissionais que já estavam trabalhando lá dentro e que já tinham uma formação. Tinha tido uma formação de 24

horas, mas pra mim isso não importava, eles tinham formação para estarem fazendo o que eles estavam fazendo.

- *Então vou começar a encaminhar os documentos.*

E aí, ela disse:

- *Tu não precisa mais vir.*

E eu:

- *Não, eu vou continuar indo enquanto os documentos estão sendo encaminhados.*

Aí eu lembro que em um determinado momento uma das colegas que era minha dupla, disse assim:

- *Quer tentar hoje?*

E eu:

- *Vou tentar!*

Conheci os surdos e era uma turma de inclusão. Eram sete surdos incluídos numa turma de ouvintes. E eu disse:

- *Tá, vou lá, vou tentar!*

E aí eu fui. Fui tentando, com as minhas estratégias, com os classificadores, porque eu não sabia alguns sinais específicos, era Ensino Médio. Comecei a ver com ela e aí de tarde, sim, de tarde era só os alunos surdos com os professores. Aí eu ficava um pouco mais à vontade porque eu dava umas paradinhas, eu perguntava e aí eu fui indo.

Foi assim que eu comecei a trabalhar como Intérprete. Eu tive a sorte de que o município de Pelotas, no desespero, não tinha mais Intérprete na cidade, e ofertou curso de Intérprete no ano seguinte. Em janeiro de 2004. E aí eles abriram o curso e eu me inscrevi para fazer. Eu fiz esse curso, fiz o curso de 120 horas e aí já me senti um pouco mais preparada, compartilhando experiências com as outras pessoas. Eu comecei a atuar, e aí atuei com certificação. Continuei buscando uma formação. Poderia ter trabalhado até o final do ano e ter dito:

- *Não, não é pra mim!*

E ter escolhido outra profissão! Poderia. Mas eu tentei. Gostei. Aprendi. E fui cada vez buscando mais, e continuo cada vez buscando mais. Então, eu digo que no começo foi meio que a profissão que me escolheu, ou a profissão aquela que me tocou, que me escolheu, mas depois eu optei por essa profissão. Eu poderia ter optado por outras, enfim, eu entrei no curso de Letras, comecei o curso de Letras,

pensei em outros cursos, mas acabei enveredando para a área de Tradução e Interpretação e não me arrependo.

Nádia: Então tu queres falar mais alguma coisa que eu não tenha perguntado? Principalmente da disciplina de Matemática.

Maitê: Não, acho que é isso. Da importância da competência referencial. Porque não adianta ter competência tradutória, saber interpretar, conhecer a Língua de Sinais, conhecer Português e não saber do que se trata. Então eu acho que a competência referencial ela nos traz mais bagagem pra fazer um trabalho de melhor qualidade. Então, com certeza, se a gente tiver competência referencial nas áreas específicas, nosso trabalho tende a ser de melhor qualidade, então a gente tem que buscar por isso.

Quais as estratégias que a gente vai fazer pra alcançar isso eu não sei, mas eu acho que a gente tem que começar a pensar nisso. Já têm áreas diferentes, que é a área da saúde, a área jurídica, a área artística, a área educacional. Pois bem, a Matemática tá lá na área educacional, como é que a gente pode pensar de trazer competências referenciais pra esses Intérpretes que ainda sequer a gente consegue dar conta da formação de Tradução e Interpretação, quanto menos dessa especificidade, né? Então quais estratégias a gente pode criar pra que esses Intérpretes eles tenham uma formação, a competência tradutória porque tem que ter, não adianta só ter a competência referencial, mas que eles possam buscar essa competência referencial e tradutória.

Saber do contexto, e quais sinais e que estratégias, porque com certeza a estratégia que a gente usa na área judicial não é a mesma que a gente usa na área educacional. São estratégias diferentes. Então de pensar como é que a gente pode tentar solucionar esses problemas na área de Tradução e Interpretação. Então acho que é buscar um caminho. Mas com certeza uma competência depende da outra. A gente precisa manter não completa, 100%, mas uma depende da outra, senão não adianta.

Nádia: Como tu disse, na fala anterior, que tem seus positivos e negativos ser da área em que está interpretando. Então é melhor do que se tenha a competência na área do que não ter?

Maitê: Sim, sem dúvida. A gente vê isso pela prática que a gente tem, eu, por exemplo, atuo na área de Educação há muitos anos e sou formada em Letras. Semestre passado eu tive a oportunidade de atuar lá na Letras. Eu não tive

estranhamento em trabalhar lá na Letras, porque quando eu lia, eu já lia com mais propriedade aquele texto. Agora, se me colocar na área de Administração, eu vou ler, mas não com tanta propriedade. Eu vou estar conquistando aquela competência referencial.

Agora, se tiver mais a ver com minha formação, eu vou ler com mais propriedade, vou desenvolver mais. Então acho que quanto mais próximo a gente está nessa área, mais a gente tende a fazer uma interpretação de qualidade. Acredito que em todas as áreas, em todas as profissões, é que nem o veterinário. O veterinário se forma veterinário, mas ele vai buscar especialidade, de animais de grande porte, de médio porte, de pequeno porte, cirurgia, aí a gente se forma Intérprete e vai dar conta de tudo? Não dá, né? Nós não somos super heróis!

Então é de a gente tentar buscar essa área, enfim, essa afinidade de formação, de conhecimento, de gosto. Porque tem Intérpretes que são formados na área da Biologia, mas adoram trabalhar em apresentações artísticas. Eles desenvolveram também essa habilidade. A gente pode desenvolver outras habilidades, mas a gente precisa ter competência referencial, competência tradutório pra poder, enfim, dar conta de articular essas competências, esses conhecimentos pra melhorar a qualidade do trabalho. Acho que é isso. Fico ansiosa pra ver os resultados depois, da pesquisa.

...

No próximo capítulo apresento um exercício analítico realizado das textualizações aqui apresentadas. Para fazê-lo, em função dos temas que emergiram nas entrevistas, foram definidas as seguintes categorias de análise: as relações do TILS com o professor, a interação dos TILS com os alunos surdos e, por último, as relações de trabalho do TILS com a sua dupla dentro e fora da sala de aula.



5- Das Fontes a um exercício de análise.

É esperado que, no decorrer de uma entrevista, os entrevistados tenham a liberdade de narrar sobre a questão que está sendo apresentada para eles falarem, mas que o entrevistador também possa participar desse processo, colaborando com a criação dessas fontes, que serão decorrentes dessa conversa.

Quando eu elaborei o roteiro, tinham questões iniciais que eu havia planejado numa certa sequência, que orientaram a minha organização, mas quando provoqueei os entrevistados com a primeira questão, pedindo para que eles falassem sobre um determinado ponto, disparou um processo novo, que não é mais somente o entrevistador elaborando a entrevista, ou seja, essa trajetória não é uma rua de mão única, e sim uma rua de mão dupla, onde direciono questões sobre determinado tema, que também vêm em minha direção, temas novos que não estavam previstos nesse percurso, enriquecendo a nossa conversa, pois os entrevistados também são sujeitos ativos nesse procedimento.

O entrevistado tem um lugar tão importante que ele pode acabar mudando a direção da entrevista. Sendo assim, os interesses iniciais continuam, contudo se juntam a eles uma série de movimentos do outro que, de um lado, “bagunça” o projeto inicial, mas que, por outro lado, abre para uma perspectiva de dois ativos, dois personagens, uma vez que se trata da entrevista como uma conversa, considerando a participação do entrevistado com outros temas, tratando das questões sobre a minha vontade e também considerando as vontades do outro.

Quando os entrevistados começaram a contar sobre as suas memórias, ocorreram desdobramentos que, em seguida, me fizeram avançar com perguntas que não estavam previstas no meu roteiro, e, com isso, acabei dando “corda” para temas que os entrevistados trouxeram e que eu não estava prevendo. Contudo, também fui sendo estimulada por eles, em um processo de cocriação, como diria Portelli (2016, p.10): “Ao contrário da maioria dos documentos históricos, as fontes orais não são *encontradas*, mas *cocriadas*”.

Portelli ajuda a entender a entrevista como uma “quebra de braço” em que se trata, como eu diria, de respeitar o outro lado da mesa e o meu lado da mesa, ou seja, a força que eu trago, quando peço que o entrevistado me conte sobre certos temas, mas também considerar, usando essa mesma ideia, a força do outro lado da mesa, em que o entrevistado diz que pode falar o que eu quero ouvir, mas que também quer me contar certos assuntos que não estão no roteiro da entrevista. Gostaria de deixar claro que não se trata de vencer ou perder nessa quebra de

braço, e sim de usar essa analogia para entender tais “forças”, pois elas estão se conjugando.

Por isso entendo que a entrevista se organiza em dois movimentos: um movimento da quebra de braço, em que eu puxo e digo:

– *Vem, me diz, me conta mais um pouco, fale mais sobre isso!*

Porque a intenção da minha pesquisa era que o TILS me falasse sobre o papel dele, do processo dentro e fora das aulas de Matemática com alunos surdos no Ensino Superior; entretanto, também conta com outro movimento da quebra de braço, quando o entrevistado tensiona, por exemplo, tentando me dizer:

– *Me escuta! Quero te dizer coisas que tu não pretendias perguntar, mas que eu preciso te dizer, eu quero te dizer, eu quero que as pessoas saibam o que eu tenho para dizer!*

Dizendo de outro modo, explico que o meu entendimento da entrevista é que trata-se de uma negociação de interesses. O meu interesse dos temas que vou pedir aos entrevistados para falarem e o movimento dos entrevistados que, além de atenderem ao que lhes peço, acham uma oportunidade nas minhas perguntas para trazerem assuntos sobre os quais eu não lhes perguntei, mas que encontram aí lugar para serem ditos. A seguir explico a escolha que fiz para realizar a análise das narrativas dos TILS entrevistados.

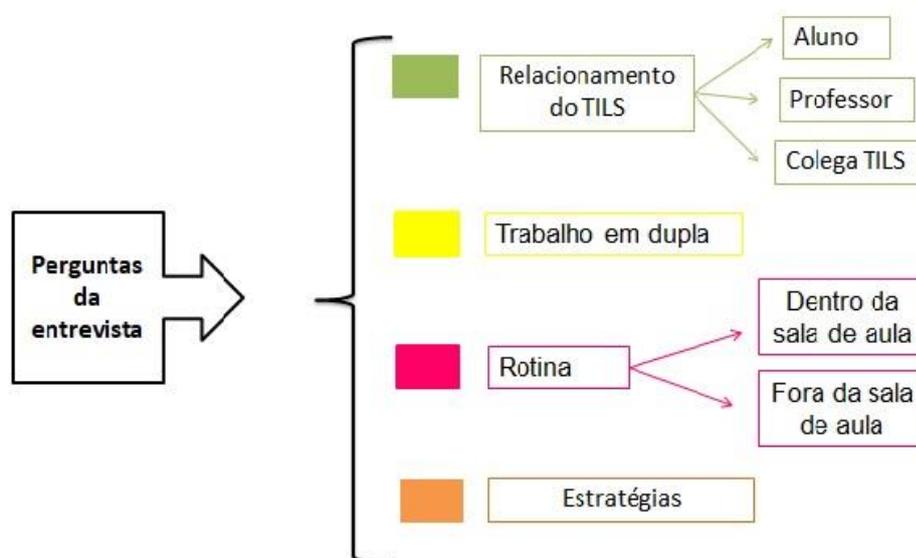
Divido o capítulo em blocos, a partir de temas que orientavam a minha questão de pesquisa e que foram marcantes desde a elaboração do projeto para ingressar no Mestrado em Educação Matemática da UFPel como, por exemplo: *as relações do TILS com o professor, a interação dos TILS com os alunos surdos e, por último, as relações de trabalho do TILS com a sua dupla dentro e fora da sala de aula.*

Li e reli para identificar nas entrevistas trecho de diálogos que tragam vestígios sobre o que os entrevistados interpretam de suas experiências, fazendo uma associação ao trabalho do historiador, mesmo não sendo exatamente o mesmo exercício que faço aqui: “[...] o historiador não submete o passado à sua interpretação, mas, em um exercício reflexivo, submete os vestígios deixados deles, a partir dos quais deve ser capaz de produzir suas explicações” (RIOS, 2016, p. 8). Ou seja, estou procurando pistas da posição deles sobre o tema que gostaria de saber. Esse exercício de análise não é um exercício interpretativo exclusivamente sobre o que os entrevistados disseram, mas de construir um diálogo do que eles

dizem com outras referências da atuação do Tradutor Intérprete de Libras na sala de aula.

Antes de iniciar os tópicos em que discuto o que eles disseram, gostaria de comentar a minha estratégia de leitura das textualizações que estabeleci para me conduzir nesse exercício. Como procedimento inicial, estabeleci que cada um dos temas fosse associado a uma cor para facilitar a minha organização. Logo, os temas de cor verde, amarelo, rosa e laranja estavam relacionados ao bloco de pergunta das entrevistas. Mostro ao leitor a separação de cores a seguir na Figura 1, para apresentar como comecei o tratamento das fontes:

Figura 1 - Divisão dos Blocos em temas:



Fonte: Autoria própria, 2018.

Reconheço que esse modelo de organograma não é o único modo de abordar as leituras das entrevistas, ou seja, de voltar às textualizações realizadas para que eu produzisse interpretações do que os entrevistados disseram, possibilitando dialogar sobre o que aparece em outros referenciais, pois outros pesquisadores poderiam elaborar outras marcações, outras categorias, outras divisões. Talvez esse modo possa não ser o melhor, na perspectiva de outro pesquisador, mas essa foi a minha escolha para tratar o material a ser analisado e poder enxergá-lo separadamente nas falas dos entrevistados.

Ao longo do exercício de leitura, percebi que não teria como deixar esses temas divididos – tinha clareza, pois eles se entrelaçam em vários momentos, onde

um determinado assunto dependia do outro para dar continuidade, não rompendo esses elos –, pois reconheço que se rompesse essa conexão, ocasionaria perdas.

Foi preciso, então, olhar para eles dando atenção para o particular, não para ignorar sua relação com o geral, mas para dar destaque e poder estudar cada uma delas, isto é, olhando para os temas particulares e depois olhando para suas Inter-relações.

5.1 – O que eu queria saber: Bem-me-quer, mal-me-quer

Nada me parece mais apropriado do que esse jogo do “bem-me-quer, mal-me-quer” para falar sobre as relações dos TILS com os professores nas disciplinas de Matemática, alunos surdos e com os seus colegas de trabalho dentro e fora da sala de aula. Os meus entrevistados contam que a interação entre alunos e o professor de Matemática com os Tradutores Intérprete de Libras nunca é somente uma ação positiva, o “bem-me-quer”, pois, em alguns momentos, também é uma ação negativa; o “mal-me-quer”, cito como exemplo, transparece nas falas dos meus entrevistados, que em alguns momentos é favorável e em outros é desfavorável que o TILS tenha formação acadêmica na área em que vai atuar, ou seja, que o TILS que vai mediar à comunicação nas aulas de Matemática também tenha formação na área de Matemática, entre outros exemplos de situações positivas e negativas que surgiram no decorrer das entrevistas.

5.1.1 – “E a relação com o professor de matemática?”

Um primeiro tema que quero apresentar são as minhas reflexões para o leitor, discutindo a partir dos entrevistados sobre o assunto rotina, mostrando que o trabalho do TILS é em relação e interagindo diretamente com o professor, como diz na fala de uma das minhas entrevistadas:

Infelizmente o professor ainda não está acostumado a trabalhar junto com Intérprete de Libras, pois na sala de aula o Intérprete é seu parceiro e se o Intérprete de Libras não traduzir bem a aula do professor, então não vai ser compreendida pelo aluno surdo. Ainda falta essa compreensão pelo professor (JOSEANE, 2017, p. 55)³⁴.

³⁴ Gostaria de avisar ao leitor que as citações diretas e indiretas das entrevistas estão em itálico e as citações diretas estão com recuo diferenciado para diferenciar das citações de referência e com isso dar ênfase diferente ao entrevistado.

Joseane estava se referindo à parceria do TILS com o professor. Esse tema é tão significativo que, quando Joseane fala isso, ela está mencionando uma relação muito importante em que se refere que o TILS não é um agente isolado nesse processo de ensino e aprendizagem, pois ela acredita que essa falta de confiança possa vir em função de parte dos professores ainda não estarem habituados a trabalhar com o TILS e ainda não compreenderem que o TILS é seu parceiro de trabalho e não seu inimigo.

Ao me referir à rotina do trabalho do Tradutor Intérprete de Libras, trato do cotidiano do trabalho de mediação da comunicação entre o professor ouvinte e o aluno surdo dentro das aulas de Matemática no Ensino Superior. Esse tema, rotina dos TILS nas disciplinas de Matemática, é um tema de meu interesse desde o começo do projeto de dissertação para ingressar no Mestrado da UFPel, pois remete à responsabilidade do TILS e ao comprometimento da equipe que viabiliza a educação para surdos (professor ouvinte – aluno surdo – universidade).

Numa aula que envolve o aluno surdo é preciso estabelecer uma engrenagem que, para funcionar, necessita que nesse processo se engajem todos esses entes, pois o TILS é um profissional que sozinho não soluciona todas as questões educacionais dos alunos surdos, uma vez que, para que a inclusão efetivamente se realize, demandam-se articulações de mais de um profissional. Esse tema é tão importante que vários autores já vêm discutindo isso e, reforçando o que Joseane vem dizendo, Lacerda, afirma:

[...] Não se trata de o IE substituir o papel do professor. O professor é o responsável pelo planejamento das aulas, por decidir quais são os conteúdos adequados, pelo desenvolvimento e pela avaliação dos alunos, todavia o IE conhece bem os alunos surdos e a surdez e pode colaborar com o professor sugerindo atividades, indicando processos que foram mais complicados, **trabalhando em parceria**, visando uma inclusão mais harmoniosa dos alunos surdos. [...] O IE tem uma tarefa importante no espaço escolar, seu papel e modos de atuação merecem ser mais bem compreendidos e refletidos. A inclusão do intérprete não soluciona todos os problemas educacionais dos surdos, sendo necessário pensar a educação inclusiva, em qualquer grau de ensino, e maneira ampla e consequente. (grifo meu) (LACERDA, 2011, p.34- 35).

Ou seja, quando eu olho para o trabalho dos Tradutores Intérprete de Libras, eu tenho clareza que o trabalho desse profissional é distinto, que o professor tem um papel tão importante quanto o papel do TILS, e ambos caminham lado a lado nessa jornada. Minha opinião se afirma com Lacerda, que diz que ambos têm um lugar importante nesse processo educacional, mas em função da peculiaridade dos alunos

surdos, outra ação precisa ser feita, ou seja, é a ação de mediação das aulas entre o professor ouvinte e o aluno surdo, pois o professor depende desse profissional para que consiga transmitir os seus conteúdos de Matemática e receber as informações exposta pelo seu aluno surdo.

Reafirmo que o TILS faz parte como um agente pedagógico com atribuições que vão além do “sinal-palavra”, uma vez que ocorre todo um comprometimento linguístico, cultural e pedagógico quando engloba alunos surdos, pois ele também pode opinar em atividades, pensando numa melhor adaptação linguística e cultural do conteúdo, por conhecer bem os alunos surdos e, com isso, indicar o processo que foi de difícil interpretação ou compreensão por parte do aluno. O professor cumpre uma tarefa pedagógica e o TILS cumpre outras tarefas que são ações interdependentes, mas conectadas no mesmo fim.

Claro que, em concordância com Lacerda, somente a inserção do Tradutor Intérprete de Libras na sala de aula não vai resolver o problema da inclusão, pois existem outras variáveis nessa sequência na qual o TILS é o ponto de partida para que a educação seja o minimamente acessível. Essa questão também é reforçada por Nogueira e Borges (2018) que já haviam identificado, a partir de outras referências, que essa aproximação entre Intérprete de Libras e professor nem sempre existe, e o mais comum é o distanciamento entre esses dois agentes.

Esse tema não é novidade, pois tem sido tratado por vários pesquisadores que vem reconhecendo a necessidade de valorizar o TILS como um membro da equipe educacional para que esse profissional possa colaborar no processo de ensino e aprendizagem dos alunos surdos (FERREIRA; ZAMPIERI, 2010). A rotina é uma rotina de interação, pois essa relação é um trabalho interativo que demanda vinculação com outros colaboradores.

Essa interação não é simples, ela passa por diversas preocupações que precisam ser levadas em consideração, pois esse assunto também traz aspectos complexos, tensos entre a interação de professor e TILS, como, por exemplo, a questão da confiança, a questão sobre o respeito, de reconhecer que o TILS é um profissional sério. Talvez um dos grandes complicadores dessa parceria seja a falta de confiança, ou seja, quando essa relação é pouco consistente e o professor tem pouco conhecimento sobre a competência, a seriedade, a ética do profissional Tradutor Intérprete de Libras. Por outro lado, quando estão mais afinados, quando o

professor reconhece o trabalho do TILS, às vezes, outro tipo de problema pode aparecer, a transferência de responsabilidade.

Entre os meus entrevistados, essa relação ainda não está bem resolvida, tanto que aparecem componentes relativos à desconfiança e situações de transferência, pois nem todos os professores entendem a função do TILS. Em alguns momentos, o professor, por medo ou falta de conhecimento sobre a surdez, tenta transferir para o TILS a responsabilidade de resolver algum problema, conforme lembra Maitê, ao contar de uma fala de um determinado professor para outro colega seu, com formação em Matemática:

Em alguns momentos eu lembro que o professor tentava transferir a responsabilidade para o Intérprete:

- Ah, tenta resolver isso, porque tu tens formação na área. Tenta fazer tal coisa.

Comigo não chegou a acontecer, porque, enfim, eu não tinha formação na área e se tivesse dito pra mim algo do tipo, eu diria:

- Bom, mas aqui eu sou Intérprete de Libras é no outro turno que eu trabalho como professora! Tudo bem que isso possa vir a contribuir, mas aqui o meu papel não é esse! (MAITÊ, 2018, p.130- 131).

A transferência de responsabilidade não ocorre somente entre professores e TILS. Segundo Rosa (2014), é competência do professor de Matemática ensinar os conteúdos de matemática, mas por vezes, os professores transferem essa responsabilidade para os profissionais do Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Essa interação nem sempre é simples, às vezes, ela é estabelecida em função de desconfiança, parâmetros de falta de consideração e de respeito, expectativa sobre a ética do trabalho do TILS, etc. O professor desconfiava porque ele não sabia que no código de ética desse profissional consta, como já mencionei ao longo do texto, em seu capítulo um, Artigo 2,^o a seguinte orientação: “O Intérprete deve manter uma atitude imparcial durante o transcurso da interpretação, evitando interferências e opiniões próprias, a menos que seja requerido pelo grupo a fazê-lo” (QUADROS 2004, p. 32). Ou seja, o código de ética orienta que, quando o Tradutor Intérprete de Libras estiver atuando, ele não poderá dar opiniões durante a sua interpretação.

No caso dos meus entrevistados, essa desconfiança apareceu especialmente no caso do TILS com formação na área de atuação, ou seja, na Matemática. O que poderia surgir para facilitar a atuação desse profissional acaba estabelecendo dois

elementos de desconfiança, sugerindo que, em alguns momentos, essa interação se mostra pouco sólida. Esses dois momentos ocorreram em situação de TILS que têm a formação na área da Matemática: de um lado o professor que desconfia que o TILS vai passar cola para o aluno surdo e, do outro, do professor que se sente desconfortável com a presença do TILS porque o TILS sabe do que ele está falando.

Esse assunto também ocorreu em outra situação onde o professor não queria que os TILS com formação em Matemática ficassem na sala de aula com a aluna surda em momento de avaliação, por medo que passassem cola para essa aluna: *“porque o TILS tinha formação ou tinha propriedade sobre o conteúdo e na hora da prova não queriam que ficasse com ela porque achavam que os Intérpretes iam passar o conteúdo ou, enfim, passar cola pra essa aluna”* (MAITÊ, 2018, p. 131).

Essa falta de segurança do professor em relação ao TILS também é vista na entrevista de Daniel, ao narrar o modo como ele, por também ter a formação na área da Matemática, era visto como um “fiscal” da aula, ou seja, como alguém que ficava julgando o trabalho dos professores: *“Eu sinto que as pessoas acham que eu estou cuidando. Eu sinto isso, que as pessoas podem se sentirem desconfortáveis por saberem que tem alguém com a mesma formação que elas dentro da sala de aula”* (DANIEL, 2018, p. 100).

Isso reforça a importância da interação, argumento central do meu tópico, uma vez que essa desconfiança aparece justamente por esse afastamento, pois, se fossem próximos, se interagissem no planejamento, se eles entendessem o papel do TILS, suas responsabilidades e seu código de ética, talvez nada disso acontecesse, pelo contrário, ao invés de o professor ver o TILS como um tipo de rival, um agente inimigo, ele veria que tem um parceiro.

Daniel, para amenizar essa desconfiança, tenta deixar o mais claro possível sua relação com o professor que ministra as aulas de Matemática:

[...] minha função é como Intérprete [...] Eu tento sempre deixar claro que eu não estou aqui para cuidar a aula de ninguém [...] Se o professor falar alguma coisa, que eu sei que está errado eu vou traduzir tal qual o professor falou, e eu não vou intervir de forma alguma na explicação dele, porque, na verdade, a aula é dele. (DANIEL, 2018, p. 100).

É tão forte para ele esse tema “desconfiança” que ele tenta amenizar conversando com o professor, e ele faz isso por ter propriedade e estar amparado pelo código de ética dos Tradutores Intérprete de Libras. Outra situação negativa é

quando o professor da disciplina, no passado, já tenha sido professor do Intérprete de Libras que está atuando em sua aula:

[...] professor já ter sido professor de alguns dos Intérpretes, e aí ele usar o intérprete como exemplo, enfim, eu não vivenciei isso, mas eu lembro das reuniões, disso ser relatado, dele usar como exemplo, dele dizer para o intérprete:

- Mas tu sabe como é que faz! (MAITÊ, 2018, p. 134).

Essa situação contada por Maitê ocorreu quando o TILS, que atuava na aula de Matemática, também tinha formação em Matemática e o seu professor havia sido o mesmo para quem ele estava traduzindo. O professor, por muitas vezes, acaba por dizer ao TILS que determinado conteúdo ele sabia, ou seja, que o seu “antigo aluno” saberia para passar ao seu “atual aluno surdo”. Outra fala dos entrevistados foi quando um dos TILS precisou explicar ao professor que não poderia fazer o trabalho em “dupla” com o aluno surdo:

Teve uma situação, na disciplina de Estatística, em que os alunos tinham que formar grupos, ele [o surdo] já tinha algumas reprovações, então o surdo não tinha colegas fixos onde as pessoas se conhecessem e conhecessem ele, e era uma atividade prática e o professor falou pra mim:

- Tu podes fazer com ele né?

- Aí, desculpa, não posso!

O professor deu sequência e, no fim da aula, fiquei para conversar com ele e fui explicar:

- Não! Eu entendi! Sem problemas! Se tu fizesses seria como se tivesse dando cola pra ele, né?

Não precisei entrar muito nessa discussão, no momento em que eu me neguei, ela já entendeu que não foi por nenhum tipo de “capricho”, e sim, que eu fazia parte daquele processo. (BIANCA, 2017, p. 81).

A fala acima mostra como alguns professores agem quando não conhecem as atribuições dos TILS e, em alguns momentos, acham que o TILS pode dar cola, como dito anteriormente, como também acabam confundindo o papel desse profissional com o papel de aluno, achando que não haveria problema em ele fazer os trabalhos juntamente com o surdo em sala de aula.

Claro, também têm os casos que isso vêm melhorando, que essa parceria vem sendo reconhecida. Apesar dessa desconfiança existente, também temos situações em que essa parceria já se mostra mais forte, qualificada, interativa, em que o professor e o Tradutor Intérprete de Libras andam de mãos dadas e, apesar do que já foi mencionado acerca dos problemas, temos um caso que demonstra essa preocupação mútua:

Já aqui, na UFPel, foi bem legal, porque eu me lembro que tinha uma disciplina na Informática que envolvia cálculos, então tinha “porque era negativo, era positivo”, usava uma base da Matemática para trabalhar no sistema de Informática e eu me lembro que a gente pedia para o professor:

- Sempre quando o senhor for fazer os slides, coloca tal coisa em azul e tal coisa em vermelho que a gente já combinou com o surdo que sempre quando for dessa cor (não me lembro o que a gente tinha combinado), mas sempre quando for tal cor, a gente vai usar tal raciocínio lógico Matemático. Se for usar outra cor, é tal raciocínio.

E aí ele:

- Ah tá! Tudo bem.

Aí, um dia ele chegou em aula e disse:

- Ai gurias! Me desculpa, eu fiz os slides e fiz as cores trocadas, mas agora eu anotei e na próxima aula eu vou fazer diferente!

Então foi muito legal, porque essa relação já foi mais de compreensão. Nosso trabalho é em conjunto. O professor cubano tomou como prática colocar as fórmulas num canto do quadro e ir pegando as fórmulas desse canto e sempre no meio da aula ele perguntava se todo mundo estava entendendo, virava pra nós e perguntava se o surdo estava entendendo também. O surdo dizia que estava eu não sei se estava, mas ele dizia que estava. Então, assim, já eram diferentes das aulas que eu traduzia nas outras instituições (JOSEANE, 2017, p. 59- 60).

Esse caso mencionado por Joseane é emblemático se a relação for de confiança, o que faz toda a diferença, tanto por oferecer para o TILS uma condição de trabalho mais efetiva – porque o TILS se sente reconhecido em sua função, sentindo que o seu trabalho está sendo levado em consideração, quanto por ser satisfatória também para o aluno surdo que tem a chance de enxergar essa parceira e, com isso, ter vantagens.

Outro exemplo de uma situação favorável em que a interação entre o professor e TILS foi bem satisfatória, porque o professor achou interessante, foi a de dois Tradutores Intérpretes de Libras que iam atuar na sua aula e tinham formação em Matemática:

Aconteceu uma vez, numa disciplina de Cálculo, que eu achei engraçado, porque era meio que um rodízio de Intérpretes que traduziam a disciplina, e aí, no dia que eu fui, era o segundo dia da disciplina, e era com outra dupla. E aí, no primeiro dia, tinha ido uma colega que era formada em Matemática e a colega se apresentou e falou:

- Eu sou a fulana e sou formada em Matemática.

No outro dia que eu fui, eu fiz a mesma apresentação, eu disse:

- Eu sou o Daniel e sou formado em Matemática e em sua aula eu serei o Intérprete.

E o comentário da professora foi:

- Nossa! Todos os Intérpretes daqui são formados em Matemática? Que legal isso!

Isso na verdade foi uma coincidência. A gente tentou organizar o horário enquanto Seção de Intérpretes, para que os Intérpretes de Matemática fossem traduzir as aulas de Matemática. Mas não é uma coisa que acontecia sempre. Assim como eu posso traduzir uma aula de Letras, um profissional de Letras pode traduzir a aula da Matemática. Mas eu achei

muito engraçado, porque a professora fez um comentário tipo: “Nossa! Todas as pessoas agora são Intérpretes de Matemática! São professores de Matemática que vão traduzir as minhas aulas!”. Achei interessante isso. Como se fosse uma coisa bastante comum, e eu percebo que não é. Eu só conheço duas pessoas que são formadas em Matemática e que são Intérpretes. E só sei de uma pessoa que traduz, mesmo sendo Intérprete, a outra pessoa é só professora. (DANIEL, 2018, p. 100- 101).

O trecho da entrevista reflete uma das situações positivas do TILS ao ter a mesma formação do professor pois, ao invés de a professora se sentir vigiada ou achar que o TILS poderia passar cola para o aluno surdo, como foi falado anteriormente, ela achou interessante que os profissionais que iriam trabalhar em sua aula possuíssem sua mesma formação, mostrando satisfação em ter essa equipe.

Quando eu falo da preparação do Tradutor Intérprete de Libras, uma das falas que aparece como reivindicação é que esse momento de preparação das aulas de Matemática seria extremamente enriquecido se nesse período também contasse com a participação do professor, assim fortalecendo esse elo entre aluno, professor, TILS e instituição:

O professor tem um aluno surdo, então que ele tenha uma parte da carga horária dele para ir conversar com os Intérpretes e que os Intérpretes tenham uma parte da carga horária para além do estudo também para falar com o professor toda a semana [...] Até para estudar com o professor, porque, por exemplo, se a pessoa não é formada em Matemática, a pessoa precisa ter alguém que é da área para fazer explicações conceituais, que no papel não trazem, por mais que eu leia um texto, o texto não é a mesma coisa do que um professor sentando comigo e estudando e explicando o que quer dizer aquele conceito. Então, nesse espaço, acredito que ainda existe essa lacuna, mas eu espero que no futuro isso acabe sendo superado, que a gente consiga isso também (DANIEL, 2018, p. 104).

O entrevistado Daniel conta que seria de grande importância que, na organização da carga horária do professor, se dividisse, além das atividades que ele realiza na instituição, uma porcentagem de tempo para que esse docente pudesse participar de conversas com os TILS de sua disciplina, e que, juntos, conseguissem realizar o planejamento e sanar dúvidas quando necessário. E assim conseguissem ter semanalmente uma conversa antecipada, para questões de contexto dos assuntos, estratégias e sinalização, entre outros temas relevantes para aprendizagem do aluno surdo. Outro componente da relação do trabalho do Tradutor Intérprete de Libras é a sua relação com os alunos surdos durante as aulas, como veremos a seguir.

5.1.2 – "me fale da rotina com o aluno surdo"

Outro tema que me interessava discutir era a relação dos TILS com os alunos surdos nas aulas de Matemática, porque eu reconheço que não é a mesma relação com o professor, pois com o aluno surdo é outra negociação. Além de o TILS trabalhar com uma língua visual, ele também tem que se preocupar, para mediar a comunicação, com aspectos culturais do povo surdo. Os entrevistados contam que essa é uma relação complexa.

Quando me refiro à Cultura Surda, estou mencionando a forma de compreensão do mundo que é usada pelos surdos, a partir de suas percepções visuais, baseada em ideias, crenças, costumes, família, lazer, língua de sinais e hábitos do povo surdo (STROBEL, 2008), assim como foi falado no subcapítulo 2.2.

A complexidade mencionada não é por ser impraticável, mas sim porque tem muitas variáveis, como tentar se adaptar a cada aluno surdo com que irá trabalhar, pois nenhum surdo é igual ao outro surdo. Uns são oralizados e aprenderam Libras depois de adultos, alguns nasceram surdos e outros ficaram surdos depois que nasceram. Alguns surdos vêm de um contexto de escola bilíngue enquanto outros nunca haviam utilizados TILS na sua escolarização, entre outras variantes da área da surdez, que, por vezes, acaba influenciando no comportamento desse aluno com o TILS:

A gente teve alunos diferentes. Eu já traduzi para aluno que nasceu ouvinte e depois ficou surdo, traduzia para uma aluna oralizada, enfim, cada aluno tem diferentes combinações para interpretar. Teve outro surdo, que ele vinha de um contexto de escola bilíngue, então ele tinha toda uma formação diferente, o contexto de inclusão para ele era diferente, ele ainda estava se adaptando em ter um Intérprete, a não ter um professor que dominava Libras. Então, com cada aluno, vamos desenvolvendo estratégias. (BIANCA, 2017, p. 84).

Quando a entrevistada fala que traduziu para diferentes tipos de alunos surdos, Bianca mostra sua sensibilidade para lidar com as variadas situações com as quais ela é confrontada e, diante disso, ela reconhece inclusive os processos de adaptação dos alunos, no caso de universidades onde a figura do TILS representa a garantia de interpretação das aulas, não podendo contar, contudo, que os professores também entendam de Libras, como acontece em algumas escolas.

Mas a aula com aluno surdo para ser inclusiva basta ter um Tradutor Intérprete de Libras? Além de ser fundamental a presença desse profissional em

sala de aula, também é imprescindível que o material que esse aluno estude fora do ambiente acadêmico, ou quando é entregue pelo professor, também seja inclusivo, ou seja, que possua legenda ou que seja em Libras. Tanto os alunos quanto os professores se queixam para o TILS que atuam em suas aulas, que não encontram material em Libras ou vídeos que tenham legendas:

[...] eu noto que, por exemplo, por trabalhar como Intérprete e também trabalhar como professor de Matemática, muitas vezes, eu via algumas coisas que os alunos contavam, de muitas vezes eles fazerem um desabafo dizendo:

- Eu procuro o livro, mas o livro não está na minha língua, não tem a explicação de Matemática em Libras para eu entender. Eu entro no Youtube e as pessoas estão falando, estão mexendo a boca, explicando cálculo.

Eles estão vendo uma explicação oral em Língua Portuguesa e não conseguem entender. Então essa falta de material faz com que, por muitas vezes, as pessoas se aproximem de mim, para pedir tipo assim:

- Olha, tem alguma coisa que você sabe para me ajudar? Porque eu não acho em nenhum lugar, nenhuma coisa que eu possa estudar Matemática.

Essa falta de material adaptado em Matemática, para os alunos surdos, seja no Ensino Fundamental, seja no Ensino Médio, seja no Ensino Superior. [...] Essa falta de estrutura de material bilíngue para os surdos acaba ocasionando dificuldade a eles. Às vezes, no meu caso, ser o Intérprete e ser alguém que é formado em Matemática acaba sendo uma pessoa com quem eles querem desabafar:

- Olha, está difícil e eu não sei o que fazer, não estou achando material!

E, ao mesmo tempo, às vezes, os professores também vêm falar isso, que também não têm material. Por mais que o professor não conheça a língua de sinais, o professor sabe o conteúdo, ele tem todo um cuidado, muitas vezes para o aluno ouvinte ele prepara o material, faz um vídeo então o professor percebe que não tem esse material para o surdo. Mas eu percebo que, no geral, as relações são muito tranquilas. Muitas vezes, as pessoas vêm fazer um desabafo ou pedir ajuda. (DANIEL, 2018, p. 97 - 98).

Na fala de Daniel fica evidente o quanto falta material adaptado para o aluno surdo e isso mostra que o surdo precisa estar efetivamente incluído; que, além de ter o TILS em sala de aula, também há a demanda de material específico para que consiga fazer um estudo extra, até mesmo quando o professor manda uma atividade que necessite olhar um vídeo. Esses materiais não costumam vir com legenda ou tradução para Libras e, quando o TILS fala nas entrevistas sobre esse assunto, não se trata dele se lamentar, mas sim de ele estar avaliando a insuficiência de um TILS num contexto que não é inclusivo.

Este tipo de falta de material não é uma peculiaridade da educação de surdos. Segundo Rosa (2017), há uma dificuldade semelhante de se encontrar materiais didáticos de apoio em braile ou vídeos com audiodescrição, para as pessoas com deficiência visual.

O Tradutor Intérprete de Libras também trata de reconhecer um papel de mediador num outro sentido, não se tratando somente de interpretar; ele entende as dificuldades, entende os limites. O TILS também é um mediador afetivo, ou seja, ele também é um apoio emocional, estabelecendo-se numa relação de confidente e desabafo. O Intérprete funciona como alguém que pode mediar a reivindicação, ouvindo o que o aluno surdo reivindica, o que o professor de aluno surdo reivindica e, desse modo, o TILS é alguém que pode ajudar a fazer a reivindicação, ele é convidado a se integrar na luta por esse material. O TILS torna-se um parceiro nesse duelo.

E aí fica aquela questão no ar para sujeitos que não estão habituados a trabalhar diariamente com esse profissional: Por que o TILS da disciplina não traduz os vídeos e os livros para Libras? Essa pergunta pode ser respondida com a fala dos próprios entrevistados:

Nessa instituição que eu trabalho, atualmente, que é numa universidade, a gente tem uma carga horária reconhecida para estudo. Em outra instituição que eu trabalhei anteriormente, a gente conseguia, às vezes, algumas horinhas, mas nada muito registrado nessa outra universidade. Mas nos outros lugares nunca tinha. Era a carga horária completa em sala de aula, independente do assunto, independente da área de conhecimento, era todo o dia sem tempo para estudar. Atualmente, eu vejo, na universidade que eu trabalho, que é uma parte pequena da carga horária da gente para estudo dos materiais, é um estudo de todos os materiais de todas as disciplinas. Então é uma iniciativa, é uma luta que se conquistou de reconhecimento da importância do Intérprete: estudar para se preparar para a sua atividade (DANIEL, 2018, p. 96).

A fala do Daniel mostra duas realidades: Primeiro que há muitos lugares em que o tempo de preparação do TILS não é considerado como relevante; contudo, ele também está pontuando aqui que, mesmo nas instituições que reconhecem essa importância, ainda é uma parte pequena da carga horária que é destinada para esse fim. Segundo ele, antigamente era pior, hoje melhorou, mas ainda não está bom o suficiente.

Esse trecho da entrevista refere-se ao fato de que os TILS entrevistados das instituições de nível superior pública têm, conforme o seu ingresso no concurso, uma determinada carga horária para estudo e preparação de materiais, que foi uma conquista junto à universidade³⁵ com a criação da portaria número 1668/2016³⁶, que

³⁵ Atualmente não existe uma legislação que assegure carga horária destinada para estudo de material e preparação para suas atividades profissionais junto à instituição.

assegura a cada semestre um horário destinado para estudo e preparação dos materiais na sua atividade dentro da instituição:

- [...] 3. O TILSP deverá dispor, a cada semestre, de carga horária destinada para estudo de material e preparação para suas atividades profissionais junto à instituição.
- a. A carga horária destinada para estudo de materiais e preparação do TILSP deverá ser cumprida na universidade e estipulada pela coordenação, de acordo com as atividades desempenhadas pelos servidores a cada semestre [...]
 - c. A carga horária destinada para estudo de material e preparação dos TILSP se dividirá na apreciação de:
 - i. conteúdos a serem traduzidos em sala de aula;
 - ii. materiais relativos a bancas e defesas dos alunos da Universidade
 - iii. materiais a serem traduzidos, principalmente quando houver a gravação e vídeos institucionais e eventos abertos à comunidade (palestras, seminários, acolhidas de alunos, etc.) (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, 2016. s/p).

Daniel deixa claro que é uma iniciativa e uma luta que vêm sendo conquistada de reconhecer a importância do Tradutor Intérprete de Libras se preparar para realizar as suas atividades. A preparação consiste no estudo do assunto, dos recursos audiovisuais e/ou resumos, a fim de promover a familiarização dos TILS com os conteúdos tratados em cada atividade de interpretação prevista, bem como pesquisa de termos e sinais.

Maitê também fala em sua entrevista sobre esse tempo de preparação “[...] eu sempre tento, fazer o máximo possível para me preparar. Infelizmente, o tempo de estudo que a gente tem não condiz com o tempo de atuação [...]” (MAITÊ, 2018, p. 119). Ou seja, a entrevistada corrobora a fala de Daniel dizendo que, apesar de ter uma porcentagem de tempo para realizar o estudo dos materiais, esse tempo ainda é pouco comparado com a grande demanda que a equipe atende dentro da instituição.

Essa grande demanda se refere ao fato que, além do Tradutor Intérprete de Libras interpretar todas as disciplinas do semestre de cada aluno surdo, e dos professores surdos quando necessário, os TILS também são solicitados para interpretar diversas atividades como: Reuniões, aulas de apoio, atividades de pesquisa e extensão, eventos, seminários, simpósios, semanas acadêmicas, seleções para ingressos, formaturas, formação continuada para o corpo docente e para o corpo técnico-administrativo, adequação da escrita do surdo para Língua

³⁶ Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/nai/files/2017/04/D_PORTARIA_DUPLA_UFPEL_1668_2016.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2019.

Portuguesa escrita, tradução de vídeos em Libras para Língua Portuguesa escrita e vice-versa, tradução e interpretação de textos acadêmicos e documentos da Língua Portuguesa escrita para Libras, ou seja, toda atividade em que há surdo envolvido.

Claro que podemos encontrar cada vez mais materiais que já vêm sendo adaptados para surdos, com legenda e tradução para Língua Brasileira de Sinais, ainda que a regra geral seja não se preocupar com isso, como, por exemplo, vários materiais explicativos no *youtube* que ainda não possuem acessibilidade. Para que o leitor consiga refletir sobre o tema que está sendo abordado nessa dissertação, trago um exemplo de outros campos da área da acessibilidade e inclusão, fazendo um paralelo entre o deficiente físico e as pessoas com surdez usuária de Libras.

No caso das pessoas com deficiência física, por exemplo, a sua acessibilidade se resolve com rampas de acesso, elevadores, cada vez mais comuns. Já no caso dos surdos usuários de Libras, a demanda é um pouco mais complicada, pois requer maior consciência da diferença linguística inerente a esta minoria, o que demanda a busca por políticas linguísticas para a acessibilidade, assim como formação de profissionais para a atuação nestes contextos. Quando há inexistência dessa consciência, esse aluno surdo se sente um estrangeiro dentro do seu próprio país.

O papel do Tradutor Intérprete de Libras para a acessibilidade do surdo é muito importante e, ainda que ele não consiga, por falta de carga horária, dar conta de tudo, ele é de grande importância, principalmente no contexto de sala de aula, ainda que isso nem sempre seja fácil. Tentando trazer o que um surdo sente dessa relação com o TILS, a Dissertação de Daniel Duarte Silveira, por exemplo, traz um enxerto da entrevista de um aluno surdo:

Assim, pode-se pensar que alguns surdos, [...] podem ter passado muito tempo odiando a matemática por não ter tido uma educação adequada as suas necessidades linguísticas. Não que a matemática se torne mais fácil ou trivial por ser ministrada em Libras e com recursos metodológicos necessários, mas ela se torna possível de ser entendida, uma vez que é ensinada na língua do aluno (SILVEIRA, 2018, p. 57).

Não quer dizer que o ensino de Matemática seja mais fácil, mas que se torna possível de ser compreendido quando esse conteúdo é ministrado na língua do aluno surdo. Mas isso não quer dizer que essa relação seja fácil, às vezes, é bastante tensa. Os entrevistados contam situações diversas que eles passaram

como TILS e que algumas não foram nada fáceis. Em parte porque os surdos não entendiam o papel do TILS e em outras porque queriam tirar vantagens.

Como se trata de uma experiência na Matemática, que é um campo que tem poucos alunos surdos, e dos quatro entrevistados, três referem-se nas entrevistas a um mesmo aluno que foi presente em suas memórias, e que em alguns momentos estabeleceu uma relação bastante difícil com eles, me leva a pensar que essa dificuldade foi com esse determinado surdo e não que todos os outros tenham esse mesmo perfil.

Em função dessa pouca familiaridade do surdo com o Tradutor Intérprete de Libras, os TILS lembram que várias vezes, ao estabeleceram uma relação com o surdo, deixaram bastante claro qual seria a sua posição e o seu papel enquanto mediador das aulas de Matemática. Joseane traz em sua entrevista a explicação que ela dá ao aluno surdo sobre o papel dela e o do professor da disciplina:

*Não dá para generalizar, mas, muitas vezes, eu vejo o surdo dizendo assim:
- Vem aqui e explica pra mim.
Eu digo:
- Eu não vou explicar, vou interpretar e o professor é que vai explicar.
[...] Mas aí a gente tem que ficar retomando isso várias vezes até o aluno surdo entender. Não são todos. Tem aluno surdo que chega aqui e entende claramente quem é o Intérprete, e quem está explicando é o professor, e se professor não explica bem o Intérprete não vai conseguir interpretar bem. Então, tem alguns surdos com personalidade bem difíceis [...] (JOSEANE, 2017, p. 61- 62).*

O trecho da entrevista mostra que o TILS precisa esclarecer a diferença de papéis entre ele e o professor, porque não são claros, e o surdo nem sempre é capaz de notar essa diferença. Isso ocorre pela novidade da profissão, pois o TILS atuando no nível superior ainda é uma figura muito recente. A criação da identidade profissional do Tradutor Intérprete de Libras ainda está em construção

E com o TILS com formação em Matemática, as coisas melhoram? Avançando na discussão sobre esse assunto, pode parecer contraditório, pois as memórias deles apontam para um detalhe ainda mais frágil de lidar, situações delicadas onde esse profissional acaba ficando constrangido quando o surdo tenta se prevalecer, extrapolando os limites dessa relação. Conforme Daniel:

*Sempre que surgiu alguma situação que eu achei que pudesse ser meio constrangedora para nós dois, por exemplo, de ele me pedir alguma informação da prova ou do trabalho, eu dizia:
- Vamos perguntar ao professor. Vamos fazer essa pergunta ao professor. Vou falar para o professor o que você está falando, posso?*

Ele dizia “sim” ou ele dizia: “Não. Então deixa” (DANIEL, 2018, p. 99).

O que o Daniel disse aqui parece mobilizado por um sentimento de angústia, por ele estar realizando uma ação profissional e ao mesmo tempo se sentir constrangido diante de uma ação do aluno, porque ele precisa arranjar um jeito de fazer o seu trabalho e precisa atender o aluno, e, se não bastasse, ao mesmo tempo, ele precisa estabelecer os limites. Isso são coisas que podem produzir mal estar, desconforto a esse profissional. Se, por um lado, o professor tinha desconfiança do trabalho do TILS, como falado anteriormente, essa desconfiança pode até fazer algum sentido, se olhar para o modo de como alguns alunos agem e se comportam nessas situações:

Pelo que eu vejo, a maioria dos alunos quer alguém que tenha formação no curso que eles estão trabalhando, que eles estão estudando. Porque sim, lógico, a pessoa vai estar tendo mais referencial sobre aquilo, mas não necessariamente ela tenha habilidade pra juntar uma coisa com a outra. Eu lembro que a gente fazia muito isso, de tentar manter o mesmo Intérprete na disciplina ou no curso, porque já tinha os sinais combinados. [...] a gente tentou deixar que as pessoas que tivessem formação atuassem com essa aluna por segurança de todos. Eu lembro de alguns relatos dos colegas dizerem que ela estava, não digo se aproveitar da situação, mas que ela estava de uma maneira ou de outra, tentando fazer uso disso (MAITÉ 2018, p. 132).

Maitê fala que umas das estratégias da equipe eram tentar estruturar o horário de trabalho organizando para que o TILS atuasse no mesmo curso que teve a sua formação e com isso tivesse mais referencial sobre o assunto, ou tentar deixar o mesmo TILS durante o curso, pois esse já teria realizado combinações de sinais da Matemática para termos que não havia sinal correspondente em Libras. Mas ao tentar organizar a equipe para que ocorresse o melhor andamento possível, infelizmente um determinado aluno tentava se aproveitar da situação. Mas claro que não se pode generalizar, pois nem todos os alunos surdos têm o mesmo comportamento:

Depende da pessoa com quem eu estou lidando. Não são todos os alunos surdos que querem se aproveitar da interpretação, não são todos que querem se aproveitar da condição de surdo incluído. Tem alguns que sim! Mas a maioria não. Alguns com quem eu trabalhei são bons alunos de cidadania, entendem o papel das pessoas, entendem o porquê estão ali e devem ser respeitados. Outros querem se aproveitar em certos momentos e outros momentos respeitam, mas, na maioria das vezes, querem se aproveitar, então, depende da pessoa surda que eu estou trabalhando. (JOSEANE, 2017, p. 62).

Dos tipos de situações que apareceram entre TILS e surdo, foram situações de um indício que pode ter marcado a memória dos TILS entrevistados, e que ocorreram com determinado aluno surdo, mostrando que, assim como alguns ouvintes, alguns surdos também são interesseiros, maldosos e, em alguns momentos, tentam se aproveitar de uma determinada situação, seja ela com o professor, com o seu colega de aula ou até mesmo com o próprio Tradutor Intérprete de Libras que traduz a sua disciplina. Assim como também apareceram situações de desabafo e preocupações em ter materiais adaptados na língua de sinais para que isso corrobore para uma inclusão mais efetiva.

5.1.3 – “me conte sobre o trabalho em sala de aula”

Apesar de não ser obrigatório, tem sido usual a prática do Tradutor Intérprete de Libras trabalharem em dupla no Ensino Superior, pelo menos nas universidades em que os participantes atuam. Isso motivou, no meu roteiro, o desejo de saber dos meus entrevistados como funciona esse trabalho com o seu colega TILS numa situação de sala de aula com disciplina de Matemática.

Mas, enfim, o que é esse trabalho em dupla? Para melhor explicar ao leitor, antes de dar início a esse tópico, trago a citação de pesquisa de mestrado da autora Vieira, que faz uma colocação importante em relação à atuação do Tradutor Intérprete de Libras em dupla:

O trabalho em duplas ou trio também oferece apoio ao intérprete de língua de sinais quando em atuação, pois este se mantém no “descanso” e na espera de sua vez para atuar, o que favorece a maior fidelidade do discurso interpretado da língua fonte³⁷ para a língua alvo³⁸, compreendendo, nesse momento, profissionais capazes de alto nível de interpretação. (VIEIRA, 2007, p. 48- 49).

Em uma situação, por exemplo, em que o Intérprete está passando para a Língua de Sinais a fala de um ouvinte, a sua dupla TILS, que está atuando como Intérprete de apoio³⁹, está de frente para o Intérprete do turno⁴⁰, descansando

³⁷ Língua fonte - É a língua que o intérprete ouve ou vê para, a partir dela, fazer a tradução e interpretação para a outra língua (a língua alvo) (QUADROS, 2004, p. 9).

³⁸ Língua alvo - É a língua na qual será feita a tradução ou interpretação (QUADROS, 2004, p. 9).

³⁹ O que estou chamando de “Intérprete de apoio” é o TILS que, no caso de trabalhar em dupla, ao se revezar, está em “descanso” fisicamente, mas não mentalmente, pois deve se manter atento ao “Intérprete do turno” para, caso necessário, o auxilie com sinal ou palavra.

fisicamente, mas, mentalmente, deve estar atento aos sinais do colega, pois caso o Intérprete do turno não tenha escutado algo ou até mesmo não lembre ou não saiba um determinado sinal correspondente em Libras, o Intérprete de apoio o auxilia passando rapidamente com o sinal necessário para que o Intérprete do turno coloque no contexto da sinalização.

Em outro exemplo, caso que se tenha um falante surdo e os TILS estejam passando para a Língua Oral portuguesa, o Intérprete de apoio fica ao lado do Intérprete do turno, que é quem está no momento mediando a comunicação. O Intérprete de apoio, caso necessite passar algum sinal em Libras, de modo despercebido, ou uma palavra em português que não venha à memória do Intérprete do turno, o Intérprete de apoio, irá lhe sussurrar ao ouvido a palavra que falta, com a sua boca perto do ouvido do locutor.

Ambos os Intérpretes combinam um revezamento que, na maioria dos casos, é de 20 em 20 minutos, para que, com isso, evitem um esgotamento físico e mental durante a atuação e, dessa forma, consigam manter uma maior qualidade no seu processo interpretativo. Essa recomendação de revezamento entre os Tradutores Intérprete de Libras é amparada pela Associação Gaúcha de Intérprete de Língua de Sinais (AGILS – gestão 2013 - 2017):

[...] o trabalho em dupla para o devido revezamento, de 20 em 20 minutos ou menos, para evitar a sobrecarga e esgotamento dos profissionais, como também para manter a qualidade da tradução e assegurar assim que o surdo de fato tenha acesso aos conteúdos na sua língua [...] (ASSOCIAÇÃO GAÚCHA DE INTÉRPRETE DE LINGUA DE SINAIS, 2016. s/p).

Corroborando a importância desse revezamento entre os profissionais TILS, Quadros (2004, p. 70) menciona que: “[...] Na medida em que o tempo passa, se perde qualidade na interpretação. Os erros nas escolhas lexicais, os erros nas decisões quanto ao significado são progressivamente muito maiores após a primeira hora de interpretação simultânea.” Pensando também a respeito do trabalho em dupla, Nogueira e Silva, na pesquisa deles, anunciam sobre a importância do Intérprete de apoio, que influencia diretamente na qualidade na interpretação:

A interpretação com apoio aumenta a qualidade da interpretação, pois são dois ou mais profissionais a atuarem focando sua atenção e se empenhando para realizar essa prática da melhor maneira diminuindo o

⁴⁰ Intérprete do turno: é quem está responsável pelo momento da interpretação em situações de dupla ou trio (NOGUEIRA, 2016).

cansaço físico e a fadiga e aumentando, portanto, o desempenho dos profissionais (NOGUEIRA; SILVA, 2012, p. 1).

O Intérprete de apoio tem também como atribuições dar *feedback* na atuação do seu colega; atuar fazendo anotações, em um caderninho, com as palavras que precisa procurar um sinal correspondente em Libras; fazer anotações de conceitos importantes para estudar depois; descrever algum sinal novo em português, desenhando ou, ainda, em Sign Writing (SW), para que possa lembrar na próxima aula, ou passar para outro colega.

Apresentei esse panorama porque essa é a configuração de trabalho dos participantes desta pesquisa, atuando sempre em dupla. Para além da caracterização dessa forma de trabalho dos TILS, voltamos à questão orientadora: o que os participantes da pesquisa têm a dizer com relação a essa situação?

Nas entrevistas, a interação entre o Intérprete de apoio e o de turno foi muito presente, tanto que Joseane lembra: “[...] os nossos caderninhos de dupla de sala de aula que são muitos importantes. Tem uma colega, dupla de sala de aula, que tem o caderninho todo em SW [Sign Writing], ela tem vários registros ali” (JOSEANE, 2017, p. 66).

Isso a que se refere Joseane, da utilização dos caderninhos, é uma prática muito utilizada pelas equipes de tradução e interpretação, e que, de tanto trabalharem juntos, acabam por, em geral, constituírem uma forte afinidade.

Com relação às Interpretações nas aulas de Matemática, os participantes sugerem a existência ainda de outro componente, especialmente quando recebem a colaboração de alguém com formação em Matemática:

[...] ter ido pra sala de aula com uma dupla que não tinha essa formação, e aí era, digamos, pânico total, porque nenhum dos dois era da área [...] Então o fato de ter alguém com formação me causava segurança [...] A distribuição era sempre tentar colocar quem tinha essa formação pra poder dar um embasamento, um referencial teórico. Se a gente tem um referencial teórico, a gente tem mais propriedade [...] Mas eu acho que a segurança que a pessoa com formação, me dava era necessária. Se a gente pudesse ter formação na área em que a gente fosse atuar, seria muito melhor [...] eu acho que faz toda a diferença. Acredito que esse é o ideal. Eu torço para ver esse ideal, a gente alcançar esse ideal na nossa profissão, mas se a gente não tem essa formação [...] Não quer dizer que quem não tenha formação não vá fazer um trabalho de qualidade, vai, mas com menos propriedade e segurança. Eu acredito que conhecer o conteúdo te traz segurança e propriedade para trabalhar com aquilo (MAITÉ, 2018, p. 110).

Para Maitê, ter uma dupla que entenda da área da Matemática lhe dá um tipo de suporte que não tem nada a ver com a interpretação. A menção à segurança, trazida pela entrevistada, na verdade me faz interpretar como um *indício* (GINZBURG, 2009) de um sentimento de insegurança, relacionado com interpretar conteúdos matemáticos. Além de Maitê, outros também remetem a essa marca, como, por exemplo, quando Joseane afirma, “[...] *a gente tentava entender muito o conceito daquele cálculo, porque era muito complicado, principalmente pra mim, porque eu não sou da área (grifo meu)* (JOSEANE, 2017, p. 54)”; ou também se pode notar no que Bianca nos conta: “[...] *Então eu acho muito difícil, principalmente por não ser a minha área [...] nossa maior dificuldade eram os números, montar os cálculos, organização [...] (grifo meu)* (BIANCA, 2017, p. 78; 82).

Nas entrevistas, há pistas que indicam que, por faltar competência referencial na Matemática ou por não gostarem de Matemática, ou ainda por não entenderem a Matemática, a palavra segurança remete à insegurança, pois se sentem de modo semelhante a citação de Maitê. É tão forte isso que Maitê chega a considerar que se a sua dupla não tivesse formação em Matemática seria “um pânico total”, sinalizando para uma fragilidade comum em todos os entrevistados em situações de interpretação nas aulas de Matemática, como vimos.

A palavra-chave nesse tópico é insegurança, pois quando se discutiu as aulas de Matemática, os entrevistados me contaram que quando a sua dupla, nessas aulas, tinha formação na área da Matemática, se sentiam com mais segurança para interpretar. O que está por traz dessa necessidade de segurança pode ser interpretado, na verdade, como um efeito de uma sensação de ansiedade por não dominarem o conteúdo que estão traduzindo.

Mesmo no caso do Tradutor Intérprete de Libras Daniel, que tem formação em Matemática, quando lhe perguntei se sentia diferença quando o seu colega também era da Matemática, ele responde:

Sim! Totalmente! Eu me sentia, na verdade, mais seguro, mesmo sendo formado em Matemática. Se eu não entendesse alguma coisa, tinha um colega ali que estava sabendo da área também e podia me apoiar. Por exemplo, o que eu estava sinalizando, em termos técnicos, outro colega que não é da área não tem a noção se eu estou sinalizando corretamente [...] Exemplo: estou fazendo uma função, mostrando o gráfico do seno. Se eu estou explicando, fazendo isso em sinais, um colega que não é da área, não tem muita noção se estou correto ou não, tipo, podia ter feito uma coisa melhor para ficar mais claro. Já um colega da área consegue ver, porque ele conhece o conteúdo e conhece sobre tradução (DANIEL, 2018, p. 92).

O que na verdade Daniel está dizendo é sobre a importância do Intérprete de apoio, que significativamente possa ser apoio no caso de matemática, pois caso Daniel não tenha escutado algo, ou até mesmo não lembre um determinado sinal correspondente em Libras, o Intérprete de apoio o auxilia passando rapidamente com o sinal necessário para que ele coloque no contexto da sinalização, ou seja, isso demonstra como é bom contar com esse suporte efetivamente.

Nesse caso me parece que não é a competência matemática a questão central, mas sim reafirmar a importância desse debate da interação do Intérprete de apoio, como já disse no começo desse tópico. Porém, quando o Intérprete de apoio não tem conhecimento da área, talvez o retorno acabe sendo menos rico e, portanto, é por isso que Daniel prefere como Intérprete de apoio alguém que saiba matemática, pois, nesse caso, a sua dupla TILS volta a ter o papel fundamental de apoio.

No caso de Daniel, o sentimento de insegurança na mediação da comunicação com os alunos surdos parece ocorrer em circunstâncias diferentes daquelas mencionadas pelos outros entrevistados. Como ele tem formação na área da Matemática, conta que se sente inseguro quando vai interpretar em atividades acadêmicas de outras áreas:

Quando eu vou traduzir disciplinas da Letras, disciplinas da Filosofia, que são áreas que, por mais que eu, enquanto Intérprete, receba o material e faça as leituras, muitas vezes eu não consigo entender o que aqueles termos estão dizendo. Às vezes, superficialmente, eu vejo que eu entendi alguma coisa, mas depois não é exatamente aquilo, **porque não é da minha área**. Na Matemática eu sinto muito mais tranquilidade, porque eu já conheço os termos, eu sei o que vai ser falado (grifo meu) (DANIEL, 2018, p. 90).

Parece haver um consenso entre os entrevistados quanto à relação entre a atuação interpretando em situações que coincidem com sua formação acadêmica, como sintetiza Bianca (2017, p. 80): *“O Intérprete formado em Matemática, traduzindo na sua área de formação, seria com certeza muito melhor que eu traduzindo Matemática sendo formada em História [...]”*.

O que fica evidente desses excertos e de outros trechos das entrevistas é que os TILS participantes indicam como ideal uma atuação em atividades relativas à sua área de formação. No entanto, essa expectativa parece, no contexto atual, bastante improvável, se considerarmos que, até 2020 a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa

com Deficiência sequer exige graduação de um TILS para atuar no Ensino Superior, como explicado no item 2.1.

Na contramão do que parecem esperar os entrevistados, a legislação pretende garantir que os TILS tenham nível superior, mas de modo algum indica que sua atuação como Tradutor Interpretador de Libras estará vinculada à formação acadêmica que possui. Até indica que tal formação dos profissionais seja “[...] *com habilitação, prioritariamente, em Tradução e Interpretação em Libras*” (BRASIL, 2015).

Vale dizer que esse tipo de incômodo também diz respeito a outros pesquisadores da área que discute essa profissão, ou seja, essa expectativa se torna ainda pior, porque a legislação sequer sugere que um dia isso venha a acontecer. Lacerda⁴¹ (2011, p. 25) menciona que: “Uma leitura atenta do decreto revela que esse define a necessidade de formação em curso superior, mas não discute qualquer tipo de vinculação ou a modalidade de curso superior que deve ser implantado”.

Considerando que essa se trata de uma inquietação que está além dos meus entrevistados sobre a profissão deles, vale a pena discuti-la um pouco aqui, a partir do que eles estão dizendo, porque isso é importante para eles. Não é somente sobre a relação de insegurança deles com os colegas, é uma reivindicação da área, um desconforto enquanto categoria porque parece que há uma dissonância que os profissionais da área, inclusive os meus entrevistados e a legislação, vêm dizendo do que é preciso para fazer uma boa interpretação no Ensino Superior.

A graduação que vem sendo indicada na legislação para os Tradutores Intérprete de Libras, para atuarem no Ensino Superior a partir de 2020, é graduação da área, prioritariamente, em Tradução e Interpretação em Libras. Essa sim já tem sido reconhecida, e além de ser uma graduação nova e ter pouco profissionais, habilita o TILS para trabalhar de modo geral. Há carência de uma formação que foque em áreas mais específicas, por exemplo, no campo da Saúde, da Segurança, do Jurídico, entre outras esferas de prática social.

Na opinião dos entrevistados, reconhecendo que a graduação em Letras-Libras, Bacharelado oferece uma formação para atuar no campo educacional,

⁴¹ Fonte: <http://lattes.cnpq.br/9468232016416725>. Acesso em: 03 mar. 2019.

defendem que uma atuação geral não é capaz de dar conta de toda complexidade do trabalho, uma vez que o Campo da Educação possui muitas especificidades:

[...] Então acho que quanto mais próximo a gente está nessa área, mais a gente tende a fazer uma interpretação de qualidade. Acredito que em todas as áreas, em todas as profissões, é que nem o veterinário. O veterinário se forma veterinário, mas ele vai buscar especialidade, de animais de grande porte, de médio porte, de pequeno porte, cirurgia, aí a gente se forma Intérprete e vai dar conta de tudo? Não dá! Nós não somos super heróis! (MAITÊ, 2018, p. 140)

Eu percebo que, por exemplo, a tradução é sempre uma mediação do que a pessoa está falando. O professor, no caso da sala de aula, na maior parte das vezes, é o professor que fala durante todo o período da aula. Então, o que o professor está falando é o que o aluno vai receber [...] A gente está ali como uma pessoa que está mediando como um filtro essa comunicação. Não adianta o professor ter doutorado em cálculo se o Intérprete que está ali vai ser o filtro e não vai conseguir compreender aquelas coisas, porque essas informações não vão chegar para o aluno [...] Então, acredito que a tradução na área de formação facilitaria muito o processo de tradução. Porque o aluno recebe o que o professor disse, mas que passou por um filtro de uma pessoa, então esse filtro é bem importante que seja uma área específica de atuação, que é uma coisa que não acontece pela falta de profissionais, ainda, no Brasil. (DANIEL, 2018, p. 92- 93)

Segundo Maitê, a inquietação a respeito da necessidade de formações mais específicas, e não apenas para a educação, para os TILS tem, inclusive, provocado algumas discussões sobre como solucionar a questão com os profissionais da área:

*[...] já têm pessoas falando disso: a Silvana Aguiar⁴², falando da formação na área jurídica, se eu não me engano, Melanie Metzger⁴³, fala sobre a formação específica na área da saúde. Por exemplo, eu, que tenho formação em Letras, ir lá interpretar um cara falando sobre neurociência? Não tenho formação, se eu não tiver material, bom, [tem] risco de omissão, risco de erro, risco de escolhas que não são adequadas, então acho que para qualquer área, inclusive para a Matemática, que é da área das exatas, as interpretações elas tem que ser, digamos assim, elas são mais duras, elas não são tão amplas e de interpretação pessoal, **não sou da área estou arriscando dizer que eu acho que é** (grifo meu) (MAITÊ, 2018, p. 111).*

É preciso lembrar que, apesar de vários avanços na área da inclusão, não podemos esquecer que somente em 2005 é que os surdos começaram legalmente,

⁴² Possui doutorado em Estudos da Tradução e Mestre em Educação pela UFSC. Atualmente é professora no Departamento de Língua de Sinais Brasileira - DLSB e no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - PGET da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na área de Estudos da Tradução e interpretação de Libras.. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/2132093144348796> . Acesso em: 23 Jan. 2019.

⁴³ Possui doutorado pela Georgetown University (1996). Atualmente é Professor da Gallaudet University. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Aplicada. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/2169759683052467> . Acesso em: 03 Mar. 2019

de fato, a contar com presença de TILS nas aulas (BRASIL, 2005) e faz apenas nove anos que foi regulamentada a profissão de Tradutor Intérprete de Libras (BRASIL, 2010) e, portanto, os problemas da profissão estão começando a aparecer pelo aumento da demanda.

Trata-se de um efeito da legislação que não reconhece essa necessidade da especificidade da profissão do Tradutor Intérprete de Libras, ou seja, a legislação que foi produzida em 2015 não contempla o universo da cultura da comunidade surda, de um surdo cidadão com direitos de educação, saúde e segurança, ou seja, essa legislação não estava preparada para enxergar isso e, portanto, para investir nessa formação diferenciada.

Quando o surdo vem ocupar esses espaços de direito é que o profissional começa a se dar conta disso, logo, começa a evidenciar a necessidade de olhar para essa complexidade do trabalho do TILS que, pela legislação, não está sendo considerada.

Sem pretender ter esgotado as questões relacionadas à complexidade da atuação do TILS e o quanto isso afeta a relação da dupla, vamos avançar a discussão contando com um outro componente que foi presente nas entrevistas: estratégias que as duplas utilizam para atuarem nas aulas de matemática no Ensino Superior.

Uma sala de aula com uma turma inclusiva, quando se pensa na estratégia de uma aula para surdos impõe considerar a configuração da sala, pois demanda, em muitos momentos, um reposicionamento diferente das cadeiras dos alunos ou, mesmo, do TILS que está atuando.

Numa composição de uma turma inclusiva, tem um personagem essencial, que além da estrutura, da organização, da posição das cadeiras, tem alguém que medeia a comunicação enquanto os outros não sabem Libras. O Tradutor Intérprete de Libras é parte disso e precisa ter condições efetivas de mediar essa comunicação.

Quando o TILS está fazendo a interpretação para um dos alunos, ele, de fato, não faz uma mediação somente para o aluno surdo, ele atende a toda turma, pois sem ele não seria possível, os seus colegas ouvintes entenderem quando o surdo se pronunciasse, em apresentações, trabalhos em grupos, ou até mesmo numa conversa informal, isto é, o Intérprete de Libras também é uma figura reconhecida, que interage com a turma e ocupa um lugar no meio dos ouvintes, seja

quando está sinalizando para o surdo, ou quando está falando para os ouvintes. Sem o trabalho desse profissional, o aluno surdo não cabe ali dentro.

Mas não necessariamente isso é entendido desse modo, uma série de professores compreende e aceita essas modificações enquanto outros não. A mudança, ou não, tem obviamente implicações no processo de aprendizagem do aluno surdo. Isso é tão importante porque diz respeito a como é que os TILS acham estratégias para atuar na sala de aula em que são colocados para trabalhar.

Aprender, passar a ter acesso ao que está sendo dito, ter o Intérprete de Libras não garante que o aluno surdo irá aprender, mas sem esse mínimo acesso ao que o professor está falando, as chances de ter um entendimento quase zeram. O aluno ouvinte poder ver, ler e ouvir o conteúdo e, mesmo assim, alguns podem não aprender e reprovar mesmo sendo ouvintes. No caso do aluno surdo, há uma particularidade que, para que seja possível o surdo aprender, o ponto de partida começa em ter o acesso, e aí está a importância da reconfiguração da sala, da mediação, da sensibilidade do professor.

Em situações de aula mais teórica, sem o uso do suporte escrito simultâneo, talvez afete menos o TILS ficar sentado, mas, na aula de matemática, é muito usual o professor explicar as contas no quadro, usar gráficos, demonstrar um teorema, desse modo, o Intérprete de Libras tem que se levantar para interpretar ao lado do quadro. Então é necessária uma série de fatores que precisam sair do lugar, do tradicional, de uma turma regular para ir em direção efetivamente de uma turma inclusiva. E o que os meus participantes disseram quando lhes perguntei a respeito das estratégias que usam para mediar a comunicação nas aulas de Matemática?

A maioria dos entrevistados que trabalhou em aulas de Matemática, se posiciona identificando que, nessas aulas, a posição mais convencional, de atuar sentado, nem sempre é a mais adequada, pois, muitas vezes, o aluno surdo tem que fazer a escolha de olhar para o Intérprete sinalizando ou olhar para o que está sendo colocado no quadro.

Joseane conta sobre uma situação que vivenciou ao atuar interpretando em aulas de Matemática, lembra que, ao optar por sentar na frente da aluna⁴⁴, e não ficar em pé ao lado do quadro, acontecia de a aluna acabar por não conseguir

⁴⁴ É usual que o Intérprete de turno, como já mencionado, trabalhe sentado de frente para o aluno surdo ficando de costas para o quadro.

acompanhar a explicação do professor, pois não sabia se olhava para a Intérprete ou para o quadro:

[...] a gente chegava na sala de aula, sentava na frente da surda e tudo o que professor falasse a gente ia traduzindo. Teve um professor da Graduação em Matemática que eu traduzi muito. Ele falava:

– Ah, então “X” não sei o quê, menos não sei o quê.

Ele ia falando o que estava escrevendo no quadro, então, para os ouvintes, isso era ótimo, mas para a surda, ela não sabia para onde olhava, porque tudo o que o professor falava, eu estava traduzindo, então ou ela olhava pra mim, que era um embaralho, ou olhava para o quadro. Acredito que o “melhor intérprete do mundo” não iria sinalizar uma expressão gramatical, uma equação de quase cinco variáveis, “a, b, c, d” (JOSEANE, 2017, p. 54).

O TILS usa a estratégia de ir ao quadro quando fica inviável mediar para Libras a explicação do professor para o aluno surdo, por mais que se tente ilustrar no espaço em que o Intérprete tem para sinalizar, não fica claro: *“[...] porque fica uma coisa em cima da outra, tem mais isso, a língua de sinais ela é sobreposta. Ela não é linear. E a numeração, se tu fores pensar, ela tem que ser linear. Então é muito mais claro tu apontar para o quadro”* (MAITÊ, 2018, p.135).

O que Maitê está se referindo quando se queixa da sobreposição que parece produzir a sinalização de símbolos matemáticos é porque os símbolos de “+, -, equação entre outros”, em sequência, todos eles são sinalizados dentro do mesmo espaço de interpretação⁴⁵, podendo ocasionar uma sobreposição, especialmente se está rápido, se tem uma sequência longa e pode ficar confuso para o entendimento do aluno surdo.

Daniel conta que, na sua prática, também costuma fazer isso como recurso, principalmente no caso das situações em que as aulas possuem muitos gráficos e fórmulas. Daniel conta sobre a sua experiência e que já ouviu de colegas que, nesse tipo de situação, quando foram buscar o quadro como recurso, produziram uma tensão com alguns professores:

Às vezes, as pessoas reclamam de não querer que o Intérprete fique perto do quadro porque vai chamar muita atenção, vai fazer com que os alunos ouvintes percam a atenção do professor e fiquem olhando para o Intérprete [...] Mas já ouvi histórias dos colegas contando exatamente sobre isso, que não iam mais ao quadro porque o professor disse que os Intérpretes estavam chamando a atenção. Nem é chamar a atenção: Estava desviando

⁴⁵ Para mais informações sobre o espaço de sinalização do Tradutor Intérprete de libras, ver: (QUADROS, 2004).

a atenção dos alunos! [...] que aquela pessoa, do lado, sinalizando, mexendo as mãos, estava fazendo os alunos se desconcentrarem do que o professor estava falando (DANIEL, 2018, p. 99).

De fato, numa turma inclusiva, ou seja, como, por exemplo, de alunos surdos e ouvintes, o professor tem certa razão, pois altera a configuração da sala de aula, e, portanto, o arranjo dos personagens, e todos olham para o Intérprete. Se a aula é expositiva e o professor está mostrando o conteúdo no quadro, é obvio que uma pessoa em pé ao lado do quadro sinalizando e se movimentando chama a atenção, mas isso passa justamente pelo exercício de inclusão, em respeito ao sujeito surdo, que também precisa ter acesso ao conteúdo da aula.

Essa situação não ocorre somente com os alunos surdos, Miranda (2016) destaca uma situação muito semelhante no caso de alunos cegos, quando a professora não deixa o aluno cego usar a máquina Braille, pois faz “barulho” em sala de aula.

Esse tipo de situação, obviamente, produz certa tensão numa turma tradicional, contudo, à medida que as turmas de matemática, assim como outras, se tornarem mais inclusivas e as pessoas mais acostumadas com esse cenário, diminuirá esse “estranhamento”, pois isso é efeito da excepcionalidade de turmas inclusivas. Se esse tipo de sala de aula não fosse uma exceção, não iria produzir esse desconforto na turma, pois as pessoas estariam mais acostumadas a lidar com o surdo e o surdo estaria mais integrado, fazendo parte do grupo de maneira mais efetiva desde as séries iniciais.

Uma vez superado esse desafio, que talvez esteja longe de ser alcançado (pois o aluno surdo não tem menos direito de ter acesso ao conteúdo da aula, de participar da aula), ele também será integrante e a turma inteira sentirá que a aula também é para o aluno surdo.

O aluno surdo nem sempre será capaz de entender o conteúdo explicado somente pela sinalização, pois a sinalização, em alguns casos, pode ser insuficiente, por isso o uso do quadro por alguns Tradutores Intérprete de Libras, tornando a sinalização mais eficiente, mais clara em determinados conteúdos.

Alguns professores já são mais sensíveis para negociar e permitir que a sinalização seja mais viável, ou seja, não está fazendo um favor, e sim demonstrando ser um profissional que está aberto a respeitar o trabalho de outro profissional como conta um dos meus entrevistados:

O que me ajudou, na UFPel, foi que o professor aceitou “dividir quadro comigo”. Combinamos assim:

- Desse lado tu escreve tal coisa, tal coisa, tal coisa, assim pra me ajudar [...] eu pedia para o professor:

- Por favor, o senhor está usando várias fórmulas que eu desconheço. Eu preciso fazer a datilologia do nome dessa fórmula, não tem sinal correspondente em Libras para essa fórmula (JOSEANE, 2017, p. 57).

Joseane se refere em deixar um espaço do quadro para serem colocadas as fórmulas utilizadas naquele dia, pois como muitas das fórmulas ainda não tinham um sinal correspondente em Libras, quando ela ouvia determinada fórmula, ao invés de ficar fazendo datilologia, ela usava a estratégia de apontar para a fórmula que estava no canto do quadro e, com isso, o surdo conseguia acompanhar com mais facilidade a mediação do conteúdo.

O que Joseane aponta é que é possível um espaço de conciliação entre o professor e o Tradutor Intérprete de Libras. O que minha entrevista está defendendo é que na experiência dela já foi possível realizar um espaço de negociação respeitoso com o TILS, respeitoso com o professor, respeitoso com o aluno surdo, configurando, portanto, uma aula inclusiva. É possível construir um espaço de diálogo, e o uso do quadro como mediador do diálogo também se tornou uma ferramenta para o Intérprete de Libras.

A experiência de Joseane mostra uma viabilidade de diálogo entre os outros profissionais, nesse sentido, o que os participantes dessa pesquisa me dizem é que é possível negociar e, para isso, é preciso abertura, pois suas interpretações sobre a educação de surdos podem provocar um enriquecimento dos debates que já vêm sendo feitos na área, podendo qualificar o ensino de matemática para surdos no Ensino Superior.

5.1.4 – A luz do cenário se apaga, mas a dos bastidores continua acesa

Um próximo tema a respeito da prática do TILS aborda sobre a preparação que eles fazem da sua rotina de trabalho que envolve tudo aquilo que é para a aula, mas não somente durante a aula, ou seja, ações feitas fora da sala de aula, pois, no seu cotidiano, ele aciona outros agentes, como por exemplo, o professor.

Trago para o leitor outro lugar de trabalho do Tradutor Intérprete de Libras, que tem a ver com a aula, mas que está fora do visível, surgindo quando a luz do cenário está apagada, mas a luz dos bastidores continua acesa, pois tem outro trabalho acontecendo quando não se está em aula, mas que está relacionado com o cenário de dentro da sala de aula, ou seja, é o lugar das pesquisas e dos estudos realizados pela equipe, e tudo isso para que a educação de surdos aconteça com mais qualidade dentro da sala de aula.

Nesse tópico, trago as falas dos meus entrevistados para mostrar que a atuação do TILS não ocorre somente durante as aulas de Matemática, assim como menciona uma das entrevistadas “[...] nós não somos Intérpretes somente dentro da sala de aula [...]” (BIANCA, 2017, p. 74), ou seja, tem todo um contexto que precisa ser pensando antes e depois de ocorrerem as aulas. É necessário discutir os encargos que são atribuídos a esse profissional, porque fica parecendo, aos olhos de quem não é da área, que o TILS não quer realizar algumas ações, mas a realidade mostra que eles não realizam porque não tem tempo para isso, porque não foi planejado legalmente, dentro de sua carga horária, determinado tempo para preparação e estudo desses materiais conforme expliquei anteriormente.

E sobre a relação com o professor fora da sala de aula? O que os TILS dizem? A primeira coisa que chama a atenção nas entrevistas, sobre a relação dos intérpretes com os professores nessa circunstância é a dificuldade que eles têm de se encontrar, de como eles se sentem espremidos nesse contexto, em função das demandas profissionais de cada um.

Nesse contexto, um primeiro elemento que trago é a parceria entre professor e TILS, conforme a fala de uma das entrevistadas: “A sala de aula é uma caixinha de surpresas, eu posso ler o texto, me preparar para aquele texto e o professor chegar com outra proposta na sala de aula” (MAITÉ, 2018, p. 119). Por isso é importante haver essa articulação de ambos os profissionais, para que não ocorra uma “surpresa” indesejada e acabe interferindo na qualidade de atuação do TILS, prejudicando a aprendizagem do aluno surdo.

Outro entrevistado também conta num trecho da entrevista sobre as tentativas de se preparar numa aula “surpresa”: “Tinha aulas que eram imprevisíveis, não sabíamos exatamente o que o professor ia fazer” (JOSEANE, 2017, p. 54), ou seja, essa falta de diálogo ocasiona uma impossibilidade de preparação do Intérprete e,

consequentemente, o aluno surdo acaba não recebendo as informações com tanta riqueza.

Às vezes, os TILS tentam sanar algumas dúvidas sobre determinados termos da matemática antes de começar a aula, mas nem sempre isso é possível. Quando eu pergunto a um dos meus entrevistados se ele tem essa rotina de conseguir fazer essa preparação com o professor antes da aula, o entrevistado fala que:

Depois da aula, geralmente, se eu não entendi alguma coisa, converso com o colega, tento conversar com o professor, se não deu para traduzir algo da aula. Às vezes dá tempo, às vezes não dá tempo de fazer essa conversa com o professor, porque em muitos casos a gente sai de uma aula e vai para outra. Mas é um processo, geralmente mais antecipado, tentar se preparar antes, depois da aula não tem tempo para conversar [...] No dia a dia não tem. A gente não consegue falar, porque o professor vem de outra aula, a gente vem de outra aula, ou se é a primeira aula do dia que é às oito horas da manhã, a gente também não consegue chegar muito mais cedo para dizer: “Olha, vamos conversar mais cedo” (DANIEL, 2018, p. 93; 103).

Daniel relata a dificuldade em conseguir conversar com o professor da disciplina porque, muitas vezes, os TILS estão atuando em outras aulas e vão direto de uma aula para a outra aula sem ter a oportunidade de chegar antes para sanar suas dúvidas ou até mesmo quando a aula é no primeiro período da manhã, ele conta que fica complicado em marcar com o professor para chegar antes de começar o período, isso também ocorre nas disciplinas da noite, como afirma Bianca: “[...] Têm algumas disciplinas que acontecem no turno da noite, isso é mais complicado, porque a disciplina acaba às 22h30min, horário que a gente solta [...]” (BIANCA, 2017, p. 75), ou seja, isso mostra a necessidade de ambos os profissionais terem um tempo dentro de sua carga horária para fazer essa conversa, pois na correria do dia a dia, fazer isso antes ou depois de começar a aula, não é possível.

Veja, se é cedo é porque é cedo, se é no meio do dia é porque eles vêm de outros lugares e se é tarde é porque é muito tarde. A primeira coisa que eles apontam é que não conseguem antes, nem durante e nem depois. Isso mostra um problema, tanto na rotina do professor quanto na do Tradutor Intérprete de Libras que não tem espaço e está com o horário tão ajustado e apertado que não parece ter um lugar para esses encontros, ocasionando uma impossibilidade de diálogos construtivos e de preparação com o apoio do professor. O que os TILS dizem é que reconhecem que seria bom, mas não conseguem acionar esse personagem.

Nas disciplinas de Matemática, há um componente que aparece nas entrevistas, que mostra que o TILS tenta, mas não consegue alcançar. Mas o Intérprete não tem que alcançar um aprofundamento matemático porque ele não é o professor, mas sim atingir algum nível de compreensão para que a interpretação seja efetiva.

No caso da Matemática, isso aparece várias vezes na fala dos meus entrevistados, que é a dificuldade de entender o conteúdo de matemática para interpretar para o aluno surdo. Essa preocupação de como vai ser o andamento da aula para poder se organizar e preparar também se mostra ainda mais preocupante quando são as disciplinas de Matemática:

*No caso da Matemática, por exemplo, eles fazem listas de exercícios, são coisas que se constroem, não sei como é o desenho daquele cálculo, cada um se dá de uma forma, **eu não tenho propriedade**, não sei como funciona. O estudo prévio não funcionava da maneira que gostaria, a não ser que fossem alguns textos. Tinha um professor de cálculo que usava muitos textos, explicando a disciplina, então era mais fácil. Só com os números eu acho mais complicado esse estudo prévio, esse preparo, porque eu não sei como se constitui [...] então, acho mais difícil ter uma preparação pra isso. Claro, eu tento saber o sinal, têm algumas fórmulas que a gente foi combinando sinais, mas o contexto em si, não. Eu, pelo menos, não tinha um tipo de preparo, tipo, “ah! O que é que é agora?”. Ia vendo os sinais e construindo com o aluno mesmo. (grifo meu) (BIANCA, 2017, p. 70- 71).*

Quando ele diz, “*eu não tenho propriedade*”, estão aparecendo aqui elementos que são de mínima compreensão dos sentidos dos símbolos. Às vezes, o intérprete está traduzindo alguma coisa de que ele não tem nem noção do sentido daquilo. Aqui nós temos um ponto muito sério. O que os Intérpretes sugerem quando dizem isso? Alguns deles, pelo menos, dizem que eles não conseguem “ler” sem um professor dizendo, ou seja, ele não entende o código de linguagem, não entende a palavra matemática. Então como ele traduz se ele não faz ideia do sentido?

A dificuldade com a matemática depois da aula não pode ser resolvida simplesmente assim, porque o TILS não é o aluno. Não é porque ele está fazendo a interpretação de matemática que ele aprende como o aluno surdo aprende e ele nem está ali para isso. Não é porque o TILS interpreta uma aula de cálculo que sabe cálculo. O Intérprete de Libras não é o professor de cálculo, não precisa mesmo saber das listas de exercícios, e não compete à minha dissertação discutir se o Intérprete dá ou não dá conta de interpretar qualquer matéria teórica ou prática. O Intérprete não tem que dar conta de tudo disso.

Quer dizer que se o Intérprete se encontrasse com o professor ele seria capaz de fazer as listas de cálculo? Ele não está sendo demandado a fazer as listas de cálculo, não se trata de fazer as listas de cálculo, mas sim de entender minimamente o enunciado da atividade.

Mesmo quando o professor manda a lista antes, o Intérprete não tem como se preparar porque ele, por vezes, limitações profissionais com relação à compreensão do conteúdo da área, por exemplo. Ou seja, nem sempre é um problema de encontrar o professor, o problema é que essa lista não está acompanhada de uma significação possível. O TILS entende mais o conteúdo teórico porque está em português e não quando está numa linguagem matemática, ou seja, o que ele se refere é de não entender um sinal, um símbolo matemático. Então, os TILS entrevistados dizem que, em certos momentos, quando precisam interpretar matemática, eles se sentem cercados, eles não dão conta, e ter um tempo com o professor poderia ser bom para que o intérprete pudesse interpretar o conteúdo de uma maneira um pouco menos “cega”, menos intraduzível.

A profissão está diante de uma questão que é: até onde compete ao TILS compreender o conteúdo da interpretação para realizar seu trabalho? Tem conceitos abstratos como, por exemplo, no campo da sociologia, que até onde ele consegue entender também? Mas o intérprete consegue traduzir por causa da base da língua portuguesa. Agora, quando vem com os códigos, com a estrutura de linguagem matemática, acontece uma dificuldade que é na sala de aula: o professor usou a “palavra” para falar do exercício, mas fora da sala de aula está a lista de exercícios com o código. Então, quando se tem algo escrito em português, não é porque é mais fácil e sim é mais possível de traduzir, mas quando está na linguagem matemática ocorrem certos limites.

Até onde o TILS pode ficar sozinho para se preparar? Por isso trago a reivindicação que foi anunciada no começo, da importância do tempo de estar junto com o professor. O intérprete precisa acionar esse agente, que não está disponível e, conseqüentemente, inviabiliza em alguns momentos o seu preparo.

“Eu, pelo menos, não tinha um tipo de preparo, tipo, “ah! O que é que é agora?”, vendo os sinais e construindo com o aluno mesmo” (BIANCA, 2017, p. 71). Ou seja, o que sobra como possibilidade é, na hora da aula, tentar construir com o aluno. E isso não é um defeito do TILS e nem do professor, isso mostra o quanto esse processo de interpretação tem truncamentos por efeito da estrutura.

Quando se trata de buscar referências, ou seja, da própria aula, a entrevistada Joseane me fala que, quando está traduzindo as aulas de matemática, sente dificuldade quando precisa interpretar listas de exercícios, mas que ocorre o oposto, ou seja, é mais fácil quando o professor trabalha com textos nas aulas. Joseane fala como ela tenta solucionar: *“Se fosse uma aula teórica, eu tentava gravar aquilo que ele tinha dito. Quando ele estava seguindo exercício, eu pesquisava que exercício foi antes, porque o professor poderia usar como exemplo na próxima aula”* (JOSEANE, 2017, p. 56). Ou seja, quando a aula foi teórica ou prática, Joseane usa de estratégias diferentes dependendo para se preparar para a aula seguinte. O que Joseane aponta é que ela tenta achar caminhos, ela utiliza de estratégia, buscando soluções para o seu próprio limite teórico do tema e com isso tentar sanar as dificuldades da próxima etapa.

Outro componente da rotina do Ensino Superior, que pelo menos é apontado pelos Tradutores Intérprete de Libras, é que os alunos têm direito, pelo menos nas universidades trabalhadas, a uma ação à distância, uma assistência ao aluno utilizando plataforma *online*:

Porque eu estava tentando gravar da aula passada, pra eu saber qual era a lógica que ele ia seguir nessa aula, na aula seguinte. Mas, se tinha alguma coisa entre essas duas aulas, como aqui na UFPel se utiliza o Ambiente Virtual, que utiliza para atividades fora da sala de aula, e depois o professor vai trabalhar nas dúvidas dos alunos que estavam no Ambiente Virtual e aí não tem como estudar as dúvidas dos alunos, pois não se sabe o que poderá surgir (JOSEANE, 2017, p. 54).

Bianca também menciona sobre esse tema: *“[...] mas agora também com as questões online, com as plataformas online, os alunos têm senha, tem login para acessar, e a gente não tem!”* (BIANCA, 2017, p. 71). O que essas entrevistadas apontam são problemas de natureza diferentes que são a agenda virtual e presencial e a dificuldade com a matemática.

O *moodle*⁴⁶, que é um ambiente virtual da universidade usado quando o professor envia tarefas para os alunos entre uma aula e outra, fica restrito ao TILS

⁴⁶ Moodle (**M**odular **O**bject **O**riented Distance **L**Earning) é um sistema gerenciamento para criação de curso online. Esses sistemas são também chamados de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) ou de Learning Management System (LMS). O moodle é um software livre de apoio à aprendizagem, pode ser instalado em várias plataformas que consigam executar a linguagem php tais como Unix, Linux, Windows, MAC OS. Como base de dados podem ser utilizados MySQL, PostgreSQL, Oracle, Access, Interbase ou ODBC. Disponível em: <https://www.moodlelivre.com.br/tutoriais-e-dicas/974-o-que-e-moodle>. Acessado em: 10 maio 2019.

por ele não ter acesso a esse ambiente, ocasionando dificuldade em acompanhar o contexto em que está sendo trabalhado determinado conteúdo.

Esse é um dos limites da comunicação, ou seja, além da dificuldade com os termos específicos, símbolos, e da linguagem Matemática, como se não bastasse, no programa da universidade inclui uma ferramenta que o TILS não participa, ou seja, soma-se a dificuldade de se preparar para realizar a mediação das aulas de Matemática, pois é vetado a ele o acesso a esse ambiente virtual, um ambiente interativo a que somente o professor e os alunos da disciplina têm acesso.

Outro momento da rotina dos TILS que ocorre fora da sala de aula de Matemática, são os estudos pós-aula, que é uma conversa sobre dúvidas de interpretação da aula anterior, auto-avaliação de como foi interpretado determinados conteúdos entre outros assuntos:

Sobre algumas disciplinas a gente acaba conversando depois [...] A gente não faz um estudo pós-aula. [...] se tu sentir necessidade tu procura os teus colegas que estão à disposição Eu procuro fazer uma avaliação do que eu achei. Se algum dia eu não fui bem, procuro fazer uma pesquisa, procurar um suporte (BIANCA, 2017, p. 75).

A entrevistada se refere que, às vezes, após a interpretação de uma aula, percebe que poderia ter realizado aquela mediação de outra maneira, ficando mais claro o entendimento do aluno surdo e por isso ela tenta fazer uma auto-avaliação e procurar ajuda. Para haver toda essa preparação fora da sala de aula, considera-se também que esses profissionais tenham uma infraestrutura adequada para realizar os seus estudos, como, por exemplo, uma sala contendo o básico, como mesa, cadeiras, computadores, câmeras, entre outros matérias:

[...] a gente não tinha sala, não tinha cadeira, não tinha mesa, a gente não tinha nada. Era uma realidade complicada do prédio, porque o prédio onde nós estávamos lotados já estava superlotado, já tinha muita gente, e chegaram cinco Intérpretes, né? Nós tínhamos duas e chegaram mais cinco, então chegou mais que o dobro. A gente tinha uma mesa que era dividida entre os cinco TILS [...] Nesse meio tempo, acabou chegando outros profissionais. A situação estava ruim para todo mundo, mas nós perdemos a nossa mesa. Está ruim para todo mundo, mas não vamos perder essa mesa. Então foi uma briga mesmo. Falo "briga" porque foi uma luta, mas a gente acabou tendo que se indispor porque muita gente não entendia que era a necessidade do nosso trabalho [...] nós não somos Intérpretes somente dentro da sala de aula (BIANCA, 2017, p. 73- 74).

Não se tem uma estrutura muito grande porque, às vezes, não tem local, às vezes, não tem computador, às vezes não tem uma série de coisas e a

gente acaba levando de casa. Se não dá para levar, a gente fica meio resumindo no que tem, no que dá para fazer. A universidade reconhece isso. Sempre lembrando que o meu contexto de atuação, na maior parte das vezes, foi em instituição pública, e todo o contexto de como é trabalhar numa instituição pública, toda precarização de material, de espaço, que é um contexto nacional (DANIEL, 2018, p. 98).

Bianca comunica algo muito valioso: “*nós não somos Intérpretes somente dentro da sala de aula*” como já mencionei antes, pois, às vezes, a instituição, de um modo geral, professores, técnicos entre outros, acham que o TILS fica “batendo mãozinha” e quando acaba a interpretação na sala de aula, o seu trabalho dentro da universidade acabou. Pelo contrário, o “antes e após” a sala de aula também precisa ser valorizado, pois é onde esses profissionais se preparam com termos que nunca viram, procuram estratégias para realizar sinais que ainda não tem um sinal correspondente em Libras, conversam com outras colegas para saber se já existem sinais para determinada palavras, entre outras situações. A acessibilidade não é somente em ter um TILS dentro da sala de aula, pois um local adequado para permanência desse profissional também é um espaço que precisa ser repensado.

Não pretendi, neste capítulo, esgotar tudo o que os TILS disseram ou analisar todas as questões relativas às disciplinas de Matemática que emergiram nas entrevistas. Priorizei discutir, aqui, como expliquei no começo do capítulo, as relações dos TILS com os professores, com os alunos surdos e com os seus colegas de trabalho, dentro e fora da sala de aula. Outras tantas questões ainda poderiam ser exploradas, como, por exemplo, relativas a outras estratégias do trabalho em dupla. Além disso, as fontes produzidas nas entrevistas são ricas de muitos outros elementos que, futuramente, eu e outros pesquisadores poderemos nos ocupar em analisar com aprofundamento.

Considerações Finais



Escrever as conclusões ou considerações finais não foi uma tarefa simples neste trabalho, uma vez que reconheço tantas outras discussões que poderiam ser feitas, algumas que eu própria gostaria de fazer. A cada releitura que fazia das textualizações, encontrava uma série de elementos que ainda poderiam ser tomados no percurso de pesquisa, mas que não teria condições de esgotar. Ou seja, uma primeira coisa que posso concluir neste trabalho é que os TILS têm muito a dizer sobre a Educação Matemática para surdos no Ensino Superior, e refletir sobre isso não coube completamente nesta dissertação.

Muitas pessoas poderiam e podem ainda pensar que os Tradutores Intérprete de Libras não têm nada a dizer para a Educação Matemática quanto ao ensino de surdos nas universidades. No entanto, ao realizar esta pesquisa, ficou claro que não é bem assim. Dialogar com esses profissionais sobre o tema pode oferecer outras perspectivas ainda não contempladas pelos educadores matemáticos, em função do lugar que ocupam no processo pedagógico. Desse modo, o que os TILS têm a dizer pode provocar um enriquecimento dos debates que já vêm sendo feitos na área, pois aponta para outras tantas reflexões decorrentes da perspectiva deles.

Neste sentido, a História Oral mais uma vez se mostra muito rica, por possibilitar contemplar perspectivas de outros sujeitos além daqueles cuja posição social já é tradicionalmente aceita. Neste caso, a História Oral possibilitou que a perspectiva dos TILS fosse contemplada, juntando-se ao discurso hegemônico, aqui os discursos dos educadores matemáticos a respeito da educação de surdos no Ensino Superior. Obviamente, com isso não se reivindica que os Intérpretes de Libras assumam o protagonismo no debate da Educação Matemática, mas que eles sejam contemplados, já que participam do processo.

Esta pesquisa e o que eles disseram faz muito sentido, sobretudo quando os meus entrevistados apontam que alguns participantes do processo pedagógico não sabem claramente qual é o papel deles e como eles podem ajudar. Por isso a História Oral é rica, por dar visibilidade para esse profissional, esclarecendo o papel dele e potencializando a sua atuação.

Considero que eles disseram muitas coisas importantes, como, por exemplo, que o diálogo com o docente precisa ser ampliado para qualificar a aprendizagem dos surdos nas aulas de Matemática. Como os próprios TILS entrevistados apontaram, tal diálogo poderia funcionar – e até já funcionou em um caso particular

– como um espaço de negociação entre o professor e o TILS, possibilitando resolver ou diminuir dificuldades de um aluno surdo no acompanhamento de um determinado conteúdo. No caso mencionado, uma negociação para o compartilhamento do quadro mostrou-se importante tanto para viabilizar a tradução das “fórmulas” quanto para exemplificar a viabilidade da construção de um espaço de diálogo entre o professor e o Tradutor Intérprete de Libras, visando uma melhor aprendizagem para o aluno surdo.

Não se pode pensar no aluno surdo como um indivíduo isolado, pois os TILS falaram que, para ter a “efetiva-ção” de uma aula inclusiva, todos precisam fazer parte desse processo de ensino e aprendizagem, que não se trata do aluno ouvinte ou do professor se sentir incomodado porque tem um TILS em pé ao lado do quadro, se trata dos componentes de uma sala de aula onde todos devem incluir para que a sala se torne verdadeiramente uma sala inclusiva.

Uma demanda que se explicitou no que os entrevistados me disseram foi a de entender melhor um pouco de matemática, do que estão traduzindo, para que não se tenha um “pânico total” durante a mediação por, muitas vezes, interpretarem sem compreenderem o que está sendo dito, ou seja, a reivindicação reiterada de uma aproximação com a área acadêmica que estão mediando, não apenas no caso da matemática, foi uma posição marcante do ponto de vista dos entrevistados.

Pode-se concluir neste trabalho que a questão da insegurança que os TILS sentem quando estão atuando não é por causa da Matemática, e sim por atuarem numa área que não têm formação, isto é, a falta de formação específica para atuar em diferentes áreas no Ensino Superior. Nesse sentido, como foi mencionado, a legislação pretende garantir que os TILS tenham nível superior, mas de modo algum sugere que esse caminho no Ensino Superior seja em direção da formação na área, e sim, que seja formação “*prioritariamente, em Tradução e Interpretação em Libras*”, ou seja, essa expectativa se torna ainda pior, porque a legislação sequer sugere que um dia isso venha acontecer.

Outra questão que eles me contaram é que a parceria do trabalho em dupla de TILS é fundamental nas aulas de Matemática porque nesse processo tem muitos pontos de concentração como, por exemplo, o quadro, o professor, o aluno, as fórmulas, os conceitos, etc., e a presença de um Intérprete de apoio ajuda nas estratégias dentro e fora da sala de aula para realizar uma mediação mais efetiva, estratégias essas que não são simples, como vimos.

Não disseram somente coisas relativas à matemática, mas sobre a atuação deles em turmas inclusivas no Ensino Superior. De maneira mais geral, o que foi dito se aplica às turmas de Matemática e isso passa pelo debate da Educação Inclusiva. Tal prática do TILS não se realiza somente nos momentos de mediar a comunicação dentro da sala de aula, mas também aborda sobre a preparação que eles fazem da sua rotina de trabalho que envolve tudo aquilo que é para a aula, mas não durante a aula, ou seja, ações feitas fora da sala de aula.

Por isso, segundo eles, algumas condições de trabalho são importantes para viabilizar a função do Intérprete de Libras como, por exemplo, ter acesso ao ambiente virtual, local e estrutura adequada para permanência desse profissional e, com isso, realizar atividades de pesquisa e estudo, entre outros, ou seja, o comprometimento com a educação de surdos não acontece somente tendo o TILS dentro da sala de aula.

Outra conclusão que se pode dizer desse trabalho é que ouvir os TILS pode ser muito enriquecedor, por eles trazerem, por exemplo, elementos que podem provocar reflexões sobre a própria atuação do professor de matemática em contexto de aulas inclusivas. O que eles nos dizem pode nos levar a considerar que a configuração da sala precise ser repensada, pois, para que o aluno surdo seja efetivamente incluído, precisa ser oferecido a ele mais que a tradução do conteúdo, já que esse aluno nem sempre será capaz de entender o conteúdo explicado somente pela sinalização, pois a sinalização, em alguns casos, como já explicado, pode ser insuficiente e por isso o uso do quadro, por alguns Intérpretes de Libras e conseqüentemente tornando a sinalização mais eficiente, mais clara em determinados conteúdos.

Além dos temas que eu perguntei nas entrevistas, os Tradutores Intérprete de Libras também me trouxeram outros temas que não estavam no meu roteiro inicial, os quais não abordei, nesse momento, no meu exercício analítico, em função das dimensões que pretendi nesse trabalho. No entanto, reconheço que elas merecem uma leitura e uma discussão mais aprofundada e gostaria de oportunamente fazê-lo.

Como eu disse, não foi só o que eu perguntei que eu considero importante, pois as coisas que eu não perguntei e que eles quiseram me contar merecem outras análises, pois se tratam de outras demarcações, outros desejos, outras marcas, outras vivências dos TILS que acharam nas entrevistas uma ocasião para serem ditas, ainda que o exercício analítico não tenha se concentrado nisso.

Mesmo sobre o que eu “queria saber”, ou seja, o que os TILS têm a dizer sobre atuar em disciplinas de Matemática no Ensino Superior, a análise não esgotou completamente as fontes. As memórias dos TILS a respeito das disciplinas de matemática superaram o que pretendi discutir no exercício analítico que realizei, qual priorizou as relações dos TILS com os professores, com os alunos surdos e com os seus colegas de trabalho, dentro e fora da sala de aula.

Depois de concluir este trabalho reafirmo o potencial de se produzir fontes a partir da História Oral. No caso deste trabalho, o que fica evidente para mim é que a análise realizada não representa as interpretações produzidas definitivas desse material, e sim, um exercício analítico possível. Futuramente, a disponibilização dessas fontes possibilitará que eu ou outro pesquisador possa produzir novas e complementares reflexões sobre o tema.

A minha dissertação pediu para os TILS contarem sobre como é interpretar as aulas de matemática no Ensino Superior e com isso pensar a matemática para surdos. No meu texto, eu fiz as interpretações dos problemas, dos limites, para refletir que, no final, o surdo continua com barreiras de acesso, sem discutir as outras disciplinas; no caso da matemática essa é uma questão colocada: o limite de compreensão do Tradutor Intérprete de Libras sobre a linguagem matemática afeta a interpretação e isso significa, dentro da educação matemática para surdos, uma matemática com acesso restrito.

Enfim, quando os Intérpretes de Libras contam sobre a interpretação das aulas de Matemática, me levam a pensar como a educação matemática para surdos tem problemas de viabilidade que precisam ser refletidos, precisam ser discutidos, precisam ser levados para os espaços para ponderar sobre eles. Fazem perceber que a inclusão não é simples, e isso tudo somente ao falar dos alunos surdos, pois os outros alunos, infelizmente, nesse momento, não são foco de atenção da minha pesquisa. Nesta dissertação não chegou a propor uma solução para isso, os entrevistados até chegam a refletir sobre alternativas, eu mesma sequer consigo pensar numa solução em curto prazo, mas aqui está colocada uma necessidade sobre a qual Educação Matemática ainda precisa avançar e defendo que os TILS são parceiros para essas reflexões.

Referências:

AIRES, Rubia Denise Islabão. O trabalho em dupla a partir da análise de entrevistas com os tradutores/intérpretes de língua brasileira de sinais/língua portuguesa. Santa Catarina, 2014. In: **IV Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://www.congressotils.com.br/anais/2014/2996.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2018.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

ASSOCIAÇÃO GAÚCHA DE INTÉRPRETE DE LINGUA DE SINAIS - **Revezamento TILS** – recomendação do trabalho em dupla. Disponível em: <<http://agils.org.br/2016/07/27/revezamento-tils/>>. Acesso em: 11 jan. 2019.

BARBOSA, Heloíza. O Desenvolvimento Cognitivo da Criança Surda Focalizado nas Habilidades Visual, Espacial, Jogo Simbólico e Matemático. In: QUADROS, Ronice Muller de; STUMPF, Marianne Rossi. **Estudos Surdos IV**. – Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2009.

BIANCA, Langhinrichs Cunha. **Entrevista**. Pelotas, 23 set. 2017.

BORGES, Fábio Alexandre; NOGUEIRA, Clélia Maria Ignatius. Saberes docentes e o Ensino de Matemática para Surdos: Desencadeando Discussões. In: ROSA, Fernanda Malinosky Coelho da; BARALDI, Ivete Maria. **Educação Matemática Inclusiva: Estudos e Percepções**. – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2018.

BRASIL. Lei 10.436 de abril de 2002. **Lei da Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm Acesso em: 02 nov. 2017.

BRASIL. Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005. **Regulamenta a lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 22 nov. 2017.

BRASIL. Lei nº 12.319 de 1º de setembro de 2010. **Regulamenta a profissão do Tradutor/Intérprete de Língua de Sinais – LIBRAS**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/lei/l12319.htm. Acesso em: 09 out. 2017.

BRASIL. Lei 13.146 de 06 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 18 dez. 2016.

CAMPOS, Débora Wanderley; STUMPF, Marianne Rossi. Cultura Surda: um patrimônio em contínua evolução. In: PERLIN Gladis; STUMPF, Marianne Rossi. **Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas**. Curitiba: Editora CRV, 2012.

DANIEL Duarte Silveira. **Entrevista**. Pelotas, 29 maio. 2018.

ESCOLA ESPECIAL PROFESSOR ALFREDO DUB. **A escola**. Disponível em: <http://www.alfredodub.com.br/Home>. Acesso em 09 maio 2019.

ESTELITTA, Mariângela. Escrita de Sinais. In: QUADROS, Muller Ronice de; PERLIN, Gladis. **Estudos Surdos II**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

FERREIRA, Maria Cecília Carareto; ZAMPIERI, Marinês Amália. Atuação do professor ouvinte na relação com o aluno surdo: relato de experiência nas séries iniciais do ensino fundamental. In: LODI, Ana Claudia B; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **Uma escola, duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização**. Porto Alegre / RS. Editora Mediação, 2010.

GARNICA, Antônio Vicente Marafioti. História Oral e Educação Matemática: de um inventário a uma regulação. In: **Revista Zetetiké**, Campinas, v.11, n.19, p.9-56, Jan/Jun. 2003

GARNICA, Antônio Vicente Marafioti. **A experiência do Labirinto: Metodologia, História Oral e Educação Matemática**. São Paulo. Editora UNESP, 2008.

GARNICA, Antônio Vicente Marafioti; FERNANDES, Dea Nunes; SILVA, Heloisa. Entre a Amnésia e a Vontade de nada Esquecer: notas sobre regimes de historicidade. **Bolema**, Rio Claro (SP), v. 25, n. 41p. 213-250.dez. 2011.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIL, Rita Sidmar Alencar. **Educação matemática dos surdos**: um estudo das necessidades formativas dos professores que ensinam conceitos matemáticos no contexto de educação de deficientes auditivos em Belém do Pará. 2007. 191f. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós Graduação de Educação em Ciências e Matemática do Núcleo de Pedagógico de Apoio ao Desenvolvimento.

GOULART, Daiana San Martins. **Narrativas de si e do ser Tradutor/Intérprete de Libras no Ensino Superior**. 2017. 182f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade Luterana do Brasil. Canoas, 2017.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HONORA, Márcia e FRIZANO Mary Lopes Esteves. **Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010. P.16 e 29.

JOSEANE Maciel Viana. **Entrevista**. Pelotas, 03 ago. 2017.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. O Intérprete educacional de língua de sinais no Ensino Fundamental: refletindo sobre limites e possibilidades. In: Ana Claudia B. Lodi Kathryn Marie P. Harrison Sandra Regina L. de Campos Ottmar. **Letramento e minorias**. Porto Alegre / RS: Mediação, 2010.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **Intérprete de libras em atuação na educação infantil e no ensino fundamental**. Porto Alegre / RS: Mediação, 2011.

LAGUNA, Maria Cristina Viana. Concursos Públicos para Intérpretes de Libras no Estado do Rio Grande do Sul. In: Congresso Nacional em Pesquisa de Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, III, 2012, Santa Catarina. **Anais do III Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa**. Santa Catarina, 2012. Disponível em: http://www.congressotils.com.br/anais/anais/tils2012_politicasdetraducao_laguna.pdf Acesso em: 08 maio 2019.

LEPKE, Sonize; PIZZATTO, Fabiane Marta de Martini; ZIESMANN, Cleusa Inês. Implante Coclear: Algumas palavras. In ZIESMANN, Cleusa Inês ; LEPKE, Sonize. **Reflexões, experiências e estudos da Libras: na perspectiva da educação**. – Santa Maria: Editora e Gráfica Curso Caxias, 2018.

MADEIRA, Tânia. A trajetória dos Tradutores e Intérpretes de Libras de Pelotas e Região Sul. In ZIESMANN, Cleusa Inês ; LEPKE, Sonize. **Reflexões, experiências e estudos da Libras: na perspectiva da educação**. – Santa Maria: Editora e Gráfica Curso Caxias, 2018.

MAITÉ Maus da Silva. **Entrevista**. Pelotas, 13 jun. 2018.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Classificação Brasileira de Ocupações** – CBO. Instituída por portaria ministerial nº. 397, de 9 de outubro de 2002. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/home.jsf>. Acesso em: 16 set. 2017.

MIRANDA, W de O. **Comunidade dos Surdos: olhares sobre os contatos culturais**. 2001. 203f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

MIRANDA, Edinéia Terezinha de Jesus. **O aluno cego no contexto da inclusão escolar: Desafios no processo de ensino e de aprendizagem de Matemática**. 2016. 167f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2016.

MOURA, Amanda Queiroz. Cenários para investigação na escola inclusiva: compreendendo o diálogo entre surdos e ouvintes nas aulas de matemática. **XX EBRAPEM**. Universidade Estadual Paulista – UNESP – Rio Claro/SP. 2016

MOODLE LIVRE. **O que é o Moodle?** Disponível em: <https://www.moodlelivre.com.br/tutoriais-e-dicas/974-o-que-e-moodle>. Acessado em: 10 maio 2019.

NOGUEIRA, Tiago Coimbra; SILVA, Aline Miguel. **Considerações acerca da interpretação de língua oral para a língua de sinais com a presença do intérprete apoio**. 2016. 211f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina, 2016.

PEREIRA, M.C.P. Interpretação interlíngua: As especificidades da interpretação de língua de sinais. **Caderno de Tradução XXI**, Vol. 1, p. 135-156. Florianópolis:

UFSC, PGET, 2008.

PERLIN, Gladis. Identidade Surda e Currículo. In: LACERDA, Cristina Broglia F.; GOES, Maria Cecília Rafael de (Orgs.). **Surdez: Processos Educativos e Subjetividade**. São Paulo: Louise, 2000.

PIACENTINI, Maria Tereza de Queiroz. **Siglas**. Disponível em: <http://www.portalentretextos.com.br/materia/como-escrever-siglas,6664>. Acesso em: 30 jan. 2019.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

QUADROS, Ronice Muller de. **O Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa** – Brasília: MEC: SEESP, 2004.

QUADROS, Ronice Muller de. Políticas linguísticas, línguas de sinais e educação de surdos. In BIDARRA, Jorge, MARTINS, Tânia Aparecida, SEIDE, Márcia Sipavicius. **Entre a Libras e o Português: desafios face ao bilinguismo**. Cascavel, PR.: EDUNIOESTE; Londrina; EDUEL, 2016.

REICHERT, André Ribeiro. Intérpretes, surdos e negociações culturais. In PERLIN Gladis; STUMPF, Marianne Rossi. **Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas**. Curitiba: editora CRV, 2012.

RIOS, Diogo Franco. O diálogo epistemológico em um caso de aproximação entre a História da Educação Matemática e a construção teórica do real. **HISTEMAT** – Revista e História da Educação Matemática Sociedade Brasileira de História da Matemática. ISSN 2447-6447. Ano 2, N.1, 2016

RIOS, Diogo Franco. Memórias de Ex-alunos do Colégio de Aplicação da Bahia sobre: construções para a História da Educação Matemática. **Bolema**, Dez. 2016, Rio Claro (SP), v. 30, n. 56, p. 1223 - 1243.

RODRIGUEZ, R.C.M.C. **Interculturalidade com o universo autista (síndrome de asperger) e o estranhamento docente**. 2006. 198f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 2006.

ROSA, Fernanda Malinosky Coelho da. **Histórias de vida de alunos com deficiência visual e de suas mães: um estudo em Educação Matemática inclusiva**. 2017. 259f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geografias e Ciências Exatas, Rio Claro, São Paulo, 2017.

ROSA, Erica Aparecida Capasio. **Professores que ensinam matemática e a inclusão escolar: algumas apreensões**. 2014. 160f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geografias e Ciências Exatas, Rio Claro, São Paulo, 2014.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura?** 14^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção primeiros passos: 110)

SILVA, Maitê Maus da. Codas. **Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais Brasileira**: percurso para o profissionalismo. 2016. 204f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina, 2016.

SILVEIRA, Daniel Duarte. **O que os surdos contam sobre a matemática nas suas trajetórias escolares**: a produção de fontes orais em Libras a partir da História Oral. 2018. 168f. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciência e Matemática, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

SKLIAR, Carlos. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

SOUZA, Luzia Aparecida de; SILVA, Carla Regina Mariana da. **Narrativas e História Oral**: Possibilidades de Investigação em Educação Matemática. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015, V.7.

SOUZA, José Carlos Ferreira. **INTÉRPRETES CODAS**: Construção de identidades. 2014. Dissertação (Mestrado em Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

STROBEL, Karin; FERNANDES, Sueli. **Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais**. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

STROBEL, Karin. **Surdos**: vestígios culturais não registrados na história. 2006. 176f Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

STUMPF, Marianne Rossi. O estado da arte da escrita de língua de sinais pelo sistema *Sign Writing*: uma meta-análise. In: BIDARRA, Jorge, MARTINS, Tânia Aparecida, SEIDE, Márcia Sipavicius. **Entre a Libras e o Português**: desafios face ao bilinguismo. Cascavel, PR.: EDUNIOESTE; Londrina; EDUEL, 2016.

THIENGO, Edeimar Reis; JESUS, Thamires Belo de. **A inclusão do Aluno Surdo nas Aulas de Matemática**: Histórias Narradas por Intérprete de Libras. Instituto Federal do Espírito Santo – Brasil – VI SIPEM, 2015.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. 3ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. **Portaria 1668/2016**. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/nai/files/2017/04/D_PORTARIA_DUPLA_UFPEL_1668_2016.pdf. Acesso em: 09 jan. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. **Ambiente Virtual de Aprendizagem da UFPel**. Disponível em: <https://moodle.ufpel.edu.br/sysead/>. Acessado em: 08 de Set. 2017.

VIEIRA, Mauren Elisabeth Medeiros. **A AUTO-REPRESENTAÇÃO E ATUAÇÃO DOS “PROFESSORES-INTÉRPRETES” DE LÍNGUAS DE SINAIS: AFINAL...**

PROFESSOR OU INTÉRPRETE? 2007. 108f. Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina Centro de Ciências da Educação, 2007.

Apêndices

Apêndice 1 – Modelo do Termo de consentimento livre e esclarecido

Prezado (a) Tradutor Intérprete de Libras (TILS) _____, você está sendo convidado (a) a conceder uma entrevista que faz parte de uma pesquisa, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, da UFPEL, da mestranda Nádia dos Santos Gonçalves Porto, sob a orientação do professor Dr. Diogo Franco Rios.

Serão entrevistados TILS da região Sul do Rio Grande do Sul que atuam ou aturam no ensino superior com disciplinas de Matemática em qualquer curso desde a regulamentação do decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, que torna obrigatória a presença dos TILS nos espaços educacionais nos quais ingressam alunos surdos, a respeito de sua atuação profissional nessas disciplinas.

Saibas que poderá não responder a qualquer uma das perguntas ou ainda desistir de conceder a entrevista em qualquer momento, sem nenhum constrangimento. A entrevista será transcrita e, antes de tornar-se pública, lhe será entregue para sua apreciação, possibilitando possíveis alterações e recortes que considere necessário. Somente após sua revisão e autorização de texto e que o material poderá ser usado em pesquisas, publicações e divulgações, com fins culturais e acadêmicos.

Caso concorde em participar, peço que assine esse documento autorizando a transcrição da entrevista para posterior uso durante minha pesquisa de Mestrado.

Caso prefira não ser identificada, defina um pseudônimo _____

Desde já, agradeço a sua participação.

Assinatura do (a) entrevistado (a).

Assinatura da mestranda

_____, _____ de _____ de _____.

Apêndice 2 – Roteiro da Entrevista

Entrevistadora: _____

Entrevistada: _____

Local: _____

Data: _____ Hora de início: _____ Tempo da entrevista: _____

Roteiro:

- Na minha pesquisa você prefere que use o seu nome ou o pseudônimo?
- Me fale um pouco sobre sua formação (acadêmica e TILS)
- Por favor, me conte sobre sua experiência em relação a interpretar as disciplinas de Matemática?
- Fale mais sobre sua rotina
- Me conte como é sua rotina antes das aulas?
- Como é depois da aula?
 - * (Dentro da carga horária tem horário para o estudo do material?)
 - * (Consegue o material para estudar antes das aulas?)
- Me conte um pouco como é o processo de interpretação nas disciplinas de Matemática? (Os TILS atuam em dupla)
- Como é sua relação com os professores que ministram aula de Matemática?
- Como é sua relação com o aluno surdo?
- Detalhe para mim como são realizadas as interpretações sobre os sinais específicos da Matemática?
- Tem registro dos sinais combinados? Fale-me um pouco sobre isso.

Suporte: fale mais sobre isso, me conte, como assim?